Série 5.ª — BRASILIANA — *Vol. 49*
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

GUSTAVO BARROSO
DA ACADEMIA BRASILEIRA

HISTORIA MILITAR DO BRASIL

Edição ilustrada

2.ª EDIÇÃO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Pôrto Alegre
1938

INDICE

II Parte

HISTORIA DAS GRANDES CAMPANHAS MILITARES

VESTIBULO

Este livro é o resultado duma campanha nacionalista que iniciei ha vinte e quatro anos, em 1911, pelo "Jornal do Comercio", quando lancei a idéa da fundação dum Museu Histórico de caráter militar. Não me arrefeceram o entuziasmo, com o correr dos anos, a indiferença geral, a baba dos despeitados, as injustiças do poder público e os ataques mesquinhos de alguns positivistas. Continuei-a ininterruptamente pela imprensa, onde quer que escrevesse. Fiz conferencias no Clube Militar e nas Academias. Levei-a para o seio do Congresso Nacional. Publiquei cinco livros sobre os episodios de nossas guerras estrangeiras e um sobre nossas tradições militares, justificando a minha idéa da creação dos Dragões da Independencia; organizei, nomeado pelo presidente Epitacio Pessôa, o Museu Histórico Nacional, desenvolvi-o, máu grado os obstáculos, e tornei-o, felizmente, uma instituição digna do nosso passado; comemorei o centenario de nossa emancipação politica com uma obra sobre os nossos uniformes e organizações militares, em colaboração com o pintor J. Wasth Rodrigues; e, no curso de museografia do Museu Histórico, procurei ensinar aos moços o amor de nossas glórias.

O resumo histórico de nossas campanhas contido neste volume foi constituido com a série de

lições sobre História Militar do Brasil, dadas no Curso de Extensão Universitaria do mêsmo Museu em 1933, que repeti em 1934 na Escola de Oficiais da Milicia Integralista do Distrito Federal. Preencho, outrosim, sensivel falha da nossa bibliografia. A unica Historia Militar do Brasil existente foi escrita, em 1762, por José de Mirales!

Foi essa, sem falsa modestia, a pequena contribuição que pude prestar ao meu país em próI da restauração do culto de seu glorioso passado. Se lhe falta ciência, não lhe falta, estou certo, consciencia, que esta se mostra a cada passo na sinceridade dos propósitos e, sobretudo, no meu amor pelo Brasil.

GUSTAVO BARROSO

I PARTE

HISTÓRIA DA ORGANIZAÇÃO DO EXERCITO, SEUS UNIFORMES, HIERARQUIA E ARMAMENTOS

CAPITULO I

SECULOS XVI, XVII E XVIII. BRASIL-COLONIA

A primeira tropa mais ou menos regular que teve o Brasil, vinda de Portugal, foi composta pelos 600 voluntarios desembarcados com o governador geral Tomé de Souza, na Baìa, em 1549 Sobre sua organização, bem como sobre a dos soldados que combateram os francêses no Rio de Janeiro ás ordens dos Sás, ao certo nada se sabe. Assim no seculo XVI, da divisão do Brasil em capitanias até as invasões estrangeiras, não se conhecem documentos seguros de nossa vida militar. Os homens dêsse tempo, como os bandeirantes a que aludia d. Luiz de Céspedes, alçavam bandeiras e nomeavam êles proprios os seus capitães sem levar em conta ordenanças reais.

No seculo XVII, a situação é outra. Torna-se maior o interesse da metropole pelo país, pois a ambição de outras nações colonizadoras faz com que se pense mais na defeza do Brasil. Travam-se grandes lutas. As forças que nelas tomam parte são formadas no nosso proprio territorio, de acordo com os preceitos militares da época. Aparecem os terços de brancos, de pretos, de pardos e de indios. O terço era a unidade tática que sucedera, no ocidente europeu, á variavel e confusa

hoste ou mesnada medieval, como essa fôra sucessora da formidavel legião romana, por sua vez herdeira da falange greco-macedonica. O terço tinha dez companhias de cem homens cada uma, comandadas por capitães, que, em parada, como os das companhias atuais, iam, em fileira, á frente, seguidos de dez pagens levando sobre almofadas de veludo seus capacetes emplumados. Formação militar eminentemente peninsular creada pelo grande capitão espanhol Gonçalo de Córdova. Governava o terço um mestre de campo, auxiliado por um sargento-mór e por um ajudante. As primeiras companhias eram armadas de chuços e chilfarotes; seus oficiais inferiores tinham espadas. As últimas carregavam mosquetes e seus sargentos e cabos, piques ou alabardas. Todos os oficiais subalternos e superiores traziam bastões de comando.

Em 1629, quando Matias de Albuquerque chegou ao Recife, encontrou para defender a capital ameaçada pelos holandêses somente 130 homens. Imagine-se, pois, o valor dos chefes dessa época que escreveram a epopéa da guerra holandêsa coroada pelas esplendidas vitórias das Tabocas e dos Guararapes. Nelas muito se distinguiram as celebres "companhias de assalto". Como nessa campanha Henrique Dias se tivesse coberto de glória á frente de seu terço de pretos, durante mais ou menos dois seculos, existiu no Exercito do Brasil uma formosa tradição: terços e, depois, regimentos, em Pernambuco, na Baía, no Rio, em Minas, de caçadores a pé das milicias, com fardas brancas paramentadas de vermelho, compostos unicamente de negros e intitulados Henriques

ou Caçadores-Henriques. Essa tradição infelizmente desapareceu.

Após a guerra holandêsa, o governador Brito Freire, restaurando a capitania de Pernambuco, deu-lhe uma de nossas mais antigas organizações militares. Determinou que cada comarca fornecesse um terço de soldados locais, dando cada freguesia uma companhia e sendo seus capitães e mestres de campo os homens de melhor posição entre os habitantes. Desta sorte preparou uma especie de reserva territorial de 6.500 infantes e 800 cavalos. Devemos fazer notar que tais organizações eram, em verdade, mais teoricas do que praticas, não correspondendo seus efetivos e formações irregulares, sob o comando de oficiais, que se armavam e fardavam á sua custa, ao que a lei preceituava. Entretanto, elas ás vezes se mobilizavam em grande numero e tão rapidamente quanto era possivel no seu tempo. Haja vista a rapidez com que o governador de Minas acorreu com um pequeno exercito miliciano em defeza do Rio de Janeiro atacado pelos francêses, não chegando infelizmente em ocasião de salvar a nossa capital, graças á covardia de quem a governava. A tradição dêsses fazendeiros militares, dessa grande reserva territorial veiu até nossos dias com a Guarda Nacional, cujos serviços na campanha do Paraguai a cobriram de gloria.

Durante o seculo XVII, a organização militar mais interessante é a pernambucana, porque aquela região saía de terrivel luta. Após Brito Freire, em 1663, em plena paz, o conde de Obidos reformou o que êle fizera, reduzindo toda a tropa a dois unicos terços completos. Mais tarde, o

governador Henrique Luiz Freire creou o regimento de dragões auxiliares a pé, dividido em dois batalhões de dez companhias cada um, com 1.200 baionetas, tambores e oficiais, repartido pelos distritos de Olinda, Recife, Beberibe, Cabo e Iguarassú. Havia mais, então, dois regimentos de cavalaria ligeira de ordenanças, um com 600 cavalos nos distritos de Itamaracá e Goiana, outro com 500, nos de Alagôas, Porto Calvo e Serinhaem.

Em Olinda e Recife, estacionavam dois regimentos de infantaria paga, tropa ativa, não territorial como as outras, cada qual com dez companhias, sendo uma delas de granadeiros; e mais 150 soldados de artilharia. Cada companhia tinha o seguinte efetivo: 44 soldados, 4 cabos, 2 sargentos, um alferes, um tenente, um capitão e um tambor; as de granadeiros eram maiores: 55 soldados, os mêsmos inferiores e superiores, e, alem do tambor, um pifano ou pifaro.

Conservava-se religiosamente o terço preto de Henrique Dias, por patente do conde da Torre, de 4 de setembro de 1639, nomeado Primeiro Governador e Cabo dos Negros e Mulatos do Brasil. Completava essa organização militar uma força de 13 companhias de Ordenanças (cavalaria) e quatro terços de infantaria, distribuidos por freguesias e comarcas. No meado do seculo XVII, toda essa tropa era regularmente fardada e armada.

Com a mêsma formação de reserva territorial, havia no Ceará e Rio Grande do Norte dois terços de infantaria e um regimento de Ordenanças, cuja eficiencia deixava muito a desejar. Além disso, duas companhias de guarnição dos fortes, chamadas "companhias fixas" ou "pés de castelo".

Nas demais capitanias, mais ou menos identica organização.

No começo do seculo XVIII de 1718 a 1720, assume a de Minas Gerais maior importancia devido ás minas de ouro e diamantes. O governo metropolitano manda ali, para guarnição e policiamento, as duas famosas companhias dos Dragões Reais das Minas, aquartelados em Cachoeira do Campo.

Nessa época, a maior força armada do Brasil estava na Baía: oito regimentos de Ordenanças, suprimidos em 1739, quando se crearam para substituil-os quatro terços auxiliares nas suas quatro vilas mais populosas. Alem de haverem tomado parte na guerra holandêsa, as tropas baianas fôram mandadas, em grande parte, para a restauração de Mombaça e fizeram, depois, a campanha da Colonia do Sacramento. Então, já a maioria da soldadesca e oficialidade das forças auxiliares e mais dum terço dos efetivos das de linha se compõem de brasileiros natos. A guarnição da Baía contava ainda um batalhão de artilharia com seis companhias, comandado por um tenente-general, tendo como oficiais um condestavel, um sargento-mór, um ajundante, seis capitães e tenentes; e dois regimentos de infantaria com o total de 1.500 homens.

O regimento de tipo francês é a unidade tática vencedora na tropa de linha. O terço ficara somente para a reserva. Havia quatro terços auxiliares: o da cidade, o da Torre, o de Pirajá e o de Itaparica. O da cidade, maior do que os outros: 12 companhias. Mais um *agregado* ou terço de Ordenanças, com 23 companhias formadas pe-

1. Soldado. 1680.

2. Dragão, 1720.

3. Granadeiro, 1786.

Tipos militares, época colonial.

los estudantes, letrados, moedeiros, gente de justiça e de negocios, calafates, familiares e empregados das arrecadações. Um total de 1.742 homens. Em Itaparica, uma companhia de Ordenanças. Emfim, o terço tradicional dos Henriques e as companhias de infantaria ou Ordenanças de cada vila.

A capitania de S. Paulo estava dividida em duas jurisdições militares: S. Paulo e Vilas do Norte, Curitiba e Vilas do Sul. As guarnições do litoral denominavam-se tropas de Marinha. No interior, havia dragões a pé e a cavalo, bem como cavalaria auxiliar. Os dragões, creados pelo rei Gustavo Adolfo e pelo marechal de Brissac, adotando uma designação que vinha dos *dragonarios* romanos, sempre fôram infantaria-montada. Napoleão ainda teve regimentos de dragões a pé.

Documentos do Arquivo Público de Belo Horizonte dizem que a 1.ª Cia. dos Dragões Reais das Minas usava farda azul com véstia, canhões e fórros amarelos e a 2.ª com êles vermelhos. Os tópes dos chapéus de tres bicos, tricornios, em geral não traziam as côres nacionais e sim as do regimento. O tópe português da época era azul e vermelho. As côres azul e branca, privativas da casa de Bragança, só no seculo XIX se tornaram nacionais. Em 1765, o capitão general Souza Botelho mandou pintar os figurinos das tropas paulistas. Segundo as ilustrações dum manuscrito existente no Arquivo Nacional, em 1767, os oficiais usavam um gorjal dourado sob a góla, derradeira reminiscencia da couraça do antigo nobre. Toda a cavalaria calça botas de canhão. Toda a oficialidade usa bastão e tricornio. A farda dos tambores é geralmente da côr da góla ou do canhão

do regimento, uso geral na Europa, que durou até os pomposos regimentos da guarda imperial de Napoleão III. Conservavam-se as bandas carmins dos oficiais do seculo XVII e as faixas brancas dos coroneis e mestres de campo antigos. Ainda os sargentos carregavam terçado, chuça, lança curta, pique ou alabarda, tradição que levou seculos a morrer. Em Portugal e no Brasil, sobretudo. Os inferiores da celebre Legião Portuguêsa de Napoleão tiveram alabardas de prata. Os sargentos brasileiros trouxeram a lança curta até o Segundo Reinado.

Aí por 1763, haviam vindo para o Brasil, afim de combater os castelhanos do sul, os regimentos lusitanos de Moura, de Estremoz e de Bragança. Ao transferir a séde do Vice-Reinado da Baía para o Rio de Janeiro, nêsse tempo, o conde da Cunha organizou a 1.ª Cia. de Cavalaria da Guarda dos Vice-Reis, da qual se originou o nosso velho e tradicional 1.º Regimento de Cavalaria (Dragões da Independencia). O conde de Azambuja, sucessor do conde da Cunha, organizou a 2.ª Cia. As duas companhias de Dragões da Guarda dos Vice-Reis usavam o capacete caracteristico de todos os dragões contemporaneos, creado para os de Luiz XIV e que da França se espalhara pelo mundo. Cimeira e cauda lembrando as dos cascos dos legionarios romanos e catafratarios gregos. Em derredor, uma cinta de pano, especie de turbante ou mundaçó; ou então uma pele mosqueada que veiu até os dragões de Napoleão e Luiz Filipe. Entre nós, costumava ser de onça. Botas de canhão, semelhantes ás dos jóqueis e cocheiros

atuais, muito proprias da elegancia militar e civil até o começo do seculo passado.

As necessidades decorrentes das guerras sulinas e os poderes mais latos conferidos aos Vice-Reis permitem que se vá tornando mais importante a organisação militar do Brasil colonial. O conde da Cunha reorganizou os tres regimentos da guarnição do Rio de Janeiro: o 1.º de infantaria, o Regimento Velho, azul com enfeites e metais brancos; o 2.º, o Regimento Novo, azul com enfeites e metais amarelos; e o de artilharia, com canhões e golas pretos. A côr preta tornou-se tão tradicional na arma que ainda hoje são pretos os penachos de gala da artilharia. Os botões e metais brancos duraram no Exercito até D. João VI, quando passaram para as milicias, excetuados os Henriques, cujo uniforme branco exigia botões amarelos. Nos nossos dias, são usados pelos oficiais de reserva.

Na capitania de S. Pedro do Rio de Grande do Sul existiam as seguintes forças: companhias avulsas de infantaria e artilharia, regimento de dragões, creado em 1737, cavalaria auxiliar, cavalaria ligeira de Viaman, regimentos da praça da Colonia e da ilha de Santa Catarina.

No seculo XVIII, o tipo geral dos uniformes para oficiais é o seguinte: tricornio agaloado, com laço e presilha á esquerda; casaca com fórros e canhões das côres regimentais; ao principio, canhões amplos cheios de carcelas e botões, depois menores até se tornarem da largura das mangas; camisas com bofes e punhos de rendas, que somente desapareceram no começo do seculo XIX, menos em França, onde logo a Revolução os ma-

tou nos seus exercitos de *sans-culottes;* bandas da côr dos fórros, enchendo a frente das casacas do pescoço á cintura; abas longas e bem abertas, que, com o tempo, a pouco e pouco fôram se fechando. A véstia — antepassado do colete — tinha os mêsmos galões que a casaca e sobre ela se abotoava o talim. O calção, com botões, galão e fivela logo abaixo do joelho, aberto na frente, em alçapão, foi, mais tarde, substituido pela pantalona de presilha e, afinal, pela calça comum. Quando o militar estava de botas, as meias cobriam os joelhos. Sapatos e polainas curtos, carateristicos das tropas portuguêsas e brasileiras, pois as alemãs, inglêsas, espanholas e francêsas sempre os usavam altos, muitas vezes as polainas até o meio das côxas. Gravata, em geral, negra, com o gorjal dourado por baixo. Cabelos empoados, rabicho e laço, o que ainda trazia a Guarda Imperial de Napoleão I em grande uniforme. Faixa carmim, boldrié ou talabarte de veludo agaloado, bastão de castão de ouro lavrado para os coroneis, de ouro simples para os tenentes-coroneis, de prata lavrada para os sargentos-móres (majores), de prata singela para os capitães, de marfim para os tenentes e alferes. Os soldados tinham mais ou menos o mêsmo uniforme, mas com cadarços de lã branca ou amarela em lugar de galões de prata e ouro. Correame encruzado: á direita, patrona; a esquerda, sabre, terçado ou chilfarote e baioneta triangular para os granadeiros; baioneta unicamente para os fusileiros. As mochilas, simples, aparecem ao apagar das luzes do seculo XVIII.

De 1769 a 1779, o Vice-Rei marquês do Lavradio reorganizou os quatro terços do Rio de Janeiro, a cavalaria auxiliar e o esquadrão da Guarda dos Vice-Reis com suas duas companhias. Em 1776, todas as tropas do Rio estavam nas fronteiras do Sul, menos a 1.ª Cia. do citado esquadrão, o 2.º regimento de infantaria e o de artilharia. Vindo da metropole, chegava á capital do Brasil o 1.º regimento de infantaria do Porto. Da Baía, vinham o 1.º e o 2.º de infantaria dali. Achavam-se prontos para qualquer serviço quatro terços auxiliares, do 1.º dos quais era mestre de campo o proprio Vice-Rei, o que se tornou tradicional. Em Minas, estavam em pé de guerra seis regimentos de cavalaria, sendo mestre de campo do 1.º o capitão-general governador, varios terços e 40 companhias de pretos e pardos. Todas as tropas do Sul entravam em campanha. Havia em S. Paulo, preparadas, a infantaria local e a legião de Voluntarios Reais. Levas de recrutas açorianos preenchiam os claros dos regimentos portuguêses. Organizavam-se para a luta os celebres "Aventureiros Paulistas". As ordenanças eram, entretanto, irregulares e muito mal armadas.

Os figurinos de Rangel, datados de 1786, e uma rica série de outros copiados em Portugal e oferecidos ao Museu Historico pelo ministro Figueira de Melo documentam o fardamento dessa época. Entre os primeiros, está o uniforme do regimento luso de Extremoz, levado para o Pará em 1802 e lá dissolvido após a independencia. Dos segundos se nota em varias tropas um barrete original, meio mitra e meio capacete, comum ás antigas infantarias prussianas e moscovitas, que

veiu até nossos dias nos regimentos Alexander da Guarda Real da Prussia e no regimento Preobadjenski da Guarda Imperial do Czar.

Variada fantasia de côres e de ornatos cobre, então, os uniformes dos terços auxiliares, 2.ª linha do tempo. O chapéu do 1.º da Candelaria era forrado de plumas; suas carcelas bordadas em fórma de S lembravam as dos Dritter Dragoner prussianos e dos generais de brigada russos em 1812; as casacas azúes traziam ramagens de prata. O 2.º, de Santa Rita, tinha coletão côr de couro e franjas nas casas e carcelas, como os granadeiros de Frederico o Grande. O 3.º, de S. José, ostentava carcelas douradas. O 4.º dos Pardos, casaca azul-clara e calção gema de ovo. O dos Pretos-Fôrros, Henriques, casacas verdes, côr de perequito. Fóra da cidade, havia mais os terços de Tapacurá, S. Gonçalo e Marapiá, com pequenas diferenças nas suas fardas; o de Irajá, debruado de azul; os da Ilha Grande, de Parati, de Inhomerim, de Magé, de Macacú e de Campos, com coletes sanguineos. As Ordenanças formavam uma como 3.ª linha, nelas se acoutando os que fugiam ao recrutamento dos terços. Tinham perdido a significação militar dos seculos anteriores e possuíam mais oficiais vistosos e inúteis do que soldados disciplinados e capazes.

Nas capitanias, inúmeros regimentos locais de linha e terços auxiliares: em S. Paulo, por exemplo: 1.º corpo de Dragões de S. Paulo e Vilas do Sul; 2.º de cavalaria ligeira de Guaratinguetá e Vilas do Norte; 1.º de infantaria de Serra Acima e Vilas do Sul; 2.º de Guaratinguetá e Vilas do Norte; corpos de infantaria de Santos e Curitiba.

Em 1779, ha tres regimentos de infantaria no Rio de Janeiro, cada qual com a formação tática da época: uma companhia de granadeiros, uma de caçadores, correspondendo á de voltcadores (*voltigeurs*) nos regimentos francêses, e oito de fusileiros, sendo a 1.ª chamada do coronel, a 2.ª do tenente-coronel e a 3.ª do major. Velha tradição portuguêsa, identica áquela que fazia, no antigo exercito francês, ser o 1.º regimento de qualquer arma do rei, o 2.º da rainha, o 3.º do delfim, o 4.º do coronel-general, se de cavalaria, do mestre de campo general, se de artilharia, do marechal, se de infantaria. O regimento de artilharia do Rio tinha uma companhia de bombeiros, uma de mineiros e uma de artifices, sendo as sete restantes iguais ás de infantaria. Com os efetivos dos dois regimentos de infantaria do Rio reunidos aos de Moura e Bragança formaram-se tres regimentos: 1.º, ora chamado de Bragança, ora chamado o Velho; 2.º, chamado o Novo; e 3.º, chamado de Moura. Os terços auxiliares fôram transformados em regimentos de Milicias, numerados pelas antigas freguesias e organizados com as mêsmas companhias que os de linha. O corpo de Ordenanças, comandado por um capitão-mór, tinha 15 companhias espalhadas pelas freguesias dos arredores. Suprimiram-se os dragões do Rio Grande do Sul e os regimentos da Praça da Çolonia e da Ilha de Santa Catarina.

Os fardamentos do fim do seculo XVIII constam dos figurinos de Santos Vilhena e das coleções do Museu Historico. Na grande alteração das linhas, sente-se a influencia francêsa. Ha soldados que lembram os da Revolução. Desaparece o tri-

cornio e surge o bicornio ou chapéu-armado, a tres pancadas, com penacho. A casaca dos oficiais tem traspasse e bandas pontudas, as abas são longas, os sabres largos e curvos como cimitarras de mamelucos, e as faixas de cachos compridos. As fardas da soldadesca se encurtam. Começam as fardetas. Os tarugos são de frócos de algodão, em fórma de chama, objeto tradicional. Os oficiais usam um dos bicos do chapéu puxado á frente e dragonas de metal, com ou sem escamas; as dos soldados são de pano. Ainda ha a fita no cabelo, que só desaparece em 1806.

Guardam-se as tradições das côres regimentais. O 1.º regimento de infantaria da Baía mantem o branco que lhe foi dado quando o crearam terço, dêsde 1642, até ser transformado em regimento, por ordem régia de D. João V, em 1750. O 2.º tinha o amarelo e seus oficiais se cobriam com um chapéu redondo, emplumado, de gosto inglês. A artilharia conservava a côr preta de sua tradição em todo o Brasil. E os oficiais pacholas carregavam ramilhetes de flôres na lapela.

O 1.º regimento de milicias da Baía fôra creado pelo general Manuel da Cunha Menezes e se denominava — de Úteis. Compunha-se de gente do alto comercio e seus comandantes eram sempre os governadores. Trazia uniforme vermelho paramentado de branco. No 2.º de milicias, entrava gente mais modesta: taverneiros e operarios. A farda era azul e amarela. Havia mais o regimento de Pardos, para os mestiços, com galões e botões brancos, pluma azul clara de ponta rubra, fardamento azul ferrete, com góla, canhões, bandas e fórros encarnados, e correame branco;

o de Henriques, para os negros, de branco, enfeitado de vermelho; a companhia de Familiares, de encarnado e verde; dois corpos de capitães de assalto — lembrança da guerra holandêsa — de capacetes guarnecidos de fitas rubras e fardas azúes ornadas de verde. Em cada um dêsses corpos, a 1.ª Cia. usava dragonas verdes com franjas brancas e a 2.ª, azúes com as mêsmas franjas. Faziam os serviços de correios, vigilancia e perseguição de escravos fugidos.

Mais ainda: dois terços de Ordenanças: o do Norte, fardado de azul, sem gola e com metais prateados; o do Sul, com a mêsma farda e metais dourados. Afinal, um corpo de cavalaria auxiliar, dissolvido em 1800 por ter 4 soldados e 40 oficiais!

Nêsse tempo, o gosto inglês predomina nos uniformes com o uso de chapéus altos, cartolas, pela tropa. A barretina dos machadeiros é de linha absolutamente inglesa. Conserva-se sempre o gorjal.

Violento e curioso o sistema de recrutamento. A certa hora, prendiam-se todos os homens que se encontravam na cidade. Depois, entre êles, as autoridades escolhiam os que deviam assentar praça.

Capitulo II

SECULO XIX. BRASIL-REINO

A expansão do imperialismo napoleonico e a resistencia que lhe opôs o poderio inglês determinaram, na Europa, uma série de acontecimentos, cuja repercussão na peninsula Iberica forçou a côrte de Lisbôa a refugiar-se no Brasil. Instalado no Rio de Janeiro, viu o principe-regente a necessidade de dar melhor organização ás fôrças da colonia elevada a reino. Na capital brasileira, existiam os antigos regimentos com os uniformes bastante modificados. Os granadeiros, por exemplo, traziam cartolas guarnecidas, na cópa, por uma tira de couro, dêsde a parte anterior até a posterior, conforme usaram as milicias portuguêsas do fim do seculo XVIII a 1806. Esses uniformes estão documentados num manuscrito datado de 1800, existente na Biblioteca Nacional. Por êle se verifica que as companhias de granadeiros, fusileiros e caçadores de cada regimento de infantaria se distinguiam pelo correame, fardamento e armamento. Dentro em pouco, cada uma dessas especialidades da mêsma arma formará uma unidade tática á parte.

A 13 de maio de 1808, o principe creou o 1.º regimento de cavalaria do Exercito, ainda hoje existente, o nosso corpo mais antigo, para cuja organização serviu de base o velho esquadrão de

dragões da Guarda dos Vice-Reis. Deu-lhe o mêsmo quadro das unidades portuguêsas dessa arma: oito companhias. No mêsmo dia, creou a Guarda Real do Principe ou Archeiros da Guarda Real, para serviço do paço e pessoal do monarca, incumbindo o marquês das Belas, que viera, como capitão, com alguns archeiros, de Portugal, de comandar os seus 25 homens. Regularizou o corpo da Brigada Real de Marinha, tornando-o Regimento de Artilharia de Marinha, com tres batalhões de oito companhias cada um. Dêsse corpo se originaram os nossos Fusileiros Navais.

Sigamos um pouco a vida dessa unidade tradicional da nossa história militar. Em 24 de outubro de 1822, D. Pedro fê-la Batalhão de Artilharia a Pé do Rio de Janeiro. Em janeiro de 1826, mudou-a em Imperial Brigada de Artilharia de Marinha, com 1.753 praças, ao principio, e 3.000, mais tarde. Em 1847, deram-lhe o titulo de Fusileiros Navais. Na Republica, tem sido Infantaria de Marinha ou Batalhão Naval, variando bastante seus efetivos.

D. João VI desdobrou mais a brigada de cavalaria de milicias em dois regimentos e aumentou o batalhão de Caçadores-Henriques, tornando-o regimento. Em Pernambuco, creou o Corpo de Voluntarios Reais com o efetivo de 1.000 homens. Em S. Paulo, havia a sua celebre Legião, fundada pelo capitão-general Martins Lopes em virtude duma carta régia de 1775, a qual esteve sempre em guarda ás fronteiras e ali ainda tinha em 1814 2.500 homens, composta desta maneira: dois batalhões de infantaria, tres esquadrões de cavalaria e tres companhias de artilharia. Existia, independente, um regimento de infantaria. D. João

deu nova organização a essas tropas. A legião passou a ter tres batalhões de infantaria, quatro esquadrões de cavalaria, duas baterias de artilharia a cavalo e uma companhia de artilheiros-cavaleiros. O regimento independente foi dividido em 1.º e 2.º batalhões de caçadores. Instituiu-se um regimento de cavalaria de milicias, com estado-maior e quatro esquadrões formados por destacamentos dos tres regimentos de cavalaria de milicias da capitania. Manteve-se na praça de Santos o regimento de caçadores que datava de 1766.

As milicias paulistas constavam, então, de 11 regimentos distribuidos pelas cidades e vilas, sendo seis de infantaria, tres de cavalaria e dois de artilharia. Os de cavalaria haviam sido organizados pelo capitão-general Manuel de Melo. Dêles, D. João VI tirou as praças que compuseram o regimento de voluntarios de Milicias a Cavalo.

De acordo com os figurinos da época, verifica-se que raros pormenores dos uniformes lembram os do seculo XVIII. As fardas são fechadas e as bandas, reunidas, formam o peitilho; as calças, colantes e compridas, terminam dentro das polainas. Começa o uso de correames amarelos. Os caçadores trazem como distinctivos o penacho verde e a trompa, que foi e continúa a ser o emblema classico da arma em toda a parte.

Num caderno de figurinos ingenuamente pintados que se acha na Biblioteca Nacional, se vêem as fardas da Baía nêsse tempo. O 1.º regimento de infantaria usa chapéu redondo, de aba esquerda levantada e apresilhada, muito comum nas primeiras décadas do seculo XIX. Parece que nasceu na marinha inglêsa, da qual passou para Portugal e para o Brasil. Os uruguaios o usaram na guerra

da Independencia e os carabineiros belgas ainda o trazem para recordar as milicias patrioticas de 1830. O mêsmo chapéu quasi dos Voluntarios da Carta, no inicio da monarquia de julho, em França. A farda é curta, presa á frente por colchetes. Pantalonas de pala sobre as botas, formando polainas. Equipamento antigo. O barrete de pêlo dos porta-machados identico ao tradicional dos granadeiros, isto é, ao que sempre assinalou as tropas pesadas. O tambor, por exceção, todo de amarelo e não de branco, côr da góla da unidade. A casaca do musico, á antiga, tem carcelas de ouro, mais tarde transformadas em alamares. O penacho dos caçadores é verde. Uma faixa larga envolve a cintura dos oficiais. Outróra, era a mortalha que o militar levava em torno do seu corpo. Reminiscencia heroica e triste.

Em 1809, D. João VI voltou sua atenção para o desenvolvimento da artilharia, fundando um corpo de Artilharia a Cavalo e um corpo de Artifices no arsenal do Rio. Com soldados escolhidos na infantaria e cavalaria da Côrte, formou a Guarda Real de Policia, armada e fardada como a sua congénere de Lisbôa. Dela nasceu a atual Brigada Policial da Capital Federal.

A capitania do Rio Grande do Sul foi separada da de Santa Catarina e reorganizada a tropa ali existente, obtendo-se um regimento de dragões com 956 homens e um batalhão de caçadores com 601. Na Baía, do 2.º regimento de infantaria se levantou uma legião de caçadores com tres batalhões a pé e dois esquadrões a cavalo, num total de 2.296 homens.

Nessa época, o recrutamento era feito de tres maneiras: o recruta á força, que servia 16 anos;

o voluntario, que servia 8; e o semestreiro, filho do lavrador ou do ricaço, que servia seis mêses no primeiro ano de praça e tres nos sete anos seguintes. Os milicianos, terminado seu tempo de serviço, deviam conservar o uniforme e o armamento reiúnos por tempo igual ao que tivessem passado nas fileiras, estando prontos para qualquer chamado. Ao cabo de 25 anos, pertencia-lhes tudo o que lhes fornecera o governo. Os regulamentos militares contemporáneos dão os preços por que o governo pagava os troféus tomados ao inimigo: 4$800 uma espingarda com baioneta, 48$000 um canhão ou uma bandeira!

Datam ainda do governo de D. João VI a instituição da Real Academia Militar, a inauguração de novas oficinas na fábrica de armas da fortaleza de Santa Cruz, creada pelo conde da Cunha em 1765; a instalação de várias fábricas de espingardas em Minas e a organização das divisões dessa provincia; a creação de pedestres, dragões, pretos, pardos, policias e milicias na Baía, Rio Grande do Sul, Ceará, Goiás, Mariana e Ouro Preto, e a fundação do regimento de Lanceiros Guaranis, composto de indios, nas Missões. Em 1813, ainda se preparam tropas no Rio Pardo e no Ceará. Em 1815, crêam-se a artilharia do Maranhão e o Corpo de Veteranos, para inválidos.

Segundo os "Anais do Arquivo Público", os documentos da Torre do Tombo e as coleções do Museu Histórico, em Pernambuco havia, alem da linha, milicias, ordenanças e pardos, companhias de Nobres e de Familiares, o regimento Velho e o regimento Novo de Henriques, a Cavalaria da

Guarda, os Fronteiros Brancos, os Corpos de Conquista e os Corpos de Entradas e Saídas, êstes últimos destinados ás expedições sertanejas.

Em 1808, o governo real publicou um plano de fardamentos especiais para os generais e estado-maior, os quais se aproximam dos modelos francêses da Revolução e do Imperio: casacas chamarradas de ouro e exagerado chapéu-claque de dois bicos. A lei de 19 de Maio de 1806, que aprovou o plano geral de uniformes do Exercito Português, grandemente influiu sobre os do Brasil. Ela confessa as influencias estranhas, dizendo, literalmente, que o modelo da barretina é o inglês. Dela vieram as pantalonas e as elegantes casacas fechadas. Conheciam-se os postos pelas dragonas: duas de canutão, coronel; a direita de canutão e a esquerda de canutilho, tenente-coronel; a direita de canutilho e a esquerda de canutão, major ou sargento mór; as duas de canutilho, capitão; a direita de canutilho e a esquerda sem cacho, tenente; o contrário, alferes. Isso durou até a queda do imperio.

Fáto notavel na vida militar, durante o reinado de D. João, foi a vinda da Divisão Auxiliadora, de Portugal, devido ás guerras do Prata. Compunha-se de dois batalhões de caçadores, intitulados Voluntarios Reais do Principe e depois, d'El Rei; tres esquadrões de cavalaria e uma companhia de artilharia, num total de 4.831 homens. Repousaram dias e dias e tomaram parte na parada que Debret regista num desenho, onde ainda se vê o crepe de luto de D. Maria I no braço dos oficiais. Daí a pouco, essa força partia para as fronteiras meridionais.

Então, os regimentos do Rio de Janeiro inauguram barretinas de couro de tipo português e na manga direita dos soldados de artilharia aparece um retangulo com a palavra Caiena, indicando que haviam participado daquela conquista. Surgem, na cavalaria, as calças de brim e as véstias *de lavar*. Certos clarins de alguns corpos a cavalo se apresentam vestidos a hussardo: peliça sobre o ombro, dolman trançado de alamares e, á cabeça, o chapska polonio, peculiar aos ulanos e lanceiros, um tanto comum, nêsse tempo as tropas montadas ligeiras, muito usado pelos músicos do Pri meiro Imperio em França e pelos do nosso Segundo Imperio.

O decreto real para o Exercito Brasileiro de 1816 descreve, minuciosamente, os fardamentos e distintivos de 1.ª e 2.ª linhas. As calças são largas e as divisas dos inferiores, amarelas. Os alamares e penachos do tambor-mór e dos músicos tornam-se diferentes dos da tropa. Todos os metais da 1.ª linha são dourados; todos os da 2.ª, prateados. Nos braços dos tambores, cadarços com as duas côres lusitanas: azul e encarnado. Outróra tambores e trombeteiros acompanhavam os arautos feudais nas suas mensagens, levando nas mangas, no estarcão e nas meias as côres heraldicas do senhor ou do rei. Daí a tradição passou para os exercitos.

Sempre dourados, por causa da tradicional farda branca, os metais dos Caçadores-Henriques. Os fusileiros são armados de floretes e os caçadores de chilfarotes. Na barretina dos granadeiros, a granada de mão e a chapa de número; na dos fusileiros, duas chapas, a do número e a das armas reais; na dos caçadores, a trompa e o núme-

ro. Os milicianos traziam as côres de seus respectivos corpos nos paramentos das casacas.

A revolução de 1817 fez com que se mandassem para o Nordeste varios corpos do Rio: o 1.º de cavalaria, o parque de artilharia, os Voluntarios d'El Rei e quatro batalhões de infantaria. Da Baía partiu para o Recife uma unidade creada naquêle dificil momento: o regimento chamado da Restauração de Pernambuco. Ficou a capital do Brasil entregue somente á policia, pois o resto do Exercito guerreava no Uruguai, e a guarda do soberano confiada a um esquadrão de cavalaria vindo de Minas. Como as tropas enviadas não fôssem suficientes para vencer a rebeldia, que alastrava, Sua Majestade mandou buscar mais soldados em Portugal pelo marquês de Angeja. Êsse reforço chegou de Lisbôa em agosto de 1817, deixou no Recife o 2.º regimento de fusileiros, na Baía o 12.º da mêsma arma, desembarcando, no Rio, em S. Cristovão, no mês de outubro, composto pelo 3.º de caçadores, o 5.º de fusileiros, uma companhia de artifices-engenheiros e uma brigada de artilheiros-condutores.

Foi essa a tropa que, em 1821, sob o comando do general Avilez, passou do Rio para a Praia Grande, de onde, após a independencia, seguiu para Portugal. O 12.º de fusileiros resistiu na Baía, com o general Madeira, ao cerco de Labatut. Caçadores e um pouco de artilharia se aguentaram algum tempo no Maranhão e Piauí com o Fidié. Em 1821, 600 homens da divisão naval que veiu buscar o principe ficaram espontaneamente no país. A divisão auxiliadora que se achava no Sul e ficou encurralada em Montevidéu embarcou para a Europa, em 1823.

1. Infantaria, 1811.

2. Infantaria, 1816.

3. Caçador a pé, 1823 a 1832.

Tipos militares, Brasil Reino e 1.º Reinado.

Com o correr dos anos, os uniformes dos generais portuguêses fôram se alterando. Retratos, gravuras e estampas no-los apresentam com o chapéu armado de bico para a frente á maneira dos marechais napoleonicos, dragonas grandes de cachos de canutão anelado, bordado em todas as costuras, oito carcelas sobre as bandas e agulhetas para os de cavalaria. As fardas começam a ser abotoadas, mal deixando entrever o bófe de rendas. A's vezes, banda de tranquetas.

Os caçadores a pé vindos de Portugal trazem fardeta côr de pinhão, tradicional na velha infantaria portuguêsa, que até ha bem pouco tempo nosso Colegio Militar conservou, e chouriças verdes.

Em 1818, voltou ao Rio a força que se achava em Pernambuco. D. João VI logo lhe fez dar organização mais regular e eficaz. Existiam os seguintes regimentos: 1.º de granadeiros, 2.º de caçadores, 3.º e 4.º de fusileiros. Pela reforma, passaram a ser respectivamente, 1.º de granadeiros e 1.º de caçadores, sendo os dois de fusileiros divididos em 1.º, 2.º e 3.º. Crearam-se mais a Legião de Mato Grosso e o 9.º de artilharia em Montevidéu.

Em 1820, El Rei manda crear tropas no Norte: Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Negro, Maranhão e Sergipe; depois, outras no Espirito Santo, a divisão do Rio Dôce, em Minas, e um esquadrão de cavalaria, em S. Paulo.

A 31 de outubro de 1821 se distribuem no Brasil, antes de Portugal, os novos tópes militares em que as côres da casa Bragança — azul e branco — substituem as antigas côres nacionais — azul e vermelho. Uma estampa de Debret, "A caça da onça", mostra um soldado de ca-

valaria de milicias de Curitiba com um capacete do tipo dos caçadores a pé de Luiz XVI, do dos caçadores a cavalo da Revolução Francêsa e do das tropas bávaras em 1870. E' o capacete de couro com guarnições de metal e crina de escova que os francêses denominam *casque à chenille.*

Figurinos militares existentes no Arquivó de Belem mostram as fardas de oficial e soldado do regimento de cavalaria creado por D. João VI no Pará, o qual foi despresado na reforma geral do Exercito em 1824. Nêles pela primeira vez se notam alguns dos carateristicos proprios da cavalaria brasileira durante a monarquia.

Ao tempo de D. João VI e de D. Pedro I, em geral os decretos sobre uniformes eram acompanhados de figurinos desenhados a mão, gravados em cobre ou aquarelados. Deveriam estar nos arquivos; mas, infelizmente, quasi todos desapareceram.

As leis de 1820 autorizam canhões e gólas verdes para os caçadores a pé, ursa ou barrete de pêlo e peliça a hussardo para os clarins de artilharia a cavalo, e a fardeta azul para os oficiais de Henriques em pequeno uniforme.

D. João VI voltou a Portugal e precipitaram-se os acontecimentos de que resultaria a Independencia do Brasil. Após sua partida, o principe D. Pedro, precisando de soldados, decreta que os voluntarios que se apresentarem somente servirão tres anos. Organiza-se a Guarda Civica para defesa da Côrte, com quatro batalhões de infantaria e dois esquadrões de cavalaria. Em S. Paulo institue-se corporação semelhante sob o nome de Sustentaculo da Independencia Brasileira.

CAPITULO III

SECULO XIX. BRASIL-IMPERIO; 1.º REINADO

Proclamada a Independencia, o primeiro cuidado de D. Pedro I foi tornar, pelos seus distintivos e uniformes, os soldados brasileiros completamente diferentes dos portuguêses. A 18 de setembro de 1822, creou o emblema que se usou até 1825 no alto da manga esquerda e se chamava tópe, composto por um circulo verde acima duma fita amarela em que se lia o dístico "Independencia ou Morte!". Modificaram-se gólas, canhões e penachos, as primeiras partes do fardamento que se tornaram carateristicamente nacionais. Na obra de Debret, figura um oficial de caçadores fardado ao estilo da época, cujo primeiro batalhão foi creado pela reorganização de 1818 e mantido com o mêsmo número pelo Imperador. A barretina que traz durou de 1816 a 1823, sendo o laço com as côres lusas substituido por um circulo verde e amarelo. Canhões e góla verdes. No braço, o emblema citado. A côr verde caraterizou nossos caçadores durante toda a monarquia. Aliás, é a côr geral dessa arma na Europa. Nos corpos de 1.ª linha, um galão amarelo nos canhões e gólas, e penachos verdes com olhos amarelos. O exagero das côres nacionais nos uniformes exprimia o

desejo de mostrar a todos que o dominio de alem mar fôra definitivamente abolido. No mais, as fardas sofreram pequenas ou nenhumas alterações. Os vivos, por exemplo, continuaram os anteriores.

O 1.º regimento de cavalaria adotou góla verde e canhões azúes, o que durou até 1823. Então, tornou ao uniforme antigo, que ficou tradicional e só foi alterado quando o Exercito se tornou positivista e se mataram as melhores lembranças de nosso passado militar. Na data acima, o governo imperial aprovou novo plano geral de fardamento para os caçadores. Debret no-lo transmite. Barretina afunilada, guarnecida por um cordão em espiral, lembrando o *mirliton* usado pelos alunos da Escola de Marte e pelos hussardos da Revolução Francêsa. Ficou tradicional entre nós, tornando-se com o tempo peça absolutamente nossa, sendo mêsmo a mais carateristica na evolução de nossa indumentaria militar. A artilharia a pé usou-a mais tarde, a infantaria em 1866 e a Guarda Nacional varias vezes. A farda era curta e sem vivos, com alamares, dragonas e correame negros, o que veiu até 1834. Pelas estampas do referido Debret, se verifica que os oficiais de caçadores não tinham dragonas. Fôra uma ordem provisoria de D. Pedro I que se tornou definitiva como tudo o que é provisorio no nosso país... Até o fim da monarquia, os oficiais dessa arma não tiveram dragonas e se distinguiam pelos galões do punho.

A 2.ª linha, composta pelas milicias, distinguia-se pelos penachos verde-amarelos que o povo chamava *periquitos*.

Com o decreto de 7 de outubro de 1823, baixou o primeiro plano de uniformes para o estado-

maior general, o estado-maior do Exercito e engenheiros, regularizando emblemas, bordados e distintivos. A folhagem de carvalho estilizada dos bordados dos generais portuguêses continuará nos dos brasileiros. Continuou até hoje. Os marechais não teem mais vivos e presilhas nas abas das casacas. Os brigadeiros e marechais de campo usam a mêsma farda com diferenças nos bordados. Sua disposição e os vivos brancos são identicos aos portuguêses. Os postos continuam tambem os mêsmos. A monarquia manteve-os. Foi a republica quem os alterou. Eram: marechal do Exercito que corresponde ao marechal de agora; tenente-general, que aboliram; marechal de campo, o nosso general de divisão; e brigadeiro, o atual general de brigada. Estabelece-se a banda rigida, de dar volta, com borlas á frente ou dos lados, ou com tranquetas, peça que vive e morre com o primeiro imperio, para sargentos, oficiais e generais. As pantalonas brancas têem bordados nas costuras e no alçapão. Êsse plano de fardas de generais somente começou a ser modificado em 1835, quando as gólas se tornaram abertas, mostrando a gravata, e as dragonas fôram substituidas por um novo modelo. Em 1852, foi confirmado nas suas linhas gerais. E' um dos que mais têem durado no Brasil. Em 30 anos, conservou-se quasi imutavel. E, ainda agora, no fardamento dos nossos generais resta alguma cousa dêle.

O uniforme dos corpos especiais é, mais ou menos, o português. Já nêsse tempo a torre é emblema de engenheiro e a esfera armilar do estado-maior de 1.ª classe; a estrela distingue o de 2.ª e o castelo, os secretarios ou oficiais de administra-

ção. O imperio conservou êsses sinais; a republica manteve a esfera no estado-maior e quadros especiais, e a torre, com o nome de castelo, na engenharia. Os bordados dos engenheiros eram diferentes de quaisquer outros e só muito mais tarde fôram modificados. Convem notar que até 1908 os corpos especiais tiveram fardamento distinto do das outras tropas. Todos os oficiais tinham dragonas volumosas, com aneis nos canutões as dos superiores, espadas ligeiramente curvas em bainhas de couro, com guarnições de metal dourado, fiadores tecidos de ouro e vermelho, menos os dos caçadores, que eram de couro preto. As espadas dos generais douradas e lavradas, com copos singelos, tornaram-se tradição até hoje conservada. As espadas dos oficiais semelhantes ás de agora, com bainhas de metal, datam de 1840. Quando ministros, conselheiros ou senadores, alguns generais usavam espadim, segundo se vê das litografias de Sisson. No traje de campanha, o chapéu armado não tinha plumas. Os talins de primeiro uniforme variavam.

Existe no Arquivo Nacional o unico figurino sobre a artilharia dêsse tempo: ursa peluda, niza azul e pantalonas brancas. Em maio de 1824, a farda da artilharia foi alterada no penacho, na barretina e na côr das calças.

Em 2 de outubro de 1822, organizou-se no Rio o batalhão de Henriques da Côrte e um corpo de artilharia, de negros fôrros, pagos mensalmente, que deveria seguir para o Norte na esquadra do almirante Cochrane, com o efetivo de 398 homens. D. Pedro I reformou os caçadores, dando a cada batalhão 717 homens, repartidos em seis compa-

nhias, conservando, com o mêsmo número, o 1.º de caçadores e mudando os 1.º, 2.º e 3.º de fusileiros em 2.º, 3.º e 4.º de caçadores.

A 13 de janeiro de 1823, quando se tornava preciso arranjar bastante tropa para expulsar da Baía o general português Madeira, creou-se o famoso Batalhão do Imperador, com regalias destinadas a atrair voluntarios. Tinha estado-maior e seis companhias, numerando 735 homens. Combateu na Baía, voltou ao Rio e teve a honra de dar guarda ao paço imperial. Entretanto, em companhia da Imperial Guarda de Honra, abandonou seu imperador, creador e protetor a 7 de abril de 1831, reunindo-se no campo de Sant'Ana ás forças em rebeldia que lhe arrancaram a abdicação. Sobre seu uniforme não existe a menor documentação. E' de presumir que usasse o dos granadeiros, pois era considerado dessa arma.

Proclamada a Independencia recebeu o imperador auxilios de algumas provincias. Em primeiro lugar, o esquadrão de voluntarios milicianos de S. Paulo, que serviu de base para a formação da celebre, brilhante e aristocratica Imperial Guarda de Honra, creada por decreto de 1.º de dezembro de 1822. D. Pedro recompensou com essa honra áquêles voluntarios, ao mêsmo tempo que constituia para si uma guarda de gente escolhida, composta de um estado-maior e tres esquadrões de 158 homens cada um. O 1.º parava na vila de Taubaté, o 2.º na Côrte e o 3.º em S. João d'El Rei. Cada esquadrão tinha na chapa do talabarte as iniciais da provincia de cujas milicias se originara e onde se achava de guarnição, sendo obrigado a apresentar-se no Rio ao menos qua-

tro vezes por ano. A Imperial Guarda de Honra foi dissolvida em 1832, porem seus oficiais ficaram com o direito de continuar a usar seu uniforme. Sobre ela existem muitos documentos. Sabe-se que, em abril de 1822, por ocasião de se organizarem os primeiros socorros a serem enviados ao principe D. Pedro, foi adotado em S. Paulo o uniforme branco, paramentado de vermelho, que a Guarda sempre vestiu. Entretanto, não se conhece nenhum capacete usado antes da Independencia. Talvez o da cavalaria de milicias, de modelo bávaro. Todos os capacetes que nos chegaram até o presente e de que o Museu Histórico possue a melhor coleção são posteriores ao grito do Ipiranga, tendo as iniciais P. I. em prata. O primeiro capacete da Guarda é dourado, todo de metal, escamento, com o dragão heraldico da casa de Bragança na cimeira de entre cujas asas escorre farta crina preta.

Os simples soldados da Imperial Guarda de Honra eram, na maioria, antigos oficiais de milicias, que conservavam nos punhos os galões de seus antigos póstos; tres galões largos — coronel; dois tenente-coronel; um — sargento-mór (major); um, mais estreito — capitão; um fininho — tenente. Os oficiais efetivos dos tres esquadrões distinguiam-se pelas dragonas. Pedro Americo, no grande quadro da Independencia, representa êsses belos cavaleiros arrancando os tópes portuguêses azúes e rubros, anacronismo talvez concientemente praticado, visando o lado estético da composição, somente, porque nessa ocasião o casco de metal não fôra inventado e os tópes eram, dêsde outubro de 1821, azúes e brancos, presos, em

obediencia ao decreto de 1806, ao chapéu e não nas mangas, como pintou. A Imperial Guarda de Honra figura ainda no baixo relevo da base do monumento elevado no Ipiranga, com outro erro e êsse imperdoavel. Seus cavaleiros trazem espadas do modelo regulamentar dos últimos anos da monarquia e primeiros da republica, espadas de cavalaria e artilharia de guarda fechada e punho de latão espiralado. As espadas da Guarda têem um modelo conhecido e muito bonito. Existe uma série delas no Museu Histórico. São retas e pesadas com os copos floreados e ornados pelas armas imperiais, tendo na lámina galivado o dístico: "Viva o Imperador!"

O decreto que creou a Guarda dá sobre ela minuciosas informações. Por ocasião do segundo casamento do monarca, mudaram-lhe o capacete de metal, muito pesado, para um segundo modelo, muito raro hoje, de couro, com guarnição de latão e um tópe composto de tres circulos concentricos sendo dois amarelos e um verde, substituido em 1831 por uma estrela de ouro em campo verde. Debret pinta, na cimeira do capacete de couro, o dragão alado do primeiro modelo. Não se conhece nenhum exemplar de capacete dessa especie. Existe um completo, no Museu Histórico, do esquadrão de Minas, cuja cimeira é de estilo greco-romano, com ornatos gravados, identica á dos antigos dragões francêses. O uniforme branco, enfeitado de vermelho, com dragonas de escamas de ouro e correame preto, trái uma influencia esporadica no nosso Exercito do gosto militar austriaco, lembrando os elegantes dragões vienenses de 1820 a 1830, nos *croquis* de Lucien Vallet.

Foi êsse uniforme tradicional, nobre e profundamente significativo dos primeiros momentos de nossa emancipação politica que, em 1916, num projeto aprovado pela Cámara, mas rejeitado pelo Senado, o então deputado Gustavo Barroso pretendeu restaurar no histórico 1.º regimento de cavalaria que tomaria o nome de Dragões da Independencia. Em 1926, essa idéa voltou á tona e foi realizada pelo governo do país. O 1.º regimento de cavalaria passou a usar em grande uniforme a velha farda imperial e a denominar-se Dragões da Independencia. Tempos mais tarde, na Escola Militar, o general José Pessôa restabelecia a tradição, dando-lhe um espadim copiado da espada de Caxias e um uniforme que relembra as antigas infantarias imperiais. Emfim, recentemente, o ministerio da Guerra creou um batalhão de Guardas e fardou-o com os tradicionais Caçadores Henriques. Toda essa volta ás nossas tradições teve como ponto de partida, como primeiro passo, o projeto daquêle deputado, que a ignorancia de alguns senadores supôs que poderia matar. Uma idéa não morre com um parecer de qualquer politicão...

O coronel Schlichthorst, no seu livro "Rio de Janeiro wie es ist", informa minuciosamente sobre o fardamento dos regimentos de mercenarios estrangeiros que possuimos. Carecendo de tropas, D. Pedro creou, em 8 de janeiro de 1823, o primeiro regimento dessa ordem. O mercenario era, então, comunissimo em qualquer país. Compunha-se dum estado-maior e tres batalhões, com 834 homens cada um, numerados desta sorte: 1.º de granadeiros, e 1.º e 2.º de caçadores. Não acham-

do bastante essas forças, creou mais, a 13 de novembro de 1824, outro batalhão, o 2.º de granadeiros que, com o 2.º de caçadores, somente se organizaram de verdade em 1821. No plano geral da 1.ª linha, em dezembro de 1824, receberam esta numeração: o 1.º de granadeiros estrangeiros ficou sendo 2.º de granadeiros de 1.ª linha; o 2.º de granadeiros — 3.º de granadeiros de 1.ª linha; o 1.º de caçadores estrangeiros — 26.º de caçadores de 1.ª linha; e o 2.º — 27.º. A 30 de junho de 1825, nova mudança: o corpo de 1.ª linha de Sergipe passa a ser 26.º de caçadores e os estrangeiros são, então, em lugar de 26.º e 27.º — 27.º e 28.º.

A soldadesca estrangeira mercenaria, na maioria recrutada por Schäfer, na Alemanha, entre nobres decaídos, criminosos, refugos de velhas tropas e aldeões enganados, era profundamente ignóbil, provocando continuadamente a animosidade do Exercito e da população. Havia, por isso, sempre rixas e conflitos. Quando estalou a guerra com a Argentina, em 1827, o comandante Crotter foi á Irlanda e de lá trouxe 2.000 mercenarios, uns engabelados e todos no mais lastimavel estado. Então, os dois corpos de granadeiros eram considerados batalhões modelos e davam guarda ao paço imperial. Em junho de 1828, o 2.º de granadeiros revoltou-se. A sedição aterrorizou a cidade, mas a reação foi violenta. Em S. Christovão, os alemães combateram uns contra os outros. As tropas nacionais, auxiliadas por destacamentos de navios estrangeiros surtos no porto, cercaram seus quarteis e os obrigaram á rendição. Todos os sediciosos fôram levados presos para bordo dos navios de guerra. Enviaram-se os irlandêses

para o Canadá. Reorganizaram-se os batalhões em melhores condições. O 28.° de caçadores não se revoltou. O 27.°, comandado pelo major Jesus, oficial brasileiro, fez a campanha de Ituzaingó. Foi o unico corpo estrangeiro que participou da guerra no Sul em companhia dum esquadrão de lanceiros alemães. Quando o governo dissolveu os mercenarios em 1830, o 2.° de granadeiros de 1.ª linha estava na Praia Vermelha, o 3.° e o 27.° de caçadores na ilha de Santa Catarina, e o 28.° em Porto Alegre.

Durante a guerra da Independencia, na Baía, aparecem os corpos de "Jagunços" e de "Couraças", de roupas exoticas e armamento irregular, surgidos do proprio sólo e cobrindo-se com o chapéu de couro dos vaqueiros. Êsses "Couraças" ressurgiram como voluntarios na guerra do Paraguai.

Em S. Paulo, havia dois batalhões de caçadores a pé que receberam os números 6.° e 7.° pela organização de 1824. Um veiu dar guarnição no Rio, tomando a alcunha pouco lisonjeira de Guarda da Marquêsa (Marquêsa de Santos). O outro continuou na sua guarnição. Diferenciavam-se dos outros corpos de caçadores pelas gólas e canhões azues-claros, côr tradicional das forças paulistas, conservadas, depois, nos caçadores do corpo fixo local.

O mais importante documento militar do primeiro reinado é o decreto de 1.° de dezembro de 1824 pelo qual se organizou, do melhor modo possivel, o Exercito, em 1.ª e 2.ª linhas, acabando-se com as formações irregulares, fragmentarias e deficientes que havia. Deram-se números e atribuições novos a todos os corpos, menos ao batalhão

do Imperador e á Imperial Guarda de Honra. Resultou que o 1.º de granadeiros da Côrte se tornou 1.º de granadeiros de 1.ª linha; o 1.º de granadeiros estrangeiros, 2.º de 1.ª linha, aquartelados no Rio, ficando na mesma guarnição os 1.º, 2.º 3.º e 4.º de caçadores; o 1.º de caçadores de S. Paulo passa para o Rio como 5.º, e o 2.º fica lá como 6.º; a infantaria da Legião de S. Paulo constitúe o 7.; o batalhão de caçadores de Santa Catarina, o 8.º; o batalhão de infantaria e artilharia de Curitiba, o 9.º; o 1.º batalhão de Libertos de Montevidéo, o 10.º, e o 2.º, o 11.º; a companhia de infantaria e o corpo de pedestres do Espirito Santo, o 12.º na Baía, os 1.º, 2.º e 3.º de caçadores da provincia mudam-se em 13.º, 14.º e 15.º; o de Alagôas recebe o número 16.º; os 1.º, 2.º e 3.º de Pernambuco são reduzidos ao 17.º e 18.º; o da Paraíba toma o número 19.º e os de infantaria do Piauí, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão, respectivamente, as designações 20.º, 21.º, 22.º e 23.º; os do Pará ficam sendo 24.º e 25.º; e os caçadores estrangeiros 26.º e 27.º até 1825, quando se creou em Sergipe o 26.º de caçadores e aquêles passaram a chamar-se 27.º e 28.º.

A cavalaria constituiu-se assim: 1.º regimento de cavalaria fundado por D. João VI, na Côrte; 2.º formado pelo ex-regimento de Minas; 3.º pela cavalaria da Legião de S. Paulo e esquadrão da mêsma cidade; 4.º pelo esquadrão da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul; 5.º pelo regimento de dragões do Rio Pardo; 6.º pelo regimento de dragões de Montevidéu; e 7.º pelo regimento de dragões da União.

A constituição da artilharia tambem se faz por sintese: o regimento de artilharia do Rio passa a

ser 1.º corpo de artilharia de posição; o batalhão de posição do Rio, 2.º corpo; o de Santos, 3.º; o de Santa Catarina, 4.º; o de Montevidéu, 5.º; a artilharia do Espirito Santo, 6.º; o corpo de artilharia da Baía, 7.º; o de Pernambuco, 8.º; e as artilharias do Piauí, Ceará, Maranhão e Pará, na mêsma ordem, 9.º, 10.º, 11.º e 12.º. Formam-se cinco corpos de artilharia montada: o 1.º com a brigada de artilharia montada da Côrte; o 2.º com a artilharia da Legião de S. Paulo; o 3.º com a artilharia de S. Pedro do Rio Grande do Sul; o 4.º com a artilharia montada de Alagôas; e o 5.º com a da Paraíba do Norte.

A 2.ª linha compôe-se de 4 regimentos de infantaria, 89 batalhões de caçadores, 39 corpos de cavalaria e muito poucos de artilharia, alguns com apelidos bizarros: Libertos de Ouro Preto, Libertos de Paracatú, Pardos do Icó, Artilharia de Henriques da Côrte, Sertanejos do Itú, Guaranis das Missões, Infantaria de Marinha do Ceará, Infantaria de Marinha do Camocim.

Foi a primeira organização militar de valor no nosso país e dela podemos datar a coesão do nosso exercito.

Nos uniformes, o primeiro reinado é a época que inaugura as pantalonas brancas apresilhadas ou com polainas e as nizas azues para quasi todas as tropas. A farda da cavalaria miliciana ou de linha apresenta-se já com os caracteristicos que conservaria até o fim do imperio. Os Archeiros que eram vermelhos e azúes no tempo de El-Rei passam a vestir de verde e ouro. Inauguram-se as chouriças (dragonas enchumaçadas): vermelhas e brancas para granadeiros, vermelhas para fusileiros, negras para os caçadores a pé.

CAPITULO IV

SECULO XIX. BRASIL-IMPERIO; REGENCIA

A Regencia foi obrigada a dar nova feição ao Exercito, porque já não mais existiam varios corpos como a Imperial Guarda de Honra, o Batalhão do Imperador, o 2.º e 3.º de granadeiros, o 10.º, 11.º, 27.º e 28.º de caçadores e outros não tinham efetivos suficientes. O decreto de 4 de maio de 1831 conservou somente o estado-maior general, os estados maiores da 1.ª e 2.ª classes, os engenheiros, os oficiais burocraticos, 16 batalhões de caçadores com 572 homens cada um, divididos em oito companhias, 5 corpos de artilharia de posição, com 492 homens cada um, e um de artilharia a cavalo com 354. Os 5 primeiros batalhões de caçadores passaram a ser 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º da Côrte; o 6.º e 7.º formaram o 6.º de S. Paulo; o 8.º tornou-se o 7.º de Santa Catarina, e o 9.º, o 8.º do Rio Grande do Sul; o 10.º o 11.º e o 12.º desapareceram; o 13.º e o 14.º mudaram-se em 9.º e 10.º da Baía; o 15.º e o 16.º fundiram-se no 11.º de Alagôas; o 17.º e o 18.º desdobraram-se nos 12.º, 13.º e 14.º de Pernambuco; fôram abolidos os de 19.º a 22.º; o 23.º ficou sendo o 15.º do Maranhão e o 24.º, o 16.º do Pará; acabaram-se os de 25.º a 28.º.

Os regimentos de cavalaria fôram distribuidos desta sorte: 1.º no Rio, 2.º em Santa Catarina, 3.º na Baía, 4.º em Pernambuco e 5.º no Pará. A artilharia a cavalo continuou no Rio Grande do Sul e os corpos de posição ficaram: os 1.º e 2.º na Côrte, o 3.º na Baía, o 4.º em Pernambuco e o 5.º no Pará.

Tendo sido dissolvidas muitas unidades, houve, naturalmente, abundancia de oficiais avulsos, que não tinham onde ser arregimentados. Compuseram o afamado Batalhão de Oficiais-Soldados, que auxiliou os Permanentes no assalto á ilha das Cobras, quando ali estourou uma sedição. Êsses oficiais-soldados formavam á paisana com um tópe na cartola.

Para a vida militar do Brasil, o áto mais notavel da Regencia foi a creação da Guarda Nacional em substituição ás milicias, ordenanças e guardas municipais, instituição que prestou os mais assinalados serviços ao país, durante a monarquia, sobretudo na guerra do Paraguai, e durante a republica, especialmente na revolta da Armada. Caindo com o tempo em grande decadencia foi, dentro de móldes mais rigorosos, transformada em 2.ª linha do Exercito. A Guarda Nacional nasceu da lei de 18 de agosto de 1831, que lhe deu as tres armas. Seus batalhões de infantaria podiam ter duas companhias de caçadores, mas nunca possuiu corpos especiais dessa arma.

Em 1834, a Regencia diminuiu de novo a quantidade de corpos do Exercito, reformando-o. Reduziram-se á metade os 16 batalhões de caçadores, que ficaram numerados e distribuidos assim: 1.º e 2.º no Rio, correspondendo aos anti-

gos 3.º e 4.º; 3.º na Baía, antes 9.º; 4.º no Maranhão, ex-15.º; 5.º no Pará, outróra 16.º; os 6.º, 7.º e 8.º conservaram os mêsmos números respectivamente, em S. Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Suprimiram-se os 1.º, 2.º, 5.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º e 14.º. Nas demais armas, houve uma unica alteração: a dissolução do 5.º de cavalaria.

Em 1836, devido á rebeldia dos Farrapos, os corpos fôram concentrados no Rio Grande do Sul. Os que tomaram parte no movimento estiveram para ser dissolvidos. Em 1838, reorganizaram-se com melhores elementos, na Baía, o 3.º de caçadores e o 3.º de artilharia de posição. Em 1839, ha, no Sul, um corpo de voluntarios alemães, cujo uniforme é impossivel reconstituir por falta absoluta de documentos.

O decreto de 22 de fevereiro de 1839 reorganizou mais uma vez o Exercito, aumentando para 12 os batalhões de caçadores, determinados como se segue: o batalhão provisorio da provincia de Santa Catarina formou o 1.º na Côrte; o 1.º e 2.º viraram 2.º e 3.º; creou-se no Pará o 4.º; o antigo 1.º foi restabelecido como 5.º; os 7.º, 4.º e 5.º da organização anterior tornaram-se 6.º, 7.º e 8.º; organizou-se tambem no Pará o 9.º; os velhos 6.º e 8.º fôram classificados como 10.º e 11.º; e em Santa Catarina pôs-se mais o 12.º. Em compensação, a cavalaria foi diminuida. Suprimiu-se o 4.º regimento, organizando-se quatro esquadrões avulsos. Os tres regimentos restantes continuaram inalterados sob a rubríca de cavalaria-ligeira. Na artilharia a pé, uma simples troca de números: o 3.º passou a ser 2.º; o 4.º, 3.º; o 5.º 4.º; e o 2.º, 5.º. Creou-se um corpo de pontoneiros, mineiros e sa-

padores, logo abolido por falta de gente competente para preencher-lhe os claros.

Na história de nossas forças armadas, a Regencia caraterizou-se pela abolição de granadeiros e fusileiros, dando toda importancia aos caçadores, para os quais adotou o fardamento todo verde, que ficou tradicional, botões pretos e barretina de novo modelo, cintada, que desapareceu na guerra do Paraguai.

Nenhum documento esclarece qualquer cousa sobre os uniformes da cavalaria nêsse tempo. E' de presumir se mantivessem os do tempo de D. Pedro I. E' provavel, porem, datar da Regencia o emblema da referida arma que durou longos anos: dois dragões cruzados com o número do corpo entre ambos. São os dragões heraldicos da casa de Bragança que se arrepiavam na cimeira dos capacetes da Guarda de Honra, se retorciam na manga dos fardões dos senadores do Imperio, sustentavam o brazão do Imperador, ornavam-lhe o trono e rematavam o cetro imperial.

Não existe tambem nenhum documento contemporaneo dos uniformes da artilharia. Todavia, parece que de então vem o emprego do carmim como côr distintiva da arma, pois antes era o preto ou o encarnado.

CAPITULO V

SECULO XIX. BRASIL-IMPERIO; 2.º REINADO ATÉ A GUERRA DO PARAGUAI

Nos primeiros anos do governo de D. Pedro II, a maioria dos corpos do Exercito estacionava no Rio Grande do Sul. Havendo necessidade politica de aumentar as guarnições de S. Paulo e Rio, novamente foi o Exercito reorganizado pelo decreto de 25 de abril de 1842, ficando assim constituido: estados maiores — general, de 1.ª e 2.ª classes, e imperial corpo de engenheiros, tudo com o efetivo global de 407 oficiais; oito batalhões de fusileiros de oito companhias e 882 homens cada um; oito batalhões de caçadores de seis companhias, com 557 homens; quatro batalhões de artilharia a pé de oito companhias e 690 homens cada um; e tres regimentos de cavalaria de oito companhias e 618 homens cada um. Organizaram-se os fusileiros desta maneira: creou-se o 1.º na Côrte; transformou-se o 5.º de artilharia a pé em 2.º de fusileiros; os batalhões provisorios de Santa Catarina e Pernambuco formaram o 3.º e o 4.º; e os 9.º, 10.º, 11.º e 12.º de caçadores converteram-se em 5.º, 6.º, 7.º e 8.º de fusileiros. Os oito primeiros batalhões de caçadores continuaram com sua antiga numeração.

Os caçadores começam a usar uniformes verdes com paramentos pretos e botões escuros, de bronze ou massa, em duas ordens, o que se conservou até 1852. Na barretina, como emblema da arma, a cruz de Malta. Traço da influencia inglêsa sobre nossos fardamentos, pois parece que na Inglaterra essa cruz era sinal das tropas ligeiras. Segundo os desenhos do livro sobre as cavalarias européas de Lucien Vallet, usaram-na os Light Dragoons, isto é, os Dragões Ligeiros, justamente entre 1840 e 1845. Talvez fôsse ali insignia somente de cavalaria, porque é a cruz de uma ordem celebre de cavaleiros, ou tivesse ido parar ao shako dos dragões britanicos por ser seu comandante um cavaleiro de Malta. O certo é que durante muitos anos distinguiu nossos caçadores a pé. Já é velho, no Brasil, o habito de dar aos soldados côres, linhas e emblemas alheios, inteiramente desvirtuados, o que demonstra a profunda ignorancia dos copistas... Alguns batalhões de caçadores usam boné de serviço (*bonet de police*) quadrado e com borlas; outros redondos e sem pala. Mais tarde, êste último prevalece e dura até 1857, quando foi substituido pelo boné conico ou quépi.

Os fusileiros tinham vivos brancos e chapa losangular dourada na barretina, como a infantaria de linha de Napoleão I. Quasi uma década após, em 1852, todos êsses pormenores que variavam de batalhão a batalhão, devido a certa anarquia reinante na indumentaria em consequencia das lutas intestinas, especialmente no Sul, fôram unificados de modo coerente. Para conhecer bem a história de nossa farda nessa ocasião, seria necessario estudar a vida de cada unidade do

Exercito de per si, o que é materialmente impossivel, porque seus arquivos não existem mais. No Brasil, á exceção do 1.º regimento de cavalaria, não se póde mais saber a história de nenhum outro corpo, de tal maneira as refórmas alteraram quadros, números e atribuições. Os caçadores fôram, ás vezes, fusileiros e vice-versa; a artilharia viu-se mudada em infantaria e esta em cavalaria!

Segundo o costume do tempo, os músicos tinham uniformes de fantasia, tradição viva da pompa dos exercitos napoleonicos, dependente dos maiores ou menores recursos da caixa do batalhão. Até mais ou menos 1855, cada corpo fardava seus músicos de acordo com o plano que o comandante arranjava e submetia á aprovação do ministro da guerra. Abusava-se sobretudo do prateado nos enfeites. Alem da banda de música, dos pifanos e tambores, as unidades de infantaria de linha marchavam precedidas de machadeiros ou porta-machados, homens altos, de longas barbas verdadeiras ou postiças, cobertos com ursas empenachadas, vestidos de aventais de couro e empunhando achas reluzentes.

Data dessa época o uso dos cordões ornamentais das barretinas que vinham prender-se na charlateira ou na dragona esquerda, terminando em palmatorias trançadas com borlas pendentes. Andavam com êles, na mêsma ocasião, as tropas européas de cavalaria, sendo que da dragona em que os prendiam para os botões da farda partia uma forrageira com borlas. Outro erro de cópia por ignorancia e que se tornou tradicional. O oficial brasileiro, quando tirava a barretina, colocava-os á vontade, em volta do pescoço ou atravessados

ao peito como alamares. Raros os deixavam com a barretina. Assim faziam sempre os européus, que somente guardavam a forrageira, então privativa das tropas montadas. A nossa Escola Militar restaurou essa velha tradição no seu uniforme atual.

Aparecem nas lanças as bandeirolas vermelhas com um retangulo central branco, onde se vê o número do regimento. Isso veiu até nossos dias. Foi uma das nossas rarissimas tradições militares escapas ás destruições sistematicas.

O distintivo dos artifices era uma granada. Os sargentos de fusileiros usavam alabarda. Os oficiais ainda usavam sob a góla da farda o gorjal de latão, derradeira sobrevivencia da couraça dos antigos paladinos. Os postos distinguem-se em grande uniforme, como antigamente, pelas dragonas; em pequeno, pelos galões á volta do punho, da seguinte maneira: um de cinco linhas de largura para os alferes, dois da mêsma dimensão para os tenentes, um de sete linhas para os capitães, um de sete e um de cinco para os majores, dois de sete para os tenentes-coroneis e tres para os coroneis. Êste sistema de galões durou todo o segundo reinado. Os oficiais de caçadores usavam-n'os tambem em grande uniforme, porque não tinham dragonas. Os talabartes dos porta-bandeiras traziam o número de galões correspondente ao posto do comandante do corpo.

Depois da reorganização de 1842, a unica medida militar digna de nota até 1851 foi a creação, em 1846, de mais um regimento de cavalaria ligeira no Rio Grande do Sul com o número 4.º. Antes de 1845, como continuasse a guerra dos Far-

rapos que só então terminou, o governo imperial contratara na Europa, por intermedio de Sebastião do Rego Barros e contra a opinião publicamente expressa de Caxias, mil mercenarios alemães, na maioria veteranos do dissolvido exercito do Schleswig-Holstein, entre os quais cerca de cem bons atiradores com o fusil de agulha Dreise, primeiro modelo, que tomaram parte na batalha de Caseros, e uma companhia de pontoneiros com seu material, que não foi utilizado. Na reorganização geral de 1851, êles formaram um batalhão de infantaria e um de artilharia.

Por essa reorganização, a infantaria passou a contar 15 batalhões numerados de 1.° a 15.°, sendo os de 1.° a 8.° de fusileiros e os de 9.° a 15.° de caçadores. O 15.° era o de alemães. As numerações dos oito corpos de fusileiros continuaram as mêsmas. As dos caçadores fôram alteradas: o 1.° passou a ser 9.°; o 2.°, 10.°; o 5.°, 11.°; o 4.°, 12.°; o 3°., o 6.° e o 7.° formaram o 13.° e o 14.°. O corpo de artilharia dos alemães tomou o titulo de 2.° regimento de artilharia a cavalo. Tanto êle como o de caçadores fôram dissolvidos anos depois e não figuram, oficialmente, nos decretos do ministerio da guerra como alemães.

Em 1852, dissolveu-se o 7.° de fusileiros e formou-se no Rio Grande do Sul o 5.° de cavalaria. Nêsse tempo, houve as seguintes mudanças nas designações dos corpos de infantaria: o 8.° de fusileiros passou a ser 7.° e os batalhões de caçadores subiram, cada qual um número, devido á supressão do 7.° a que já nos referimos. Daí até a guerra do Paraguai só ha a notar a creação do batalhão de engenheiros, com quatro companhias,

em 1855, aquartelado na Escola de Aplicação do Exercito, e a creação da companhia de enfermeiros, em 1857.

No periodo que vai da maioridade a 1865, não se devem esquecer os chamados corpos ou companhias fixos ou de guarnição. A redução dos efetivos do Exercito em 1831, a abolição total das Milicias, que eram a reserva territorial da Colonia e do primeiro reinado, das Ordenanças e das Guardas Municipais, que as substituiram, embora essas datassem somente de 1830, o fáto de ainda se achar em começos de organização a Guarda Nacional recentemente creada, fez com que nas provincias se sentisse falta de tropa. Outróra, cada provincia tinha a sua, independente. As principais fôram até incluidas na numeração geral de 1824. Tal necessidade deu origem á organização, por toda a parte, dos corpos denominados Pedestres e Ligeiros, de pequeno efetivo, que, apesar de pertencerem ao Exercito ativo, estavam fóra da dependencia direta do mêsmo. Essa força irregular viveu até 1840, quando seus pequenos núcleos tomaram o nome de Caçadores de Montanha. Anos após, voltaram novamente a ser Pedestres. Fôram os embriões dos futuros batalhões de caçadores formados nas provincias, a pouco e pouco, que chegaram ao apogeu em 1860. Os corpos de guarnição ou fixos desapareceram com a guerra do Paraguai, suprimidos pelo governo, que incorporou seus homens á tropa de linha. Sua história em cada provincia é sobremaneira curiosa. Em Mato-Grosso, os Dragões e Leais Cuiabanos tiveram como substitutos a Legião de Mato-Grosso, creada por D. João VI, unidade tática que se

compunha das tres armas e se originara nos exercitos da Convenção e de Napoleão, como reminiscencia dos romanos. A de Mato-Grosso, aquartelada em Cuiabá, tinha 788 homens. Tomou, depois, o nome de Ligeiros. Em 1832, desdobrou-se em cinco companhias de caçadores, uma de marinheiros e duas de artilharia. Em 1840, a provincia teve mais uma companhia de cavalaria, e a artilharia foi unificada num batalhão com 465 homens. Essas tropas uniram-se, em 1842, sob o titulo de Corpo Fixo, ao qual se agregou uma companhia de Pedestres. O batalhão de artilharia foi substituido pelo 4.° a pé, de linha. Em 1843, creavam, de novo, a artilharia local e fundavam dois Corpos Fixos: o 1.° com quatro companhias de caçadores, duas de artilheiros, uma de cavalaria e uma de artifices, ao todo 768 homens, o 2.° com duas companhias de caçadores, duas de artilheiros e um total de 438 homens. Mais tarde, tudo isso formou dois Corpos Fixos só de caçadores com seis companhias cada um; um corpo de artilharia, com quatro companhias, sendo uma de artifices, e um esquadrão de cavalaria.

No ano de 1851, houve a reforma geral dos Corpos Fixos. Suprimiu-se um dos batalhões de caçadores de Mato-Grosso; a cavalaria, aumentada, formou meio regimento; continuaram no mêsmo pé artilharia e Pedestres. Em 1860, extinguiram-se todos os Pedestres do Imperio, e os Corpos de cavalaria tornaram-se independentes dos de guarnição. Ao começar a campanha do Paraguai, segundo documentos oficiais, havia, em Mato-Grosso, no papel, 1.327 homens, porem só se reuniram, dificilmente, 600, que estavam disseminados. O corpo de artilharia, auxiliado por indios

e paisanos, defendeu, heroicamente, o forte de Coimbra. Afim de vigiar a fronteira do rio Apa, os poucos soldados do batalhão de caçadores seguiram, com os guardas nacionais, para Miranda. As 130 praças de cavalaria, comandadas pelo bravo tenente-coronel Antonio Dias, acampadas em Nioac, combateram contra os paraguaios no rio Feio e fôram o núcleo em torno do qual se congregaram as tropas na formidavel epopéa da retirada da Laguna.

Em 1870, reorganizaram-se os corpos de guarnição: Mato-Grosso teve o 2.º de cavalaria, que desapareceu com a República.

A provincia de Goiás, pessimamente servida de tropas nos tempos coloniais, teve suas milicias, formadas de 1824 a 1825, e um inútil corpo de Ordenanças em Rio Claro. Em 1836, ali existiu uma companhia de 100 Ligeiros, que, dois anos depois, estavam reduzidos a 39. Em 1841, teve uma companhia fixa de caçadores, transformada, no ano seguinte, em um Corpo Fixo de duas companhias, ao qual se reuniu uma companhia de cavalaria. Em 1860, como essa tropa houvesse desaparecido, o governo creou nova companhia de caçadores. Na grande reforma militar de 1860, extintos os Pedestres, Goiás possuiu um batalhão de caçadores e uma companhia de cavalaria. Ao tempo da guerra com o Paraguai, essa guarnição incorporou-se, em Coxim, á expedição partida de S. Paulo e Minas para invadir o país inimigo. Então, por falta de cavalos, a companhia de cavalaria e as daquelas duas provincias constituiram um batalhão de caçadores a pé, que tomou a designação de 20.º e assim fez toda a campanha.

Após a guerra, coube a Goiás o 1.º Corpo Fixo de cavalaria.

A reorganização militar da Regencia deixou a Baía quasi desprovida de soldados. Seu primeiro Corpo Fixo foi o Deposito de Recrutas, creado em 1837. Em 1842, deram-lhe um corpo de Artifices, considerado fóra da 1.ª linha, que durou até 1860. Em 1843, crearam um corpo de cavalaria, mais tarde denominado Companhia Fixa de Cavalaria Ligeira. Em 1840, as chamadas forças de guarnição baianas elevaram-se, no papel, a quatro companhias de caçadores, duas de cavalaria e uma de Pedestres. As de cavalaria somente fôram organizadas de verdade dez anos depois, em 1860! Então, os caçadores a pé constituiram um batalhão, o mêsmo que brilhantemente atuou na guerra contra o Paraguai. A reforma de 1870 somente concedeu á Baía um corpo isolado de cavalaria, extinto em 1889.

Devido á sua riqueza aurifera, Minas Gerais teve sempre algumas tropas. Em 1828, ainda ali existiam restos das celebres Divisões do Rio Dôce, fundadas por D. João VI, em 1820, afim de defender a população dos ataques dos indios, com o efetivo de 268 homens. Em 1840, passaram a chamar-se Caçadores de Montanha e, depois, a formar duas companhias de Pedestres, ás quais se juntaram uma fixa de cavalaria e duas de caçadores, estas últimas em 1851. Em 1860, acabados os Pedestres, havia quatro companhias de caçadores, que partiram, ao começar a guerra do Paraguai, para Uberaba, com o 17.º de Voluntarios, afim de incorporar-se á expedição de Mato-Grosso. Terminada a campanha, a provincia recebeu uma

companhia fixa de cavalaria, que, reunida á de S. Paulo, deu a base para formação do 9.º regimento de cavalaria de linha, em 1889.

No Maranhão, fôram creados, em 1832, dois corpos de Ligeiros ou Pedestres, para defender dos indios as populações do interior. Houve mais um Deposito de Recrutas, de existencia precaria. No ano de 1840, essas companhias tiveram o nome de Caçadores de Montanha, voltando, em 1847, a ser de novo Pedestres. Sua força era tão mesquinha que o Corpo fixo do Piauí emprestava guarnições ao Maranhão. Em 1850, existiam tres companhias, que, seis anos após, formavam o corpo de guarnição, cujas quatro companhias seguiram para o Paraguai.

No Amazonas, a organização de 1820 estabeleceu um corpo de linha, sem existencia real, que não foi computado na reforma militar de D. Pedro I. Seu primeiro Corpo Fixo data de 1856, com quatro companhias de caçadores e duas de artilheiros. Em 1860, a artilharia teve mais duas companhias. Convem notar que unicamente Amazonas, Pará e Mato-Grosso tiveram artilharia fixa. Os artilheiros amazonenses tomaram parte, no tempo da guerra do Paraguai, na expedição de Mato-Grosso. Finda a campanha, a provincia não teve mais Corpos Fixos.

Durante largo tempo, o Piauí possuiu uma companhia provisória de linha, que, provavelmente, serviu de casco á formação das quatro companhias do seu Corpo Fixo de caçadores, com quatro companhias, que partiu para a guerra do Paraguai e, terminada esta, nunca mais foi reorganizado.

Na Paraíba, a companhia provisória de tropa de linha, ali aquartelada dêsde 1840, tornou-se, em 1847, a Companhia Fixa de caçadores, que, em 1854, se transmudou em Corpo Fixo de quatro companhias e onze anos mais tarde ia para o Paraguai. Em 1870, o governo deu á Paraíba uma companhia isolada, que viveu até 1889.

O primeiro corpo local de S. Paulo foi o Deposito de Recrutas de 1837; o segundo, os Caçadores de Montanha de 1840, 124 homens. Dois anos mais, e havia um batalhão provisório de infantaria, dissolvido como os Caçadores de Montanha, em 1847. Nessa data, S. Paulo passou a ter um Corpo Fixo, composto de uma companhia de cavalaria e duas de caçadores. Estas últimas não chegaram a ser organizadas. Em 1865, essas forças marchavam para a campanha, em Mato-Grosso, e participavam da retirada da Laguna. Em 1870, S. Paulo teve uma companhia de infantaria e uma de cavalaria, esta última transferida para Minas em 1889.

No ano de 1832, creou-se no Espirito Santo, contra os indios bravos, uma Divisão de Pedestres, que, em 1838, contava somente 38 homens; em 1840, passava a ser Divisão de Caçadores de Montanha e, em 1847, desaparecia, quando se formava a Companhia Fixa de caçadores, desdobrada, em 1860, num corpo de duas companhias absorvidas pelo Paraguai. Em 1870, a provincia foi contemplada com uma companhia isolada, abolida pela República em 1889.

Data de 1853 o primeiro Corpo Fixo do Paraná, com duas companhias de caçadores que se incorporaram, em 1865, á expedição de Mato-Gros-

so, e uma de cavalaria, que partiu diretamente para o Sul. Após a luta, o Paraná possuiu um esquadrão de cavalaria, que já não existia mais em 1887.

Posteriormente á reforma geral de 1831, o primeiro corpo creado em Pernambuco foi, em 1837, o depósito de recrutas. Dez anos mais tarde, formavam-se o Corpo Fixo de Cavalaria e a companhia de Artifices. Em 1850, reliquia das milicias irregulares da Colonia, existia ainda um corpo de indios engajados. A reorganização de 1860 deu á provincia um Corpo de Guarnição, composto de duas companhias de caçadores e uma de cavalaria, que, em 1865, embarcava para a guerra. Depois de 1870, houve em Recife uma companhia isolada de cavalaria, extinta em 1889.

Sergipe teve, em 1841, uma companhia provisória de caçadores, transformada em companhia fixa em 1847, dissolvida em 1865, restabelecida em 1870 e definitivamente abolida em 1889. A do Rio Grande do Norte experimentou identicas vicissitudes.

No Pará, organizaram-se em 1839 uma companhia de cavalaria e uma de artilharia. No ano seguinte, a artilharia contava já tres companhias com 216 homens e a cavalaria duas com 207. Em 1842, a cavalaria tinha, de novo, uma só companhia. Pouco depois, as duas armas eram dissolvidas, nunca mais tendo a provincia corpo local nenhum.

As provincias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina estiveram muito tempo unidas, formando uma só. Na segunda, houve, em 1837, um depósito de recrutas; em 1840 uma companhia de

Caçadores de Montanha, dissolvida em 1860, e, em 1870, uma companhia isolada de infantaria que acabou com a República.

Como o Rio Grande do Sul, a provincia do Rio de Janeiro e a Côrte fôram sempre os lugares do Brasil, durante o Imperio e durante a República, mais favorecidos com a parada de tropas, nêles nunca existindo Corpos Fixos. Os soldados dêsses corpos usavam nas barretinas as iniciais das respectivas provincias. Seus caçadores traziam nos ombros chouriças e na cabeça penachos verdes. Diferenciavam-se pelas côres dos paramentos. Os caçadores de Mato-Grosso tinham gola verde, vivos e canhões vermelhos; os da Baía, vivos verdes, gola vermelha e canhões azúes; os do Piauí, mêsmos vivos, gola amarela e canhões azúes; os de S. Paulo, vivos vermelhos, gola e canhões azúes claros; os de Minas, mesmos vivos, gola e canhões azúes; os de Goiás, vivos, gola e canhões vermelhos; os do Rio Grande do Norte, vivos e gola azúes, canhões verdes; os do Espirito Santo, vivos e gola verdes, canhões azúes; os da Paraíba, vivos e canhões azúes, gola verde; os de Sergipe, vivos e canhões verdes, gola azul; os de Pernambuco, vivos azúes, gola e canhões vermelhos. A cavalaria fixa andava com penachos encarnados. A de Mato-Grosso usava vivos, gola e canhões dessa côr; a da Baía, vivos e gola verdes, canhões azúes; as de Minas e S. Paulo, vivos vermelhos, golas azúes claras e canhões azúes; a de Goiás, vivos e canhões das mêsmas côres, mas a gola encarnada; a de Pernambuco, vivos e gola azúes, canhões vermelhos. O penacho dos corpos fixos de artilharia era rubro e negro.

1. Fusileiro, 1852. 2. Caçador a pé, 1852.

Tipos militares, guerra contra Rosas.

O minucioso decreto de 7 de agosto de 1852 pôs fim ás irregularidades e confusões de nossos uniformes e é a melhor fonte oficial de informações acerca das fardas do segundo Reinado. Vê-se por êle que se aproveitaram, quanto possivel, os fardamentos existentes, tanto por economia quanto por tradição. Daí até 1860, nossa indumentaria militar atingiu o maximo de seu esplendor, o que não deixava de ser tambem resultado da influencia que sobre o mundo exerciam as pomposas paradas e os soberbos *carroussels* da França de Napoleão III.

Na maioria, as fardas não fôram mudadas, evoluiram. As do Estado Maior mantiveram o tipo tradicional. Aparece em segundo uniforme a sobrecasaca comprida com uma só ordem de botões e gola bordada. As mangas são lisas. Em passeio, permite-se o chapéu armado, de pasta, coberto de oleado, mêsmo o chapéu redondo civil. A espada dos generais de punho de marfim e guarda simples, em s, é, mais ou menos, a atual. Conservaram-se os bordados de 1823, em identica disposição. O vogal de conselho de guerra passou a usar, na manga, bordados de fôlhas de carvalho semelhantes aos das abas da sobrecasaca. Os ajudantes de campo do Imperador teem alamares e agulhetas do lado direito, tradição que se perpetuou até a casa militar dos presidentes da República. As dragonas dos generais são de canutões simples. As bandas teem borlas achatadas como as dos fiadores.

Os Corpos Especiais pouco mudaram. Deram-lhes dragonas escamentas com presilha de galão, cuja fórma ainda hoje subsiste. Já existiam antes,

mas não oficialmente, por abuso. As borlas das bandas e fiadores aparecem já do mêsmo tipo atual. Os bordados, emblemas e vivos, os mêsmos de 1823. Proibidas as dragonas de canutões exagerados, as pastas enfeitadas e as espadas de fantasia. No pequeno uniforme, se faculta o uso do chapéu de pasta ou de boné redondo e chato, com vivos brancos e galão dourado.

O 1.º regimento de Artilharia a Cavalo recebe charlateiras, canana e lista de calças iguais ás da cavalaria. A artilharia a pé tem vivos carmins para todos os batalhões com as distinções seguintes: 1.º — gola carmim e canhões pretos; 2.º — o contrario; 3.º — tudo preto; 4.º — tudo carmim. A barretina do 1.º era carmim com cordões pretos; a dos outros, pretas com cordões amarelos. Chamavam-lhes guritões, corruptela do termo francês aplicado á barretina de certos corpos —*mirliton*.

Distinguiam-se os quatro regimentos de cavalaria pelos canhões: o 1.º — vermelhos com carcelas azúes; o 2.º — vermelhos sem carcela; o 3.º — azúes com carcela vermelha; o 4.º — azúes sem carcela. De todos, os vivos eram brancos. Esta tradição durou até nossos dias. As golas eram vermelhas, as calças de duas listas e as charlateiras de corrente. Estas viveram até a República. Alem do boné de pano, o 1.º tinha um de couro, com barbicaixo de escamas, e o 4.º, um gorro vermelho, com saco redondo á direita, como dos colbaques e talpaques dos hussares europeus. O 1.º datava de D. João VI, estivera em Ituzaingó e dava guarda e escolta ao soberano. O 4.º trouxera aquela curiosa peça de uniforme do contáto com os gaúchos militares do Prata que a usavam.

Os distintivos dos oito batalhões de fusileiros eram êstes: 1.º — gola branca e canhões vermelhos; 2.º — gola amarela e canhões azúes claros; 3.º — gola vermelha e canhões amarelos; 4.º — gola amarela e canhões vermelhos; 7.º — gola azul clara e canhões amarelos; 8.º — gola amarela e canhões brancos. Os vivos de todos eram encarnados. Rasto de longinqua influencia alemã no nosso Exercito, êsse das distinções pelas côres de golas e canhões que variam, enquanto se mantem nos vivos iguais a côr geral que distingue a arma. Por êsse sistema se reconheciam até a Grande Guerra todos os regimentos germanicos. As calças do 1.º de fusileiros eram de côr mescla; as dos outros corpos, azúes escuras.

O mêsmo sistema na diferenciação dos seis batalhões de caçadores a pé: 9.º (a numeração da infantaria era seguida) — gola e canhões encarnados; 10.º — verdes; 11.º — gola verde e canhões vermelhos; 12.º — amarelos; 13.º — gola amarela e canhões verdes; 14.º — o contrario. Os vivos e listas pretos, os botões e metais bronzeados.

Conservaram-se quasi sem alterações os uniformes anteriores dos Depósitos e Artifices.

Data de 1855 a creação definitiva, após varias tentativas, do 1.º batalhão de Engenharia, que não teve grande uniforme. A Escola Militar só teve fardamento oficial a partir de 1856. Antes, usavam-se unicamente o tópe e as estrelas de cadete na farda comum do corpo em que o aluno verificara praça. Os filhos de oficiais subalternos eram segundos cadetes; os filhos de oficiais superiores e generais eram primeiros cadetes.

Devido ás campanhas sulinas contra platinos e Farrapos, os usos gaúchos influenciaram grandemente as fardas do Exercito, tanto assim que o Governo Imperial foi obrigado a regulamentar o das túnicas de côres vivas, nos corpos montados do Rio Grande do Sul, fantasia tomada aos republicanos de Piratini e que Garibaldi transportou para a camisa de seus voluntarios. O 2.º regimento de cavalaria andava com blusa vermelha, gola, vivos e canhões azúes escuros. Na blusa da mêsma côr do 3.º, os canhões eram azúes claros e, na do 4.º, amarelos. O 4.º e o 6.º de infantaria eram semelhantes ao 3.º de cavalaria. Os invalidos tinham blusas azúes e vivos côr de rosa; os engenheiros, mescla. Nêsse mêsmo ano, suprimiu-se no sul a pasta da cavalaria e proíbiram-se, nos caçadores, botões de massa preta em lugar dos bronzeados.

O ano de 1856 caraterizou-se por um grande melhoramento: a adoção do boné denominado kepi, de tipo francês, em substituição, nos pequenos uniformes, das varias fórmas de bonés e gorros existentes.

Por ordem do Governo Imperial, Luiz Pedro Lecor organizou em 1858 grandes albuns, otimamente gravados e impressos, com minuciosos desenhos coloridos, de todos os uniformes do Exercito, naquêle tempo, obra admiravel e indispensavel, que esclarece completamente a história de nossa indumentaria militar no periodo de seu verdadeiro apogeu.

Então, no Estado Maior fôram suprimidos os bordados no peito e abas das casacas. Mudou-se o tipo das dragonas, o do fiador e o das bandas. Os

generais começam a usar, em pequeno uniforme, talins de cordões dourados, que durarão até 1908, com a sobrecasaca. Os Corpos Especiais não teem mais bordados nas golas e canhões. O képi afugenta de todo o boné redondo. Manteem-se as presilhas das pantalonas, que durarão muito tempo. Os penachos da infantaria não são mais unicamente verdes: suas côres variam.

Os médicos e cirurgiões trazem espadim e uma canana com instrumentos cirurgicos e medicamentos de urgencia. Em 1825, o Imperador regularizara os distintivos dos capelões. Em 1858, deram-lhes fardamento preto, com vivos e banda de prata para os tenentes e de retrós negro para os alferes.

Ha alterações nos Corpos Móveis. O regimento de Artilharia a Cavalo recebe uma barretina cintada e novo uniforme para os clarins. O uniforme dos músicos, tambores, corneteiros e tambores-móres não é mais produto da alta fantasia dos sirgueiros e obedece a um plano geral e coerente. Sobretudo na artilharia a pé. Os tambores teem galões nas costuras, em 2.º uniforme, e peitilhos em grande gala. Nos canhões e na gola, o tambor-mór traz as côres caracteristicas de sua unidade. De acordo com o plano geral dessas fardas do que então se denominava estado-menor, a dos músicos de fusileiros será côr de pinhão e a dos músicos de caçadores, mescla.

Dêsde 1815, a cavalaria não usava botas, influencia da bombacha gaúcha. Havia duas listas sempre nas suas calças. Em 1858, passa a haver unicamente uma. O peitilho dos seus clarins é branco. O 5.º regimento de cavalaria, creado em

1854, tem o mesmo gorro do 4.°, com vivos, gola e canhões vermelhos. Os canhões do segundo passam a ser azúes escuros e os vivos encarnados. A virola superior da barretina roliça que Lecor desenhou só foi usada por alguns corpos e não por todos.

Dá-se grande gala ao Depósito de Recrutas da Côrte, com corneteiros e corneta-mór. Nos fusileiros, varia em primeiro lugar o boné. Os porta-machados ou machadeiros conservam o avental de couro mosqueado e a barretina de pêlo alta, a ursa, o *ourson* napoleonico que durou até depois da campanha do Paraguai. O talabarte dos oficiais a pé começa a ser substituido pelo talim simples, sem pasta.

CAPITULO VI

SECULO XIX. 2.º REINADO; DA GUERRA DO PARAGUAI A' REPUBLICA

Declarada a guerra contra o ditador do Paraguai, o Governo Imperial, imediatamente, aumentou o Exercito, ao mêsmo tempo que abolia os corpos fixos ou de guarnição, incorporando seus efetivos á tropa de linha. Fôram chamados ás armas os guardas nacionais e, ao apêlo dos poderes públicos á nação, responderam milhares e milhares de Voluntarios da Pátria. A infantaria passou a contar 22 batalhões, numerados de 1.º a 22.º, sendo os sete primeiros de infantaria pesada, fusileiros, e os restantes de infantaria ligeira, caçadores. Diferençavam-se nos traços gerais da indumentária e do armamento desta sorte: os fusileiros usavam correames brancos, paramentos vermelhos, espingarda, baioneta triangular e terçado, tocando tambores e pifanos; os caçadores traziam correames pretos, paramentos verdes ou amarelos, carabina e réfle (sabre-baioneta), tocando caixas de guerra e cornetas.

Devido á campanha anterior, do Uruguai, quasi toda a infantaria já se achava no sul; os 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 10.º, 11.º, 12.º e 13.º batalhões.

Relembremos alguns dos apelidos que a soldadesca dava a êsses velhos corpos cobertos de gloria nos combates! O 2.º era o Dois de Ouro, o 12.º, o Treme Terra, o 13.º, o Arranca Tôco, e o 16.º o Glorioso. Afim de se juntarem a êles, logo partiram o 8.º e 9.º. Depois, organizaram-se o 14.º e o 15.º, este com fusis alemães Dreise, de carregar pela culatra. Ambos acabaram incorporados ao 11.º. Ainda acorreram á luta os 17.º, 18.º, 19.º e 22.º. O 20.º e o 21.º seguiram na expedição da Laguna.

O 1.º regimento de cavalaria permaneceu na Côrte, de guarda ao Imperador. O 2.º e o 3.º combateram. O 4.º e o 5.º serviram de bases para a formação de cinco corpos de caçadores a cavalo de quatro companhias e 638 homens cada um.

.O 1.º de artilharia a cavalo, cognominado Boi de Botas, velha tropa gaúcha experimentada em muitas campanhas, teve a secundá-lo um corpo provisório da mêsma arma, o 2.º. Aumentou-se de um batalhão com o numero 5.º a artilharia a pé. Quando rebentou a guerra o 1.º estava no sul e o 2.º em Corumbá. O 3.º e o 4.º partiram para as operações em 1865. Seguiram após, em varias datas, a Escola Militar, o batalhão de engenharia e pontoneiros, e o esquadrão de transportes, formado em 1865, que deveria existir no sul pela última lei de organização do Exercito, dêsde 1860.

Os Voluntarios da Pátria tomaram a mais brilhante parte na campanha já combatendo nos seus corpos, organizados ao primeiro chamamento do país em perigo, já preenchendo os claros abertos pelo inimigo nas fileiras da tropa de linha. A maioria dêsses formidaveis batalhões foi fornecida pelo Norte. Somente a gloriosissima Baía deu

treze, com êstes numeros: 3.º, 10.º, 14.º, 15.º, 23.º, 24.º, 29.º, 40.º, 41.º, 43., 46.º, 53.º e 54.º, alem dos corpos independentes e bizarros, não menos heroicos, no entanto, como os Zuavos e os Couraças ou Couraceiros, vestidos de couro. Seguiu-se-lhe Pernambuco com sete batalhões: 11.º, 21.º, 30.º, 44.º, 51.º, 52.º, e 56.º. Depois, a Côrte com sete tambem, compostos, na sua maioria, de brasileiros de toda a procedencia: 1.º, 2.º, 4.º, 9.º, 31.º, 32.º e 38.º. O quarto lugar coube á provincia do Rio de Janeiro, cujos corpos fôram os 5.º, 6.º, 8.º e 12.º, e á do Rio Grande do Sul com os 33.º, 35.º, 48.º e 49.º. O quinto, ao Maranhão com os 22.º, 36.º e 37.º; a Minas Gerais com os 17.º, 18.º e 27..º; e a S. Paulo com os 7.º, 42.º e 45.º. No sexto lugar, Pará e Piauí, o primeiro organizando o 13.º e o 34.º, e o segundo, o 39.º e o 55.º. Logo abaixo, o Ceará com o 26.º, Mato Grosso com o 50.º, Paraíba com o 25.º, Rio Grande do Norte com o 28.º, e Amazonas, Goiás, Sergipe, Paraná, Santa Catarina e Espirito Santo com os 14.º, 16.º, 19.º, 20.º, 29.º e 47.º.

Muito dêsses corpos fôram, no correr dos acontecimentos, absorvidos por outros, por exemplo: o 6.º pelo 33.º, o 3.º provisório de infantaria da Guarda Nacional de Uruguaiana pelo 40.º de Voluntarios e o 4.º da mesma Guarda pelo 41.º. Em 1870, somente tornaram á pátria êstes batalhões: 17.º, 23.º, 26.º, 27.º, 30.º, 33.º, 35.º, 36.º, 37.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 44.º, 46.º, 50.º, 53.º e 54.º. Aproveitaram-se na regularização dos efetivos dos Voluntarios varios corpos avulsos, como o Batalhão da Imperatriz, a brigada ligeira do general Neto, os voluntarios alemães e os voluntarios paraguaios.

1. Oficial de infantaria (alferes), 1864 a 1870.

2. Voluntario da Pátria, idem.

3. Infantaria de linha, idem.

A guerra obrigou o governo a fazer completa modificação na organização das tropas e nos uniformes. Sentiu-se de modo definitivo a influencia francêsa, que já se acentuava na pomposa indumentaria de 1850 a 1860. Deu-se aos generais o boné francês, o képi de pequeno uniforme, chamado á Cavaignac, por ter sido talvez o general desse nome o primeiro a usá-lo. Êsse képi e a barbicha em ponta, o cavanhaque, fôram carateristicas da época. Conservou-se a sobre-casaca de 1852. As condições climaticas e de luta da zona de operações obrigavam os generais a andar de poncho-pala, de botas fortes, de espadas proprias para os entreveros e mêsmo alguns, como Osorio e Cámara, de lança. Muitos oficiais superiores e subalternos tambem a adotaram. O boné do Estado-Maior e dos engenheiros passou a ser avivado de branco. A artilharia a cavalo uniformizava-se á gaúcha.

O decreto n. 3.620, de 28 de fevereiro de 1866, fez a modificação geral dos uniformes. Ha, na Biblioteca Nacional, um album de figurinos militares, de acordo com êle. Aboliram-se as casacas, as côres regimentais, farda verde dos caçadores e as polainas. Adotaram-se barretinas afuniladas, guritões, com cordões e borlas em primeiro uniforme, e gorros de dois bicos, de serviço, para a tropa, os quais duraram até nossos dias. Os caçadores a cavalo, recentemente creados, receberam o mêsmo uniforme dos caçadores a pé. Finda a campanha, fôram suprimidos. Segundo êsse plano, a artilharia a pé usou granadas na gola, boné e gorro carmim. A sobrecasaca de brim substituiu a fardeta do mesmo tecido. Os regi-

mentos de cavalaria em campanha adaptaram-se ás condições do ambiente.

Por causa da confusão de armamentos, equipamentos e fardamentos, natural nessa ocasião das dificuldades de fornecimentos regulares e da duração da luta, os soldados andavam descalços, de alpercatas, de coturnos, de chapéus de feltro ou pano, de gorro, de képi com capa branca, argelina, ou sem ela. Parece, no entanto, segundo o depoimento de veteranos, pois não ha, a êsse respeito, documentos de outra ordem, que o chapéu distinguia o 2.º Corpo do Exercito, do comando do tenente general conde de Porto Alegre, e o képi, o 1.º, comandado pelo tenente general Osorio. Parece, tambem, conforme identicas informações, que o fundo das capas brancas do képi tinha côres diversas, em variadas disposições, que serviam para diferençar uns dos outros os batalhões de Voluntarios e de linha.

Em vista do diminuto efetivo do Exercito, o grosso das tropas que participaram da pugna era composto de cavalaria provisoria, Guarda Nacional e Voluntarios da Pátria. Para êstes, não houve plano definitivo de fardamento. Os primeiros batalhões apresentaram-se como os do Exercito ou aproveitando fardas das unidades de policia e Guarda Nacional de que se originaram. Mas todos traziam, no alto da manga esquerda, um emblema especial: a corôa imperial sobre uma fita com o dístico — Voluntario da Pátria. Usaram tanto o chapéu redondo, preto, com numero e tópe, quanto o képi-cavanhaque com vivos verdes, amarelos ou vermelhos. Alguns vestiam a blusa denominada gandóla, ampla, pregueada, e gorro

redondo, baixo. A farda dos Zuavos da Baía era quasi igual á dos seus congéneres da Argelia, então muito em voga até nas tropas pontificias. Da companhia de Couraças ou Couraceiros que a Baía formou para o Paraguai, como em 1824 formára outra para a guerra da Independencia, não ficou memória nem documento do vestuario. Êsses soldados encourados prendiam-se a uma antiquissima tradição das nossas milicias sertanejas no periodo colonial.

Terminada a campanha, o Governo Imperial desmobilizou a Guarda Nacional e acabou com os corpos de Voluntarios. O Exercito permanente continuou com a organização anterior, sendo o 5.º de infantaria, que fôra dissolvido após o combate de Surubi-í, em 1868, recomposto com o Depósito da Côrte. O 18.º, que se incorporára a outro por falta de efetivo, foi substituido pelo 22.º. Ficou, assim, a infantaria somente com 21 batalhões. Com os efetivos dos corpos de caçadores a cavalo suprimidos, refizeram-se o 4.º e o 5.º de cavalaria. Não houve mais alterações na infantaria, nem na artilharia. Em 1871, ainda ocupavam o territorio inimigo o 4.º de artilharia a pé, o 2.º de cavalaria e os 7.º, 8.º, 10.º, 11.º, 16.º e 17.º de infantaria.

Os outros corpos distribuíam-se desta fórma: na Côrte e na provincia do Rio de Janeiro, o batalhão de engenharia, o 1.º de artilharia a pé, o 1.º de cavalaria, e o 1.º e o 5.º de infantaria; no Rio Grande do Sul, o 1.º de artilharia a cavalo, o 3.º, o 4.º e o 5.º de cavalaria, e o 3.º, o 4.º, o 12.º e o 13.º de infantaria; em Mato Grosso, o 2.º e o 5.º de artilharia a pé, e o 19.º, o 20.º e o 21.º de infantaria; no Amazonas, o 3.º de artilharia a pé; em Pernam-

buco, o 2.º e o 9.º de infantaria; na Baía, o 14.º da mêsma arma; no Pará, o 11.º; em Santa Catarina, o 8.º. Havia companhias de Inválidos da Pátria em Porto Alegre, Baía, Santa Catarina e no Asilo da Côrte, depósitos de recrutas em Santa Catarina, Pernambuco e Rio; e operarios militares, artifices, nos arsenais carioca, do Rio Grande do Sul, de Mato Grosso, do Recife e na fábrica da Estrela.

No ano de 1874, toda a artilharia foi reorganizada, passando a constar dos seguintes corpos: 1.º regimento de artilharia a cavalo, no Sul; 2.º dito, formado sobre meio batalhão do 1.º de artilharia a pé, na Côrte; 3.º, constituido pelo 4.º a pé, no Paraná e S. Paulo. A artilharia a pé ficou reduzida a quatro batalhões, sendo o 4.º formado pelo antigo 5.º. Segundo a ordem natural de sua numeração, guarneceram as fortalezas do Rio, Mato Grosso e Amazonas, sendo o último repartido pelas guarnições do Pará, Baía e Pernambuco.

Até 1878, não se fez mais nenhuma mudança no plano de organização das forças de terra. Mas, nessa data, êlas fôram grandemente aumentadas. A infantaria teve 27 batalhões; a cavalaria, 10 regimentos; a artilharia a cavalo, quatro; a a pé ficou na mêsma situação; a engenharia ganhou mais um batalhão. Em 1889, pouco antes da República, novo aumento. Contam-se 30 batalhões de infantaria nestas guarnições: na Côrte, 1.º, 7.º, 10.º, 21.º, 22.º, 23.º e 24.º; em S. Gabriel, o 4.º; em S. Luiz, o 5.º; em Uruguaiana, o 6.º; em Cuiabá, o 8.º; em S. Salvador, o 9.º e o 16.º; em Fortaleza, o 11.º; em Porto Alegre, o 13.º e o 30.º; na cidade do Rio Grande, o 12.º; em Belem, o 15.º; em Curitiba, o 17.º; em Alegrete, o 18.º; em S. Luiz de Cáceres, o 19.º;

em Goiás, o 20.°; em Desterro (Florianópolis), o 25.°; em Maceió, o 26.°; na Paraíba, o 27.°; em Rio Pardo, o 28.°; em Pelotas, o 29.°. O Corpo de Transportes ou do trem ficava em Saicã, onde longamente permaneceu. Os dez regimentos de cavalaria tinham estas paradas por ordem natural de numeração: Côrte, Jaguarão, S. Borja, Sant'Ana do Livramento, Bagé, Santa Vitória do Palmar, Nioac, Curitiba, Ouro Preto e S. Paulo. A artilharia de campanha, ficava, na mêsma ordem, em S. Gabriel, Côrte, Curitiba e Bagé. A artilharia a pé, idem, na Côrte, em Corumbá, na cidade do Rio Grande e em Belem. Os dois batalhões de engenharia, no Rio de Janeiro e em Cachoeira.

Dêsde a guerra do Paraguai até 1883, não fôram profundamente modificados os nossos uniformes, que, após essa data, começaram a decair lamentavelmente de seu antigo esplendor, propriedade e valor tradicional. O plano de 1889-90 manteve muitas das mais belas tradições da indumentaria em algumas minúcias. Elas quasi totalmente desapareceram com a transformação de 1894, graças á malfadada influencia do positivismo nas classes armadas.

Em 1872, a artilharia sofrera pequenas alterações no seu fardamento, logo adotadas nas outras armas: galões finos indicando os postos no boné, e perneiras para as praças montadas. Os Corpos Fixos, então restabelecidos, receberam correames pretos. A evolução do armamento corria parelhas com a das fardas. Apareceram as clavinas Spencer na cavalaria e os fusis Comblain na infantaria. Em 1873, tentava-se a adoção do Chassepot. A cinta amarela do boné dos caçadores a pé tor-

nou-se azul, afim de fazer sobresair o galão dourado. Restabeleceu-se a banda vermelha dos sargentos, abolida pela guerra, dando-se-lhes mais a espada. Porta-machados e tambor-mór figuraram somente no 1.º de infantaria, na Côrte. Fôram suprimidos de todos os outros batalhões. Tradicionalmente, os machadeiros eram barbados e, quando não possuiam barbas naturais, usavam-nas postiças. Após a campanha contra López, êsse "ornato" diminuíu de tamanho.

Em 1874, o boné de couro tomou o lugar de todos os outros e a blusa, o da sobrecasaca do mêsmo pano. Os oficiais do 1.º de cavalaria conservaram, por tradição, o pequeno boné de oleado, definitivamente proscripto em 1878. As pastas, listas de calças e perneiras, de quando em vez, sofriam modificações; de outras, eram suprimidas; de outras, restabelecidas.

Na mêsma data, os caçadores a pé tiveram uniformes identicos ao da infantaria de linha. O soldado dessa época, em grande gala, tinha barretina e sobrecasaca com dragonas, calças azúes ou brancas e botinas; em pequeno uniforme, boné de couro, blusa de flanela ou de brim pardo, calças brancas ou pardas. O correame preto dos caçadores se estende a toda a infantaria e á cavalaria por algum tempo. Os oficiais, menos os de caçadores, cujos postos outróra se distinguiam somente pelas dragonas, em grande gala, começam a ter tambem galões nos punhos. A charlateira de pano do pequeno uniforme é substituida por outra de metal, semelhante ás das praças de pret da República, em grande gala. Os oficiais andam, habitualmente, de sobrecasaca desabotoada, mos-

trando o colete branco ou preto de botões dourados.

Em 1883, os cordões encarnados das barretinas dos oficiais são trocados por torçais de ouro e o penacho toma a fórma de coqueiro. Os vivos da engenharia são carmins; as golas e platinas, pretas. Modificou-se o plano geral de 1866, estabelecendo-se novo boné para formatura. Desapareceram as carcelas e os vivos que distinguiam corpos e armas. Então, só existem distintivos de metal: espadas cruzadas, canhões cruzados, granadas, carabinas trançadas. Em certas unidades, surgem passadeiras largas para prender as dragonas; em todas, a sobrecasaca de traspasse, com duas ordens de botões, mangas e punhos apertados.

Dá-se aos recrutas um gorro redondo do tipo usado nos exercitos inglês, espanhol, belga e português. Nas ainda faúlhantes bandas de música, pomposas como a das infantarias do 2.º Imperio francês, estremecem sonoramente as "árvores de campainha ", filhas do velho "chapeau chinois". O fardamento dos músicos é azul mescla. Nas tropas a cavalo, os barbicaixos de torçal preto com borla de fio na ponta, de origem gaúchesca, pendem dos képis. Vieram até a República.

Em 1874, novo plano de uniformes para o Estado-Maior. Em grande gala, plumas variadas, casas de galão na gola e nos canhões. Esteve em uso daí por deante a sobrecasaca de traspasse e gola deitada, com platinas de trança, em segundo uniforme. Em 1881, êsse plano foi substituido por outro e publicou-se um novo para os generais, em que predominava a grande sobrecasaca, com dragonas e canhões postiços, que podia ser usada com

chapéu civil. Em 1888, a maioria dos oficiais generais adotou a sobrecasaca de traspasse e gola deitada, na qual se ajustavam os bordados de gala, em lugar da casaca.

Pouco antes da proclamação da República, decretou-se novo plano geral de fardamento, que, segundo os documentos oficiais, aberrava de todas as tradições e de toda estética. Felizmente, não chegou a ser usado.

CAPITULO VII

SECULOS XIX E XX. BRASIL-REPÚBLICA

Proclamada a República, os quadros do Exercito fôram logo alterados. Acrescentaram-se mais seis batalhões de infantaria aos 30 existentes: o 31.º em Minas, o 32.º em Vitória, o 33.º em Aracajú, o 34.º em Natal, o 35.º no Piauí e o 36.º em Manáus. Mais dois regimentos de cavalaria: o 11.º em Uruguaiana e o 12.º em S. João da Barra do Quaraim. Mais um de artilharia a cavalo: o 5.º, no Rio, e um de artilharia a pé: o 5.º, na Baía, com uma companhia destacada em Pernambuco. Transferiram-se para a Capital Federal o 22.º de infantaria e o 9.º de cavalaria. Em 1894, devido á revolta da Armada, crearam-se mais unidades: quatro batalhões de infantaria, dois regimentos de cavalaria, um de artilharia de campanha e um batalhão de artilharia a pé. Essa organização durou até 1908.

A República fez naturalmente profundas alterações nos uniformes, baixando o decreto de novembro de 1889. Vieram capacetes, alamares postiços e meias botas. Restauraram-se vivos, carcelas, listas e golas de côr a êsmo. Entretanto, os uniformes do começo da República fôram melhores que os do fim da Monarquia. Voltou o antigo as-

péto dos generais e do Estado-Maior. Somente se usavam listas douradas nas calças e chapéu armado a pé. As côres dos penachos servem de distintivos ás armas: azul para o Estado-Maior de 1.ª Classe; azul e encarnado para o de 2.ª; preto e branco para a engenharia; branco para o Corpo de Saúde; carmim e preto para a artilharia; branco e vermelho para a cavalaria: vermelho para a infantaria. Ainda ha capelães de farda negra e banda rôxa, com uma estrela na manga os alferes, duas os tenentes e tres os capitães. O gorro de 1866 continúa em pequeno uniforme.

O segundo plano de fardamentos da República foi o de 1890. Dêsde então, começa nosso Exercito a sair da róta natural da evolução de suas proprias tradições. Datam daí os graves erros contra nossa indumentaria militar, cujo resultado seria a perda quasi completa das linhas, côres, traços, simbolos e emblemas que eram fundamentalmente nossos.

O Colegio Militar adóta a túnica castanha, côr de pinhão, da velha infantaria portuguêsa, dos caçadores do Imperio e dos músicos. O Colegio conservou essa côr por muitos anos até que, no centenario da Independencia, a trocou pela azul celeste, sem a menor razão de ser.

O decreto n.º 1.729, de 11 de junho de 1894, cortou ao meio a evolução natural do fardamento brasileiro, revolucionando toda a indumentaria nacional e estragando todas as nossas tradições. Com êle nasceu a horrivel calça garance e o dolman da cavalaria ligeira européa, imitado através da adaptação portuguêsa, que foi imposto a todos os militares a pé ou a cavalo, com as agravantes da feiu-

ra e da impropriedade. Acompanhou o decreto um album de figurinos coloridos, aquarelados pelo desenhista chéco Mucha, ignorante de tudo o que diz respeito á nossa história militar. Os oficiaes generais adotaram de novo os bordados no peito e nos canhões dos de 1823. Os oficiais puseram nos képis pequenas pêras de metal, erradamente denominadas tópes, horrivel erro de copia das bolas de lã com as côres nacionais dos shakos francêses; em pequeno uniforme, sabre curto e leve, ligeiramente curvo, de punho sem copo, guarda em S e bainha de couro, hoje dado aos sargentos da infantaria.

No mêsmo ano, êsse plano foi alterado pelos decretos n.º 1.834 e 1.903. Um penacho tomou o lugar da pêra metalica. Era verde e amarelo para os generais. Trocaram-se por botinas as incómodas meias botas. Depois, os generais abandonaram as côres nacionais. Suprimiram-se as calças bombachas, que o hábito, no entanto, manteve ainda por uns dez anos. Deram-se á oficialidade galões diversos dos da Monarquia.

Em 1896, trocou-se o cinzento-escuro das túnicas da infantaria pelo azul-ferrete. A campanha de Canudos, mais tarde, apontou os graves defeitos do fardamento em voga e os soldados vestiram-se, em confusão, durante ela, uns á gaúcha e outros á sertaneja.

De 1903 datam os capacetes coloniais brancos empenachados e o dolman para todas as armas. Desaparecem os bordados dos generais. Experimenta-se pela primeira vez o brim káki. As polainas são brancas. Em 1907, as grandes manobras repercutem favoravelmente em todo o país. A

mocidade enverga, com grande entusiasmo, a farda de Voluntario Especial. Pelo decreto n.º 6.971, de 1908, sofre o Exercito uma remodelação completa, da qual se deve datar uma nova evolução. Foi êsse decreto fonte de nova transformação para melhor de nossa indumentaria, parando de vez a decadencia que se vinha acentuando dêsde o fim da guerra do Paraguai. Estabeleceu outra vez as grandes unidades, acabando com os exiguos batalhões que vinham da Regencia, dando-nos os regimentos de tres batalhões ou de tres grupos, que lembram, de certa fórma, os do Brasil-Reino. Extinguiu os chamados Corpos Especiais, que datavam de 1823, compostos de estados-maiores de artilharia, de 1.ª e 2.ª Classes, e os engenheiros. Por essa reforma, o Exercito passou a possuir 45 batalhões de infantaria, numerados de 1.º a 45.º, grupados aos ternos, seguindo naturalmente a numeração, em 15 regimentos; 12 batalhões de caçadores, de tres companhias, numerados de 48.º a 57.º; 13 companhias isoladas de caçadores, cinco de metralhadoras, com tres seções cada uma, e 12 seções de metralhadoras a mais; nove regimentos de cavalaria divisionaria, com quatro esquadrões cada um, numerados de 1.º a 9.º; tres independentes, com os mêsmos esquadrões, de 10.º a 12.º; cinco independentes, de dois esquadrões, de 13.º a 17.º; doze pelotões de estafetas e cinco esquadrões de trem; cinco regimentos de artilharia montada, de tres grupos de tres baterias cada um; cinco baterias de obuseiros de quatro peças; tres grupos de artilharia a cavalo, de tres baterias; dois montados da mesma força; tres batalhões de artilharia de posição de seis baterias; seis de duas baterias; seis in-

dependentes; cinco parques e dezoito colunas de munição; cinco batalhões de engenharia, sendo um ferroviario; dezesete pelotões de especialistas.

Do plano de uniformes que acompanhou essa reforma fundamental, decreto n.º 7.201, de 1908, se originam os que o Exercito usou até os últimos tempos. E' curioso notar na nossa tropa duas evoluções de fardamento inteiramente distintas. A histórica, coerente, logica, inconfundivelmente nacional, tradicionalista, nascida no reinado de D. João VI e morta pelo reinado positivoide das calças encarnadas francêsas. A outra, moderna, absolutamente sem base no espirito nacional, mais ou menos esdruxula, feita de retalhos de cópias do estrangeiro: calças da França, laços das mangas hungaros de origem e italianos de estilização, boné russo ou americano, capacetes prussianos ou coloniais inglêses, dolmans de alamares de cadarço portuguêses, etc., que veiu á luz depois de 1896. Da invenção estapafurdia de 1894, de tão mau gosto como o globo azul estrelado com legenda que estragou a bandeira, somente se conservou a peor por muito tempo: a calça garance. Da velha tradição luso-brasileira muito pouca cousa escapou aos vandalismos: o penacho negro da artilharia, os vivos brancos da cavalaria, as dragonas de escamas em relevo, as borlas dos fiadores de grande gala, os bordados de fôlhas de carvalho dos generais, alguns distintivos de metal como o castelo e a esfera armilar. Quasi nada!

De tal plano resultaram os famosos laços hungaros para os oficiais combatentes, na gola e nas platinas, o uniforme de algodão azul-mescla para serviços internos e a farda de ceremonia,

semelhante á da Marinha. Apareceram com êle ainda os capotes tudescos, esverdeados e de cinta apertada, o equipamento inglês, de lona trançada, sistema Mills, a triste nota dos penachos e capa branca nos bonés americanos que absolutamente não fôram destinados a êsse disparate, isto unicamente nos exercitos chinêses...

Durante a Guerra Européa, nossos oficiais em comissão no estrangeiro usaram, por tolerancia, calções e blusas de flanela káki, tendo estas a gola deitada, á inglêsa. Dela decorreu a adoção do novo uniforme para aviadores e o talabarte, bem como o corte atual das fardas da oficialidade.

O decreto n.º 12.739, de 1917, alterou o plano de organização de 1908, suprimindo os 13.º, 14.º e 15.º regimentos de infantaria, cujos batalhões passaram a ser de caçadores. Estes formaram, assim, 21 unidades, numeradas de 37.º a 57.º. Aboliramse as seções independentes de metralhadoras, aumentando-se com elas o número de companhias da mêsma arma para dez. A cavalaria ficou com quinze regimentos e cinco corpos de trem; a artilharia, com dez regimentos montados, de 1.º a 10.º, de dois grupos de tres baterias cada um, com tres grupos a cavalo de duas baterias, dois de montanha de identica força e cinco de obuses. Os batalhões de artilharia de posição formaram cinco distritos de artilharia de costa. A engenharia dividiu-se em cinco batalhões de engenheiros, um batalhão e uma companhia de ferroviarios.

Em 1919, pelo decreto n.º 3.916, novas modificações. A melhor é a distribuição da tropa por todo o territorio da nação. Restabelece-se uma

das mais arraigadas tradições da vida militar: os batalhões de caçadores com numeração independente. A cavalaria independente toma tambem numeração especial, lembrando os antigos caçadores a cavalo. A divisionaria continúa com seus números proprios. Os batalhões que compõem os regimentos de infantaria deixam a numeração seguida e são numerados dentro de cada regimento. Cada qual dessas unidades tem seu 1.º, 2.º e 3.º batalhões. Esses regimentos passam a ser doze, com esta discriminação: 1.º e 2.º na Vila Militar, 3.º em Niteroi, e, depois, na Praia Vermelha, 4.º dois batalhões em Araraquara e um em S. Carlos; 5.º dividido do mesmo modo entre Pirassununga e Araras, 6.º em Caçapava, 7.º em Santa Maria, 8.º em Cruz Alta; 9.º na cidade do Rio Grande, 10.º repartido entre Juiz de Fóra e Cataguazes, 11.º idem entre S. João d'El Rei e Queluz, e 12.º entre Belo Horizonte e Pará de Minas. Eis a parada dos caçadores a pé: 1.º, 2.º e 3.º no Rio de Janeiro, 4.º em S. Paulo, 5.º em Lorena, 6.º em Ipameri, 7.º em Porto Alegre, 8.º em S. Leopoldo, 9.º em Pelotas, 10.º em Ponte Nova, 11.º em Diamantina, 12.º em Curvelo, 13.º em Joinville, 14.º em Florianópolis, 15.º em Curitiba, 16.º em Cuiabá, 17.º em Corumbá, 18.º em Campo Grande, 19.º na Baía, 20.º em Maceió, 21.º em Recife, 22.º na Paraíba, 23.º em Fortaleza, 24.º em S. Luiz, 25.º em Teresina, 26.º em Belem e 27.º em Manáus. As 22 companhias de metralhadoras fôram espalhadas, na ordem natural de seus números, por estas localidades: Deodoro, Vila Militar e S. Cristovão, no Rio; Niterói, Pirassununga, Rio Claro, Jacareí, S. Paulo, Santa Cruz, Cruz Alta, Porto Ale-

gre, Caxias, Juiz de Fóra, Barbacena, Ouro Preto, Belo Horizonte, Ponta Grossa, Blumenau, Aracajú, Natal, Campo Grande e Corumbá. Os cinco regimentos de cavalaria divisionaria ficaram escalonados, na mêsma ordem, no Rio de Janeiro, Pirassununga, Rosario, Rio Verde e Garapuava (depois em Castro); os onze independentes em Santo Angelo, S. Borja, S. Luiz, Itaqui, Uruguaiana, Quaraim, Sant'Ana, Bagé, Jaguarão, Bela Vista e Ponta Porã. Os corpos de trem distribuiram-se, seguindo seus números, pela Vila Militar, Pindamonhangaba, Margem, Juiz de Fóra e Guarapuava. Os de artilharia a cavalo em S. Luiz (Rio Grande do Sul), Alegrete e Bagé. Os regimentos de artilharia na Vila Militar, em Santa Cruz, Campinas, Itú, S. Gabriel, Cruz Alta, Oliveira, Pouso Alegre, Curitiba, Ponta Grossa e Campo Grande. Os grupos de obuses em S. Cristovão (Rio), Jundiaí, Rio Pardo, Uberaba e Castro. Os grupos montados em Cascadura (Campinho), Jundiaí, S. Gabriel, Pouso Alto e Valença. A artilharia de costa convenientemente repartida por estas guarnições e fortes: os grupos em Santa Cruz, S. João, Itaipús, Obidos e Coimbra; as baterias isoladas em Copacabana, Vigia, Leme, Lage, S. Luiz, Imbuí, Marechal Hermes, Paranaguá, Marechal Luz, Marechal Moura, S. Salvador e Recife. Os batalhões de engenharia tambem por ordem numerica, na Vila Militar, em S. Paulo, Alegrete, Itajubá, União da Vitória e Aquidauana; o batalhão ferroviario em Cacequi e a companhia ferroviaria em Deodoro. Muitos dêsses corpos ficaram por organizar. O referido decreto alterou mais a divisão territorial militar e a organização

das divisões do Exercito, creando muitos serviços novos.

Após essa remodelação, veiu a do decreto n.º 15.235, de 31 de dezembro de 1921.

Por êle, houve as seguintes alterações: na infantaria, o 5.º regimento passou para Piracicaba, o 1.º de caçadores ficou em Niterói, o 2.º em Petropolis, o 3.º na Vila Militar o 7.º em Pouso Alegre, o 9.º em Caxias (Rio Grande do Sul), o 10.º em Ouro Preto; organizaram-se mais o 28.º em Aracajú e o 29.º em Natal, o qual posteriormente passou para Fortaleza, sendo substituido na sua parada pelo 23.º. Continuaram como dantes as companhias de metralhadoras. Crearam-se tres batalhões de infantaria montada, o 1.º em Itaqui, o 2.º em S. Borja e o 3.º em S. Gabriel; duas companhias de estabelecimentos, a 1.ª em S. Cristovão e a 2.ª em Porto Alegre. Na cavalaria, passou-se o 3.º divisionario para Jaguarão, colocou-se definitivamente o 5.º em Castro; abolindo os esquadrões de trem, aumentou-se o número dos regimentos independentes de onze para quinze; mudaram-se as paradas dos seguintes: 1.º para Santiago do Boqueirão, 4.º para Santo Angelo, 6.º para Alegrete, 8.º para Quaraím e 9.º para S. Gabriel; deram-se aos novos estas guarnições: 12.º Bagé, 14.º D. Pedrito, 15.º Vila Militar; o 13.º ficou por organizar. A engenharia sofreu pequena modificação: o 3.º batalhão passou para Cacequi, o 5.º para Curitiba e o ferroviario para S. Pedro. A reforma da artilharia foi muito mais importante. A arma ficou assim organizada: 10 regimentos de artilharia montada, o 1.º na Vila Militar, o 2.º em Santa Cruz, o 3.º em Campinas, o 4.º

em Itú, o 5.º em Santa Maria, o 6.º em Cruz Alta, o 7.º em Juiz de Fóra, o 8.º em Pouso Alegre, o 9.º em Curitiba e o 10.º em Rio Negro; oito regimentos de artilharia pesada, o 1.º em S. Cristovão, o 2.º em S. Paulo, o 3.º em Cachoeira, o 4.º em Uberaba, o 5.º em Ponta Grossa, o 6.º em Anchieta, o 7.º em Ipanema e o 8.º na Margem do Taquari; um regimento de artilharia mixta em Campo Grande; cinco de montanha: o 1.º no Campinho, o 2.º em Jundiaí, o 3.º em Montenegro, o 4.º em Oliveira e o 5.º em Guarapuava; seis grupos a cavalo, o 1.º em S. Borja, o 2.º em Uruguaiana, o 3.º em Bagé, o 4.º em Santo Angelo, o 5.º em Sant'Ana do Livramento e o 6.º em S. Gabriel. A artilharia de costa continuou na mêsma situação. Ficou sendo esta a distribuição das tropas especiais: uma companhia de carros de assalto na Vila Militar, uma companhia de aviação no Campo dos Afonsos; cinco esquadrilhas de observação, a 1.ª nêsse último local, a 2.ª em S. Paulo, a 3.ª em Santa Maria, a 4.ª em Juiz de Fóra e a 5.ª em Porto da União; tres esquadrilhas de caça e tres de bombardeio, as primeiras em Alegrete, as segundas em S. Paulo e as terceiras na Margem do Taquari.

Nos uniformes, houve as seguintes alterações: uniforme branco com divisas douradas para sargentos em passeio; equipamentos especiais para os oficiais, a cavalaria e a artilharia; substituição do 1.º uniforme dos generais pelo 2.º; fim da sobrecasaca e do chapéu armado nas formaturas; capacete alemão na grande gala da Escola Militar, envernizado de branco, com um ferro de machado dourado na cimeira para os in-

fantes e penacho caído, de crinas, branco, para os cavaleiros; emblemas especiais para os aviadores; capacete protetor, "puttees" indianas nas pernas para os soldados da companhia de carros de assalto; chapéus de campanha, de feltro; capacetes de pano káki para campanha; "pelérines" azúes escuras; a fôlha prateada de acanto para os intendentes.

Depois dêsse decreto, as modificações teem sido relativamente pequenas nos quadros e paradas do Exercito. Extinguiu-se a companhia de carros. Crearam-se os regimentos de aviação. Modificou-se por fim a indumentaria, proscrevendo o káki e adotando o brim oliva. As fardas dos soldados passaram a ter a gola dupla e canhões de côr mais escura. As dos oficiais, cinzentas escuras, com calças mais claras, tiveram gola aberta e gravata com os distintivos na gola. Acima dos tópes com as côres nacionais, nos bonés, puseram-se pequenos tópes de esmalte com côres distintivas das armas: vermelho para a infantaria, amarelo para os serviços, etc. Desapareceram os galões, substituidos por estrelas, simples, uma, duas e tres para os 2.° tenentes, 1.° tenentes e capitães, por estrelas sobre raios de ouro, uma, duas e tres para os majores, tenentes coroneis e coroneis, todas nas passadeiras.

Apesar de tais inovações, começou a voltar lentamente o Exercito ao culto de suas tradições gloriosas. Essa reação foi iniciada em 1916 pelo então deputado Gustavo Barroso com seu projeto de restabelecimento, no 1.° de cavalaria, do uniforme dos antigos Guardas de Honra de D. Pedro I, sob o nome de Dragões da Independencia.

Essa idéa, muito combatida, vingou em 1926 e foi realizada. Depois, a Escola Militar adotou em grande gala a farda das infantarias imperiais, creou-se o Batalhão de Guardas com o uniforme tradicional dos antigos Henriques e o Colegio Militar recebeu barretinas copiadas das do Segundo Reinado.

CAPITULO VIII

SECULOS XIX E XX. DA REGENCIA Á REPUBLICA. A GUARDA NACIONAL

A Guarda Nacional, creada pela Regencia para substituir as antigas Milicias e Ordenanças, e abolida pela República, foi uma instituição militar que, á excepção de seus derradeiros anos de decadencia, prestou relevantissimos serviços ao país como reserva do Exercito. Tomou parte em todas as guerras civis e externas do Imperio e nas primeiras lutas intestinas do período republicano. Quando rebentou a guerra do Paraguai, o Governo Imperial mobilizou, pelo decreto n.º 3.383, 14.796 guardas nacionais, que seguiram para o campo de operações, policiaram os sertões ou substituiram os corpos de policia e de guarnição nas capitais das provincias, assegurando a manutenção da ordem interna. Nessa ocasião, só o Rio Grande do Sul levantou 43.500 homens, dos quais 29.200 tomaram parte na luta, a maioria compondo os quadros dos célebres corpos provisorios de cavalaria da Guarda Nacional e da divisão de Andrade Neves. Para a mêsma campanha, partiram, diretamente, guardas nacionais do Amazonas, da Baía, do Ceará, de Minas, de Alagôas, da Paraíba, do Rio de Janeiro e de S. Paulo.

Após sua creação, em 1831, a Guarda Nacional fortemente se bateu no Sul, em 1842, sob as ordens de Caxias, e foi reorganizada em 1851. Sempre se colocou ao lado do Exercito, cabendo-lhe, nas formaturas, o lugar de honra. Ajudou as tropas de linha em todas as emergencias em que foi necessario mobilizá-la. Em 1893, auxiliou, valentemente, o governo legal contra os revoltosos, tanto na defesa do Rio como nos pampas sulinos.

Por fim, a politicalha a estragou, intervindo na nomeação e promoção de seus oficiais, desmoralizando-lhe as patentes, que se converteram em mera fonte de renda para o erário. Outras causas apressaram sua lamentavel decadencia. Foi transformada nos últimos tempos em segunda-linha e acabou morrendo de vez.

Em 1831, os distintivos da oficialidade da Guarda Nacional, na gola, lembravam um pouco os alemães e austriacos de certo periodo: alferes — uma estrela; tenente — duas; capitão — uma esfera; major ou sargento-mór — uma esfera e uma estrela; tenente coronel — duas esferas; coronel chefe de legião — tres estrelas; coronel comandante superior — duas estrelas e uma esfera. Os cabos e inferiores traziam estrelas nas mangas.

A organização de 1851 modificou os uniformes, saindo o decreto respectivo acompanhado de litografias explicativas. Os fardamentos, ao gosto da época, análogos aos do Exercito nas linhas gerais, eram na verdade pomposos.

De 1858 a 1865, houve várias alterações. Deu-se ao 1.° regimento de cavalaria da Côrte o fardamento vermelho e a barretina alta, encordoada de

torçais. O avental dos machadeiros ostentava as armas imperiais.

Depois da campanha do Paraguai, as fardas fôram modificadas para o estilo francês, com os képis cavanhaques. Posteriormente á proclamação da República, usaram-se diversos planos dispendiosos, fantasiosos e variados, quasi sempre adotando o que o Exercito punha em desuso.

A Guarda Nacional figurou ainda na campanha de Canudos. A derradeira vez que formou em público foi numa parada comemorativa do 7 de setembro, no Rio de Janeiro, em 1911.

CAPITULO IX

HIERARQUIA

Quadro hierarquico dos Exercitos Luso-Brasileiro e Brasileiro:

PERIODO COLONIAL	1.º E 2.º REINADOS	REPUBLICA
Anspessada	. Anspessada	. Anspessada (suprimido em 1907)
Cabo de esquadra . .	. Cabo de esquadra . .	. Cabo
Furriel	. Furriel	. Furriel, e, depois, 3.º sargento.
2.º sargento	. 2.º sargento	. 2.º sargento
1.º sargento	. 1.º sargento	. 1.º sargento
1.º e 2.º cadetes . .	. 1.º e 2.º cadetes . .	. Aspirante
Alferes	. Alferes	. Alferes (2.º tenente na artilharia). 2.º Tenente
Tenente	. Tenente	. Tenente e 1.º tenente
Capitão	. Capitão	. Capitão
Sargento-mór . . .	. Major	. Major
	Tenente-coronel . .	. Tenente-coronel
Mestre de campo . .	. Coronel	. Coronel
Brigadeiro	. Brigadeiro	. General de Brigada
Marechal de campo .	. Marechal de campo .	. General de Divisão
Tenente-general . .	. Tenente-general . . .	.
Marechal do Exercito	. Marechal do Exercito	. Marechal

Origem e tradição dos postos hierarquicos:

ANSPESSADA — Do italiano *lancia spezzata,* lança quebrada. O posto data do seculo XVI. O soldado de cavalaria degradado para a infantaria por qualquer motivo tinha a sua lança quebrada, mas como era de categoria superior continuava a ter,

situação distinta do comum das praças da arma em que era obrigado a servir. Em Portugal e no Brasil, o anspessada não fazia faxina, somente dava sentinela das armas e nunca sentinela encoberta, substituindo o cabo nos seus impedimentos. A República conservou a graduação por algum tempo e, depois, a aboliu definitivamente.

CABO — Do latim *caput*, cabeça, chefe.

FURRIEL — Tambem se diz FORRIEL; do francês *fourier*, de *fourrage*, forragem. O encarregado da forragem nos antigos esquadrões de cavalaria.

SARGENTO — Do latim *servientes armorum*, serventes de armas, escudeiros ou cavalheiros de categoria inferior que, nos exercitos medievais, serviam a pé ou a cavalo, como voluntarios. No seculo XVI, creou-se o posto de sargento de batalha. Depois, o de sargento-major ou sargento-mór.

CADETE — Do baixo latim *capitettus*, diminutivo de *caput*, cabecinha, pequeno chefe. Filho segundo de qualquer titular. Soldado nobre e previlegiado, cuja classe foi creada no antigo Exercito Português pelo Alvará de 16 de março de 1757. O filho dos oficiais subalternos podia assentar praça como 2.° cadete; o filho dos oficiais superiores e generais, como 1.°.

ALFERES — Oficial que, outróra, levava a bandeira, a *alférena*. Alferes-mór, o oficial que conduzia a insignia do Rei. Do latim *aquila feris*, o porta-aguia das legiões romanas, ou do arabe *al faris*, o porta-estandarte. E' provavel que pela influencia bizantina, a expressão romana tenha passado para os conquistadores mussulmanos da Pe-

ninsula Iberica, dos quais a herdaram espanhóis e portuguêses.

TENENTE — Do latim *tenens*. O que substitúe um chefe, o que comanda em lugar de outro. Dizia-se primitivamente — lugar-tenente, o que mantem o lugar vago. As linguas alemã, francêsa, etc. conservam essa fórma: ex. *lieutenant*. Daí tenente-coronel, o que substitúe o coronel; lugar-tenente-general ou somente tenente-general o que comanda em nome do marechal ou em nome do rei.

CAPITÃO — Do latim *caput*, cabeça, com passagem pelo baixo latim *capitanus*, o chefe. Diz-se em alemão *hauptmann*, o homem que comanda, e em russo *hetman* ou *ataman*, com o mesmo sentido.

MAJOR — O maior. De sargento-major, sargento-maior ou sargento-mór, tendo caído em desuso a primeira parte da expressão.

CORONEL — Do italiano *colonello*, o comandante duma coluna de tropas. Houve em alguns exercitos o posto de coronel-general para o comandante ou inspetor duma arma: ex. coronel general dos caçadores a cavalo, coronel general da cavalaria.

MESTRE DE CAMPO — Veiu através da história militar de Roma e de Bizancio, do *magister militum*, e do *magister equitum*, comandos militares da milicia e da cavalaria. Passou pela idade média com os "mestres dos besteiros" e chegou aos "mestres dos campos" ou dos acampamentos.

BRIGADEIRO — O comandante da brigada. O posto data do seculo XVI. Dizia-se em alguns paí-

ses: brigadeiro-general. Equivale ao general de brigada. Em França decaíu ao ponto de ser hoje o *brigadier* simples cabo das tropas montadas.

GENERAL — Do latim *generalis*, geral. O chefe geral, o comandante geral dum exercito. O posto generalissimo só se dá ao general que comanda forças de várias nações, porque está acima de varios generais em chefe. A outorga dêsse posto ao general Deodoro, na República, foi, portanto, ridicula.

MARECHAL — Do antigo alemão *marahscalc* o encarregado das estrebarias e dos cavalos do soberano. No seculo X, tornou-se uma das mais altas dignidades militares com o "marechal de campo da hoste ou de batalha". Depois, nos exercitos lusos e espanhóis, o marechal de campo foi o comandante duma divisão ou dum corpo, correspondendo ao atual general de divisão. Ainda nos exercitos germanico, inglês, russo imperial e escandinavos o marechal de campo é a mais alta graduação: *feld-mareschal, field-marsshall.* No Brasil monarquico e em Portugal, o mais alto posto era o marechal do Exercito. No periodo republicano, entre nós, se conservou o gráu de marechal como cume da hierarquia. Mas em França, cujos Marechais de França teem uma antiga e gloriosa tradição, se conserva a lembrança da primitiva humildade do cargo: ex. *marechal-ferrant*, o ferrador de cavalos, *marechal des logis*, o sargento das tropas montadas.

Quadro hierarquico das Forças Navais Luso-Brasileiras e Brasileiras:

PERIODO COLONIAL	1.º E 2.º REINADOS	REPUBLICA
Cabo de armas	. Cabo	. Cabo
Quartel-mestre	. Quartel-mestre	.
1.º e 2.º sargento . .	. 1.º e 2.º sargento . .	. 1.º e 2.º sargento
Praticante	. Aspirante	. Aspirante
Guarda-Marinha . . .	. Guarda-Marinha . . .	. Guarda-Marinha
2.º tenente	. 2.º tenente	. Tenente
1.º tenente	. 1.º tenente	. Capitão-Tenente
Capitão-Tenente . . .	. Capitão-Tenente . . .	. Capitão de corveta
Capitão de fragata . .	. Capitão de fragata . .	. Capitão de fragata
Capitão de mar e guerra	Capitão de mar e guerra	Capitão de mar e guerra
Chefe de Divisão . . .	. Chefe de Divisão . . .	. Contra-Almirante
Chefe de Esquadra . . .	. Chefe de Esquadra . . .	. Vice-Almirante
Vice-Almirante	. Vice-Almirante	.
Almirante	. Almirante	. Almirante

Origem e tradição dos postos hierarquicos:

CAPITÃO DE MAR E GUERRA — Corruptela da expressão Capitão de Náu de Guerra. Os navios de alto bordo eram, no tempo da navegação a vela, as corvetas, as fragatas e as náus de guerra. Havia, portanto, capitães de corveta, de fragata e de náu de guerra.

ALMIRANTE — Do arabe *amir-al-bahr*, o chefe do mar, o comandante do mar. O posto data do seculo XIII, quando aparecem em França os primeiros generais-almirantes.

1. Arcabuz (ou mosquete) de mecha. Seculo XVI.
2. Arcabuz (ou mosquete) de rodete ou roda. Seculo XVII.
3. Pistola de rodete. Seculo XVII.
4. Pistola de pederneira. Seculo XVIII.

Armamento das antigas tropas, do seculo XVI ao seculo XVIII

1 2 3 4 5 6

1. Espingarda ou granadeira de pederneira, Tower ou Barnett, para infantaria de linha, i. é. fusileiros.
2. Baioneta triangular para a mêsma arma.
3. Carabina do mêsmo sistema para infantaria ligeira, i. é. caçadores a pé.
4. Espadas-baionetas dos caçadores a pé.
5. Clavina de pederneira para cavalaria.
6. Pistola de pederneira.

Armamento do Exército Brasileiro, de 1830 a 1860

1. Espingarda ou granadeira de fulminante, sistema Minié, para infantaria de linha, i. é. fusileiros.
2. Baioneta triangular para a mêsma arma.
3. Carabina do mêsmo sistema, para infantaria ligeira, i. é. caçadores a pé.
4. Réfle ou sabre-baioneta para essa arma.
5. Clavina do referido sistema para cavalaria ligeira, i. é, caçadores a cavalo.
6. Pistola de fulminante usada pela cavalaria.

Armamento do Exército Brasileiro, de 1860 a 1870

Capitulo X

ARMAMENTO

Brasil-Reino:

Infantaria pesada ou de linha, granadeiros e fusileiros: *espingardas* de pederneira Tower e Brown Bess, calibre de 19 m/m, com baioneta triangular; chilfarote ou terçado; alabarda ou pique para os sargentos; espadas retas para os oficiais.

Infantaria ligeira, caçadores a pé: *carabinas* de pederneira Tower ou Brown Bess, calibre de 19 m/m, com baioneta triangular ou de lámina, ou sem baioneta.

Cavalaria: *clavinas* de pederneira Tower ou Brown Bess, calibre 17 m/m e 19 m/m; lanças de meia lua abaixo da choupa; sabres curvos de copo singelo; pistolas de pederneira de calibre de 19 m/m.

Artilharia: canhões de bronze de calibre entre 85 m/m e 140 m/m, com alma lisa, de carregar pela bôca.

1.º Reinado:

Infantaria de linha, fusileiros: o mêsmo armamento, salvo o dos oficiais que usam sabres ligeiramente curvos, de cópos abertos.

1 — Colonia e 1.º Reinado.
2 — 2.º Reinado.
3 — Republica.

Lanças da eavalaria brasileira (tipos principais).

Infantaria ligeira, caçadores a pé: o mêsmo armamento com espadas-baionetas em presilhas laterais nas carabinas.

Cavalaria: os mêsmos sabres e pistolas; lanças simples.

Artilharia: idem.

2.º Reinado:

Infantaria de linha, fusileiros: *espingardas* de fulminante, Minié, de varias marcas, raiadas e não raiadas, de calibre de 16 m/m, 14,8 m/m e 14 m/m, com baioneta triangular; sabres curvos de copos abertos para os oficiais; pistolas de fulminante de calibre 14 m/m; revolvers Colt de 10,7 m/m, e Lefaucheux de 10,8 m/m.

Infantaria ligeira, caçadores a pé: *carabinas* de fulminante, Minié, de varias marcas e calibres, com sabres baionetas ou iatagans.

Cavalaria: *clavinas* de fulminante, Minié, de varias marcas e adarmes; sabres curvos, grandes, de copos abertos: revolvers Colt e Lefaucheux; pistolas de arção Minié, lanças encruzetadas abaixo da choupa.

Artilharia: canhões raiados La Hitte, Paixhans e Withworth, de calibre variando entre 90 e 130 m/m de carregar pela bôca.

Em 1851, na guerra contra Rosas, experimentaram-se fusis alemães Dreise, de agulha, de retro-carga, modelo de 1841. Na guerra do Paraguai, experimentaram-se os Dreise de 1857. No fim da campanha, puseram-se em uso para a infantaria as espingardas de retro-carga e tiro simples Robert, as clavinas Lindner de 14,66 m/m. Em 1873, houve uma experiencia frustrada dos Chassepot para a infantaria. Dessa data em dian-

1. Fusil Dreise, de agulha, modelo prussiano de 1857, usado pelo 15.º batalhão de fusileiros na tomada do reduto do Estabelecimento e depois abandonado.
2. Clavina Spencer, usada pela cavalaria na campanha das Cordilheiras.
3. Revolver sistema Lefaucheux, usado pelos oficiais.

Armamento do Exército Brasileiro durante a guerra do Paraguai

1
2
3
4
5
6

1. Espada do seculo XVII, rapieira.
2. Espada de Milicias, seculo XVIII. Lámina do seculo XVII com punho feito no interior do Brasil.
3. Espada de oficial de infantaria, epoca de D. Maria I.
4. Sabre de cavalaria, 1820 a 1840.
5. Sabre de cavalaria, 1850 a 1870.
6. Chilfarote de infantaria de linha, 1800 a 1830.

Armas brancas do Exército Brasileiro e das tropas coloniais

te, adotaram-se as espingardas Comblain de retro-carga e tiro simples, de 11 m/m. as clavinas Remington e Winchester de 11 m/m. Foi êsse o armamento que encontrou a República. As lanças, pelo modelo de 1881, voltaram a ter a meia lua abaixo da choupa, porém muito diminuida.

República:

Ao principio, para a infantaria, vieram as espingardas Mannlicher de 6,5 m/m. Mais tarde fôram substituidas pelas Mauser, modelo brasileiro, de 7 m/m. Todos os sabres de oficiais e praças de todas as armas passaram a ter copos fechados. Adquiriram-se lanças Ehrardt. As Comblain, relegadas para as policias estaduais, acabaram definitivamente banidas. E dotou-se o Exercito com as mais modernas armas automaticas e canhões do Creusot e Krupp.

A Marinha, que dò fim do Imperio aos primeiros tempos da República tivera armamento Kropatschek de 8 m/m. adotou o mêsmo armamento que o Exercito.

II PARTE

HISTÓRIA DAS GRANDES CAMPANHAS MILITARES

CAPITULO I

O BRASIL-NAÇÃO

A verdadeira história militar do Brasil começa com a Nação e a Nação surge no dia em que a corôa da Metropole vem para o continente americano. Até então, eramos simples colonia. Depois, somos um Reino.

O principe-regente d. João vira-se premido, no vasto campo das lutas européas que a grande agitação revolucionaria de França tinha provocado, entre o poder terrestre de Napoleão e o poder maritimo da Inglaterra. Para um país pequeno, colonial, pobre e dependente do mar como Portugal, que não possuía fronteiras a entestar com o Imperio Francês, a força da Grã-Bretanha era de muito maior importancia. Entretanto, através da politica espanhola, primeiro, e da propria Espanha, mais tarde, as garras da aguia napoleonica se estendiam para o pequenino Reino lusitano. D. João bordejou, tergiversou, fugiu ás situações definidas, esquivou-se como lhe foi possivel até que um dia seu mesquinho jogo de Maquiavel mediocre teve de ceder ante os impositivos da força bruta: as testas das colunas de Junot entravam pelas fronteiras.

Pobre D. João! Entregar-se á França, aderindo aos bloqueios, obedecendo ás ordens do Ditador da Europa em tudo e por tudo, com um eterno

amen nos lábios, era tão perigoso quanto desafiar sua colera. Além da definitiva abdicação da vontade, ficaria sujeito á ambição de qualquer parente ou marechal condecorado pelas vitórias que desejasse talhar mais um reino na imensa carcassa continental. Demais, os inglêses possuiam o dominio inconteste do mar. Suas esquadras, dêsde Abukir e Trafalgar, cruzavam triunfalmente no Mediterraneo e nos Oceanos. Apoderar-se-iam das colonias, impediriam a navegação e acabariam o comercio. Quando poderia recuperar o Reino infeliz seu imperio colonial e sua independencia, embora esta fôsse relativa?

O partido dos inglêses oferecia mais duradouras vantagens. Podia-se perder a metropole, talada pelas invasões, mas salvava-se tudo o que estava no Ultramar e, nêsse acervo, o Brasil, joia a mais esplendente da corôa real. Mais tarde, quando porventura o novo Cesar caísse em novos idos de março, se restabeleceria a fortuna nas terras européas. Acuado pela alternativa, o principe entregou seu destino, como os gregos deante dos persas, ás muralhas de madeira da Inglaterra naval.

O que fugiu de Portugal pelo estuario do Tejo, tremendo de pavor das baionetas francêsas que pareciam coroar já as colinas da velha capital das navegações e das conquistas, não foi, como se pensa vulgarmente, tão só um rei medroso e uma côrte de parasitas apavorados; mas, com êsse rei e essa côrte, todo o aparelhamento duma nação. Mudou-se nèsse dia o conceito de Nação da margem européa para a margem americana. Tanto assim que o principe a organiza do outro lado com arsenais, bibliotecas, escolas, academias, ban-

cos, arquivos, fábricas, instituições, tropas e bandeira. Até um jardim botanico. Êle procura esquecer o que ficou na Europa e só cuidar do que lhe fica diretamente sob os olhos. O Brasil, de ora em deante, é o seu Reino, talvez o seu unico Reino, embora no papel esteja unido a Portugal que o pé das infantarias de Junot e de Massena vão percorrer, patinhando em lama e sangue. Por isso, significativamente proclama guerra a Napoleão, em nome do "novo Imperio que vinha crear".

Assim nasce a Nação Brasileira. Tudo o mais, a propria independencia em setembro de 1822, é corolario. Em todos os aspétos da vida e das atividades nacionais, o fenómeno se verifica. Com o Brasil-Reino, na milicia aparecem nossas primeiras forças regulares, nossos primeiros grandes chefes ombreando com os chefes europeus, generais nascidos no Brasil, guerreando e comandando com o mêsmo uniforme abrochado de palmas de carvalho que os generais nascidos em Portugal. O Brasil deixou de ser uma colonia com toda a *capitis diminutio* colonial. É um Reino com todos os direitos regalengos. E uma nação igual á outra, da qual não é mais dependencia e á qual está *unida*. Nela se acha agora o governo. E é, além disso, no blóco luso-brasileiro, no Janus creado pela fraqueza de d. João e pela sua astucia deante dos poderes rivais da Inglaterra e de Napoleão, a face que olha o futuro, batida em cheio de sol tropical, enquanto a outra face olha o passado glorioso, já se embuçando nas brumas do inverno europeu...

O Brasil que o principe-regente vem encontrar é o Brasil já liberto de todos os assaltos estrangeiros e do constrangimento da linha marca-

(As partes riscadas são as conquistas de D. João VI).
Territorio do Brasil Reino e a Linha de Tordesilhas.

da pelo tratado de Tordesilhas. As nossas bandeiras, na sua formidavel expansão — filha do espirito inquieto da America, a tinham rompido em todos os sentidos: era brasileira a terra dos sertões e araxás que se extende para o Oeste, brasileira a terra ao Norte e do Mar Dôce amazonico e brasileira a terra abaixo da ilha de Santa Catarina.

Ao septentrião, a Guiana é francêsa. Ao meio-dia, o vice-reinado do Prata, já estremecendo ao frémito dos anseios de liberdade e dos regionalismos separatistas, ainda é espanhol. D. João manda uma expedição sob o comando do tenente-coronel Manuel Marques d'Elvas e do commandante inglês Yeo contra a colonia dos francêses. São soldados nordestinos, oficiais lusos e brasileiros, marujos inglêses, que combatem á margem do rio Torcy, tomam trincheiras, fortins e canhões. Depois, aproximam-se de Caiena. Entregue aos proprios recursos, graças ao bloqueio britanico, a guarnição francêsa capitula. Estabelece-se o nosso dominio naquela parte do continente que olha para o mar das Antilhas. A dominação do Brasil-Reino dura até 1817 e cobre de beneficios aquela terra, como cobriu de beneficios o Uruguai, no dizer de seus proprios historiadores. Ao Sul como ao Norte, os mêsmos efeitos devidos á paz, á ordem e ao respeito á autoridade.

Herdeira de Fernando VII de Espanha, dona Carlota Joaquina, esposa de d. João, alimentava certas pretensões a um trono no Prata, onde já brilhavam as primeiras labaredas republicanas assopradas pelas idéas do seculo XVIII através do fogaréu revolucionario francês. O incendio demagogico, ganhando as macegas dos pampas, acorda

os instinctos dos GAUCHOS MALOS. As figuras dos caudilhos perfilam-se nos horizontes ensanguentados, com as compridas lanças em punho e os ponchos esvoaçando como a bandeira das ambições populares que êles condensam e não teem genio para definitivamente plasmar. Fervem intrigas. Ainda no fundo de toda essa ebulição fermenta, dum lado, o velho sonho luso de pôr os pés no Prata, — Reno do continente; do outro, o velho ideal castelhano de chegar até a ilha de Santa Catarina, restabelecendo o meridiano rompido pela audaciosa bota bandeirante. Os sonhos chocam-se no sub-consciente dos povos. E, sobretudo, bate fôfamente as asas de morcego o receio da propagação das novas idéas.

Do mêsmo modo que a expedição de Marques d'Elvas rumou para o Norte, a expedição de D. Diogo de Souza moveu-se para o Sul. Dela decorre, poucos anos mais tarde, a definitiva conquista do Uruguai, que tornou o Brasil-Reino o maior Brasil que houve até hoje, dono da Guiana, no septentrião e da Cisplatina no meiodia, a cabeça no mar das Antilhas, as plantas dos pés beijadas pelas aguas barrentas do estuario platino, cujos filhos podiam ver de Caiena a Estrela Polar do outro hemisferio, como viam de todo o corpo da Pátria o altar de estrelas do Cruzeiro do Sul.

CAPITULO II

GUERRA CONTRA ARTIGAS
(Campanha de 1811 e 1816-1820)

A perda de suas tradições é um dos males que mais podem afligir uma nacionalidade. Sendo o homem a continuidade moral e fisica de seus pais, a nação é a continuidade fisica e moral das gerações unidas pela experiencia e pela sucessão dos fátos através dos seculos. Tiveram as doutrinas individualistas, materialistas ou positivistas, nascidas da filosofia racionalista do seculo XVIII, o condão de guerrear o passado, como se êle não fosse o que de verdadeiramente sólido possúe a humanidade. A Revolução francêsa alterou até o nome das cartas de jogar. O positivismo mudou o calendario. O marxismo pregou a abolição da propriedade, da religião e da moral.

Sofremos no Brasil o reflexo das teorias aí ligeiramente referidas e procuramos esquecer a nossa história. Sobretudo depois da proclamação da República, nasceu a escola dos maldizentes da patria, ás vezes até por mal compreendido patriotismo. Para êles, promanamos de tres raças inferiores, tivemos como primeiros povoadores degredados, albergamos todos os vicios e cometemos as mais negras injustiças, fazendo guerras imperialistas aos nossos mansos, pacificos, inocentes

vizinhos do Prata. Coitadinhos!, O Brasil era um D. Quixote espaventoso e ridiculo que, quando lhe dava o aluamento, arremetia com a lança gaúcha em riste contra aquêles miseros rebanhos indefesos... Ainda conhecemos hoje os derradeiros contadores dessas caraminholas.

O resultado foi o abandono em geral do que é nosso, eminentemente nosso, somente nosso, em todas as manifestações da atividade e do pensamento. Esquecemos a tradição histórica e a tradição popular, passando a viver alheios ao nosso meio. Os nossos grandes poetas e os nossos grandes escritores preferiram cantar a Grecia, a India e a França. Bastava uma cousa ser brasileira, produto inteletual ou industrial, para não prestar. Todos lhe torciam a cara. E assim vivemos até que Euclides da Cunha nos chicoteou a face com *Os Sertões*, obrigando-nos a mudar de rumo e a refazer, agora pelo espirito somente, o caminho das bandeiras, descobrindo o ouro da nossa história e do nosso folclore. E, nêsse redescobrimento do Brasil, os temas de heroismo, de grandeza, de alto sentimento patriotico geralmente só se vão buscar no Brasil monárquico, como se nêle a Patria se houvesse definitivamente estratificado em seus principios e, depois dêle, sucedêsse um periodo que não sentimos mais nosso, que escapa ao nosso proprio sentimento brasileiro.

Entre as inverdades proclamadas durante a estagnação da nossa memoria historica a que aludi, uma das maiores é a de que não temos tradições militares. Naturalmente, não somos um povo eminentemente guerreiro, mas somos um povo que se formou na constancia das lutas e dos sacrificios, de maneira que o fator militar foi um dos

maiores na sua formação. A espada, primeiro, e a cruz, depois, marcam os alicerces da nossa vida. O bandeirante e o jesuita moldaram um o nosso corpo, o outro a nossa alma. E quem puser de parte, na avaliação do que seja o Brasil, a nossa história militar e o nosso sentimento religioso, os dois valores positivos mais fortes e continuos da nossa formação, não conhece a vida brasileira ou procede com evidente má fé.

O Imperio teve em conta êsses valores tanto quanto lhe foi possivel e por isso o seu perfil se altana nos nossos horizontes. A república procurou, mais do que esquecê-los, matá-los e eis por que sua historia é como que uma planicie tristonha. Nossa geração é a que até agora mais tem pousado os olhos no passado, batalhando por êle, estudando-o, ressurgindo-o, tornando-o interessante e estimado. Modestia á parte, é um titulo de orgulho legitimo. E não é saudosismo doentio, mas amor do que foi como conquista do espirito nacional e lição para o que ha de vir.

O Brasil se constitúe defendendo o litoral de piratas e conquistadores: inglêses, francêses e flamengos; expandindo-se para o Ocidente, para o Norte e para o Sul. Todos nós conhecemos essas epopéas assombrosas dos nossos antepassados. Como, no curso que temos de fazer, só nos devamos ocupar das guerras nas regiões do Prata, a expansão bandeirante para as divisas meridionais é a unica que diretamente nos interessa, como sendo a raiz de todas as questões suscitadas para aquelas bandas.

De acordo com o famoso tratado de Tordesilhas, o Brasil não poderia passar, rumo do meiodia, além de Laguna, em Santa Catarina. O meri-

diano riscado pelo papa a isso se opunha. Mas o bandeirante alí estava para recuar êsse meridiano com a ponta de sua espada. Entre Laguna e Buenos Aires, a terra ficára devoluta, inçada de onças e de indios, aqui e ali percorrida por gados alçados e amontoados. Os espanhóis haviam fundado Buenos Aires, no estuario do Prata e Assunção, no curso superior do Paraguai. A Banda Oriental continuava, porém, deserta. Os indios Minuanos e Charrúas obstavam ao seu povoamento. O Rio Grande tambem estava deserto. E somente os jesuitas se infiltravam pelas Missões. O resto eram chamados campos da Vacaria ou da Vacaria do Mar, onde galopava, livre, o lanceiro guarani e escouceavam as manadas selvagens á beira das sangas, cujas aguas alumiavam sob o céu azul espanado pelo minuano.

O colonizador português não se podia contentar em ficar na altura de Santa Catarina á espera que o espanhol se expandisse para o norte até ir ao seu encontro. Os imperativos do seu temperamento e das suas necessidades de defesa levaram-no a caminhar para o castelhano, inimigo tradicional e lindeiro dêsde a Peninsula. Avançou para o Prata, que o seu instinto lhe indicava como única fronteira natural, segura, uma espécie de Reno americano; avançou para o Prata pelo lado do mar e pelo lado do sertão, como se sentisse a necessidade de englobar nêsse amplexo todo o sul do futuro Brasil. Em 1680, fundava em frente de Buenos Aires, banhada por aquelas aguas disputadas, a famosa Colonia do Sacramento, pomo de discordia perene, padrão da audacia, da coragem e do grande sentimento da unidade brasileira que animou os nossos avós. Mais tarde, os

Paulistas levavam seu violento ataque ás Missões do Uruguai e faziam tremular a bandeira crucigiada de verde nas ruas de Villa Rica, no coração do Paraguai.

De então por deante, choques e contrachoques se sucedem. Os portuguêses não pódem povoar a Bahia Oriental, mas os paulistas Brito Peixoto e Brito Guerra fundam a vila da Laguna, base de seu avanço para o sul, e o Rio Grande começa a ser povoado. Em 1726, o governador espanhol Zavala funda Montevidéu com 36 pessôas trazidas de Buenos Aires. A praça da Colonia é tomada, retomada ou trocada pelo territorio das Missões, de accordo com a oscilação das guerras e tratados de paz, na Europa, entre as metropoles rivais. Em 1750, demo-la aos espanhóis e recebemos as Missões. Em 1761, recebemo-la e restituimos as Missões. Em 1777, ficamos sem ambas. Em 1801, conquistamos a segunda e levamos a fronteira até além do Serro Largo e de Santa Tecla, aparecendo na nossa historia, então, nomes que seriam os de dinastias de centauros e de heróis: Marques de Souza, Tomás Osorio, Corrêa da Camara.

Em resposta ás nossas invasões, os espanhóis tambem nos invadem. A guerra chamada do Pacto de Familia, na Europa, faz o governador Zeballos atravessar a raia e trazer seus soldados até a ilha de Santa Catarina, em 1763. Dez anos mais tarde, a invasão de Vertiz conquista o sul do Brasil e nêle se mantem até 1776.

Assim, quando D. João VI chegou ao Brasil, fugindo ás garras da aguia napoleonica, era já longa a tradição dêsse litigio de fronteiras. Para as plagas americanas, o Principe Regente trans-

Limites do Brasil com o Estado Oriental segundo os tratados de 1750 e 1777.
1 — limite do tratado de 1750
2 — " " " " 1777

portava a côrte e o espirito de organização do velho reino lusitano. Os olhos do novo governo voltaram-se para a milicia e verificaram a sua importancia em face dos problemas a resolver. Crearam-se as Academias Militar e de Guardas-Marinhas, a Fabrica de Pólvora, os Arsenais, o 1.° Regimento de Cavalaria, ainda hoje com o mêsmo numero e a mêsma guarnição, os corpos de caçadores do Norte e do Nordeste, núcleos daquela infantaria *incomovible* que assombraria os platinos, e as companhias de artilheiros.

Fortalecido, o governo real pôde aproveitar-se da situação européa, perturbada continuamente pela estrategia de Napoleão, mandando o soldado nordestino aliado ao marujo inglês conquistar a Guiana Francesa e estendendo as mãos para além dos lindes meridionais.

Processava-se, então, a primeira fase da fragmentação espano-americana em torno de nós. Os vice-reinados desagregavam-se e era asado o momento para a consolidação e a retificação do perimetro heroicamente traçado a ponta de espada pelo bandeirante. Êste cumprira sua missão histórica. A geração do seculo XIX não teve forças para completá-la, embora durante as primeiras décadas o pretendesse. A do seculo XX passou a ter outras preocupações.

Então, surge a cavalo, hirto no seu uniforme azul filetado e paramentado de vermelho, dominando a ondulada vastidão das coxilhas, a figura heroica de D. José Gervasio Artigas. É o grande adversario que o Brasil Real vai encontrar pela frente, vai derrotar, vai atirar longe de sua patria; porém cujo espirito ficará animando os seus patricios e dando-lhe forças para um dia, entre

a ambição argentina e o imperialismo brasileiro, constituir a pátria uruguaia. É o herói epónimo de seu povo, a figura de gesta e de lenda, nimbada dos exageros do patriotismo neurastenico das pequenas nações, que o verbo sonoro de Zorrilla de San Martin canta na *Epopeya.*

Artigas nasceu em Montevidéu no dia 19 de junho de 1754, e recebeu, como era natural no meio e na época, deficiente educação. Foi creado no campo como um verdadeiro gaúcho, de poncho e chapeirão soqueixado, a faca enterçada de prata no cano da bota de pôtro. Boleando novilhotes, pegando os touros á unha; comendo o churrasco sangrento, sorvendo o mate amargo, domando os baguais. Vida rude entre pastores e indios na extensão verde dos pampas, ao açoite do minuano, sob o ouro do sol ou a luz tremula das estrelas, ela lhe temperou a alma de uma energia inesgotavel, o plasmou pelo espirito e pelo coração ao ambiente, o tornou o representante, a expressão, o expoente, o resultado daquêle povo ainda informe, branco, negro e charrúa. Por isso, os gaúchos broncos lhe pediam a benção e, desbarretando-se, o chamavam *el padre Artigas.*

Em 1797, instituindo na Banda Oriental o famoso Regimento de Blandengues ou lanceiros, que ainda hoje existe e usa seu antigo uniforme, nêle se incorporou como tenente. Em 1810,, era capitão. Combateu contra os inglêses. A revolução argentina de maio encontrou-o pronto a colaborar com ela. Á frente de pequeno grupo de negros lanceiros, dois dos quais o acompanhariam ao desterro e um mêsmo lhe sobreviveria, apresentou-se á Junta de Buenos Aires, que lhe

deu o posto de tenente-coronel e o reforçou com as tropas de Belgrano vindas do Paraguai. Por toda a campanha, a gaúchada, amarrando as facas á ponta de varas para ter lanças, rebelou-se contra a Espanha. Os castelhanos eram batidos em Las Piedras. E Artigas investiu Montevidéu.

Foi quando o governador Elio aceitou a colaboração de D. João VI, que declarara, já em 1808, estar resolvido a tomar o Vice-Reinado do Prata, presa da anarquia, sob sua real proteção, senão faria causa comum com a Inglaterra contra a Junta de Buenos Aires, a qual se não atemorizou. D Carlota Joaquina, mulher do Principe Regente e irmã de Fernando VII, rei de Espanha, tecia as malhas de suas intrigas politicas, julgando-se, como princeza espanhola, com o direito de vigiar o que se passava nas possessões de sua familia. Entabolou relações com agentes do Prata no sentido de ser proclamada soberana do nosso país, plano que D. João VI via ao começo com alguma simpatia; mas, depois, repeliu *in limine*. Desta ou daquela fórma, a côrte do Rio de Janeiro estava interessada no pleito que se feria no Prata e em relações constantes com os diversos elementos que ali se iam manifestando. Em seguida á rebelião de maio de 1810, a propria junta revolucionaria portenha escrevera a D. João VI, participando o que ocorria e assegurando sua fidelidade a Fernando VII. Êles se insurgiam contra o soberano ilegitimo e imposto pela força, não contra o legitimo. A idéia da independencia foi um corolario natural.

A resistencia do governador Elio em Montevidéu permitiu ao Principe Regente propôr-se

Intervenção do Brasil no Estado Oriental em 1811.
Itinerário do Exército Pacificador de D. Diogo de Souza.

como mediador e a sua mulher continuar seus planos. Em fevereiro de 1811, o ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho aconselhou D. João a atender aos desejos da princêsa e a socorrer Montevidéu sitiada pelos gaúchos de Artigas e os argentinos de Rondeau, embora mandando as tropas luso-brasileiras sob o comando de generais hespanhóis. Aceito o alvitre, D. Diogo de Souza, conde do Rio Pardo, capitão general do Rio Grande, recebeu ordens para penetrar no territorio espanhol e "pacificar" aquelas terras "sem conquistá-las". Era de novo a marcha vitoriosa de nossas bandeiras rumo do Prata que retomavamos em obediencia a um como determinismo histórico.

Reunido no sul o Exercito Pacificador da Banda Oriental, D. Diogo de Souza o divide em duas colunas comandadas por Manuel Marques de Souza e Joaquim Xavier Curado, e compostas quasi exclusivamente de tropas brasileiras: legionarios paulistas, milicianos gaúchos, dragões da fronteira, lanceiros guaranis. Concentrou-as em Bagé e marchou para Montevidéu a 17 de julho de 1811. (*) Iniciava um grande e belo passeio militar. Transpunha o Jaguarão sem empecilho, apesar da pretenciosa intimação do coronel Rondeau, ocupava Santa Tereza abandonada e entrava, sem resistencia, em Maldonado, no mês de Outubro. Durante a campanha, somente pequenos combates em que os contrarios são sempre bati-

(*) A 1.° de janeiro de 1811, Curado tinha no acampamento de S. Diogo, á margem do Ibirapuitan, 1.109 homens: infantaria e artilharia da Legião de S. Paulo e os Dragões do Rio Grande, tudo bôa tropa brasileira. Em março, reunidas outras milicias, contava já 1.437. Em abril, segue para Bagé.

dos. A 30 de Agosto, Bento Manuel Ribeiro, então simples furriel, com 55 homens toma Paisandú defendida por 200 uruguaios. A 19 de setembro, em Curuzú Cuatiá, 73 brasileiros repelem o ataque de 700 argentinos com artilharia e rompem caminho através do seu cêrco.

Mas, deante dessa marcha sem tropeços, á ultima hora, nas barbas do capitão general e de seu exercito pacificador, os espanhóis sitiados e os espanhóis sitiantes se reconciliavam, levantando os argentinos o cêrco da praça contra a vontade de Artigas, que, seguido de alguns milhares de pessôas, resolveu exilar-se da patria e, rompendo as planuras, vadeando os cursos d'agua, foi estabelecer-se na provincia de Entre-rios. Nêsse exodo pelas campanhas desertas, êle plasmou a alma das futuras resistencias.

D. Diogo de Souza marchou sobre Paisandú, que ocupou depois de bater algumas partidas de gaúchos, tendo antes, em janeiro de 1812, exigido que os governos de Buenos Aires e Montevidéu reconhecessem o desinteresse, a dignidade e a justiça do proceder do Principe Regente em pról da pacificação da Banda Oriental. Em junho, as tropas luso-brasileiras evacuavam completamente o territorio uruguaio em virtude de ajustes e convenções entre o Brasil e o Prata.

A situação creada por essa rapida campanha entre Artigas e a junta portenha produziria em breve seus frutos naturais. A Argentina continuava a debater-se dentro do grave problema de sua emancipação politica. O caudilho uruguaio, insubmisso, revél, sonhando a libertação total de sua patria, tinha de chocar-se contra os desejos de unificação do Vice-Reinado. O Brasil coeso,

pacifico, em ordem, espectador dêsse panorama e nêle interessado por varios motivos, seria obrigado a uma intervenção mais dia menos dia. E, como possuia organização militar melhor, soldados mais exercitados, oficiais mais praticos, chefes mais experientes, sua teria de ser, fatalmente, a vitória.

Em 1815, o bárbaro coronel Otorgués, tenente de Artigas, de concerto com o governo platino de Alvear, entrava em Montevidéu. Egresso do exilio, o caudilho oriental desfraldava por toda a parte sua bandeira azul e branca cancelada de vermelho, a cuja sombra realizara o grande sonho de varrer do sólo tanto o espanhol como o portenho. A libertação definitiva do Uruguai estava condicionada, porém, por tres perigos: o castelhano, o argentino e o luso-brasileiro. Artigas vencera os dois primeiros; faltava-lhe o ultimo, que só o imperio de circumstancias muito posteriores venceriam treze anos mais tarde.

Êste último entrou em cena, ao rufo compassado dos tambores das infantarias paulista, catarinense, nordestina e portuguêsa, ao clangor dos clarins das cavalarias gaúchas, marcando o mapa corografico da antiga Cisplatina com uma serie de admiraveis triunfos militares. Ante o perigo iminente, Artigas não esmoreceu. A energia do seu patriotismo cresceu deante das dificuldades e fez frente com destemor ao mais perigoso de seus adversarios, recusando mêsmo o auxilio dos argentinos receosos da ambição do Principe Regente, porque êles queriam aproveitar a oportunidade afim de forçá-lo ao reconhecimento da supremacia de Buenos Aires. O espirito da pátria uruguaia palpitava no seu coração! Sua res-

posta a Puerreydon foi decisiva: não sacrificaria o rico patrimonio dos orientais "ao baixo preço da necessidade". Prudente, o governo bonairense manteve-se na esfera dos protestos platonicos. E a invasão luso-brasileira fez ressoar o sólo cisplatino ás marteladas das batalhas.

A divisão de Voluntarios Reais com um efetivo de mais de quatro mil homens das tres armas, vinda de Portugal em março de 1816 e aquartelada em Niteroi dêsde abril, seguiu em junho para Santa Catarina sob o comando do general Lecor, futuro visconde da Laguna, que se tornaria brasileiro com a independencia. Dali devia continuar a viagem por mar até Maldonado, onde desembarcaria para atacar Montevidéu, emquanto as tropas do Rio Grande, comandadas pelo seu capitão general, se concentrariam na fronteira e operariam no interior da Banda Oriental. Eram os dois braços duma tenaz que devia aniquilar o caudilho e conquistar o país. No primeiro, estavam chefes e soldados veteranos da guerra peninsular, infantes azúes de Torres Vedras, caçadores de niza côr de pinhão do Bussaco, a legião de Albufeira. No segundo, figuravam os milicianos do Rio Pardo, a legião heroica de S. Paulo, os denodados *barrigas-verdes* do celebre regimento da ilha de Santa Catarina, os cavalarianos gaúchos, todos habituados de longa data aos entreveros fronteiriços, conhecedores do terreno que pisavam e do habitante que iam ter como inimigo.

Os dados do problema militar eram êstes: do lado do Brasil, tropas bem organizadas e praticas da guerra, embora européas, marchando pela costa; tropas menos organizadas, porém aguerridas, e sabendo viver e combater á moda do país, mar-

chando pelo interior; todas impregnadas do espirito hostil que, dêsde a Peninsula, separava os dois povos rivais e se perpetuava na America; com generais conhecedores da tática e da estratégia da época. Do lado do Uruguai, o espirito de independencia e de patriotismo animando as forças irregulares, mas tambem formadas numa tradição de lutas, em territorio quasi despovoado e propicio á guerra de recursos.

Não me parece que a critica das operações efetuadas deva ser feita de acordo com os principios classicos da arte guerreira, com o ensinamento dos compendios ou com as lições dos mestres de outros ambientes, sim levando em conta as condições *sui generis* do teatro da contenda e dos elementos militares nelas empregados. Vendo o desenrolar dos acontecimentos com olhos assim, certo se chegará á conclusão de que elas, as operações, embora refertas de defeitos e mêsmo de erros, fôram levadas por deante com segurança, produzindo os resultados que eram de esperar. A falta de unidade de comando das duas massas invasoras, ao invés de ser uma falta grave, obedeceu antes a uma necessidade local deante da ausencia quasi completa de meios de comunicação, de modo que a ação livre de seus chefes foi um bem e não um mal. E a posse preliminar de Montevidéu é considerada por um dos nossos historiadores militares como "uma idéa sensata".

Lecor tocou em Santa Catarina, porém não continuou por mar a rota para o sul. Desembarcou sua divisão e marchou paralelamente ao litoral para o Rio Grande, de onde, coberto pelos destacamentos de Sebastião Pinto e Bernardo da Silveira, avançou para o territorio uruguaio. O ge-

neral Curado, com as forças brasileiras, concentrara-se na fronteira, e Chagas Santos grupara seus milicianos nas Missões. Artigas marchou em pessôa contra o primeiro. Seus tenentes, Rivera e Otorgués, avançavam contra Lecor. Êstes deviam retardar a marcha do chefe português. Êle derrotaria os brasileiros e cairia sobre a retaguarda dos Voluntarios Reais. Mas fracionou sua gente em quatro colunas: André Artigas sobre S. Borja, Sotel em seu reforço, Verdun e o proprio Artigas na direção de Santa Maria. Era o plano ousado de invadir ao ser invadido!

Curado lançou José de Abreu contra Sotel e Mena Barreto contra Verdun, de modo a impedir que o isolassem das Missões e o atacassem pela retaguarda. Abreu repeliu Sotel ás margens do Ibicuí e o obrigou a avançar pela direita do Uruguai, sem poder transpô-lo, afim de reunir-se a André Artigas, que sitiava Chagas Santos em S. Borja. Em marchas forçadas, Abreu correu em socorro da povoação, derrotou-o e fez levantar o cerco.

Mena Barreto, o primeiro visconde de S. Gabriel, apresentou batalha a Verdun, embora sua superioridade numerica e sem esperar o regresso de Abreu, envolvendo-o fragorosamente no combate de Ibiraocaí, a 19 de outubro de 1816.

Então, Curado resolveu desferir um golpe na coluna de Artigas, mandando contra ela o brigadeiro Joaquim de Oliveira Alvares, que a atacou pela direita, quando procurava envolvê-lo, atirou esta sobre a esquerda e a desfez no combate de Carimbé, no dia 27, perseguindo-a tenazmente e fazendo com que o grande caudilho escapasse a casco de cavalo.

A' sombra dos seus destacamentos de cobertura, o futuro conde de S. João das Duas Barras recolheu-se ao acampamento do Ibirapitá Grande, afim de dar repouso ás tropas e reorganizá-las. Com 2.500 homens batia 4.000 orientais. Em dezembro, o marquês de Alegrete, capitão General do Rio Grande, assumiu o comando daquela gente vitoriosa, que estava pronta para novos prélios.

Em novembro, Lecor pisava a terra cisplatina pelas fronteiras de Santa Tereza e Serro Largo. "Invasão rapida e pujante", diz Zorrilla de San Martin. Sua vanguarda, ao mando de Sebastião Pinto, com menos de mil homens, granadeiros, caçadores e artilheiros portuguêses, uma centuria de gaúchos a cavalo e um obús, topa os 1.700 artiguenhos de Rivera entre o Puerto de la Paloma e o Passo de Coronilla, á margem do arroio India Muerta. Trava-se a luta corpo a corpo. Os cavaleiros de Marques de Souza e os infantes de Moura Lacerda varrem o inimigo.

Em janeiro de 1817, D. Luiz Teles da Silva Caminha e Menezes, marquês de Alegrete, assessorado pelo Tenente general Curado, avança contra as forças de Artigas, no Arapeí, levando os legionarios paulistas de Oliveira Alvares, as cavalarias riograndenses de Mena Barreto, os milicianos de Abreu e Corrêa da Camara. Abreu surpreende e destrói o acampamento do caudilho, na fria madrugada do dia 3. Na tarde de 4, Curado rompe as formações de André Latorre e desbarata-o. E' a celebre batalha de Catalan. No crepúsculo côr de sangue, os guaranis missioneiros de Arouche, historiador da campanha, aprisionam os uruguaios que ainda teimavam em resistir.

Marcha de Lecór ao longo da costa.
Posições iniciais de Chagas e Curado.
Campanha de 1816

A 19, a guarnição de Montevidéu abandonava a praça, retirando-se para Canelones. O cabido renegou Artigas e entregou as chaves da cidade ao general Lecor, que a ocupou no dia 20, entrando nela triunfalmente, debaixo de pálio, ao repique dos sinos que anunciavam o *Te Deum*. Arriava-se a bandeira artiguenha e arrancava-se das portas o escudo coroado de plumas, içando-se a bandeira do Reino Unido e pregando no fecho dos arcos a esfera armilar, simbolos duma dominação de onze anos, que deu áquele povo, no insuspeito dizer de Zorrilla, inteligencia, respeito ás leis, consideração aos costumes locais e manutenção dos funccionarios civis e militares nos seus postos. Além disso, ordem, tranquilidade, e riqueza.

Durante todo o ano de 1817, as duas massas luso-brasileiras invasoras lançaram investidas e expedições para todos os lados, batendo os bandos e grupos de artiguistas. Os destacamentos de Lecor e as antenas de cavalaria de Curado, guiados por Elias de Oliveira, Gama Lobo, Chagas Santos ou Bento Manuel, incendiavam Concepcion, talavam as Missões, batiam o capitão Tiraparé, os lanceiros de Pascual Moreira ou aprisionavam o proprio Verdun.

Em 1818, a guerra de recursos continuava por parte de Artigas, cujo valor era inquebrantavel, embora os dois braços da tenaz da invasão continuassem a constringir todas as forças irregulares levantadas pelo caudilho na Banda Oriental, em Entre-rios, nas Missões e em Corrientes, de onde lhe vinham auxilios. A esquadrilha de Sena Pereira ia, porém, subir o rio Uruguai, estabelecendo a ligação entre Lecor e Curado, e fechando o anel estrangulador de ferro e fogo. Em abril,

Chagas Santos sitiava a vila de S. Carlos, o tenente coronel Ferreira Braga derrotava os blandengues de Aranda que pretendiam socorre-la, e o tenente Luiz de Carvalho, perseguindo os fugitivos, matava a espada o chefe batido. No mêsmo dia, Lavalleja era feito prisioneiro nas cabeceiras do arroio Valentim. Em Guabijú, Mena Barreto carregava e punha em fuga, tomando-lhe a bandeira, a vanguarda de Artigas comandada por Pablo Castro. O caudilho acossado refugiava-se no Queguai-Chico. Em maio, Bento Manuel, com 560 gaúchos e paulistas efetuava um reide audacioso e triunfal, penetrando no territorio de Entre-rios, batendo os destacamentos de Gregorio Aguiar e Faustino Tejera, apoderando-se das baterias colocadas em Calera de Barquim e Perucho Berna, afim de impedir a subida do rio Uruguai á esquadrilha de Sena Pereira, trazendo os canhões de bronze outróra tomados a Balcarce, dos quais dois, com o monograma de Carlos IV de Espanha, figuram ainda no nosso Museu, e pondo em fuga, a pequena distancia do Arroio da China, seiscentos cavaleiros chefiados pessoalmente por Artigas, que fugiu e deixou no campo da luta seu proprio estandarte.

Em 1819, quando o incansavel André Artigas, braço direito do caudilho na sua guerra de recursos, se lançou mais uma vez contra os povos missioneiros, foi denodadamente atacado pelo tenente coronel Arouche em S. Nicolau. O autor da "Memoria da campanha de Artigas" morreu como um bravo nêsse combate, mas o brigadeiro Chagas Santos tomou a povoação, Abreu esmagou o invasor no combate de Itacurubi e o sargento do regimento de Santa Catarina, Joaquim

Antonio de Santiago, o aprisionou no passo de Santo Isidro. André Artigas era um guarani educado pelos jesuitas, nascidos em S. Borja, conhecido pelos nomes de Guacurari, Taquari e Andrésito, valente e supersticioso, que Artigas adotara e a quem fielmente serviu toda a vida. O tenente general Curado enviou-o preso para o Rio de Janeiro e remeteu sua espada a D. João VI.

A' experimentada e solida tropa portuguesa de Lecor coube a marcha pelo litoral e a ocupação de Montevidéu. Ás forças na maioria brasileiras de Curado ficou entregue quasi que exclusivamente a tarefa de esmagar um a um, um depois do outro, todos os núcleos de resistencia dos artiguistas. Essa face da campanha é sobremodo interessante e dá grande relevo aos chefes e aos soldados nitidamente brasileiros. Se não houvera outros, de sobejo, seria motivo suficiente para considerar sempre a guerra de Artigas como a primeira da serie de nossas guerras verdadeiramente nacionais no Prata.

Obedecendo a sugestões de Lecor, o general Curado abandonara a fronteira e, em outubro de 1819, invernava no Rincão de Haedo, mantendo, porém, Bento Manuel, com os dragões de Lunarejo e os milicianos do Rio Pardo, em constante atividade pelas coxilhas. A 28, o ativo vanguardeiro chocava-se com Frutuoso Rivera á margem direita do Arroio Grande e o punha em fuga, após uma hora de entrevero. Infelizmente, Abreu que, com cerca de 400 homens guardava a raia, "aberta e desprotegida", atacado por Latorre, no dia 14, e traído pelo capitão Daniel Beresford, oficial inglês ao nosso serviço, comandante da única infantaria de que dispunha, que

se passou para o inimigo, teve de retirar deante dêste no Ibirapuitan-Chico. Era o grande recurso de Artigas nos momentos mais desesperados, procurar trazer a guerra ao nosso territorio, como a tinhamos levado ao dêle.

O ano de 1829 marca o termo da terrivel luta. Os capitães Diogo Felix e Bento Gonçalves desbaratam Gregorio Aguiar no Passo do Pereira. Em Taquarembó, o sol de Artigas mergulha definitivamente no ocaso. Apesar do esforço com que ainda levantára dois exercitos de gaúchos orientais, correntinos, entrerianos e missioneiros, não lhe era mais possivel resistir ao circulo de aço que o rodeava, tanto mais que, hostilizado por Buenos Aires, era obrigado contra ela a empregar um dêles. O outro, sob as ordens de Latorre, marchava contra o Rio Grande, que pretendia invadir pela terceira vez.

D. José de Castelo Branco Corrêa e Cunha Vasconcelos e Souza, conde da Figueira, capitão general do Rio Grande, estava á testa dos veteranos do conde das Duas Barras e penetrava no territorio uruguaio. Na famosa Quebrada de Belarmino, envolve, aprisiona e mata a vanguarda oriental. "De cada dos hombres murió uno..." Ficam estendidos no campo os melhores oficiais artiguistas. O grosso de Latorre, na cinzenta e fria manhã de Taquarembó, recebe a carga da nossa cavalaria, cede terreno e foge para Curuzú Cuatiá, onde Artigas o recebe com lagrimas nos olhos.

Então, o glorioso Protetor dos Povos Livres abandona para sempre a terra natal. A Velasco, comandante do forte Borbón, o sinistro ditador Francia escreveu mais tarde a seguinte carta:

"Artigas, reduzido á última extremidade, veiu como fugitivo ao passo de Itapuã e me mandou pedir que lhe permitisse passar o resto de seus dias em qualquer ponto da Republica, pois se via perseguido tambem pelos seus, e que, se lhe não fôsse concedido êsse refugio, teria de ocultar-se nos matos. Era um áto, não só de humanidade como tambem honroso para a República, conceder asilo a um chefe infeliz que se entregava. Assim, mandei um oficial com vinte hussares para que o trouxesse..."

Perseguido tambem pelos seus? Sim, Ramirez, o tenente que enviara contra Buenos Aires, rebelara-se e, reforçado por Mansilla, batera o caudilho em junho, na Bajada. Apesar disso, Francia temia-o e sepultou-o em vida na longinqua vila de Santo Isidro de Curuguati. Artigas nunca mais saiu do Paraguai, onde morreu na tarde de 23 de setembro de 1850.

Estava ultimada, desta sorte, em 1820, após quatro anos de combates e correrias sangrentos pelos pampas, a conquista do Uruguai, transformado, depois, em provincia Cisplatina. O Brasil debruçava-se á margem do Prata. Com a independencia, herdamos o territorio e o litigio que no-lo entregara. Êle prolongou-se e nós o encontraremos na raiz das campanhas subsequentes: guerra do Vidéu, guerra do Rosas, guerra do Flores, guerra do Lopez.

CAPITULO III

GUERRA DA CISPLATINA (1825-1828)

A) A CAMPANHA TERRESTRE

Destruido o poder de Artigas e varrido o caudilho da Banda Oriental, o Uruguai ficou na posse efetiva do Brasil. Chefes nacionais como Rivera e Lavalleja aceitaram servir nas nossas fileiras e, em junho de 1821, um congresso de deputados escolhidos pelos alcaides e cabidos decidiu, por aclamação, incorporar o país ao Reino Unido sob o nome de Estado Cisplatino. Já dêsde abril D. João VI se pusera a caminho da Europa, deixando o principe D. Pedro na regencia do Brasil. Em volta dêle, desdobram-se os acontecimentos que o levaram a proclamar a nossa independencia em 1822, corolario por assim dizer juridico da nossa anterior elevação a Reino.

A guarnição militar de Montevidéu era composta, do mêsmo modo que o exercito conquistador do territorio, de tropas portuguêsas e brasileiras, que fatalmente se deviam chocar em virtude da emancipação politica do Brasil. O general Lecor declarou-se ao lado de D. Pedro I, abandonando a mãe patria para servir á nova nacionalidade que adotou, e á frente dos brasileiros instalou seu quartel general em Maldonado. O general D. Alvaro da Costa assumiu o comando dos

corpos portuguêses fieis á corôa real e permaneceu na capital. Assim, o povo conquistado ia assistir ao duelo entre as facções em que se dividiam seus dominadores. E alguns orientais notaveis as acompanharam, como Oribe com os lusitanos e Rivera com os brasilienses.

O cabido montevideano aproveitou a ensancha para pequena tentativa de libertação, declarando nela a incorporação e reclamando da Constituinte brasileira a retirada das tropas. Como o espirito brasileiro de coesão e sentimento nacional fôsse fenomeno anterior ao da emancipação politica, esta tinha a apoia-la eficientemente um exercito aguerrido e uma esquadra adestrada. A divisão naval de Pedro Nunes bloqueou D. Alvaro da Costa. Lecor cercou-o por terra. O general português capitulou. E, em novembro de 1823, o pavilhão dos castelos e quinas, que substituira em Montevidéu o pendão azul e branco, riscado de vermelho, de Artigas, era arriado para que em seu lugar subisse, bailando ao vento, a bandeira auri-verde do Imperio.

Nem só o cabido da capital se movera para tentar aquela libertação. Buenos Aires, que preferira atirar o Uruguai aos braços do Brasil a vê-lo livre sob a chefia de Artigas, tambem se mexeu no mêsmo sentido. Vem, em missão ao Rio, José Valentim Gomes argumentar com a nulidade da incorporação e os direitos argentinos decorrentes da antiga unidade do vice-reinado do Prata. O governo imperial recusou-se a entrar sequer em negociações. E, em maio de 1824, era jurada no Estado Cisplatino, então Provincia Cisplatina, a Constituição do Imperio Brasileiro, que atingira o maximo de sua expansão territorial e realizara

a ultima aspiração bandeirante: debruçar-se sobre as aguas do Prata.

Embora o dominio luso-brasileiro fôsse no Uruguai, como reconhece Zorrilla de San Martin, proveitoso e generoso, a população continuava hostil áquela união forçada. A oposição de espanhóis e portuguêses prosseguia dêste lado do Atlantico, tão forte quanto do outro lado. E, na primeira oportunidade, essa divergencia latente explodiria, inflamada pela ambição de caudilhos a quem repugnava a ordem estatuida pelo Imperio, que lhes não permitia passar de situações subalternas. Por trás das cortinas, o interesse argentino assopraria as chamas da fogueira.

A 19 de abril de 1825, escudado na proteção de Buenos Aires, Juan Antonio Lavalleja desembarcava sorrateiramente na praia da Agraciada, na Cañada de Gutierrez, á margem esquerda do Uruguai. Vinha levantar seu país contra a dominação do Brasil á frente de 33 companheiros famosos sob êsse numero simbolico, mas que, segundo Baldrich afirma na *Guerra del Brasil*, fôram 34, pois Lavalleja e Oribe suprimiram da lista o soldado Tiburcio Gomes, intencionalmente. O bando invasor foi levantando a população da campanha e marchando em direção a Montevidéu, batendo os esquadrões de Julian Laguna, que servia ao Imperio, e proclamando em Soriano a espanholada de converter em pó o cetro de D. Pedro I.

Rivera, que comandava forças nossas, aderiu a seu compadre Lavalleja e, fardado com a nossa farda, condecorado com as nossas condecorações, fingindo passar revista aos milicianos paulistas do coronel Borba, em San José, fê-los cercar e aprisionar. Começava novamente uma guerra no es-

tilo daquela por que nos últimos tempos se terminára a grande campanha contra Artigas. Infelizmente, se para ela ainda tinhamos sub-chefes como Abreu e Bento Manuel, faltava-lhe a direção segura dum Curado e o pulso firme dum Oliveira Alvares. Lecor imobilizava-se em Montevidéu, deixando correr o marfim, como vulgarmente se diz. O esmagamento dos patriotas era por demais facil e por isso não lhes ligamos a devida importancia. Quando cresceram e a Argentina se desmascarou, ainda era tempo de vencêlos, porem a politica interna nos empeçonhou e enfraqueceu de tal sorte que tivemos de ceder, não tudo, porem o que podiamos sem quebra de nossa dignidade nacional.

Os rebeldes ocuparam as cercanias da capital e Lavalleja criou um governo provisorio que o nomeou "general em chefe do exercito libertador". Pouco depois, a assembléa de Flores anulava os átos da incorporação, e declarava a Provincia Oriental do Rio da Prata livre de fáto e de direito, unida por espontanea vontade de seu povo ás demais de seu nome na America do Sul. O governo argentino, que já enviára um *exercito de observação* sob as ordens de Martin Rodriguez á margem direita do rio Uruguai, sua fronteira com o Brasil, aproveitou o momento para reconquistar o terreno perdido e o Congresso de Buenos Aires, em 25 de outubro de 1825, proclamou a Banda Oriental reintegrada no seio das Provincias Unidas do Prata.

Em face da situação que rapidamente se desenhára no Sul, o governo imperial só podia receber essa interferencia como uma declaração de guerra, reforçando Lecor e mandando a nossa

Mapa do terreno em que se feriu o famoso combate do Rincão das Galinhas.

marinha velejar rumo do Prata. O novo inimigo não nos apavorava e contra êle iam valentemente bater-se nossos soldados e marinheiros. Quando os canhões de nossa frota fôram apontados para a capital portenha, em julho de 1825, o governo argentino prometeu neutralidade, porem em outubro pôs as manguinhas de fóra, sobretudo pelo valor que se emprestava ao *triunfo oriental* do Rincão das Galinhas. Êsse *triunfo* tem sido promovido de emboscada a batalha e cantado em prosa e verso para que o deixemos sem registo, pois não passa de mero pequeno combate de cavalaria.

No tal Rincão, pequena peninsula entre os rios Negro e Uruguai, havia excelentes pastagens, sombras de arvores e bôa agua. Ali invernavam sob a guarda dum piquete de 50 homens 6 mil cavalos da remonta do general Abreu, barão do Serro Largo, acampado nos arredores de Mercedes. Rivera chegou ali á frente de 300 gaúchos orientais, matou e dispersou os guardas, e apoderou-se da cavalhada. Era o momento em que penetravam na invernada, descuidosamente. dois corpos de milicianos, incompletos, o 24.º e o 25.º, comandados respectivamente pelos coroneis José Luis Mena Barreto e Jeronimo Gomes Jardim. Vinham de Paisandú mudar de cavalos para reforçarem a coluna de Abreu e numeravam uns 400 homens. Na sua parte oficial, Rivera confessa: "Yo tenia la mayor confianza de que los enemigos debian ignorar el que nos hubiesemos introducido ya en el Rincon, y por conseguiente que se nos aproximasen como quien venia a encontrar-se con sus amigos".

Meia legua de Rincão adentro, a mortifera fusilaria da tocaia dizimou o 25.°, que vinha na frente e recuou, tomado de surpresa. Foi o tempo que parte da gente de Rivera o carregou pelo flanco e o desbaratou. O coronel Mena Barreto, que tinha vinte e poucos anos, morreu de espada na mão, recusando entregar-se. O 24.°, com os cavalos em misero estado, desmoralizado pelo desbarato do 25.°, não resistiu ao choque do inimigo e debandou. O coronel Jardim reuniu os indios dispersos e retirou para o Tanguerepá, afluente do Arapeí, onde acampou e de onde desertaram para os uruguaios muitos dêsses covardes missioneiros, depois de saquearem as bagagens. Assim, nessa *batalha famosa,* os derrotados, com excepção dos oficiais, não eram nem verdadeiramente brasileiros.

Em setembro, nova vitória dos orientais, alcandorada como grande batalha triunfal, naturalmente, pois cada um procura suas Maratonas onde possivel. Foi o combate de Sarandi, perdido por Bento Manuel, graças ao despreso que êle afetava pelos inimigos, acostumado a batê-los em toda a campanha de 1816 a 1820. Destacando-se do grosso de Abreu, que bivacava em Mercedes, com uns seiscentos lanceiros milicianos e um esquadrão de linha, caiu sobre Rivera perto do Arroio Aquila e o derrotou. Reforçado com mais dois esquadrões de linha, atravessou o pampa e foi ter a Montevidéu, onde procurou obter de Lecor forças suficientes para bater o exercito uruguaio de dois mil homens que operava em campo raso. Com os oitocentos que trazia, isso lhe era impossivel. Deram-lhe o rebutalho da guarnição: infantes e condutores de artilharia transformados em cavalarianos, soldados portuguêses rebaixa-

dos, lanceiros guaranis, ao todo 400 praças. O destemeroso caudilho partiu assim mesmo e foi reunir-se em Minas aos 354 milicianos e paisanos de Bento Gonçalves. Com êsses 1.500 cavaleiros, a 12 de setembro, avistava o exercito uruguaio nas cercanias do arroio Sarandi. Reconheceu-o, mandou mudar de cavalos e preparar para o combate, apesar de seus oficiais lhe fazerem notar que tinha á sua frente o dôbro do seu efetivo, pois Lavalleja já se reunira a Rivera.

Ao sinal da carga, a cavalaria brasileira carregou em colunas de meio esquadrão. O inimigo, superior em numero, desenvolveu-se em linha e carregou tambem, batendo os nossos flancos com escalões envolventes. O nosso centro era formado por esquadrões do exercito, os quais, aguerridos e disciplinados, deviam cortar a linha inimiga e dispersar-lhe as reservas; mas tiveram de estacar deante da fusilaria e da metralha da infantaria e da artilharia uruguaia com que não contavam e que se desmascararam. Recuaram. Os milicianos de Bento Gonçalves na ala direita, vencidos já, retiraram para o passo do Polanco. São 11 da manhã. A luta começára ás nove. Bento Manuel ordena a Felipe Neri que com a ala esquerda retire tambem. E abandona o centro ao seu destino. A cavalaria de linha bate-se a espada sob as ordens do major Alencastro, cercada por um muro de lanças, e só se rende ao meio dia. Somente o alferes Osorio, acompanhado de nove companheiros, consegue romper o cerco e ainda vai proteger com uma guerrilha a retirada do seu chefe.

A exagerada noticia dêsse feito inflamou os platinos. A população de Buenos Aires atacou o

nosso consulado. E o congresso argentino proclamou a incorporação do Uruguai.

Graças á passividade de Lecor, enclausurado em Montevidéo, os rebeldes dominaram a campanha no ano de 1825. Nós guarneciamos a periferia do territorio, conquistada pelas armas de 1816 a 1820. O centro, porem, de onde, então, haviamos varrido os artiguenhos, agora voltava ao poder dos patriotas. E o lançamento de colunas convergentes, unico meio de acabar com aquela guerra de recursos, não acudiu ao cerebro do comandante em chefe. O revez de Sarandi forçou Bento Gonçalves e Bento Manuel a retirarem para Sant'Ana do Livramento. Em consequencia, Abreu evacuou Mercedes e recolheu ao Rio Grande. Nas nossas mãos, ficaram somente as praças da Colonia e de Montevidéu. Felizmente, a esquadra, cujas operações estudaremos em outro capitulo, mantinha a linha de comunicações maritimas.

Em dezembro, deante das resoluções da Assembléa Argentina em favor do Uruguai, o governo imperial declarava guerra ás Provincias Unidas do Rio da Prata. Estavamos no ponto culminante da crise provocada pelas duas ambições — a argentina e a brasileira — que se defrontavam na conquista da margem esquerda do Prata, crise que vinha de quasi dois seculos atrás e se prolongaria por quasi um seculo ainda, em ações e reações diversas.

Em janeiro de 1826, o exercito de observação reunido pelos argentinos na fronteira, numerava 2 mil homens. Aos poucos, chegavam-lhe recrutas de todas as provincias e ia se disciplinando e preparando. O general Martin Rodriguez, depois de

conhecer da declaração de guerra, atravessou o Uruguai no Salto e penetrou no territorio da Cisplatina, rompendo do Arroio Grande a marcha estrategica contra nós. Em julho de 1826, chegava a Durazno. Os orientais, em numero de 4 mil, incorporaram-se a êle e isso acarretou divergencias e rivalidades entre os chefes, em razão do comando supremo, que, finalmente, ficou com a Argentina. Desanimado com essas e outras dificuldades, Martin Rodriguez pediu demissão e foi substituido por Carlos Maria de Alvear, que só em setembro de 1826 tomou posse e iniciou seu trabalho de disciplina e organização de forças. Já nessa epoca, podia contar com uns 12 mil homens, afim de se pôr em campanha.

Esta tinha de travar-se numa região plana atapetada de pastagens, cortada de rios, ondulada em coxilhas, onde então um unico elemento de mobilidade se mostrava ao homem: o cavalo. Daí a importancia dêle em toda a guerra para o transporte, para a comunicação e para a luta. E Alvear pretendia fazê-la, trazendo-a ao nosso territorio, longe da costa para não ser atirado ao mar, afastado do Uruguai para evitar seus afluentes na linha média do vale do rio Negro. Êsse foi o caminho da invasão.

Abreu vigiava a fronteira do Uruguai entre o Quaraí e o Arapeí. Bento Golçalves guardava o outro extremo. Tinhamos ainda algumas forças de cobertura no Chuí e no Jaguarão, que os orientais atacaram de surpresa e desbarataram. A concentração do exercito argentino fazia-se, pois, tranquilamente, nos campos abandonados da Cisplatina. A incapacidade dos nossos chefes na fronteira junta ao pequeno numero de homens de que

dispunham impedia-nos de perturba-la e raros fôram as incursões e encontros de partidas avançadas.

Em dezembro de 1825, o governo brasileiro afastára Abreu, veterano das coxilhas, do comando de nossas forças no Rio Grande, tido como responsavel pelos desastres, e nomeara em seu lugar o brigadeiro Massena Rosado, português de nascimento, que veiu do Rio com reforços e foi demorando pelo caminho. Só em Santa Catarina ficou um mês. Inepto e apático, concentrou todas as nossas tropas na coxilha de Sant'Ana, perto de Sant'Ana do Livramento, lugar insalubre, chamando a si todos os destacamentos de cobertura e somente deixando o terreno entre êle e o inimigo.

Reclamações e criticas de todos os lados a essa inação, forçaram D. Pedro I a uma visita ao teatro das operações e á escolha de novo comandante em chefe para o exercito, o tenente-general Felisberto Caldeira Brant, visconde e depois marquês de Barbacena, homem de grande talento, politico, militar e diplomata. O imperador, surpreendido em viagem pela noticia da enfermidade e morte da imperatriz, ou forçado pelos negocios da politica interna, regressou inopinadamente, sem se ter avistado com seus soldados. Barbacena em novembro estava no Rio Grande e comunicava ao governo suas tristes impressões. Êle, que já reclamara no Rio 15 mil homens, um deposito de 4 mil, munições correspondentes e 6 milhões de cruzados para esmagar duma vez a Argentina, via-se com menos de 7 mil homens (6.832), mal pagos, doentes e desanimados. Reorganizou êsse exercito, e no meado de janeiro de

1827, levantou acampamento e iniciou a marcha estrategica para reunir-se ao general alemão Brown, que vinha de Pelotas e Jaguarão com algumas forças.

Alvear unido a Lavalleja marchava sobre Bagé. Era plano seu, sem duvida, como se infere do diario de Brandsen, interceptar a reunião dos dois grupos brasileiros, afim de batê-los separadamente. Barbacena, sem informações certas do rumo que levavam os argentinos, tomou, entretanto, medidas que o técnico Baldrich acha *muy adecuadas,* cobrindo-se com um flanco — guarda de cavalaria e ordenando a Brown que se lhe reunisse imediatamente. Oculto pela cortina de cavalaria de Sebastião Barreto, o marquês manobrava em busca de Brown, que o procurava por trás da cobertura de Bento Gonçalves, enquanto o chefe argentino, em direção a Bagé, caminhava no vasio. A 5 de fevereiro de 1827, nas nascentes do Lexiguana, Brown com os regimentos de cavalaria 4 e 6, os 500 caçadores alemães do 27.º batalhão, 80 lanceiros tudescos e uma ala do 18.º de caçadores, juntava-se ao general em chefe. O plano de Alvear frustrára-se.

O exercito argentino já saira de Bagé, onde chegara a 26 de janeiro e demorara até 30, saqueando as casas e violando as mulheres. Fôra acampar nas pontas do Camacuan, desiludido do efeito da invasão, enquanto os brasileiros estavam reunidos e com suas linhas de retaguarda livres. Marchou, depois, para S. Gabriel, em retirada sobre a fronteira. Barbacena seguiu-o e, a 20 de fevereiro, os dois exercitos defrontaram-se no Passo do Rosario de Santa Maria. Ia travar-se

1

2

3

4

5

1 — Cavalaria do General Abreu.
2 — Cavalaria de Bento Gonçalves.
3 — 2.ª Divisão- general Calado.
4 — Artilharia do coronel Madeira.
5 — 1.ª Divisão- general Sebastião Barreto.

Dispositivo de marcha do Exército Brasileiro no início da batalha do Passo do Rosario (Ituzaingó). As linhas pontilhadas indicam os movimentos das forças para se colocarem em linha de batalha.

a batalha famosa nos anáis da America e nas exagerações argentinas sob o nome de Ituzaingó.

Bento Manuel, que operava como antena de cavalaria, com uma brigada no nosso flanco esquerdo, incomodando o flanco direito de Alvear que procurou livrar-se dêle, fazendo-o atacar duas vezes, escreveu a Barbacena da estancia do Pau Fincado, a 15 de fevereiro, que o carretame do inimigo retirava por S. Simão. O marquês pôs-se-lhe no encalço, certo de apanhá-lo em flagrante na travessia do rio. Seu exercito, vanguardeado por um corpo de voluntarios a cavalo sob o comando do velho e glorioso general Abreu, iniciou a marcha no dia 20, ás duas da madrugada, na direção do Santa Maria, a 2.ª divisão do general Calado á frente, a artilharia do coronel Madeira ao centro, a 1.ª divisão do general Sebastião Barreto á retaguarda, e o comboio á distancia do coice. Ás seis horas da manhã, avistava-se o invasor nas elevações ou lombas vizinhas ao Passo do Rosario, a meia legua de distancia. O terreno era suavemente ondulado, coberto de macega sêca e dividido ao meio por uma sanga pouco profunda. Defrontavam-se 6.200 brasileiros e 9 mil argentinos e orientais.

A vanguarda inimiga pelas abertas das colinas ocupadas estendeu em linha, flanqueada pelas cavalarias de Laguna e Lavalleja. Barbacena e Brown, seu chefe de Estado Maior, depois de reconhecerem o terreno, assentaram o ataque imediato e vigoroso, como escreve o primeiro, não obstante a superioridade numerica dos contrarios. Conforme depõe o segundo, os brasileiros marcharam para o ataque em duas linhas: na primeira, a 1.ª divisão de Barreto; na segunda, a 2.ª

de Calado. Como, porem, o engajamento da ação tivesse de ser feito pela divisão de retaguarda na coluna de marcha, foi esta forçada a percorrer grande extensão antes de tomar posição no seu sector de ataque. Assim, a 1.ª divisão levava o assalto á linha inimiga, a 2.ª quasi se não deslocava, contribuindo êsse dispositivo tático inicial do combate poderosamente para o nosso insuccesso. Nosso flanco direito foi coberto pela brigada ligeira de Bento Gonçalves e os voluntarios de Abreu vendaram os movimentos da divisão do general Calado, avançando sobre a vanguarda argentina.

Do alto duma colina entre o 5.º de caçadores a pé e o corpo de Lavalleja, rodeado por seu estado maior, Alvear examina com o binoculo o campo da batalha. Desagradando-lhe o avanço da divisão brasileira sobre sua linha, ordena ao caudilho oriental que a carregue. Êste, que, na vespera, pretendera depô-lo do comando, pretextando carecer de reservas, desobedece.

Então, a formidavel brigada de infantaria de Leitão Bandeira, que os argentinos denominam *incomovible*, rompia o ervaçal, as baionetas aluminando, contra o centro da posição inimiga, sem que os canhões de Iriarte a pudessem deter, fracamente protegida pela artilharia de Madeira. A 2.ª brigada de cavalaria, dragões de Lunarejo e lanceiros alemães do coronel Araujo Barreto alimpavam-lhe os flancos dos volteadores e dos elementos isolados do invasor.

A divisão de Barreto transpunha tambem a canhada para subir impetuosamente a coxilha. Alvear lança sobre ela por tres vezes os couraceiros de Buenos Aires, os colorados de Vilela e os lan-

ceiros tudescos do barão Heine, que são "tres vezes repelidos em desordem". Êsse ataque prematuro e sem apoio compromete para os argentinos o exito da batalha, como o comprometeu para nós o desdobramento inicial de nossas forças.

A cavalaria regular brasileira cái sobre os adversarios e permite á nossa infantaria reformar suas linhas, que a artilharia de Iriarte, mudando de posição, começa a bater rijamente a metralha. Isso não detinha, todavia, o avanço daquêles soldados de aço, em cujas armas se desfazem os choques dos esquadrões, que deixam até seus chefes prisioneiros.

O general Alvear sente o perigo daquêle "momento critico" da ação. Ordena a Brandsen que carregue em linha com o regimento San Martin. O velho sabreador da epopéa napoleonica olha as púas de aço dos quadrados brasileiros e faz notar ser melhor a carga por esquadrões. Irritado, o comandante em chefe revida:

— Se tem medo, carregarei!

— Medo não! replica o outro, arrancando a espada da bainha. Os clarins sôam e a linha de granadeiros-a-cavalo põe-se em movimento.

Os muros de baionetas esperam-n'os impávidos. A cavalaria argentina perde seu impeto no plaino lamacento e, quando chega a vinte e cinco metros dos trigueiros infantes fluminenses e cearenses, uivando, blasfemando, agitando os sabres, Leitão Bandeira manda fazer fogo e a fusila á queima-roupa. Ela reflúe, desfeita. Brandsen tenta reorganizá-la e levá-la novamente á carga, mas cái morto gritando:

— Carreguem! Carreguem!

Depois dêle, o regimento n.º 2 do coronel Paz carrega contra a vontade do general, que manda detê-lo, e recúa, dizimado. Descem, então, contra o quadrado heroico, tres corpos argentinos de caçadores a pé e a cavalaria uruguaia de Maldonado.

Os cavalarianos de Bento Gonçalves já não protegiam o flanco direito da 1.ª divisão. O tenente-coronel Isás Calderon abandonara o campo da refrega com o 39.º de milicias, e seu chefe, com o 21.º somente, foi atirado para longe pela divisão de Lavalleja.

Quando a 2.ª divisão avançou contra o inimigo, Lavalleja atirou toda a sua cavalaria sobre os gaúchos irregulares de Abreu, que cobriam o movimento do general Calado, os quais não resistiram ao choque e debandaram em panico, atropelando o 5.º de cavalaria de linha e correndo sobre a infantaria imperial. O barão do Serro Largo é levado de roldão pela massa desordenada, sem poder detê-la. Calado fusila-a a quinze passos, abatendo-o e aos orientais que o perseguiam. O bravo general Abreu cái morto pelas balas brasileiras no sólo sagrado da pátria que tanto honrára. Lanceiros e dragões uruguaios, sabreados pelos regimentos de cavalaria de J. J. da Silva e metralhados pela artilharia, desarticulam-se deante do quadrado e fogem.

E' nêsse momento que Barbacena compreende a urgente necessidade de articular as divisões tão imprudentemente separadas. Ordena a Calado que se una a Barreto. A cavalaria argentina achava-se, porem entre ambos e o movimento não podia mais ser executado. A artilharia continúa a troar, varrendo o campo. Couraceiros, lanceiros, blan-

dengues, colorados golpêam os quadrados sem descanso, procurando rompê-los improficuamente.

A luta durava já havia seis horas. Os soldados morriam de fome e sêde, sob o braseiro do sol. Escasseavam as munições, porque alguns esquadrões inimigos haviam alcançado a nossa retaguarda e saqueado o comboio, ao mêsmo tempo lançando fogo á macega resequida. Os veteranos do Imperio combatiam num mar de chamas, entre rolos de fumaceira tangidos pelo vento. Verdadeiro inferno! Ás duas da tarde, mais ou menos, Barbacena, *senhor de seus movimentos*, resolve interromper o combate.

O majór Enrique I. Rottjer, professor de Historia Militar na Escola Superior de Guerra da Republica Argentina, técnico eminente, declara, ao concluir a análise das operações dessa jornada: "Barbacena resuelve interrumpir el combate e iniciar la retirada", pois, "la totalidad de sus fuerzas tienem libertad de movimientos". Essa valiosa opinião demonstra ser Ituzaingó o tipo acabado e perfeito duma batalha indecisa. Baldrich, outro técnico argentino, afirma que "esa esplendida vitoria no fué decisiva... por esa debilidad numerica de la infanteria argentina, ocurriendo tambien que su misma brillante y heroica caballeria se immovilizó". Alvear sentiu-se tão vitorioso que, no dizer do historiador Saldias, "su permanencia en el territorio brasileño era insustenible".

A retirada do exercito imperial em face do republicano foi admiravel na sua lentidão, segurança e ordem por entre o incendio e a fumarada, com parte da cavalaria em atiradores, protegendo a retaguarda, os feridos e a artilharia dentro dos

quadrados, recolhendo os feridos, os dispersos, as peças abandonadas, a cavalhada e até as boiadas, sem que os argentinos rompessem uma unica formação ou tomassem uma só bandeira, como está á saciedade provado. Seu unico troféu foi um canhão, cujas rodas se quebraram e foi encravado.

O exercito republicano perseguiu-o *debilmente*, diz Rottjer: *frouxamente*, declara o general Tasso Fragoso. E, assim, os imperiais, mantendo o adversario respeitosamente a distancia, bivacaram tranquilamente, ás onze horas da noite, no Passo do Cacequi.

Os argentinos, em seguida, transpuseram a fronteira, deixando uma vez para sempre o territorio nacional.

A critica das operações demonstra que Alvear pretendeu separar os dois grossos brasileiros e, não o conseguindo, resolveu retirar com receio de sua junção. Barbacena, no seu encalço, julgou-o em franca retirada e cuidou surpreendê-lo na passagem do Santa Maria atacando-o imediatamente, talvez na persuasão de só ter deante de si a retaguarda. Daí o movimento avançado da divisão que marchava na frente, sem esperar o desdobramento da que vinha atrás. Topando, porem, em linha todo o exercito contrário, verificou o engano e procurou articular as duas forças tarde demais.

Depois de Ituzaingó, no mar e em terra, guerrilhas. Exaustos, a Argentina pela guerra, o Brasil pela politicagem, resolveram a paz em 1828. As duas ambições se haviam anulado naquêle embate sangrento. E disso resultou que o Uruguai não voltou ao concerto das Provincias Unidas do Prata nem continuou na posse do Brasil, mas tor-

nou-se independente. Os historiadores uruguaios que declaram a independencia de seu país a *hilo de sabre gañada* são desculpaveis no seu patriotismo, mas não dizem uma verdade.

B) A CAMPANHA NAVAL

Pari passu com as operações militares em terra, desenvolveram-se nas aguas platinas as operações navais, dêsde a data da declaração de guerra ás Provincias Unidas. Essas operações se realizaram, dependendo das primeiras, num teatro pouco propicio aos recursos de que então dispunhamos, longe de nossas bases e sob o influxo de circunstancias nem sempre felizes. Assim, embora definitivamente vencedores da primeira á última etapa da campanha naval, tivemos de ceder aos impositivos do momento, outorgando á nossa antiga Provincia Cisplatina a independencia por que ela lutava.

Tinhamos de operar numa extensão costeira sobre o oceano Atlantico de 1.350 milhas, entre os cabos de Santo André e das Virgens, relativamente pouco conhecida e semeada de perigos; em parte do curso dos rios Uruguai e Paraná, e no estuario do Prata. A êste chamavam os argentinos *el infierno de los mariñeros*. Chama-lhe o almirante Boiteux "cemiterio de navios". Invadido de areias e dividido em correntes, oferecia as mais serias dificuldades á navegação a vela. A simples enumeração de seus bancos principais basta para mostrar os óbices que opunha ás manobras de qualquer esquadra da época: Ortiz, Chico, Inglês, Medusa, Palmas, Hornos, Placer de las Palomas, Lo-

bos, Nuevo, Francês, Arquimedes, Camarones, para alguns dos quais a correnteza arrasta os navios. Na costa oriental, portos mal abrigados das suestadas ou insuficientes para navios de alto porte: Montevidéu, Maldonado e Colonia. Na costa argentina, baixa, arenosa e cortada de parceis, fundeadouros varridos pelos temporais e o porto de Buenos Aires com tres canais de acesso dependentes das marés, um dos quais perigosissimo.

Contavamos para a guerra nêsse ambiente desfavoravel com um material abundante, mas inadequado. Haviamos organizado uma esquadra na Independencia e continuado a compô-la e a adestra-la. Adquiriamos e construiamos, porem, fragatas e corvetas de alto bordo, inçadas de artilharia, cobertas de vastas superficies de pano, improprias, no entanto, para a nossa gente, o nosso serviço e a guerra contra os vizinhos dentro de sua casa. Seria melhor que tivessemos grande numero de embarcações pequenas e rápidas, capazes não só de assaltos naquêle teatro de operações que nos era dado, como da ronda defensiva do nosso imenso litoral, entregue á sanha dos corsarios sem patria sob o pavilhão azul e branco de Buenos Aires.

"Os argentinos — escreve Boiteux — ao crearem sua marinha o fizeram não só de acordo com seus recursos financeiros, como tambem com as condições hidrograficas do teatro das operações: robustos navios de médio calado, veleiros, bem artilhados e facilmente manobraveis". Armitage acrescenta que seus marujos "eram voluntarios e animados pelo espirito de nacionalidade, ao mêsmo tempo que os brasileiros eram a maior parte de recrutas e estrangeiros, os quais ainda que bra-

vos, não simpatizavam com a causa por que pugnavam".

A luta ia processar-se de tres formas distintas: operações de bloqueio, operações de guerra e operações de corso.

As primeiras decorriam da necessidade de isolar os rebeldes uruguaios e seus aliados argentinos, impedindo-os de receber recursos de fóra. A vigilancia tinha de ser exercida no litoral da Cisplatina e nos portos das Provincias Unidas. A situação antolhava-se nêsse ponto facil ao Imperio, porque inegavelmente êle tinha o dominio do mar. Usando dêle, procurámos impedir o comercio argentino, isolar nossos inimigos, obstar suas comunicações e suprir de recursos as nossas posições litoraneas do Uruguai. A Argentina fará os maiores esforços para estorvar ou fraudar êsse plano de ação.

Quando rebentou a guerra, nossa força naval no Rio da Prata parecia respeitavel: fragata *Tétis*, corveta *Liberal*, dois brigues, uma barca, 12 escunas e oito lanchões armados e artilhados. Eram as unidades do capitão de mar e guerra Pedro Nunes, que tinham ido combater os portuguêses na guerra da independencia, e de Roque de Sena Pereira, que haviam contribuido, subindo o curso do Uruguai, para o envolvimento completo de Artigas e a feliz conclusão da campanha de 1820. Imediatamente, seguiram a reforçar essa esquadra as fragatas *Imperatriz* e *Paula*, as corvetas *Itaparica* e *Maceió*, um brigue e outros barcos menores. O comando geral coube ao almirante Rodrigo José Ferreira Lobo, que, já velho e de temperamento antes contemporizador do que dinamico, não deu no inimigo, fraco e sem defesa cos-

Teatro das operações da campanha naval do Rio da Prata — 1825-28.

teira ou móvel, o rude golpe inicial que devia dar-lhe para lhe tirar de vez as veleidades da resistencia e esmagá-lo definitivamente. Se assim obrasse, outra teria sido a sorte da guerra e diverso o mapa atual da America do Sul. Alem disso, fez depender sua ação sempre do comando terrestre, o que era sem desculpa nas condições em que se desenvolvia a luta.

Rodrigo Lobo cifrou-se ao circulo fatal das meias medidas, estendendo sua linha de bloqueio e consentindo que o adversario se preparasse para uma *defensiva-ativa,* a qual no primeiro momento não lhe seria possivel e que levou a efeito, brilhantemente, graças á incapacidade manifesta do comandante da esquadra.

Os argentinos entregaram seus destinos navais a um marinheiro notavel, o irlandês William Brown, que já servira na guerra da independencia e que armou e tripulou *á la diable* uns dezeseis barquinhos entre os quais pequena corveta e dois brigues de 6 e 14 canhões. Contra a grande esquadra brasileira êsse armamento seria irrisorio, se o seu chefe não soubesse tirar partido estrategico do perigoso litoral do país, dos parceis, dos baixios, dos alfaques, das correntes e dos ventos reinantes. Tirou-o do melhor modo que pôde. Batido, sempre que se apresentou a descoberto ou a isso foi forçado, como era natural, trouxe em continua vigilancia e incómodo os brasileiros, surpreendeu-os varias vezes, tentou outras tantas romper o bloqueio, destruiu a esquadrilha do Uruguai e de continuo conseguiu escapar ás perseguições. Seus barcos pequenos, velozes, dirigidos por conhecedores práticos do dificil estuario, aproveitavam os ventos de feição para se fazerem ao

mar, quando a linha da esquadra imperial se afastava com o máu tempo; para o ataque á costa fronteira, e para todos os golpes de verdadeira guerra de recursos, deslisando sobre os bancos traidores em busca do refugio de seus ancoradouros nas barbas das altas, empavezadas fragatas e corvetas do Imperio, eriçadas de poderosa artilharia.

O exercicio do bloqueio trouxe ao governo brasileiro grandes dissabores e complicações de ordem internacional devido a reclamações estrangeiras sobre visitas e presas efetuadas pela esquadra.

A esquadrilha argentina, a 14 de janeiro de 1826, mostrou-se pela primeira vez fóra do seu abrigo, bordejando e disparando alguns tiros.

Provocada pelos pequenos navios imperiais, não fez caso e recolheu-se ao ancoradouro.

Quasi um mês depois, a 9 de fevereiro, de manhã cedo, os gageiros da corveta *Itaparica*, em cujo mastro grande batia o pavilhão do chefe Diogo Jorge de Brito, a assinalaram no horizonte tranquilo. A esquadra imperial estava fundeada nas cercanias dos bancos exteriores do porto de Buenos Aires. A *Liberal* com a insignia do almirante, a *Maceió* e a *Itaparica*. Em linha pela pôpa das tres corvetas, os brigues *Cabôclo, 29 de agosto, Rial Pedro, D. Januaria* e *Rio da Prata*, as escunas *Liberdade* e *Conceição*. No céu ligeiramente dourado, oscilavam devagar as mastreações com o seu aranhol de cordame, adejavam lentamente as flámulas e bandeiras.

Avistada a frota de Brown, começou-se a suspender ferros e a largar as carregadeiras das velas.

Os navios adversos cresciam sobre as aguas iluminadas: chefiando a empresa, a fragata *25 de mayo;* seguindo-a, os brigues *Congreso, Republica Argentina, General Belgrano* e *General Balcarce,* as escunas *Sarandi* e *Pepa,* e doze canhoneiras.

Largados os panos, as naves imperiais já ganhavam barlavento, cortando a derrota dos argentinos, de modo a impedir-lhes o mar. Velejaram, assim, mais ou menos uma hora, quando a *Liberal* mandou diminuir a marcha. Brown, com o velame todo de suas embarcações enfunado, aproximava-se. Rodrigo Lobo fez a esquadra virar de bordo e caçar o adversario para cortar-lhe a retirada. Executada a manobra com grande precisão, êle içou seguidamente êstes sinais:

"O almirante lembra a gloria da nação nêste dia e espera que todos se batam com o mais decisivo valor!"

"Atacar o inimigo logo que cada um puder!"

O inimigo não esteve pelos autos. Virou tambem de bordo e fugiu em busca do seu porto. Só ás duas e meia da tarde, á vista da Colonia do Sacramento, se pôde travar o combate. Brown dispôs sua ordem de batalha em linha de fila. Nós assumimos a ofensiva com a vantagem do barlavento, preconizada na tática naval da época (*), e formando em coluna para desenvolver toda a

(*) É preciso não esquecer que se trata de navios a vela, cujo unico motor é o vento. A barlavento, isto é, tendo-o de feição ha a grande vantagem de poder manobrar á vontade, embora a desvantagem de perder a eficiencia da artilharia de todo o bordo que fica inclinado para a agua, justamente do lado do inimigo. Nelson, que não era um grande marinheiro, mas um grande soldado naval, rompeu com o preconceito classico do barlavento e preferiu a força da artilharia á manobra, a sotavento.

força da artilharia. Na posição em que estavamos, tinhamos a faculdade de aceitar ou recusar a luta, de lançar brulotes, de impôr a distancia do combate, tudo isso na dependencia do vento, o que compensava talvez os percalços de ter as baterias baixas prejudicadas pela agitação das ondas, o apparelho exposto pela inclinação ao fogo contrario e de cair na linha adversa, em caso de desarvoramento. Rodrigo Lobo adotou o sistema francês de combater sempre a barlavento. Brown preferiu o inglês, com que Nelson rompera a tradição e se dera muito bem, o de ficar a sotavento, dispondo de todo o poder ofensivo do fogo. Pelo desenvolvimento da operação, parece que o nosso almirante pretendia correr a contra-bordo dos argentinos, varrendo-os a bala; depois, cortar a linha de Brown, separando as canhoneiras dos navios grossos, e destroçando as duas fracções.

A *Liberal* e a *Itaparica,* na testa da linha brasileira romperam o fogo contra a capitánea de Brown e os brigues. Ela sustentou algum tempo o ataque e, de súbito, virou de bordo, sem dar sinal aos outros, estabelecendo a confusão. O nosso brigue *29 de agosto* pôs-se-lhe pela prôa e imobilizou-a. A *Liberal* malhou-a a ferro e fogo. Emquanto isso, a *Itaparica* cuspia balas no *Congreso* e a *Maceió,* seguida dos brigues, procurava envolver toda a frota platina, Brown, vendo o destroço causado pela artilharia imperial nos barcos maiores, as canhoneiras dispersas e em fuga, sentiu-se perdido, mandou içar o sinal de retirada e arribou bruscamente. Abrindo o pano todo e despejando os canhões sobre o *29 de agosto,* que o acuára, forçou a passagem: "Eterno fujão", chama-lo-ia mais tarde o barão do Rio da Prata.

As canhoneiras escaparam á nossa perseguição, rasando os baixios. As corvetas puseram-se no encalço da capitánea argentina e do corpo principal de sua esquadra. Ás cinco horas ainda os alcançaram e os crivaram de metralha até que a noite se estendeu sobre as aguas traiçoeiras.

Rodrigo Lobo combatera com denodo e ficara vitorioso, mas isso não era bastante. Com um pouco mais de impeto e de decisão, sacrificando embora metade de seus navios, teria aniquilado a força adversa. Êle teve a preocupação de poupar o seu material flutuante. Preocupação pouco louvavel.

A essa vitoria nossa, que um historiador argentino classifica *melancolico episodio*, se dá o nome de combate naval de Corales. Nêle morreu heroicamente no seu posto de comando a bordo do *29 de agosto*, sob a saraivada de balas da almiranta argentina, um herói hoje esquecido, o 1.º tenente João Rodrigues Glisson.

A esquadra imperial fundeou entre os bancos Ortiz e Chico. Em 24 de fevereiro, ajudados de forte nevoeiro, os inimigos tentaram surpreendêla. Pressentidos pela *Liberal*, e avistando na neblina o perfil amedrontador da fragata *Imperatriz*, fugiram, não para Buenos Aires desta vez, porem rumo da Colonia do Sacramento. O nosso almirante, perdido o contácto com o inimigo, não se importou de saber para onde ia. Marco de secular disputa entre castelhanos e portuguêses no estuario do Prata, a velha praça de guerra tantas vezes tomada e retomada agonizava e, como um leão ferido, ainda resistia valentemente aos golpes da adversidade. Comandava-lhe a pequena guarnição o brigadeiro Manuel Jorge Rodrigues, depois

barão de Taquari. Dêsde começos de fevereiro, sitiava-a por terra forte destacamento do exercito de Lavalleja sob as ordens de D. Ramon Cáceres.

A flotilha de Brown, no dia seguinte, entrou em fila na enseada em cujo fundo ficava a cidade: quatro brigues e uma escuna cobertos de velas infladas. Um parlamentario intimou a rendição. O brigadeiro respondeu serenamente que "só a sorte das armas decide a sorte das praças".

Todos se prepararam para o combate. Tres pequenas escunas brasileiras do comando de Frederico Mariath, incapazes de aguentar o choque dos brigues adversos, fundearam sob a protecção das baterias de terra.

Á noite, os argentinos tentaram um desembarque auxiliado por um ataque das forças de Ramon Cáceres, mas fôram repelidos com perdas. Ao amanhecer, os navios atacantes desfilaram deante das fortificações, despejando-lhes bandas de artilharia. Os baluartes históricos intrepidamente responderam ao fogo. Na ponta de S. Gabriel, o brigue Belgrano encalhou sob a pontaria dos nossos canhões, seu comandante foi morto e a tripulação o abandonou.

Brown içou bandeira branca e mandou outro parlamentario com outra intimação. Manuel Jorge Rodrigues replicou-lhe, parodiando o *quod scripsit scripsit* de Pilatos: *o dito, dito!*

A escuna Conceição conseguiu deixar o porto e levar aviso do inopinado ataque ao almirante, em Montevidéu. Brown afastára-se para as ilhas de Hornos, onde recebeu reforços e de onde enviou uma expedição noturna para incendiar os navios de Mariath, empresa que falhou fragorosamente com grande sacrificio de sua gente. Nos

primeiros dias de março, com novos reforços, tentou aproximar-se da posição cubiçada e foi recebido a tiro.

O almirante Lobo chegou com sua esquadra ás aguas da Colonia no dia 6 de março e fundeou ao largo, receoso de entrar no porto que já podia estar nas mãos dos contrarios. Irrisoria prudencia, que o bravo governador da praça exprobrou, em oficio, classificando a frota de simples testemunha de qualquer acontecimento futuro e dizendo que, ante aquêle procedimento, sua derradeira esperança se desvanecera...

Brown, escondido entre as ilhas de Hornos, bateu a plumagem rumo de Buenos Aires no dia 14, escapando á ação da esquadra imperial e, apesar do insucesso de seus planos, dum verdadeiro desastre, na opinião de Carranza e Baldrich, salvando quasi todos os seus navios.

Ao governo imperial desagradaram a morosidade e incompetencia do almirante. Substituiu-o por Pinto Guedes, que seria mais tarde barão do Rio da Prata. A 11 de abril, estava aquêle ainda no comando quando a fragata *Niteroi* avistou perto de Montevidéu grande navio sob bandeira francêsa perseguindo uma sumaca mercante brasileira. O comandante Norton aproou sobre êle, seguido das escunas que lhe serviam de auxiliares. O barco suspeito arriou as côres de França e firmou com um tiro as da Argentina e a insignia de Brown. Era a fragata *25 de mayo*. Velejou, porem, em retirada. A *Niteroi* largou todo o pano e deixou para trás as escunas. Ás tres horas da tarde, aproximou-se do inimigo e começou o fogo. O brigue argentino *Republica* apareceu por essa altura, ajudando as manobras

do almirante platino. Ao anoitecer, a fragata imperial suspendeu a caça. Mais uma vez o chefe adversario escapava pela fuga.

A 27 de abril, durante a noite, Brown tentou tomar por abordagem, de surpresa, no porto de Montevidéu, a fragata *Imperatriz*, do comando do capitão de fragata Luiz Barroso Pereira, que morreu batendo-se corpo a corpo com os assaltantes repelidos.

O almirante Pinto Guedes assumiu o comando em maio e logo procurou grupar os elementos da nossa força naval, de modo a poderem operar melhor contra o insidioso inimigo.

A 11 de junho, a 2.ª divisão, comandada pelo capitão de mar e guerra Norton, tentou atacar no ancoradouro dos Pozos, em Buenos Aires, a esquadrilha de Brown, protegida pelos alfaques, *tobas* e parceis daquêle refugio natural. Dos onze navios argentinos que ali se achavam somente cinco da referida divisão se puderam aproximar, porque aos demais a falta de agua para navegar obrigou a ficarem a grande distancia. Eram um brigue, o *Cabôclo*, um brigue-escuna, o *Januaria*, e tres escunas, *Providencia*, *Paula* e *Itaparica*.

Brown, apesar da pequenez dêsses barcos, como diz Baldrich "tuvo el sereno acierto de no abandonar su posicion defensiva". Quando nossas velas chegaram ás balisas exteriores, o *Congreso* rompeu fogo. Respondemos. Até as corvetas gastaram de longe, improficuamente, as munições. O povo portenho veiu olhar das praias aquêle duelo de artilharia que durou cerca de tres horas.

Durante êle, mais seis embarcações de Brown, escapando ás linhas da esquadra imperial que enchia o rio e passando a raspar as carenas por cima do banco de las Palmas, vieram reunir-se ao almirante, que ficou com 17 unidades. Ao morrer o sol sobre o lençol amarelo das aguas, nos lais da verga grande da *Niteroi,* bailaram os sinais de cessar fogo e reunir.

O barão do Rio Branco chama com razão a êsse canhonheio inutil *naumáquia.* Baldrich declara-o *incruento.* Não houve feridos nem avarias. Todavia o patriotismo argentino apelida êsse belo espetaculo *la batalla de los Pozos* e comemora com discursos e festas a nossa derrota... Quem não tem cão — diz o brocardo — caça com gato... Nessa data de 11 de junho, mais tarde, nós escrevemos a pagina do Riachuelo...

De 29 para 30 de julho, travou-se o combate naval de Lara-Quilmes. Norton, com onze navios seus e quatro da 3.ª divisão de Sena Pereira, fundeou nas balisas exteriores do porto de Buenos Aires. Ás dez da noite, um gageiro da *Conceição,* que rondava, assinalou no negrume envolvente navios por estibordo. Era a esquadra argentina que saía silenciosamente do seu abrigo. A frota largou amarras sobre boias e rumou contra o inimigo. Na ponta de Lara, perdido êste de vista, a *Niteroi* atravessou e fez sinal de reunir.

Á primeira brisa matutina que alimpou o céu, Norton avistou fundeados e emparelhados com as suas embarcações, a barlavento, nove navios e nove canhonheiras adversarios. Todos suspenderam ferros, viraram em roda e amuraram a estibordo. Os nossos levantaram âncoras, viraram por davante e amuraram a bombordo. O brigue

Pirajá iniciou a ação. A *Niteroi* e o *Cabôclo* cortaram a linha platina e aproximaram-se da *25 de mayo*. Ao ataque brasileiro logo se introduziu, como confessam os nossos contrarios, em todos os seus navios tremenda desordem. Alguns fugiram para Punta Lara e outros para os Pozos, abandonando a almiranta á artilharia da *Niteroi*. Brown arriou o pavilhão, passou-se para o brigue *Republica* e raspou-se para Buenos Aires.

A *25 de mayo*, com o arvoredo desfeito, esburacada, os bailéus rotos, para sempre imprestavel, retirou rebocada pelas canhonheiras e nunca mais navegou.

Antes de desertar seu posto, Brown deu ao comandante da fragata, o valente Espora, seu oculo de alcance, recomendando-lhe que voasse pelos ares e se não rendêsse, êle que fugia! Aprisionado pelo comandante Joaquim Marques Lisbôa, depois almirante e marquês de Tamandaré, a 29 de fevereiro de 1828, no ataque do brigue *Ocho de febrero*, que comandava, pela escuna *Bela-Maria*, deu ao nosso glorioso patricio aquêla preciosa reliquia, hoje guardada no Museu Historico.

O ano de 1826 terminou com os dois combates de Jaguari, que cobrem de gloria o nome do chefe Jacinto Roque de Sena Pereira. Sua divisão, a 3.ª, destinada a operar nos rios Uruguai e Paraná, era composta na maioria de carunchosas e carcomidas embarcações que tinham sido empregadas de 1816 a 1820 na guerra contra Artigas. Algumas contavam já dez anos de uso. Reforçaram-na alguns hiates e outros barcos improprios á navegação fluvial de modo que constava de elementos heterogeneos e fracos. Essa força tinha

a missão de interromper as linhas de comunicação e abastecimento do exercito argentino.

Sena Pereira exercia seu comando dêsde a memoravel conquista da Cisplatina pelo Brasil-Reino, conhecia perfeitamente o teatro das operações e os meios praticos de realizá-las com proveito. E, embora mal aparelhado, alimentava esperanças de exito.

Ao raiar de dezembro, fez-se de vela para as aguas do Paraná. A espionagem informou disso Buenos Aires e os argentinos ocuparam e fortificaram, após um primeiro insucesso, a ilha de Martin Garcia, chave da navegação daquela zona, lamentavelmente abandonada pelo almirante Lobo e esquecida pelo almirante Pinto Guedes.

A 29 do mês, remontando o rio para engarrafá-la, com um brigue, escunas, sumacas e canhoneiras, o chefe adverso deu com a flotilha de Sena Pereira na bóca do Jaguari. Superior em unidades, efetivo e canhões, atacou-a. Nós, aproveitando as vantagens da posição, galhardamente o repelimos. No dia seguinte, novo ataque e novo fracasso. Virou de pôpa e derivou rio abaixo com as melhores embarcações a encalharem pelo caminho. Se Sena Pereira o persegue, tê-lo-ia destroçado completamente.

O grande recurso da guerra naval das Provincias Unidas contra o Imperio foi o corso. Dezenas de navios fôram nêle empregados. Todos os aventureiros do mar e todos os piratas obtiveram cartas de corsarios do governo argentino. Armavam seus navios nos portos meridionais dos Estados Unidos, em alguns da Europa, em Buenos Aires, no Salado e em Carmen de Patagones. Rio Branco organizou a vasta lista dêsses flibusteiros,

dos quais somente doze escaparam. Os outros fôram apresados, incendiados ou metidos a pique pela nossa esquadra. O proprio Brown, em outubro de 1826, fez um cruzeiro de corso nas nossas costas até as aguas do Rio de Janeiro com a *Sarandi* e a *Chacabuco*. Essa campanha de pirataria causava-nos grande mal e nos obrigou a duas infelizes expedições á Patagonia.

O ano de 1827 iniciou-se pelo combate naval do banco de Sant'Ana. O capitão de fragata Mariath, com a *Maceió* e alguns navios menores, fundeou entre os bancos de Playa Honda e Sant'Ana, cinco milhas abaixo de Martin Garcia com o fito de proteger as comunicações de Sena Pereira. A 18 de janeiro, ao clarear o dia, Brown atacou-o com 15 navios. Mariath mandou soltar o pano e foi sobre êles. A primeira banda da *Maceió* escangalhou o aparelho da *Guanaco*. A segunda pôs em fuga sumacas e canhonheiras. A terceira não encontrou mais inimigos.

Ás sete da manhã, outros navios imperiais vieram reforçar Mariath. Ás dez, Brown surgiu para tentar novo ataque e retirou, depois de trocar alguns tiros, com avarias visiveis na sua frota.

Precisando abastecer-se, Sena Pereira desceu o rio. "Brown esperava-o de tocaia na entrada para o estuario". A 8 de fevereiro deante do Juncal e das ilhas Duas Irmãs, travou-se a ação, que o silvar de furioso pampeiro interrompeu. No dia seguinte, recomeçou. E foi um grave revez para nós. Os argentinos afundaram, queimaram ou capturaram os velhos lanchões, saveiros e balandras de 1816, aprisionando o chefe da divisão. Os grandes navios de Mariath, a distan-

cia, testemunharam o desastre, sem poder impedi-lo por causa do seu grande calado.

A derrota do Juncal destruiu uma porção de embarcações velhas e sem valor militar, porem deu asas aos exageros e prestigio moral ao inimigo.

As expedições á Patagonia contribuiram tambem grandemente para êsse prestigio. Pinto Guedes enviou-as, afim de obstar o armamento de corsarios no porto de Carmen de Patagones. A primeira, comandada por Jones Sheperd, perdeu naquele litoral então desconhecido e dificil, logo de entrada, o melhor navio, a corveta *Duquesa de Goiaz* que meteu a prôa num banco e foi despedaçada pelo mar. A vila del Carmen fica acima da embocadura do Rio Negro. Sheperd subiu-o até certa distancia; depois, deixando os barcos quasi desguarnecidos no fundeadouro, desembarcou sua gente e marchou por terra. Surpreendidos por elementos de cavalaria, os marinheiros defenderam-se com bravura, mas tiveram de render-se. Emquanto isso, os corsarios desciam a correnteza e se apoderavam da corveta *Itaparica,* do brigue-escuna *Escudera* e da escuna *Constança.*

A segunda expedição, composta da corveta *Maceió,* dos brigues *Independencia ou morte* e *Cabôclo,* conduzida por praticos ignorantes ou deliberadamente perversos, teve desastroso fim: a corveta partiu-se pelo meio e o *Independencia* naufragou. De todas essas malfadadas comissões participou com bravura e habilidade o futuro marquês de Tamandaré.

Nossa derradeira ação no Prata foi a famosa batalha naval do Monte Santiago cuja importancia sobreleva a de qualquer outro feito, porque

com ela obtivemos o dominio do mar que nos deu, depois, uma longa sucessão de vitorias definitivas sem o receio de outros Ituzaingó.

Na escura noite de 6 de abril de 1827, um tiro de canhão e sinais luminosos avisaram de bordo da corveta *Maceió* que saiam navios de Buenos Aires. E em toda a divisão do capitão de mar e guerra James Norton as tripulações correram ás fainas de suspender ferros e largar panos.

Obedecendo a ordens terminantes de seu governo, Brown pretendia romper o bloqueio do Prata, ir reunir-se aos corsarios de Carmen de Patagones e fazer um ataque ás costas brasileiras. Recurso desesperado. Vinha a bordo do brigue *Republica,* com o *Independencia,* o *Congreso* e a escuna *Sarandi* na esteira.

Avistaram-no, apesar da escuridão, os vigias da corveta, que preveniu a *Liberal* e os brigues da 2.ª divisão, fundeada a oito milhas do canal exterior do porto. A capitánea imperial mandou içar as ancoras e manobrar de modo a não perder o contácto com o inimigo.

Sob o vento de nordeste, que refrescara, com maré de vasante, as aguas agitavam-se. E os nossos barcos, amurando sobre bolinas, rumaram sobre os vultos apagados dos brigues argentinos, que largaram todas as velas, procurando ganhar o largo. Ao sinal de caça, os nossos fizeram tambem força de vela e, ás duas da madrugada, os da frente começaram o fogo com os rodizios de prôa.

A frota adversaria viu-se entre êles e a costa emparcelada, não aguentou o ataque e arribou, em fuga. Perseguimo-los sem lhes dar treguas, a *Maceió* sobre o *Congreso,* que escapou, metendo-

se pelos canais dos bancos, de modo a ocultar-se na Enseñada. Querendo acompanhá-lo, o *Independencia* e o *Republica* encalharam entre as pontas de Confisco e Palo Blanco. A *Sarandi*, para defendê-los, foi obrigada a fundear perto dêles.

Duraram horas o duelo de artilharia e as manobras entre os dois contrarios até que, ao entardecer do dia 7, o estuario se cobriu com os velames de toda a esquadra do almirante Pinto Guedes, que acudia ao rumor do canhonheio, parando, porem, a grande distancia devido ao calado dos navios e tornando-se mero espectador da luta.

O vento caia, de modo que só o brigue *Pirajá* comandado por João de Botas, herói da guerra da independencia, e o *Independencia ou morte*, puderam chegar ao alcance de tiro do inimigo. Ás cinco da tarde, a almiranta *D. Paula* mandou cessar o fogo e seguir de perto as embarcações de Brown.

Ao romper da manhã de 8 de abril, o vento muda e sopra de feição, trazendo da Colonia do Sacramento seis pequenas escunas que podem ir sobre os bancos destruir os navios argentinos. Norton iça o seu pavilhão numa delas e avança, comandando as outras, enquanto os navios de alto bordo fecham o caminho do largo. A esquadrilha argentina está irremediavelmente perdida.

As escunas cercam os barcos argentinos e arrebentam-lhes arvoredos e obras mortas a tiros de canhão, até que, ás duas horas da tarde, responde ao sinal das bandeiras da pequena capitánea, que manda a abordagem, o grito feroz das tripulações, ás quais se distribuem sabres, pistolas, chuços e machados. Os escaleres cheios de

marinheiros dirigem-se de voga picada para os brigues encalhados e desmantelados. A tiro de espingarda dêles, o *Independencia* arria a bandeira azul e branca, rendendo-se sem combater. A gente do *Republica* defende-o valentemente corpo a corpo, mas é esmagada, enquanto Brown foge para a *Sarandi*, ferido na côxa, raspando-se para Buenos Aires. Uma grande aclamação ecôa sobre os convezes de toda a esquadra, repetida pelo éco, ao longe:

— Viva o Imperador!

Á noite, o clarão dos navios inimigos incendiados ilumina o horizonte. Na capital argentina, ha trevas e lágrimas. Brown é recolhido ao hospital, de onde sairia côxo para sempre. Com a vitoria do Monte Santiago, a marinha vingara o Brasil dos insultos de Ituzaingó e lhe dera por um seculo a supremacia naval na America do Sul.

CAPITULO IV

GUERRA CONTRA ROSAS
(1851-1852)

Em 1793, quando campeava em França o terror imposto pelas mediocridades revolucionarias, D. Juan Manuel Ortiz de Rosas nasceu na cidade de Buenos Aires, numa casa da rua Santa Lucia, hoje por ironia do destino crismada com o nome de Sarmiento, seu grande inimigo. Provinha de velho tronco castelhano, os Ortiz de Rosas, fidalgos e soldados da provincia de Burgos. E a sua vinda ao mundo foi saúdada pelos pifanos e tambores dos pregoeiros oficiais que anunciavam aos povos platinos a declaração de guerra á República Francesa por Sua Majestade o Rei de Espanha.

Menino voluntarioso e dominador, frequentou uma escola particular e passou as ferias no Rincón de Lopez, fazenda cujas terras tocavam os limites da região conquistada ás cabildas de indios meridionais. Até a adolescencia, ali teve seu contácto com a vida aspera e primitiva do pampa, domando baguais nos rodeios, boleando chamurros, caçando feras, apartando rebanhos, praticando todas as façanhas de agilidade e destreza, de força e coragem que atráem, tonificam e adestram a mocidade.

No ano de 1806, quando da conquista de Buenos Aires pelos inglêses de Beresford e sua re-

conquista pelos voluntarios de Liniers, com treze anos de idade, alistado como servente da artilharia, Rosas recebia seu batismo de fogo e, por escrito, um atestado de bravura do general em chefe.

A revolução de maio de 1810 despertou a sonolenta gente da colonia com o rumor de suas armas e de sua estranha retórica. A mocidade alevantou-se, falando em martirio, liberdade, crueldade dos tiranos e direitos do homem. Toda a geração de Rosas — afirma Ibarguren — exaltou-se com aquela febre, menos êle. Durante o periodo decorrido entre 1810 e 1820, ela combateu pelo triunfo das idéas revolucionarias, ora em plena efervescencia, ora comprimidas ao sabor das circumstancias do momento. E o joven Juan Manuel retraido na sua estancia, entre os peões e os indios, na intimidade das forças da natureza e lançando um olhar que parecia indiferente ao ambiente social e politico de desordem e indisciplina, como se êsses dois produtos daquela época de transição o afastassem da vida pública.

Viveu com sua mocidade e sua força longe das *montoñeras* e aventuras da existencia caudilhesca. Com sua mocidade, sua força e sua beleza máscula. Isolou-se na vastidão do pampa argentino com os seus dispersos núcleos de população creoula ou mestiça, os pastores errantes e bárbaros, os lavradores rudimentares e ásperos, nas raias do deserto imenso que se estendia para o sul, povoado somente de pumas e de indios. Por ali tudo, o imperio das violencias. Nenhuma regra. Nenhuma medida. E, segundo Azara, os homens daquela região não amam a sociedade que desconhecem, ignoram o mais elementar conforto,

carecem de toda instrução, não sabem obedecer e, habituados dêsde a mais tenra infancia a degolar animais, natural lhes parece o mêsmo fazer aos homens. Indiferença pela morte. Nessa escola, se formou a alma do futuro tirano.

A revolução da independencia argentina processou-se na cidade, no seio da mocidade mais ou menos instruida. Quando chegou a agitar o fundo das populações rurais, produziu uma verdadeira guerra social e a peor das anarquias. Foi aí que as massas gaúchas hastearam as bandeiras vermelhas do caudilhismo, guerreando sem cessar a civilização urbana e as doutrinas politicas européas. Rosas é o expoente maximo dessa reação rural contra a direção citadina, é o dominio da barbárie do pampa sobre a cultura do litoral. No dia em que êsse dominio inflamado por seu exito, resolve passar a fronteira argentina e dar os primeiros passos para o norte, as sentinelas do Imperio, que era o grande fóco de cultura e de civilização da America meridional, bradam ás armas. Sob as brazonadas bandeiras auri-verdes, marcham as infantarias nortistas e as cavalarias riograndenses, e de novo se restabelece o equilibrio do continente. Toda a vez que um dêsses caudilhos quis passar alem do seu âmbito proprio, o Brasil Imperial abateu-o: Artigas, Rosas, Lopez, todos fôram varridos por nossos soldados. Dia virá em que se fará justiça a essa grande obra.

Rosas, tomando o poder, pela primeira vez, em 1829, como governador de Buenos Aires, depois de lutas e porfias politicas varias, entendeu que a nação era uma estancia maior e começou a aplicar-lhe os processos de administração e disciplina a que se acostumára na fazenda an-

cestral. Nêsse primeiro periodo de administração, deu árras de seu plano preconcebido de expansão territorial, que amadureceria mais tarde em esforços constantes para a reconstrução da unidade do antigo vice-reinado do Prata, protegendo no Uruguai as irrequietas pretenções politicas de Lavalleja contra o governo de Rivera.

Em dezembro de 1832, seus amigos quiseram reelegê-lo, porem deixou a curul da governação, fingindo desinteresse e recolhendo-se á estancia com o anuncio de considerar encerrada sua carreira politica. Sucedeu-lhe o timido e indeciso Balcarce, que, para evitar a inação do ex-governador, possivel geradora de intrigas e novas ambições, lhe confiou o comando duma expedição militar contra os indios do Sul. Rosas pôde, assim, reunir forças com as quais agiria depois contra o poder constituido, tornando-se, como desejava, unico arbitro dos destinos da patria.

Em 1833, enfraquecido e humilhado, Balcarce cái e Rosas recusa sua sucessão. A anarquia resultante servia aos designios do caudilho, apoiado em elementos militares violentos, cujos instintos a campanha contra os selvagens desaçaimara. Êle esperava o momento de tomar conta do poder como um salvador dá nação, de modo a exercê-lo despoticamente. Foi eleito Viamonte, a quem fez rigorosa oposição.

Enquanto isso, a anarquia imperava no Uruguai, onde os caudilhos militares disputavam o governo e Oribe, apelidado o Corta-cabeças, obedecia á influencia rosista.

Dona Encarnacion, esposa de Rosas, foi a Egeria dêsse tumultuoso periodo de lutas fratricidas. Considerando Viamonte como um homem

sem energia, mais filosofo do que estadista, aconselhou ao marido que aproveitasse o conselho do intrigante Tiburcio Ochoteca, fundando depois o famigerado clube da "Mashorca" (Mais Forca!) e a sociedade "Popular Restauradora", com cujo apoio escalaria célere o posto ambicionado. Segundo diz um historiador, a gente dessas associações, "depois de beber e comer, saía á rua ebria, cometendo as peores violencias contra os individuos filiados ao partido unitario, aos gritos, alaridos e imprecações". Lisonjeada pelo chefe supremo, a plebe tinha fascinação por êle, sobretudo os negros, que tratava com grande carinho. Continuando a fingir que nada queria e a urdir intrigas na politica uruguaia, passo a passo se aproximava da suprema direção do país.

Depois do assassinio de Facundo Quiroga, o *gaúcho malo*, o semi selvagem que Sarmiento tão bem retratou, unico chefe que lhe podia fazer sombra, Rosas recebeu da Honrada Sala dos Representantes os poderes publicos pelo prazo de cinco anos. Emfim enfeixava em suas mãos de tirano todas as atribuições governamentais. Corria o ano de 1835 e o Brasil se debatia nos tumultos politicos regionais da Regencia. Borbulhava no Rio Grande do Sul a rebeldia dos Farrapos, que devia trazer durante dois lustros o Imperio em desassocego e da qual um dos chefes, o maior, Bento Gonçalves, participara de quasi todas as intrigas uruguaias, ao lado de Rosas, contra Rivera.

Senhor absoluto do temporal e senhor absoluto do espiritual através dos sacerdotes que o bajulavam, o ditador começou a praticar a horrenda serie de crimes e sacrilegios que pintaram nas paginas da história americana sua figura com

sangue e lama. Do seu reinado Julio Maria Sosa deixou êste quadro sugestivo: " a liberdade politica, os direitos dos cidadãos, a dignidade do povo, o decoro da nação, a vida e a propriedade dos homens, o respeito a toda instituição regular e até a honestidade privada, o sacrario do lar, o pudor da mulher, eram para Rosas tolices indignas de sêrem tomadas em consideração e tudo foi por êle vilipendiado". Fusilamentos, degolamentos, apunhalamentos, torturas as mais infames praticavam todos os dias os seus sectarios. E tudo se cometia, endeusando o despota: Herói do Deserto, Restaurador das Leis, Grande Americano, ao mêsmo tempo que se anatematizavam seus opositores como "selvagens unitarios".

Continuou a politica de anarquizar o Uruguai, auxiliando Lavalleja e Oribe, incitando Bento Gonçalves, que a regencia do Brasil, fraca e atormentada de rebeliões, não podia conter, até que Oribe foi guindado á presidencia. Tinha homem seu á testa do país que cobiçava. E a guerra civil dos Farrapos o encheu de jubilo. Ajudou-a conforme pôde, pois que ela, perturbando a vida do Imperio, afastava o maior empecilho á realização dos seus planos de restauração do antigo vice-reinado espanhol.

A campanha que mais tarde fariamos contra êle foi ditada pela necessidade de impedir a formação dum Estado poderoso nas nossas fronteiras. Os estadistas brasileiros mantiveram por isso ciosamente a independencia do Uruguai, fruto do choque da rivalidade luso-castelhana na região do Prata, fomentaram e realizaram a separação do Paraguai, e, emfim, levaram nossas baionetas vitoriosas ás ruas de Buenos Aires, derrubando

para sempre o caudilho ensanguentado que ousára planejar a reunião de todos os territorios da antiga colonia.

Todos os argentinos de valor que se contrapunham ao dominio de Rosas fôram forçados a se expatriar. A Maioria refugiou-se em Montevidéu. Oribe perseguiu-os. Êles uniram-se a Rivera que se revoltara, o qual, derrotado nos campos de Carpintaria, correu a refugiar-se no Rio Grande.

A orgia de sangue continuou anos seguidos em Buenos Aires. A anarquia campeou anos seguidos no Uruguai. A rebelião prosseguiu em crueis alternativas nos pagos gauchos. E a nossa politica exterior frouxa, hesitante por lhe faltar a paz interna, deixou que se fôssem acumulando constantemente as dificuldades a resolver.

O Paraguai, que se declarara independente, mantinha-se sob a cautelosa tirania de Francia no seio de suas selvas e banhados, pouco se importando que o ditador lhe não reconhecesse a independencia e o ameaçasse. Mais proximo e mais cubiçado o Uruguai debatia-se nas chamas da guerra civil. Oribe deixou o seu governo, que Rivera assumiu, mas protestou e, com o auxilio de Rosas, veiu novamente ensanguentar aquela terra infeliz. O Corta-Cabeças era digno do Tigre de Palermo. Marchou sobre Montevidéu e sitiou-a. A cidade resistiu-lhe impávida dez longos anos, merecendo a alcunha de Troia Americana.

Em 1842, Caxias inicia a pacificação do Rio Grande e as queixas do Brasil contra o procedimento de Rosas e seu lugar-tenente Oribe aumentam continuamente de vulto. Seus emissarios procuram sublevar os escravos de nossa região

fronteiriça, seus sequazes matam e roubam brasileiros, e, além disso, prossegue a tentativa de incorporação da Banda Oriental, bem como as pretenções de anexação do Paraguai, considerado sempre pelo ditador como provincia rebelde.

Na primeira oportunidade, estalaria fatalmente a guerra.

Em 1845, ultima-se a paz do Rio Grande exausto pelo seu desmarcado esforço. E, do campo de Ponche Verde, David Canabarro previne, numa proclamação celebre, seus companheiros de epopéa que "um poder estranho ameaça a integridade do Imperio". Caira-lhe a venda dos olhos. Êsse poder é Rosas, Rosas deante de quem cinco anos mais tarde a Inglaterra e a França capitulariam, cedendo em tudo quanto exigira. A barbárie do pampa que êle representava quasi estourou de orgulho.

Deante dos saques e maleficios praticados contra nossos estancieiros, cujo gado tomado á força alimentava os sitiantes da Troia oriental, os riograndenses se insurgiram e o barão de Jacuí (*) invadiu o territorio oriental, em desforra, em rázias ou californias que ficaram famosas, embora seu chefe fôsse batido numa delas.

O primeiro passo para a intervenção, que se tornava imprescindivel e inadiavel nos negocios do Prata, deu-o o Brasil, declarando não consentir que Oribe se apoderasse de Montevidéu e concedendo ao governo da defesa a subvenção que lhe retirara a França.

(*) Francisco Pedro de Abreu, celebre guerrilheiro gaúcho denominado o Moringue.

Rosas de quando a quando renunciava ao poder e deixava-se forçar a continuar nêle. Repetiu a comedia em 1850. Urquiza, governador de Entre-rios, e Virasoro, governador de Corrientes, porém, desta vez não concordaram com a farça da reeleição, procurando logo o apoio financeiro e militar do Imperio. Êste aliou-se a ambos e ao Uruguai contra o ditador argentino, afim de mostrar que sua intervenção não tinha sentido imperialista, não visava a conquista de territorios, mas o restabelecimento da paz e da ordem perturbadas dêsde longa data. Ia começar a luta armada.

Preparando-se para a guerra, o governo imperial nomeou o conde de Caxias comandante em chefe do nosso Exercito na fronteira, o chefe de esquadra Grenfell comandante da frota destinada a operar no Prata, e, como Urquiza vacilasse, notificou-lhe que, agora, *com êle, sem êle* ou *contra êle*, entraria em campanha.

A concentração de nossas tropas opera-se em setembro de 1851: 4 divisões com 14 brigadas: a 1.ª sob a chefia de Bento Manuel; a 2.ª sob a de Caldwell; a 3.ª sob a de Santos Pereira; a 4.ª sob a de Canabarro; e a artilharia sob a de Silva Bittencourt. 16.200 homens com 23 bôcas de fogo. Do seu quartel general nas Pontas do Cunha Pirú, o general em chefe lança uma proclamação que é um modelo de estilo militar e de respeito aos direitos alheios, mandando respeitar a propriedade e os vencidos.

As forças de Canabarro vanguardêam a marcha da invasão rumo de Montevidéu. Sobre a mêsma cidade se dirigiam as cavalarias de Urquiza e Virasoro a toda a pressa. Por que? Entre outros historiadores, Eduardo de Urquiza, seu

descendente, nos revela a razão: "inspirado en un sentimiento de argentinismo, prescindiendo, para dar el golpe decisivo, de las fuerzas brasileñas..." O Corta-Cabeças fingiu escaramuçar com êle e rendeu-se, garantindo a preciosa existencia. Assim, quando Lima e Silva, desconfiando da trama, acorreu com Osorio, Bento Manuel e Miguel de Frias, o entreriano infiel havia aceitado a capitulação.

Frio intenso, chuvas constantes, os animais de tiro e montaria emagrecidos pela falta de pasto, o carretame atolando-se nos lameiros e os rios que transbordavam, tudo isso demorou a marcha dos invasores. E fôram as unicas dificuldades que encontraram nêsse longo e áspero passeio militar.

Caxias encontrou-se com Urquiza no acampamento do Pantanoso. Bivacaram juntos o Exercito Imperial fardado, municiado, armado de ponto em branco, com oficiais instruidos, disciplina e asseio, e as milicias entrerianas e correntinas, de chiripá e cabelo pelos ombros, sem ordem, sem instrução. Á visão dêsse contraste, seu general pensou naquela frase que mais tarde pronunciaria: "nós, os gaúchos, somente sabemos da guerra surpreender e ser surpreendidos..." Assentaram o plano de operações, traçado em suas linhas gerais pelo Conde.

O Exercito Brasileiro descansaria em Montevidéu e, depois, iria ocupar a Colonia do Sacramento. O de Urquiza marginaria o Paraná até a ponta do Diamante. A Esquadra Imperial subiria o rio, levando uma divisão nossa com o efetivo de 4 mil homens, forçaria os passos artilhados, protegeria a passagem dos argentinos e

da força auxiliar uruguaia. Reunidos na margem direita, orientais, imperiais, entrerianos e correntinos avançariam contra Buenos Aires, atacando o exercito de Rosas entrincheirado nos Santos Lugares. Se o vencessem, tomariam a capital e estaria terminada a campanha. Se encontrassem forte resistencia, Caxias embarcaria o grosso brasileiro, nos navios de Greenfell, saltaria em Quilmes, apoderar-se-ia da cidade e atacaria os rosistas pela retaguarda, desbaratando-os.

Êsse plano ainda era fruto do receio que tinha o governo imperial de ser acusado de intenções conquistadoras. E nós, que deviamos fazer a guerra sozinhos e sozinhos colher seus louros, nos sujeitamos por êsses escrupulos, que de nada nos teem valido, a um papel que só não foi secundario, porque os nossos soldados decidiram a vitoria e eram, como escreve Sarmiento, a "unica tropa decente" entre todas as outras.

A 17 de dezembro de 1851, nossa esquadra composta pelas corvetas a vapor *D. Afonso, D. Pedro II, D. Pedro* e *Recife*, rebocando as corvetas a vela *D. Francisca* e *União*, e o brigue *Caliope*, carregada com a divisão que devia cooperar com Urquisza e que era comandada pelo brigadeiro Marques de Souza, futuro conde de Porto Alegre, aproximou-se do estreito e perigoso passo de Toneleros, artilhado e guarnecido pelas tropas do general Mansilla, cunhado de Rosas. No tombadilho da capitánea, ao lado do chefe Greenfell, o varonil e elegante general com seu estado-maior e varios argentinos de valor refugiados em Montevidéu: Paunero, Mitre, Sarmiento.

Á distancia de tiro de espingarda, as baterias argentinas romperam fogo. Durante uma

hora, dezesseis peças de grosso calibre vomitaram balas sobre as corvetas, que continuaram a róta com pequenas avarias e perdas de vida, atestando a pessima ou nervosa pontaria dos inimigos. O sol alto dourando o rio. As bandeiras auri-verdes e azúes e brancas juntas no topo dos mastros. As granadas rebentando á flor dagua. Quando os canhões dos navios falaram, Mansilla abandonou seus canhões e retirou precipitadamente. A esquadra levou a 1.ª brigada da divisão até o Diamante, voltou á Colonia, embarcou a 2.ª e foi deixá-la sem receber mais um tiro. Nisto se cifrou toda a campanha naval.

Composto da brigada oriental comandada por Cesar Dias, da divisão imperial de Marques de Souza e das tropas regulares e irregulares de Corrientes e Entre-rios, o exercito de Urquiza tomou o pomposo nome de Grande Exercito Libertador da America do Sul. O grande Alberdi justifica êsse apelido quando afirma que sua vitoria foi um acontecimento tão grande como a revolução de maio, pois, se esta destruiu o governo colonial espanhol, aquela pôs a Argentina no caminho de sua organização e progresso. Felicitemos de ter sido essa a obra do Imperio Brasileiro, tão caluniado lá e cá!

A 3 de fevereiro de 1852, defrontaram-se os aliados e os rosistas, no caminho de Buenos Aires, num total de 60 mil homens, além da ponte de Marques, deante do povoado de Monte Caseros e da quinta dos Santos Lugares que pertencia ao ditador. Do lado dêste, 15 mil cavaleiros, 10 mil infantes e mil artilheiros com sessenta peças e tres estativas de foguetes de guerra. Do contrario 20 mil correntinos e entrerianos na maioria a ca-

valo; 4 mil brasileiros na maioria a pé e mil e setecentos uruguaios, com 50 canhões.

Tinhamos invadido o Uruguai e entrado no territorio da Confederação que violaramos pelo caminho do rio. Urquiza e Virasoro haviam marchado para o Uruguai e obliquado para o Paraná. Dêsde setembro do ano anterior que se declarára a guerra. Entretanto, Rosas limitara-se a ficar inerte. Nem um avanço para qualquer linha de defesa. Nem uma medida para impedir a marcha do inimigo. Nada. A ridicula defesa de Toneleros e a concentração naquela posição, quasi nos suburbios de Buenos Aires. Nada mais. Era muito pouco.

Na noite anterior, as guerrilhas de vedeta se dispersaram aos primeiros tiros e o conselho de chefes reunido pelo ditador lembrára que seria melhor tratar com Urquiza. Rosas, que os degolaria em outra ocasião, falou em renunciar. A bravura eloquente de Chilavert é que os decidiu a aceitar a batalha. A tirania agonizava dêsde êsse momento. E D. Juan Manuel exclamou desolado:

"Nosso verdadeiro inimigo é o Imperio!..."

O plano da ação traçado por Chilavert foi modificado pelo ditador ao amanhecer, quando as tropas tomavam posições. O exercito ocupou extensa linha em angulo obtuso com o arroio Morón, apoiada em Caseros e nos Santos Lugares, onde havia casas de sotéa e um grande pombal fortificados, a artilharia por traz de parapeitos, fóssos e palissadas, atiradores escolhidos nos edificios, duas divisões de cavalaria em reserva. Não havia, porém, o menor entusiasmo entre êsses soldados colocados em terreno tão propicio. Eram

gente sem ideal e sem pátria, viciada na matança e no saque, a escória de Buenos Aires. Além disso, Rosas não possuia um general. Êle nada entendia de tatica ou estrategia. Mal sabia guerrear os indios do pampa.

O exercito Aliado Libertador estendeu-se em linha na lomba fronteira a Caseros: á direita os orientais, ao centro os brasileiros, á esquerda as chusmas de Urquiza e Virasoro. A divisão de Marques de Souza foi desfalcada do 2.º regimento de cavalaria de Osorio, que passou a formar com os correntinos e entrerianos.

Urquiza era um general tão máu como Rosas. Nem comandou a batalha, nem teve estado maior que o substituisse, nem traçou outro plano além da colocação das forças no terreno. Dos documentos oficiais nada mais consta. Limitou-se, depois, a uma carga gaúchesca pela direita. Em inação, deixou 14 mil homens, mais de metade de seu efetivo. Quem resolveu o avanço sobre o centro rosista, quem o rompeu, quem mandou ordem a varios comandantes argentinos para coadjuvarem seu movimento, quem, emfim, decidiu a jornada, foi Marques de Souza, depois de reunir, cansado de esperar as determinações do comando em chefe, impaciente pela prolongada imobilidade, um conselho de oficiais no proprio campo de peleja, composto por êle, Pirán, Galán, Sarmiento e Mitre, que dá a respeito seu testemunho. Na sua parte a Caxias, o brigadeiro imperial assinala essa demora e sua resolução de tomar as deliberações necessarias.

A luta teve inicio entre seis e sete da manhã. Uma chuva de balas rasas e metralha partiu das linhas portenhas. Urquiza comandou sua carga,

contra o flanco esquerdo, enquanto os atiradores entrincheirados no flanco direito, apoiados pelas baterias de Chilavert, maltratavam os orientais.

Cesar Dias deteve seu avanço sob o fogo adverso. A infantaria de Galán permanecia imovel. Então o Boi de Botas, o 1.° de artilharia a cavalo, sob as ordens de Gonçalves Fontes, bateu a ferro e fogo as posições rosinas, desmontando canhões, estilhaçando palissadas e desmoronando entrincheiramentos. Sob a sua proteção, precedidos duma companhia de atiradores alemães munidos de fusis de agulha, modelo prussiano Dreise de 1841, já usados na guerra dos Ducados do Elba, os nossos batalhões de caçadores tomaram a baioneta os parapeitos e a artilharia, as casas de sotéa e o pombal, rompendo as linhas inimigas. Os uruguaios de Cesar Dias e os argentinos de Galán secundaram êsse brilhante movimento, que tudo decidiu. Ás onze horas, o centro rompido, a direita fóra de suas posições e a esquerda recuando, pronunciou-se a derrota. O regimento de Osorio deu a ultima carga e tomou uma bandeira, a unica do dia, que mais tarde restituimos.

Estava vencida a batalha de Caseros, de Morón ou dos Santos Lugares, vencida, segundo o testemunho insuspeito de La Madrid e Virasoro, pelo valor do nosso general e pelo esforço dos nossos soldados. "El centro médio de nuestra linea, reza a parte oficial argentina, dispuesto para una resistencia tenaz, era mandado por el brigadier del Imperio, jefe de la division Brasileña, don Manuel Marques de Souza..." O primeiro declara: "... el centro arrojaba con inaudita bravura de sus posiciones al salvaje tirano y sus ordas de esclavos..." O segundo afirma: "... la

division oriental, apoyada por dos batallones del Ejercito Brasileño... atravessaba los pántanos del centro de la Cañada intermediaria... bajo el amparo de las baterias del centro afin de tomar posiciones en colunas de ataque, formando angulo reto sobre la derecha del inimigo, amenazando su retaguardia, etc..."; "Envuelta la derecha enemiga y assaltada a la bayoneta por las fuerzas orientales y brasileñas, al mismo tiempo que nuestro centro se aproximaba a su linea, la derrota no tardó en pronunciar-se no obstante la resistencia tenaz de las baterias y batallones atrincherados en la casa de Monte Caseros, y el incendio del campo por ese lado, y en el frente que tenia que recorrer nuestro centro en su avance sobre el enemigo".

Analizemos rapidamente e tecnicamente a batalha com êsses preciosos dados de fonte argentina. Estão os exercitos em linha e trava-se a ação. O centro inimigo é rompido pelo *nosso centro*. Qual é êsse? A divisão imperial. A direita do inimigo é desbordada e envolvida. Por quem? Pelos orientais *apoiados*, veja-se bem, por dois batalhões brasileiros. Como se realizam êsses avanços? Sob o amparo das baterias do centro. Quais são essas baterias? As do 1.º de artilharia a cavalo. Todos êsses pontos determinam a derrota. Quem dá á esquerda a carga final e toma a unica bandeira do dia? A cavalaria de Osorio.

Haverá alguma dúvida que foi o general e as tropas brasileiras que venceram em Caseros?

A parte de Marques de Souza confirma plenamente todos êsses dados com mais pormenores. Por ela sabemos que nos apoderamos de 34 canhões, dos 60 que havia, de duas estativas den-

tre as tres que existiam, de carretas, bagagens, munições, armas, e equipamentos, tambores, 2 mil prisioneiros e 3 mil cavalos.

Ás duas horas da tarde, dos trinta mil homens de Rosas, restavam somente grupos de fugitivos, cadaveres e feridos. Levemente ferido no polegar, êle fugiu a cavalo pelo caminho de Matanzas acompanhado somente por seu ordenança, o fiel Lorenzo Lopez. Entrou em Buenos Aires silenciosa e triste, apeou-se sob uma arvore do Hueco de los Sauces, gatafunhou sobre o joelho num farrapo de papel a sua renuncia, mandou o soldado levá-la á Honrada Sala dos Representantes e buscar a filha, a celebre Manuelita, vestiu o poncho do dedicado companheiro, pôs a sua gorra á cabeça, e foi refugiar-se na legação inglêsa.

A' meia noite, embarcava no *Centaur*, do qual daí a quatro dias passaria para o *Conflict*, que o levaria a Southampton. Numa mais do que modesta casa de campo dos arredores dessa cidade, faleceu velho e pobre a 15 de março de 1877. Artigas fôra o primeiro caudilho que o Brasil varrera da face da America; êle fôra o segundo; o terceiro seria morto á margem do Aquidaban sete anos antes do seu fim.

A 18 de fevereiro, pelas ruas do Perú, da Federação, a praça da Vitória e o Paseo de Julio até Palermo, desfilaram triunfalmente em Buenos Aires, de bandeiras desfraldadas e musicas tocando, sob o comando de Marques de Souza, em grande gala, os soldados vitoriosos do Imperio. Dávamos mais uma resposta ás fanfarronadas de Ituzaingó.

CAPITULO V

GUERRA CONTRA O URUGUAI (1864)

O Uruguai é um prolongamento geografico do Brasil meridional e foi até certo ponto um prolongamento politico. Está para nós, menos a lingua, como a Belgica para a França. O povoamento espanhol da região de Maldonado cortou qualquer ligação entre as nossas povoações mais avançadas para o sul e a Colonia do Sacramento, isolando-a e entregando-a aos golpes do inimigo. Pelos elementos de vida e de história que nos ligam, pela interpendencia de interesses que entre nós existem, sua vida politica afetou sempre a nossa. Por êle fizemos o passeio militar de 1811 e a magnifica campanha de 1816 a 1820, que o transformou em provincia nossa. Por êle nos batemos com as Provincias Unidas até 1828, perdendo-o, mas tornando-o livre da ambição argentina. Por êle marchamos em 1851 contra Oribe e em 1852 contra Rosas. Dois anos depois, afim de livrá-lo da anarquia ocupamo-lo militarmente a seu pedido. E, dez anos mais tarde, quando de novo se agitou na sangueira das discordias civis, tivemos de fazer nova guerra, que provocou outra, a maior da America do Sul, durante a qual derramámos nos pantanos pa-

raguaios o nosso sangue e na embocadura do Prata o nosso ouro, com o qual se fez a riqueza argentina.

Dêsde a Colonia e, mais decisivamente, dêsde o Brasil Reino, o Uruguai foi a pedra de toque, o eixo de nossa politica exterior nos lindes meridionais. Hoje, não é mais, ou melhor, parece que não é. Aos homens avisados não pega a balela do nosso antigo imperialismo nem a de que estejamos no reino delicioso da fraternidade positivista. Porque êles sabem a verdade e essa é que não temos mais capacidade moral nem fisica para fazer politica exterior. O Brasil não tem mais politica, no bom sentido da palavra, nem interna nem externa.

Dentro do Uruguai, em todos os tempos, a luta se processou entre o partido *blanco* e o partido *colorado*, êste inclinado por interesse, e não por amizade, para o lado do Brasil. Em 1864, a situação chegou ao auge. A gaúchada rebelde percorria as coxilhas, entreverando-se com as cavalarias do governo. Estava no governo o *blanco* Berro e queria apeá-lo o *colorado* Flores. O sangue da matança de Quinteros feita pelos *blancos* contra os *colorados* pedia novo sangue. E, como os últimos se dissessem nossos amigos, natural era que os elementos brasileiros do Uruguai e da raia riograndense os vissem com certa simpatia.

Ela motivou represálias dos contrarios, que perseguiram os estancieiros brasileiros, obrigaram seus peões ao serviço militar, maltrataram-n'os, roubaram-n'os e mataram-n'os. Choveram reclamações junto ao governo imperial, encabeçando-as com seu prestigio o general Antonio de Souza Neto, que pôs a situação dentro dêste dilema: ou

o Imperio protegia seus suditos ou êstes se armariam e se protegeriam êles proprios

O governo brasileiro viu-se forçado a tomar uma atitude, mandando o conselheiro Saraiva em missão especial ao Prata, aumentando o número de navios de nossa esquadra ali e ordenando ao general João Propicio Mena Barreto, Visconde de S. Gabriel, reunisse na fronteira um pequeno exercito de observações. Nomeado comandante em chefe das forças navais, o vice-almirante marquês de Tamandaré içava seu pavilhão estrelado na corveta a vapor *Niteroi*. Estava acêso o estopim que levaria fogo até a dinamite armazenada em Assunção pelos dois Lopez.

Quando o plenipotenciario Saraiva desembarcou na capital uruguaia, o presidente Berro havia deixado o poder, tendo-o passado a 1.º de março ao seu sucessor legal, Aguirre, que, além de ser violento, se deixava assessorar pelo temivel Carreras, mandatario do morticinio de Quinteros. Na pasta do exterior, estava um inimigo declarado nosso, Juan José Herrera, que se manifestou descontentissimo com a concentração do general João Propicio e declarou que a menor violação de fronteira seria considerada ultraje á soberania e independencia da República. Falou grosso como quem tem costas quentes. Tinha mêsmo. Êle sabia que a Prussia paraguaia estava acocorada nas suas selvas, prestes a desferir o bote. O que a sua mentalidade primária não poderia compreender é que êsse bote estava condicionado pela necessidade da abertura dum caminho para o mar, sem o qual o Paraguai morreria de asfixia. Nós o fechamos de vez. E êle é dêsde 1865 um país agonizante...

Ambiente carregado, envenenado o que Saraiva encontrou. O patriotismo dum povo pequenino e bravo superexcitado. Os governantes agitados pelo contra-choque dessa excitação. Febre em todas as camadas sociais, produzida pelas noticias de que o Brasil e a Argentina protegiam ocultamente o general Flores, davam-lhe armas e dinheiro. Desconfianças e boatos. O receio eterno da conquista pelo Imperio, da absorpção brasileira. A missão do diplomata foi por agua abaixo.

Pedira em nota ao governo oriental o castigo dos que haviam saqueado e chacinado brasileiros, muitos dos quais ocupavam postos importantes; a destituição e responsabilização das autoridades policiais que haviam praticado abusos contra nossos patricios;, indenização de prejuizos e libertação dos cidadãos do Imperio recrutados. Herrera replicou que a culpa de tudo isso cabia aos governos do Brasil e da Argentina, em cujos territorios se tinha preparado e armado a invasão de Flores, que convulsionára o país. Assim, não havia o que reclamar.

Por baixo da mêsa, a mão de Solano Lopez apertava a do ministro uruguaio. "Havia, então, a superstição do exercito paraguaio na America do Sul. A opinião geral era a de que estava para o continente como o prussiano para a Europa. O tambor das falanges guaranis adestradas no fundo misterioso dos esteiros e potreiros assustava as chancelarias. No proprio congresso do Imperio, muitos anos antes do conflito, um deputado matogrossense, que conhecia o país do dr. Francia, procurava chamar a atenção dos nossos

estadistas para a sua força militar. Infelizmente, não se tomaram providencias; porém felizmente acabámos de vez com as veleidades dessa rã que pretendeu arvorar-se em boi...".

A guerra com o Brasil era um desejo de Lopez II, manifestado desde 1856, de público. Antes de 1863, já êle assegurava ao Uruguai o seu apoio contra quaisquer agressores. Em 1863, interpelava o governo argentino sobre a actuação de Flores. Em 1864, oferecia-se para mediador na questão com o Brasil. Sentindo que lhe não faltaria proteção, o governo *blanco* arrostou a colera de seus vizinhos. Berro rompeu relações com a Argentina. Aguirre repeliu as condições de Saraiva e até as propostas de pacificação feitas pelo Brasil, a Argentina e a Inglaterra, propostas essas que D. Venancio Flores não relutava em aceitar.

Saraiva deixou Montevidéu. De Buenos Aires, a 4 de agosto, após ter recebido instruções do governo imperial, enviava um ultimatum, que lhe era devolvido cinco dias mais tarde. O governo oriental considerava-o inaceitavel. Então, as forças navais receberam ordens de exercer represálias. O estado de guerra avizinhava-se.

Desaparecem do cenario os diplomatas e toda a luz bate em cheio na figura varonil de Tamandaré. E' êle quem vai fazer tudo, com o seu vivo e inamolgavel sentimento de brasilidade. Mas não se apressou em tomar medidas violentas. Ainda a 25 de agosto mandou os canhões de bordo salvarem em honra da data da independencia uruguaia, no porto de Montevidéu, onde continuava a nossa legação. O proprio almirante escrevia a Saraiva, manifestando o desejo duma

composição, dêsde que o governo uruguaio reconhecêsse a nossa razão.

Apesar de acusado de truculencia, o nosso almirante portou-se com a maior cordura e somente fez uma exigencia ao governo oriental, ainda assim por intermedio de nossa legação e não diretamente: a imobilização dos pequenos vapores de guerra *Villa del Salto* e *General Artigas* e o desarmamento de algumas embarcações miúdas, com o fim de evitar qualquer atrito causador de peores males. Em todos os documentos firmados por seu proprio punho — cartas ao conselheiro Saraiva, oficios á nossa Legação, comunicados ao nosso governo e instruções a seus comandados, o almirante revela a mêsma reflexão, a mêsma ponderação e o mêsmo desejo duma solução pacifica do conflito.

Os estadistas uruguaios, porém, se tinham transformado em titeres, cujos cordeis eram puxados, por trás da cortina, de Assunção, e nos forçaram a uma resolução violenta. Em outubro, dois mêses após o ultimatum, o canhão ainda não troára. A 11, Tamandaré trocava notas com os agentes diplomaticos acreditados em Montevidéu sobre o bloqueio.

O baluarte da resistencia dos blancos contra o movimento de Flores era a cidade de Paisandú, onde seu comandante matára a páu um brasileiro recrutado á força. Chamava-se Leandro Gomez, fôra um dos grandes protagonistas da tragedia de Quinteros e gostava de degolar prisioneiros.

Duas canhoneiras imperiais, a *Jequitinhonha* e a *Belmonte* bloqueavam o porto oriental. A 7 de setembro de 1864, quando festejavam a data de nossa independencia, avistaram, descendo o

rio, empavezado e com a maruja nas enxarcias, o vapor *Villa del Salto*, que as autoridades uruguaias se tinham recusado a desarmar e que estivera escondido no porto argentino de Concordia. Ao passar pelos nossos barcos, seus tripulantes deram morras ao Imperio e despejaram os fusis sobre os convézes. Como navegasse rente á costa entreriana de proposito, não foi possivel aos nossos darem-lhe resposta. As balas cairiam em territorio argentino e provocariam reclamações. Seguiram, porém, no seu encalço até o porto de Paisandú, onde sua gente o encalhou e incendiou.

No dia nove dêsse mês, em frente ao Arroyo Sacra, vieram a bordo da *Jequitinhonha* o secretario e o ajudante de ordens do general Flores pedir uma conferencia em nome dêste ao chefe de divisão Pereira Pinto. O encontro se deu a bordo mêsmo, resultando dêle o acordo reservado entre o Brasil e Venancio Flores, datado de 20 de outubro, o qual lhe assegurou a vitoria e a nós a plenitude das reparações que pretendiamos.

Nos ultimos dias de novembro, as forças irregulares de Flores aproximaram-se da cidade de Salto, comandada pelo coronel Palomeque, enquanto no porto entravam as canhoneiras brasileiras *Mearim* e *Itajaí*. Palomeque era um simples fanfarrão. Aos primeiros tiros, rendeu-se e apareceu enrolado numa bandeira uruguaia, afim de evitar qualquer agressão da parte dos rebeldes *colorados*.

Tomado o Salto, Tamandaré fez desembarcar no Arroyo Sacra os contingentes de que podia dispôr para operar em terra com o general Flores: 200 homens do 1.º de infantaria sob o comando do capitão Guimarães Peixoto, 100 imperiais

marinheiros e 100 fuzileiros navais sob o comando do 1.º tenente Freitas, tres peças de 12 do 1.º tenente Teixeira e uma estativa de foguetes do 2.º tenente Pestana. Êsse destacamento, sob a chefia de Guimarães Peixoto, marchou, beirando o rio, contra a fortificada cidade de Paisandú, defendida por dois mil homens e quinze canhões. Moveu-se ao mêsmo tempo a coluna dos rebeldes: 600 gaúchos a pé e a cavalo, sete bôcas de fogo, 160 voluntarios brasileiros de Bonifacio Machado.

Embora a marcha dêsses destacamentos se fizesse sem preceitos militares, quasi sem batedores e com um grande afastamento, a guarnição de Paisandú não soube aproveitar-se disso para um golpe vitorioso. A 5 de dezembro, pela manhã, em bateria, as peças imperiais e *coloradas* rompiam fogo contra a cidade, sustentadas pelas canhoneiras de Tamandaré. Um batalhão de Leandro Gomez tentou uma carga a baioneta, repeliu o primeiro assalto a baioneta da nossa gente e foi repelido. Nossos infantes, acobertando-se com as casas e protegidos pela artilharia da esquadra, conseguiram avançar bastante até tres horas da tarde, atingindo as primeiras ruas. O proprio almirante desembarcava com reforço e entrava na luta. A falta de munições e a aproximação da noite fizeram suspender o ataque.

Ao clarear o dia 6, um troféu sinistro surgiu aos olhos dos atacantes, espetado numa barreira. A cabeça dum pequeno tambor da *Ivaí*, que se extraviara no combate da vespera e que Leandro Gomez fizera degolar com requintes barbaros, bem como a 40 prisioneiros colorados. O almirante intimou a praça a capitular. O comandante recusou. Evacuada a cidade pela população

civil, começou o bombardeio pela esquadra no dia 8. E marujos e infantes continuaram seu avanço pelas ruas afóra.

"A resistencia era tenaz, desesperada e tinha a decuplicar-lhe a intensidade o valor e a situação dos defensores. Além disso, nossa tropa de desembarque, pequena, a cada habitação de que se apoderava e que lhe custava muito sangue, ia diminuindo seu efetivo. De acordo com Flores, Tamandaré resolveu interromper o combate, esperando o exercito que João Propicio Mena Barreto organizára no Rio Grande com dificuldade e trazia pelas coxilhas uruguaias".

Até o dia 15, quando chegára a vanguarda de cavalaria do general Neto, os sitiados não tentaram uma sortida. Foi quando se soube do avanço dos tres mil homens do general Juan Sáa, o *Lança Sêca*, para fazer levantar o sitio da cidade. Logo, o general Flores com a totalidade das forças sitiantes marchou ao seu encontro e êle se pôs em retirada. A 25, voltavamos ao cêrco do baluarte *blanco*.

O visconde de S. Gabriel desfilou deante dêle no dia 29 com 5.700 homens e 12 peças. No dia 31, ao sinal dado pela *Araguari*, começou o ataque geral. As colunas de infantaria e de marinheiros avançaram contra o casario, ao som das cornetas e tambores, sob as bandeiras desfraldadas. Tomou-se a praça casa por casa e, em certas casas, aposento por aposento. Cincoenta e duas horas de luta formidavel, corpo a corpo. No dia 2 de janeiro, os sitiados reduzidos a 700 entregaram-se com armas e bandeiras, que fôram entregues ao general Flores.

Leandro Gomez disfarçava-se para fugir, na casa da Comandancia, quando foi reconhecido e preso pelos nossos soldados. Devia responder perante um tribunal marcial pela degola de prisioneiros. Teve medo. Levado á presença do coronel Belo, chefe de Estado Maior do general João Propicio, encontrou-se com o coronel *colorado* Gregorio ou Goyo Suarez e, afetando despreso pelo Imperio, declarou preferir constituir-se prisioneiro de seus compatriotas. Entregue ao coronel Suárez, cuja mãe êle queimara viva em Quinteros, êste o mandou fuzilar. O governo imperial e os nossos chefes de terra e mar, indignados com êsse crime, exigiram do general Flores o castigo do mandante, que foi afastado do seu comando. Tamandaré pôs em liberdade sob palavra todos os oficiais *blancos* prisioneiros e êstes foram para Montevidéu fazer manifestações populares, durante os quais arrastaram pelas lamas das sargetas a nossa bandeira. A gratidão uruguaia é nossa velha conhecida...

A tomada de Paisandú foi, sem o parecer, a operação básica de toda a campanha. Ela destruiu a melhor força do inimigo e pôs nas nossas mãos um ponto estrategico de primeira ordem para o dominio do rio. Ao mêsmo tempo, abriu o caminho por terra para Montevidéu. E produziu um efeito moral definitivo.

Toda a campanha de 1864, que termina no principio de 1865, cifrou-se em poucas linhas gerais: organização do exercito de observação na fronteira, o qual fez algumas incursões punitivas no territorio inimigo, como a de José Luiz Mena Barreto a Cerro Largo, e depois atravessou todo

o Uruguai até alcançar Paisandú, já bombardeada pela esquadra e sitiada por Flores e pelos destacamentos de desembarque; tomada da praça, e marcha sobre a capital inimiga.

Essa se fez sem encontrar resistencia. A 12 de janeiro, todo o exercito se encontrava em Fray Bento. A 14, os navios conduziam a Santa Lucia as infantarias, enquanto as tropas montadas faziam êsse trajeto por terra.

Em Montevidéu, campeavam a anarquia no governo e a agitação popular. A nossa esquadra, onze navios de guerra, estendia-se em linha ao longo do porto. Oito mil homens investindo o perimetro urbano por terra. Um prazo de 15 dias para a evacuação e o bombardeio consequente. Era o momento de entrarmos militarmente na cidade com a rendição incondicional dos *blancos*, exigindo a punição integral dos que nos haviam cruelmente insultado e dando uma prova de força, como queria Tamandaré. Mas a politica interveiu e tudo estragou. O novo plenipotenciario brasileiro, visconde do Rio Branco, arranjou a rendição pela combinação politica, pelo conchavo.

Aguirre passou o governo ao presidente do Senado D. Tomás Villalba, os agitadores rueiros fôram se metendo nas encolhas, suspenderam-se as hostilidades e a 20 de fevereiro, na vila da União, com a intervenção amistosa do ministro da Italia, Barbolani, assinou-se um convenio, contra o qual se rebelou a brasilidade de Tamandaré. Em virtude dêle, as nossas tropas ocuparam pacificamente a capital uruguaia. O governo imperial deu razão ao ponto de vista do almirante,

aprovando o convenio já assinado pelo Visconde, mas demitindo-o.

Estava findo o prólogo da grande tragedia que se ia desenrolar nos campos do Rio Grande, de Corrientes, de Mato Grosso e do Paraguai. A campanha do Uruguai não tem solução de continuidade com a que se lhe seguiu! Uma é corolario da outra.

CAPITULO VI

GUERRA DO PARAGUAI

(1865-1870)

A) A TRIPLICE ALIANÇA

A guerra do Paraguai é o ultimo ato da grande epopéa bandeirante que constituiu a pátria brasileira. O meridiano de Tordesilhas limitava a America Portuguêsa por uma linha que tocava a embocadura do Amazonas e a ilha de Santa Catarina. O impulso conquistador das Bandeiras heroicas recuou a barreira dos tratados e nos deu, além das terras da Amazonia e dos sertões que se estendem pelo Oeste até Mato Grosso, o territorio da Vacaria que se alastrava até o Prata. A' margem dêsse rio, os colonizadores cravaram, como marco audacioso, a Colonia do Sacramento. Disputados por espanhóis e portuguêses, os limites meridionais oscilaram, até que, depois das campanhas de 1816 a 1820, de 1825 a 1828, de 1852 e de 1864 a 1870, se firmaram de modo definitivo.

Invadindo os povos das Missões, reduzidos e organizados pelos jesuitas, os paulistas puseram seus pés vitoriosos dentro do Paraguai. Do núcleo de Laguna, expandiram-se pelos pampas desertos, cobrindo-os de estancias. A posse de terras e gados por familias brasileiras nos campos da Banda Oriental foi uma das causas dos

choques e contrachoques que ali se travaram pelo tempo afóra entre lusos e castelhanos, primeiro, entre brasileiros e platinos, depois.

A creação, assim, duma grande America Brasileira trouxe uma componente nova ao problema territorial e politico da parte meridional do continente. Enquanto o Brasil se unificava sob a corôa real e sob a corôa imperial, o antigo Vice Reinado do Prata se dividia. O Uruguai palpitava no desejo de ser uma nação e o Paraguai segregava-se dos povos argentinos no isolamento do seu pántano nativo. Tornada independente da metropole, a Argentina debatia-se na caudilhagem, lançando provincias contra provincias, sem força para manter unida a si a Banda Oriental, que o Imperio tornou livre já que a não podia conservar sujeita; sem força para conquistar o Paraguai, que repelia as tropas de Belgrano e sob a égide imperial teve sua soberania reconhecida pelas nações da Europa.

Os esforços politicos e diplomaticos de Sinimbú não conseguiram crear mais uma republica nas terras rebeldes de Entre-Rios e Corrientes; mas elas continuaram a gravitar em torno das influencias locais, como a de Urquiza, impondo sua vontade á sombra das baionetas imperiais, á Confederação, no tempo da queda de Rosas, ou desertando dela, em face do perigo, como nos dias de Basualdo.

Em 1864, mais uma vez eramos obrigados a uma intervenção além das fronteiras do sul, não com o desejo de alargá-las, mas afim de impedir que a anarquia dos vizinhos continuasse a prejudicar a vida dos nossos nacionais domiciliados e estabelecidos nas coxilhas orientais. Dêsde a ti-

rania do doutor Francia sob a qual o Paraguai se tornára independente, através da de Carlos Lopez e da de seu filho Solano Lopez, êsse país se preparava para a guerra, estabelecendo o serviço militar obrigatorio, creando arsenais, armando-se em silencio, construindo fortalezas e chamando instructores de fóra, mêsmo do proprio Brasil. A intervenção no Uruguai, em 1864, determinou o rompimento contra o Imperio. Era a derradeira reação contraria ao expansionismo da America Brasileira que chegára ao ponto maximo e se convertera em simples hegemonia politica, no sentido da manutenção do equilibrio e do contorno territorial conquistado em seculos de sacrificio e de heroismo.

Ao ataque imprevisto, todo o Brasil se moveu como um só homem. Nos campos de batalha, reuniram-se os brasileiros de todas as procedencias. A nação inteira comungou no mêsmo sangue derramado. Entremearam-se e conheceram-se, amaram-se e juntos se sacrificaram todos os descendentes dos antigos bandeirantes esparsos no imenso corpo da pátria. Foi, portanto, essa guerra o último episodio da grande epopéa escrita por todos os quadrantes da terra brasileira pelos nossos antepassados. Depois, integralizado no seu sentido imperial com a extensão geografica da nação, o Brasil pôde caminhar vitorioso, livre de inimigos, até que a proclamação da República viesse mudar-lhe o destino e entregá-lo ás lutas estereis, com ou sem sangue, das mesquinhas hegemonias da politica interna dos partidos e dos Estados.

Intervindo no pleito travado entre o Brasil e a antiga Cisplatina, o Paraguai realizava a poli-

Territorios de litigio entre a Argentina, a Bolivia e o Brasil, e o Paraguai.

tica de sua expansão para que Francia o preparara na solidão, para que Carlos Antonio Lopez o armára cuidadosamente e que Solano Lopez anunciava em 1856 a Heitor Varela e confiára, mais ou menos na mêsma época, a D. André Lamas, com estas palavras:

"Se alguma vez se repetirem contra o Uruguai agressões como a de Rosas, *venham de onde vierem*, lembrem-se os orientais que existe um povo no seio das selvas do continente que saberá fazê-los respeitar. O Paraguai vai poder o que até agora não pôde; e, se o seu povo, como os da antiguidade, conciliou os instrumentos da lavoura com os da milicia, foi isso obra de Rosas, que, pretendendo submetter-se, despertou um instinto que nem suspeitavamos existisse em nós: o da resistencia, o da força que repele a força... Ninguem sabe o destino que o espera e, quanto ao meu país, se algum pensamento o agita, é o de pesar na politica do Rio da Prata (*sic*) num sentido pacifico e sem outro proposito senão o de manter o equilibrio atual, buscando nêle a garantia de sua propria conservação e autonomia, beneficio que perigará no dia em que a Argentina ou o Brasil, eternos rivais, cheguem a preponderar decididamente e sem peias nesta parte da America... Entre o Paraguai e o Uruguai, ha um interesse comum. Portanto, deveriam entender-se. E' o de evitar que desapareça e se rompa o equilibrio, o de prevenir que *impere um outro dos nossos vizinhos*".

Êsse *interesse comum* escondia o verdadeiro sentido da reação do enclausurado Paraguai. Impelia-o a força poderosa e insopitavel, atingido

seu maior desenvolvimento naquela época, de ter uma saída para o mar.

Fôra a marcha dos bandeirantes que o fechara, creando a imensa America Brasileira, separando a Banda Oriental das terras do antigo Vice-Reinado, tornando-o independente de Buenos Aires pela mão de Pimenta Bueno, pondo-lhe a cavaleiros Entre-rios e Corrientes, conquistando parte da cunha do território missioneiro. A êsse *cerco geografico* alude o sociologo paraguaio Cardús Huerta, como alude á *necessidade natural de rompê-lo*. E conclúe com desalento: "Lopez fazia prevalecer a finalidade guerreira do Paraguai, despertando as qualidades ingénitas da raça, quando já era tarde para remediar a desvantajosa posição geografica de seu país"...

Havia dêsde 1855, quando a esquadra brasileira de Pedro Ferreira fôra até a entrada do rio Paraguai, uma pendencia de limites entre o governo de Lopez e o governo imperial.

A campanha contra o Uruguai, ou melhor contra o governo de Aguirre, que terminou com a tomada de Paisandú e a ocupação de Montevidéu pelas nossas tropas, aliadas aos gaúchos do general Flores, foi o pretexto que o ditador de Assunção achou para dar a sua palavra de ordem sobre o equilibrio do Prata, que tanto o interessava e sabemos por que. Manifestara-se de público contra o que chamava o auxilio do Presidente Mitre, da Argentina, á cruzada libertadora de D. Venancio Flôres, declarando por escrito que seu país não poderia ser espectador inativo da entrada das tropas do Imperio no territorio uruguaio.

Informado disso pelo ministro Viana de Lima, enviado a Assunção, afim de negociar a questão

de limites, o governo do Brasil pouca importancia ligou ao caso. Havia meio seculo que o Paraguai se abstinha de qualquer movimento fóra de seus limites e sua ameaça de intervenção foi tomada como simples fanfarronada sem consequencias, apesar de já na Camara dos Deputados algumas vozes se terem pronunciado sobre o desarmamento de Mato Grosso e o perigo duma guerra com aquêle traiçoeiro vizinho.

Mais tarde, essas manifestações seriam invocadas pelo ditador para justificar seus átos imprevistos de guerra levados a efeito contra todas as regras do direito das gentes.

A 11 de novembro de 1864, o paquete brasileiro *Marquês de Olinda,* que transportava para Mato Grosso o governador daquela provincia, coronel Carneiro de Campos, alguns funcionarios e dinheiros do Estado, ao sair de Assunção, foi detido e aprisionado pelo vapor de guerra paraguaio *Taquari,* sem que houvesse declaração de guerra entre os dois países. Trazido para Assunção, arriaram-lhe a bandeira, ocuparam-no militarmente, confiscaram o que havia a bordo e aprisionaram seus passageiros e tripulantes. O coronel Carneiro de Campos morreu mais tarde de máus tratos, na prisão. O *Marquês de Olinda,* incorporado á esquadra do ditador, tomou parte na batalha naval do Riachuelo, onde foi posto a pique pelos nossos navios. Sua figura de prôa e sua bandeira, da qual Lopez fez um tapete para o seu gabinete, acham-se custodiados hoje no Museu Historico Nacional.

O ministro Viana de Lima protestou contra a violencia e só não foi tambem preso graças á in-

tervenção do representante dos Estados Unidos que conseguiu sua retirada a salvo.

No dia 13 de dezembro, mais dum mês, após o confisco subitaneo do *Marquês de Olinda*, é que o governo paraguaio notificou ao governo imperial sua declaração de guerra.

O segundo áto de guerra do Paraguai foi a invasão de Mato Grosso, cuja população então era de 90 mil almas disseminadas em mais de meio milhão de quilometros quadrados, sem guarnições que a defendessem, salvo alguns soldados de policia e guarda nacional, e os poucos defensores do historico forte de Coimbra, que fechava o acesso do rio.

Aquêle ataque repentino a uma distante, desabitada e indefesa provincia do Imperio tinha diversos fins: dar confiança á tropa com uma primeira vitória relativamente fácil; oferecer uma diversão ao ataque que o Brasil teria de levar pela região platina, onde se achavam suas melhores forças militares, o núcleo de seus futuros exercitos; cortar as questões de limites com a conquista dos territorios em litigio; aproximar-se da Bolivia que poderia ser atraida a auxiliar seus vizinhos do sul; dar um golpe no Brasil, antes de qualquer negociação com a Argentina, que era possivel ficar do lado do Paraguai.

Em abril de 1865, desiludido do auxilio argentino, lançou o ditador seus soldados sobre a provincia de Corrientes, ocupando-a, tomando pequenos navios de guerra argentinos surtos no seu porto e fazendo marchar através do seu territorio as tropas que se destinavam á invasão do Rio Grande do Sul e á libertação do Uruguai.

A invasão de Mato Grosso ferira profundamente o amor proprio dos brasileiros. A de Corrientes feriu do mêsmo modo os sentimentos patrioticos da Argentina. O presidente Mitre foi forçado a tomar uma atitude energica.

Entenderam-se, então, em Buenos Aires, os governos dos dois países invadidos. O general Urquiza, governador de Entre-rios, ali foi encontrar-se com Mitre e o nosso plenipotenciario Francisco Otaviano. Flôres tambem se dirigiu a Buenos Aires. E dessa reunião resultou o Tratado da Triplice Aliança, ofensiva e defensiva, que devia ser conservado secreto, mas que uma indiscreção revelou ao ministro inglês lord Russell e por intermedio dêste foi publicado em Londres.

Assinaram-no a 10 de Maio de 1865 pela República Oriental D. Carlos de Castro, pelo Imperio do Brasil o conselheiro Francisco Otaviano, pela Confederação Argentina D. Rufino Elizalde. Seu artigo 1.° determina a aliança defensiva e ofensiva entre os tres países *contra o governo do Paraguai*. O 2.° estabelece o concurso de meios de que dispuserem. O 3.° dá o comando em chefe dos Exercitos Aliados, segundo o territorio onde se devam realizar as operações. O 4.° indica a ordem militar e dependencia economica das tropas. O 5.° refere-se aos auxilios mútuos entre os aliados. O 6.° traz o compromisso de nenhuma das partes depôr as armas, senão de comum acôrdo e só depois de haverem derrubado o governo do Paraguai, não tratando separadamente com o inimigo e não ajustando treguas, armisticios ou convenções que pusessem termo á guerra ou a interrompessem, salvo de perfeito acôrdo. O 7.° afirma que a guerra não é *contra o povo paraguaio*, mas *contra o*

seu governo, podendo formar-se uma legião de paraguaios tambem dispostos a combater pela libertação de sua pátria. O 8.° obriga ao respeito á soberania e integridade territorial do Paraguai. O 9.° garante estas coletivamente pelas altas partes contratantes pelo prazo de cinco anos. O 10.° ajusta que tudo que se obtiver, como concessões, isenções, etc. do governo paraguaio será comum aos aliados. O 11.° estatúe o modo de assegurar a livre navegação dos rios Paraná e Paraguai. O 12.° reserva as medidas da paz. O 13.° providencia sobre a nomeação de plenipotenciarios para celebrar ajustes, convenções e tratados. O 14.° trata das despesas da guerra e indenizações. O 15.° fala duma convenção especial para a liquidação e pagamento da divida. O 16.° providencia sobre as questões de limites de modo a evitar discussões e guerras. O 17.° garante o fiel compromisso do ajustado. O 18.° refere-se ao segredo do tratado até ser alcançado o fim a que se propõe a aliança. O 19.° e último faz independer as estipulações de autorização legislativa.

Ao Tratado se seguiu um Protocolo Nacional com tres dispositivos, datado do mêsmo dia 1.° de maio de 1865: 1,° — demolição das fortificações de Humaitá; 2.° — Desarmamento do Paraguai; 3.° — Repartição de despojos e troféus; 4.° — Combinação de medidas entre os comandantes dos exercitos para levar a efeito o ajustado.

A Esquadra Brasileira escapava ao comando em chefe dos Aliados e dela só poderia dispôr o Imperio, único dos tres países que possuia força naval, elemento da maior importancia e utilidade na luta devido ao meio em que ela se ia travar.

O segredo com que se quis esconder êsse tratado não tinha a menor razão de ser, pois nenhuma de suas estipulações é de natureza secreta. Antes pelo contrario, a que declara ser a guerra movida contra o tirano paraguaio e não contra o povo devia ser proclamada áquêle povo, e a que estatúe a manutenção da independencia e integridade da nação inimiga merecia a maior divulgação.

O segredo foi, pois, uma preocupação diplomatica, talvez sugerida ao nosso plenipotenciario para que a opinião publica brasileira se não manifestasse de entrada absolutamente contraria a um ajuste que nos prejudicava e nos amarrava a uma direção militar das operações de guerra entregue a mãos alheias. O futuro mostrou a gravidade dêsse erro.

A 12 de maio de 1866, o velho "Jornal do Comercio" comentava judiciosamente o tratado e, entre outras cousas, dizia as seguintes:

"Uma provincia do Brasil, longinqua, rica de futuro, mas atualmente pobre e donde o Imperio, por enquanto, nenhuns recursos tira, a provincia de Mato Grosso, estava traiçoeiramente invadida.

Um cartel de insolente e brutal desafio tinhanos sido atirado no apresamento dum vapor mercante e prisão de empregados de alta gerarquia e confiança do governo. A segurança do Imperio, porém, e a estabilidade do seu governo não corriam o menor risco, que a tanto não chega o poder do Paraguai, ainda que a êle se unissem todas as republicas do Prata.

Cartel de semelhante desafio havia sido atirado á Confederação Argentina, no apresamento dum vapor ancorado em um dos seus portos. Uma

sua provincia ou Estado, Corrientes, estava invadida.

A existencia do seu governo e até a união de seus Estados se achava seriamente ameaçada. Se os paraguaios teem livre e franco o uso das aguas do baixo Paraná, podia a sua infantaria apresentar-se deante de Buenos Aires, sem encontrar em caminho nem ao menos alguns batalhões que lhe demorassem o passo.

O governo uruguaio estava ameaçado de ver levantar-se o partido Blanco á noticia da aparição, nas suas fronteiras, do Exercito Paraguaio. Êstes levantes, naquelas republicas, significam carnificinas, como a de Quinteros.

Se, pois, o Brasil tinha a defender interesses de segurança e sobretudo de honra, na luta provocada pelo ditador do Paraguai, os interesses de seus aliados eram de vida e de morte.

O Brasil, para castigar e repelir o inimigo, comum não precisava de socorro algum das duas republicas, bastava que lhe dessem o transito por seus territorios, transito que não podiam nem lhes convinha negar.

Para obtermos, pois, o unico auxilio indispensavel, e quasi unico, que nos teem prestado aquelas duas repúblicas, nem precisavamos tratado algum. Bastava a licença de passar por seus territorios, que a de passar pelas aguas tinhamos nós.

A posição do Brasil, na ocasião em que se negociou o Tratado da Triplice Aliança, lhe dava o poder de ditar aos seus aliados as condições que quisesse, Deus nos livre de aconselhar que as ditasse duras e egoisticas. No Rio da Prata, nossa politica deve consistir em mostrar áqueles gover-

nos que o Brasil é o mais útil de seus amigos, e o mais terrivel de seus inimigos, quando o provocam..."

Depois dessa explanação a respeito das condições dos beligerantes aliados, no inicio da campanha, feita com clareza e verdade, o mêsmo orgão da nossa imprensa acrescentava que o tratado lançava sobre nossos ombros todo o peso dos sacrificios, dando á Confederação Argentina todas as vantagens e pondo em suas mãos os meios materiais e morais suficientes para ela usurpar a influencia sobre o Paraguai e dominar aguas de onde o nosso interesse mandava que a afastassemos.

Hoje, vemos quanta razão havia nessa critica energica. Alongamo-nos do Prata, entregamo-lo á hegemonia argentina e vemos agora ela dominar o Paraguai, que passou a gravitar na sua orbita. Além disso, o tratado anulava até atribuicões do nosso soberano, afim de dá-las aos aliados. Daí conflitos de competencia de comando e a inercia proposital de Mitre, prolongando a guerra e sacrificando as nossas tropas para favorecer o seu país, que se enriqueceu com o nosso ouro e se desenvolveu graças aos nossos erros.

Achava o "Jornal do Comercio" e com êle a opinião dos brasileiros conscientes que o nosso plenipotenciario se deixara embair, cedendo quanto ao comando em chefe e não cuidando de determinar os contingentes a serem fornecidos pelos outros aliados. Desta sorte, os maiores sacrificios ficaram com o Imperio e as glorias divididas com todos, quando a vitoria só ao Brasil foi devida.

Pelo que se escreve a respeito da guerra na Argentina, parece que não passamos de simples auxiliar ou satelite dela na campanha. Como nas lutas da Cisplatina, o que deviamos obter com o sangue dos nossos bravos soldados foi posto a perder pelas negociações dos diplomatas.

O Tratado, porém, se prejudicou grandemente os nossos interesses nacionais, não pôde empanar a luz da gloria militar que conquistamos com dezenas de milhares de cadaveres nos pantanais, nos esteiros e nas cordilheiras por onde alumiaram as baionetas e as choupas de nossas lanças vitoriosas.

A vitória do Paraguai plasmou definitivamente num só corpo e numa só alma a Nação Brasileira. Plasmou de tal sorte que nem quasi meio centenario de liberalismo tôrpe, sacudido de estereis lutas entre irmãos, de pruridos separatistas ou hegemonicos, conseguiu fazer perder de todo o sentido da grande causa nacional, obra de seculos, nascida sob o pé do bandeirante e argamassada pelo sangue dos Voluntarios da Pátria!

B) A OFENSIVA PARAGUAIA

O Paraguai tomou a ofensiva contra o Imperio, mandando atacar a provincia de Mato Grosso por duas expedições, uma terrestre e outra fluvial. Esta partiu de Assunção no dia 24 de dezembro de 1864 nos melhores navios da esquadra, constando de 3.200 infantes com 12 peças, e de mil soldados de cavalaria embarcados em Conceição. Eram todos veteranos e comandava-os o coronel Vicente Barrios, cunhado do ditador. Chefiava a

esquadra o capitão de fragata Meza, que, depois, seria derrotado e ferido na batalha naval do Riachuelo.

A 29 do mêsmo mês, partia de Conceição a chamada Divisão do Norte, sob o comando do coronel Isidoro Resquin, tendo como sub-comandante o major Martin Urbieta. Compunha-se, segundo informa Centurion, de 3.500 homens, na sua maioria a cavalo.

Assim, a remota e despovoada provincia brasileira ia ser atacada por 7.700 soldados de bôa tropa, bem montados e bem armados. A invasão alcançaria facilmente seu objetivo, pois Mato Grosso se achava dêsde muito tempo quasi em abandono. Seis anos antes do conflito, em 1858, o deputado matogrossense Antonio Corrêa de Castro clamava na Camara contra essa desidia, declarando que, *em caso de guerra contra o Paraguai*, muito provavel na sua opinião, ali não havia elementos de defesa, nem o governo dispunha de transportes para enviá-los. A flotilha, segundo Lamego Costa relatava ao ministro da Marinha, constava de pequenos vapores velhos, usados e sem artilharia, com cerca de cem homens de equipagem. O relatorio do ministro da Guerra, em 1864, declarava *lastimoso* o estado militar da provincia. O de 1865, mencionava um total de 851 homens, oficiais inclusive, para toda a guarnição. Nos seus oficios, o presidente Albino de Carvalho dizia nêsse mêsmo ano identicas cousas. Ainda em março de 1865, conforme uma correspondencia estampada no *Jornal do Comercio* do Rio de Janeiro, depois de Coimbra atacada e ocupada pelo inimigo, o governo não enviára para aquela terra longinqua e desamparada *uma arma, um soldado,*

uma ordem! Mal conseguiu aquela autoridade enviar com grande sacrificio para o Baixo Paraguai cerca de 600 homens sob o comando do coronel Carlos Augusto de Oliveira.

A unica obra de defesa que impedia o acesso do territorio pelo rio era o forte de Coimbra, construido pelos portuguêses. Servia-lhe de guarnição o grosso do batalhão de artilharia da provincia, pouco mais de cem homens comandados pelo tenente-coronel Hermenegildo Porto-Carrero, que fôra instrutor do Exercito Paraguaio. Além disso, mais uns quarenta auxiliares, guardas aduaneiros, soldados presos e indios. Os canhões do forte eram velhas peças coloniais, que, levadas para os arsenais de Lopez, fôram raiadas e modificadas, como o atestam alguns exemplares conservados no Museu Historico Nacional.

Na manhã de 26 de dezembro, a esquadrilha de Meza fundeou ao sul do forte. Barrios desembarcou suas forças e ocupou as posições estrategicas que lhe permitiriam bombardeá-lo, sem ser hostilizado pela guarnição, que não tinha elementos para isso. Na manhã de 27, intimou á rendição. Porto Carrero guarneceu as baterias, preparou-se para o combate, mandou levar a noticia a Corumbá pelo vaporzinho *Jaurú* e repelia a intimação.

Ás onze e meia da manhã, Barrios rompeu o fogo. Seus tiros, mal dirigidos, pouca móssa fizeram á fortificação. Sua infantaria aproximou-se. O forte, calado, esperou-a e só disparou suas peças ás 2 horas da tarde. Até o romper da noite, durou o canhonheio. Então, os paraguaios reembarcaram.

No dia seguinte, 28, tornaram a voltar. Dos 12 mil cartuchos do forte haviam-se gasto 9.500. Às mulheres e crianças abrigadas nas muralhas passaram a noite a preparar novo cartuchame. Novo desembarque, novo bombardeio para abrir uma brecha até ás duas da tarde. A essa hora, quatro colunas avançaram contra os velhos baluartes. A infantaria paraguaia chegava até os parapeitos e era repelida, perdendo gente. De oito paraguaios, unicos que conseguiram penetrar na praça, sete fôram mortos e um cahiu prisioneiro.

Á noite, restavam somente mil cartuchos de infantaria. Porto-Carrero reuniu o conselho de oficiais e decidiu abandonar o forte, embarcando sorrateiramente a guarnição e as mulheres e crianças no vapor *Anhambaí*.

No dia 29, os paraguaios verificaram o abandono da fortaleza e a ocuparam. Depois continuaram a subir o rio. A 1.º de janeiro chegavam a Albuquerque, que estava deserta. Na tarde de 3 de janeiro, desembarcaram a menos de duas leguas de Corumbá. A 4, apossaram-se da vila, tambem evacuada. Iam conquistando o deserto.

Sua esquadrilha continuou no encalço dos pequenos vapores e escunas brasileiros que conduziam as poucas tropas imperiais e os refugiados, capturando o *Jacobina*, abandonado, e o *Anhambaí*, que só tinha para defender-se um rodizio, logo desmontado ao primeiro tiro.

As reduzidas tropas e guarnições atravessaram pantanais e regiões inóspitas, em dois grupos, conseguindo alcançar Cuiabá, vencendo perigos de toda a sorte.

A Divisão do Norte sob o comando de Resquin marchou de Conceição no rumo de nordeste

e penetrou no territorio brasileiro pela frontcira do Apa. O grosso veio por Bela Vista. A cavalaria de Urbieta flanqueara-o na direção de Dourados. Em Ponta Porã, topou um destacamento de 15 homens de cavalaria comandado pelo tenente Antonio João. Intimado a render-se, o bravo oficial recusou-se e morreu combatendo. Como êle proprio escrevera ao seu comandante em Nioac, *seu sangue serviria de protesto contra a invasão do sólo patrio.*

A 29 de dezembro, Resquin ocupou Miranda deserta. A 31, continuou a marcha para Nioac. Sua vanguarda defrontou em caminho uns 200 cavalarianos do tenente coronel Dias da Silva, que recebeu intimação escrita para render-se e respondeu por escrito, recusando a rendição com altivez. Estava na margem do rio Feio. Os paraguaios transpuseram-no. Retirou para o Desbarrancado, combatendo. Depois, retirou para Nioac e daí para Salôbra, de onde ganhou, mais tarde, Sant'Ana do Parnaíba.

A invasão paraguaia ia por deante. O flanco-guarda de Urbieta não encontrára obstaculos e reunira-se ao grosso no caminho de Miranda. As raras e esparsas populações brasileiras iam fugindo deante do invasor. O abandono, o desamparo da região meridional de Mato Grosso permitiram a Resquin chegar até Coxim, ponto onde por algum tempo cortou as comunicações entre a capital da provincia e a capital do Imperio.

Enquanto o presidente Albino de Carvalho, auxiliado pelo chefe de esquadra reformado Augusto Leverger, organizava em Melgaço uma linha de resistencia, os paraguaios arrebanhavam os gados, levavam prisioneiros os poucos habitantes

que não haviam conseguido fugir e saqueavam tudo. O que escapava ao seu saque, não escapava aos dos indios da região.

A vergastada da invasão acordou as energias latentes do Imperio. Os povos indignaram-se e os governantes tomaram graves medidas de ordem militar, recrutando soldados, mobilizando policias e guardas nacionais, abrindo inscrições para o voluntariado, mandando comprar navios de guerra na Europa ou construi-los nos arsenais do Rio de Janeiro. O Brasil não dispersou, porém, suas forças e recursos. Procurou concentrá-los no sul, teatro principal da guerra, deixando que o invasor permanecesse no teatro secundario, isto é, nos invios sertões matogrossenses, até 1867, quando se tentaram duas contra-ofensivas: uma fluvial, que ocupou Corumbá e teve de retirar deante da variola; a outra terrestre, que chegou a atingir o territorio inimigo e tambem retirou, mais combatida pelas privações e padecimentos do que pelas armas inimigas. Essa escreveu a memoravel anabáse da Laguna.

Somente em abril de 1868, os paraguaios feridos de morte em Humaitá evacuaram a isolada e indefesa provincia do grande Imperio, cuja vitória livrou a America do Sul de um dos seus mais horrendos tiranos.

* * *

Era, sem dúvida, pensamento do ditador paraguaio lançar suas tropas sobre os territorios vizinhos, de maneira a compensar pela audacia do ataque a desvantagem em que se via deante

de inimigos mais poderosos. Essa ofensiva levava a guerra ás terras alheias e permitia que a campanha se não iniciasse logo com um ataque direto ao Paraguai.

Além disso, apoderando-se das provincias argentinas e brasileiras limitrofes, êle diminuia a força dos contendores, tanto dos recursos materiais que as mêsmas poderiam fornecer como dos elementos pessoais que nelas se poderiam mobilizar. E adquiria ainda a vantagem moral do ataque inopinado.

Em janeiro de 1865, começaram as forças paraguaias a atravessar o rio Paraná, acampando na Tranqueira de Loreto, em S. José, S. Carlos e Candelaria, e reunindo meios de transporte fluvial para a passagem ulterior do Uruguai.

O governo imperial decidido a fazer a guerra com base de operações no Prata, que lhe oferecia segurança de comunicações em vista de sua superioridade naval, armazenava viveres e munições em Paisandú e concentrava suas forças militares em torno do núcleo formado pelo Exercito que vencera a campanha do Uruguai e, então, se achava sob o comando do general Osorio, em Dayman. Os Argentinos, desprovidos quasi de tropas, serviços e elementos de marcha e de guerra, começavam dificultosamente sua concentração em Concordia. Segundo o historiador militar argentino Beverina, o "núcleo principal" dessa concentração constava de quatro batalhões da Guarda Nacional das provincias e somente dum regimento de linha e dum esquadrão de granadeiros a cavalo. O mêsmo insuspeitissimo autor acrescenta que era tão grande a falta de armamento que os argentinos o pediam ao general Canabarro, no Rio Grande do Sul.

Entretanto, de Dayman, quando vinha reunir-se a Mitre em Concordia, o general Osorio trazia 13 brigadas e um batalhão de engenheiros, das quais faziam parte dezoito corpos de guardas nacionais e voluntarios, e mais 21 unidades do exercito regular!

Enquanto se reuniam essas forças, se ultimavam as convenções e se mobilizavam os recursos do Imperio em homens e elementos de toda a sorte, os paraguaios dispunham de inteira liberdade de ação para avançar sobre os territorios sem defesa.

Em começo de maio de 1865, suas vanguardas chegavam a S. Tomé, nas Missões argentinas, transpondo no dia 9 o Uruguai. A 10, a população de S. Borja evacuava a vila. Depois de alguns tiroteios com as pequenas forças correntinas e brasileiras dos coroneis Paiva e Fernandes Lima, os paraguaios retiraram.

Quasi toda a provincia de Corrientes estava nas suas mãos. Em 7 de abril, soubera-se em Buenos Aires que haviam apresado em Assunção o vapor mercante *Salto* e, no porto de Corrientes, os pequenos vapores de guerra *Gualeguay* e *Vinte e Cinco de Maio*. A esquadra paraguaia bombardeára tambem a cidade de Corrientes, que fôra ocupada no dia 14 pelas forças do general Robles, o qual proclamára a independencia da provincia e instalára um governo provisorio.

A indignação na Argentina tocou ao auge. Aquilo era uma verdadeira surpresa, pois ainda não fôra declarada a guerra entre as duas nações. Só em 3 de maio chegou ao Governo Argentino

a nota paraguaia do rompimento das hostilidades, *datada de 25 de março.*

Preparada havia dez anos para a guerra, assim premeditada, a Republica do Paraguai se convertera, afirma o historiador paraguaio Juansilvano Godoi, "num vasto acampamento militar". Em Cerro Leon, estavam concentrados 30 mil homens; em Encarnacion 17 mil; em Humaitá, 12 mil; em Assunção, 5 mil; em Conceição, 3 mil; ao todo 67 mil homens. Cerca de 30 mil haviam sido atirados sobre as terras correntinas.

Até abril de 1866, o Imperio apresentou em campo 78.640 homens; a Republica Argentina, 11 mil; e o Uruguai, 2 mil e quinhentos.

Ocupada a cidade de Corrientes, o exercito de Robles lançou suas vanguardas até Mercedes e Cuevas. Então, a divisão naval brasileira do capitão de mar e guerra Secundino de Gomensoro, que bloqueava o rio Paraná, se encontrava em Bela Vista e não podia ir adeante, porque nas Tres Bôcas estava a esquadra paraguaia, superior em navios e artilharia, e, além disso, apoiada no seu exercito, que dominava as barrancosas margens do rio. Toda a critica feita pelos argentinos á sua morosidade não resiste a um exame justo das condições do teatro das operações e dos meios de que dispunha. Aliás, não era obrigação sua defender a cidade de Corrientes do ataque paraguaio, visto como o tratado da Triplice Aliança só foi assinado a 1.º de maio de 1865, quinze dias após a surpresa paraguaia.

De Buenos Aires partiu rio acima, no derradeiro dia de maio a divisão naval do chefe Francisco Manuel Barroso, que levava seu pavilhão no mastro grande da fragata *Amazonas* e ordens para

assumir o comando de toda a frota, enquanto o almirante Tamandaré ficava na capital argentina, preso pelos cuidados de organizar a base de operações de sua força. Ela levava a 9.ª brigada de infantaria, do comando do coronel Bruce, e uma bateria de artilharia, a do 1.º tenente Antonio Tiburcio, como tropa de desembarque.

Com a divisão de Gomensoro estavam alguns vapores e barcos argentinos, conduzindo viveres, munições, combustivel e 1.200 homens com seis canhões, sob o comando do general Venceslâu Paunero.

A tropa argentina desembarcou perto de S. Lourenço, porque o exercito de Robles marchava para o interior da provincia. Mas o general lopista simulara um movimento no sentido de atrair Paunero e envolvê-lo. Logo que se evidenciou a sua contra-marcha, Paunero tornou a embarcar.

Robles trazia 16 mil homens sobre Bela Vista e havia deixado 2 mil, com os serviços, no Riachuelo.

Barroso vinha subindo o Paraná com grande dificuldade, devido á baixa das aguas. Suas corvetas e fragatas de guerra não eram navios apropriados á navegação fluvial e sim á do oceano. A *Amazonas* encalhou e o chefe de divisão teve de passar-se para o paquete *Eufrasio*, no qual chegou a 20 de maio a Bela Vista.

Com a sua insignia na corveta *Beberibe*, resolveu atacar Corrientes, base de operações do inimigo. A 24, a esquadra fundeou um pouco abaixo do Riachuelo. Faltava para completá-la somente a capitánea que ficára atrazada e a canhonheira *Ivaí*, de proteção á povoação de Bela Vista. A 25, levou-se a efeito o projetado ataque.

Eram onze horas do dia quando os navios imperiais avistaram a cidade. Dois barcos de guerra paraguaios despejaram sobre êles os rodizios, fugindo. Bandeiras paraguaias tremulavam sobre o casario. A esquadra, rebocando os transportes, com os soldados de Paunero, estendeu-se em duas linhas e sob a proteção de seus canhões efetuou-se o desembarque. Os inimigos tiroteavam das casas proximas á praia; mas o fogo da artilharia e da fusilaria os obrigou a procurar refugio num quartel, de onde foram desalojados a baioneta.

Com os argentinos, desembarcaram a bateria do tenente Tiburcio e o 9.º de infantaria brasileira, que coadjuvaram brilhantemente a ação. Á noite, os paraguaios abandonavam a cidade, perseguidos até muito longe. Tomaram-se 80 prisioneiros, tres canhões e uma bandeira.

Os paraguaios perderam entre mortos e feridos 520 homens, os argentinos 150 e os brasileiros 16.

O coronel Martinez, que comandava a praça e retirara combatendo, foi mandado fusilar pelo ditador. A tomada de Corrientes, na retaguarda de Robles, ameaçando-lhe a linha de comunicações, obrigou-o a retroceder penosamente. A tropa de desembarque era insuficiente para resistir-lhe. Por isso, evacuando a maioria dos habitantes, tornou a embarcar e foi estabelecer seu acampamento no Rincon de Cevallos, sob a proteção dos canhões da *Itajaí*.

Depois dum reconhecimento até as Tres Bôcas, a esquadra tomou posição cinco milhas á jusante da cidade de Corrientes. A cavalaria correntina do general Cáceres cobriu a expedição de Paunero,

observando os movimentos dos paraguaios, que pareciam querer estacionar na cidade abandonada.

Estava-se no fim de maio. Lopez compreendeu que a marcha de Robles seria impossivel, tendo a esquadra em posição de atacá-lo pelo flanco direito e de fazer desembarques na sua retaguarda, ameaça á sua linha de comunicações. Era necessario acabar com aquela força naval. De acôrdo com as novas instruções, o coronel Bruguez levantou trincheiras nas alcantiladas barrancas do Riachuelo, artilhando-as com 22 canhões de grosso calibre; estendeu suas antenas de infantaria até Rincão del Soto; e começou a hostilizar pela margem do rio os serviços de abastecimento da frota.

A 30 de maio, o chefe Barroso içava o seu pavilhão de comando na *Amazonas*.

Mais alguns dias e os paraguaios realizariam sua ofensiva pelas aguas, como já tinham feito a ofensiva por terra.

A esquadra paraguaia recebeu ordem para descer o rio na noite de 10 a 11 de junho, trazendo seis chatas a reboque com um canhão de grosso calibre cada uma, as quais deveriam ser largadas ao longo da margem correntina. Essas chatas eram terriveis engenhos de guerra fluvial. Especie de jangada de madeira grossa, ofereciam pouca superficie ao tiro do adversario, e sua peça, atirando ao lume dagua, podia ser muito prejudicial aos navios de madeira como os nossos. Semiocultas no sopé dos altos barrancos marginais, seu poder ofensivo tornava-se na verdade respeitavel. Depois de colocadas as chatas em posição, ao romper do dia seria atacada a Armada Imperial,

repentinamente, recorrendo-se á abordagem, afim de aprisionar as suas unidades.

O chefe Meza, tendo como imediato o comandante Cabral, assumiu o comando da frota lopista, depois da revista geral passada pelo ditador, em Humaitá. Eram nove navios: *Tacuari, Paraguari, Igurei, Marquês de Olinda, Jéjúí, Salto, Oriental, Pirabêbe* e *Rio Blanco*, com seis chatas. Na descida, acima de Corrientes, encalhou o *Rio Blanco*, carregado de tropas de abordagem. Meza perdeu algumas horas nas tentativas de safá-lo, mas acabou por abandoná-lo e continuar a derrota. A demora, porém, fez com que só com o sol muito alto avistasse a Esquadra Imperial.

Lá estavam ancorados pouco acima do Riachuelo nove navios tambem: *Amazonas, Iguatemi, Parnaiba, Araguari, Mearim, Jequitinhonha, Beberibe, Belmonte* e *Ipiranga*, armados com 59 canhões e guarnecidos por 2.287 homens. Contra êles os paraguaios traziam 47 canhões e 2.500 soldados e marinheiros, que 22 peças e numerosa infantaria postadas na barranca apoiariam de modo eficaz.

O dia 11 de junho era domingo da Santissima Trindade. Os sinos de bordo haviam batido nove horas quando os gageiros da *Mearim*, que fazia prontidão avançada, avistaram a frota paraguaia. Na verga mestra do seu mastro grande, tremularam seguidamente os sinais: "Inimigo á vista" e "Os navios reconhecidos são oito".

A capitánea, então, deu as ordens: "Preparar para o combate", "safa geral", "despertar o fogo das máquinas" e "suspender ou largar amarras". Aos sinais de bandeiras, responderam pelos convézes e castelos o estrugir dos clarins e o ressôo

dos tambores. Nas fornalhas, crepitou o fogo despertado, fecharam-se as escotilhas, empavezaram-se as gáveas, municiaram-se as baterias, armaram-se as equipagens, içaram-se os escaleres nos turcos, aprontaram-se as bombas e se estenderam as rêdes de abordagem.

Ao som dos vivas entuziasticos das tripulações, novos sinais tremularam nas driças da Amazonas: "O Brasil espera que cada um cumpra seu dever"; "Atacar e destruir o inimigo o mais perto que cada um puder".

Os barcos do chefe Meza corriam doze milhas por hora, tangidos pela correnteza, em linha de batalha. Passaram rapidamente pela Armada Imperial que suspendia ferros, despejando-lhes as baterias, com a maruja e a soldadesca a uivar nas amuradas. A fragata e as canhonheiras brasileiras responderam, e uma de suas balas varou as caldeiras de *Jejuí*. Naquela marcha, a esquadra paraguaia foi até ás barrancas do Riachuelo, onde se encostou sob a proteção da artilharia de Bruguez.

A nossa frota teve de ir até ali em busca do inimigo, desfilando heroicamente sob o fogo das chatas, das baterias alcantiladas e de dois mil infantes. Os tiros mergulhantes varriam-lhe os convezes e passadiços. Qualquer navio que tivesse a infelicidade de encalhar no rio pouco profundo e aparcelado estaria perdido. Felizmente o vento de nordeste atirara a fumarada da artilharia sobre os vapores imperiais, camuflando-os, mas permitindo que sua pontaria fôsse certeira sobre o inimigo descoberto.

Eram dez horas e cincoenta minutos quando começou a batalha, com a *Belmonte* na vanguarda. A *Amazonas* repetiu o sinal de atacar e destruir

Batalha naval do Riachuelo
11 de Junho de 1865

Esbôço nº 4

Escala: 1:50.000

Riachuelo

Pta S. Catarina

I. Cabral

Ilha Palomera

Bia Bruguez

o inimigo, sinal que ficou içado até o fim da jornada. E todos os navios, menos a *Belmonte*, que entrou no canal, afrontando sozinha as altas baterias, seguiram a capitánea rumo ás barrancas do Riachuelo.

A *Belmonte*, com 37 rombos e incendio a bordo, depois de romper o fogo cruzado dos paraguaios, foi encalhar na ilha Cabral, enquanto a *Jequitinhonha*, numa infeliz manobra, atravessou no meio do canal sob o canhoneio inimigo, logo abordada pelo *Tacuari*, o *Salto* e o *Marquês de Olinda*, rechassados, porém, com o maior valor, pelos seus tripulantes.

A *Amazonas*, com o chefe Barroso e outros oficiais, de pé no passadiço, passou pelas baterias, cuspindo balas. Todos os outros navios a seguiram, menos a *Parnaíba* que, querendo acudir á Jequitinhonha, meteu o leme na fralda dum banco e teve de recorrer ás velas para manobrar. Estava no centro da linha de fogo paraguaia e foi investida por tres vapores adversos — *Paraguai, Tacuari* e *Salto*. O comandante atirou-se a toda força sobre o primeiro e desarvorou-o. Mas os outros derramaram-lhe na coberta a gente de abordagem, travando-se um corpo a corpo terrivel. A *Paraguari* foi encalhar na ilha da Palomera, onde a guarnição a abandonou, e o *Marquês de Olinda* veio substitui-la no ataque. A guarnição da corveta imperial batia-se a machado e sabre contra mais de 500 homens. Morreram, defendendo heroicamente sua bandeira, o guarda-marinha Greenhalg, o marinheiro Marcilio Dias, o capitão Pedro Afonso e o tenente de infantaria Feliciano Maia.

Já resolvera o comandante pôr fogo aos paióis e ir pelos ares, quando estrugiram vivas ao Brasil e ao Imperador. Era a *Amazonas* que surgia, forçando as máquinas, em socorro da *Parnaíba*. Seguiam-na a *Beberibe* e a *Mearim*. Os paraguaios fôram repelidos a arma branca e a tiro pela tripulação reanimada. E o chefe Barroso, arriscando-se a encalhar nos baixios, vira de prôa, iça o sinal: "Sustentar o fogo que a vitória é nossa", faz atiçar o fogo das caldeiras e se lança como um ariete sobre as naves lopistas, realizando a mêsma façanha do almirante Tegethof, mais tarde, na batalha de Lissa.

Deante do avanço da *Amazonas*, seguida pelo resto da esquadra, o chefe Meza abandonou a abordagem da *Parnaíba* e foi lançar-se novamente contra a *Jequitinhonha*, enquanto o *Salto* e o *Marquês de Olinda* procuravam abrigar-se sob o fogo das baterias de Bruguez.

A *Amazonas* atirou-se de prôa sobre o *Jejúi* e afundou-o, meteu o béque no *Marquês de Olinda* e pô-lo a pique, rompeu o costado do *Salto* e fê-lo ir ao fundo. Então, os restantes navios do ditador fugiram rio acima. Dos nove saídos de Humaitá voltaram quatro, maltratados pela metralha, uns a reboque dos outros, com o chefe Meza gravemente ferido por bala num ombro, perseguidos pela *Araguari*.

O sol se punha. Nossos últimos tiros faziam calar as baterias da margem e afundavam as derradeiras chatas inimigas. Ocupavam-se os navios encalhados, arriavam-se dos mastros as bandeiras paraguaias, aprisionavam-se os oficiais e tripulantes que restavam nas carcassas metralhadas.

A esquadra paraguaia estava aniquilada. Sua ofensiva naval fôra repelida. Com o dominio das aguas conquistado pelo Brasil, iam os aliados poder desenvolver sua contra-ofensiva, levando a invasão ao territorio inimigo.

Sem navios, o ditador tentou ainda imobilizar os nossos, engarrafando-os no rio. Robles, para isso, fortificou as barrancas de Mercedes, entre as quais se encurvava, sinuoso, o canal navegavel do Paraná. Descendo a correnteza, a Esquadra Imperial, porém, forçou dias depois aquelas passagens, transtornando mais um plano da ofensiva paraguaia.

Na vespera da batalha do Riachuelo, o coronel Estigarribia atravessava o Uruguai com mais de 7 mil homens, no passo de S. Borja. Outra coluna, a do major Duarte, com mais de 3 mil soldados, seguia paralelamente pela margem direita do mêsmo rio, como elemento de ligação entre Estigarribia e Robles, em direção ao territorio uruguaio. Êste último devia marchar sobre Uruguaiana, pelo centro da provincia de Corrientes, afim de unir-se aos outros dois. Êsses elementos militares contavam com a ajuda de tres fatores de ordem politica: a revolta dos escravos no Rio Grande do Sul, a rebelião dos adversarios de Mitre na Argentina e o levante do partido Blanco na Banda Oriental. Assim, invadido Mato Grosso e o Rio Grande, conflagrados a Argentina e o Uruguai, poder-se-ia reduzir á impotencia ou aniquilar o exercito que Osorio concentrava e organizava. Mas tudo isso falhou. Robles, deante da derrota do Riachuelo e do forçamento da passagem de Mercedes, retirou a marchas forçadas sobre Corrientes, sua base de operações, hostilizado pelas

coberturas de cavalaria da concentração de Mitre, os correntinos e entrerianos de Paunero e Cáceres. Acampou, para maior segurança, 6 leguas ao sul daquela cidade.

Furioso, Lopez substituiu Robles pelo coronel Resquin, chamado de Mato Grosso, e mandou prendê-lo.

A esquadra Brasileira fundeou no Chimboral, durante o mês de julho, sendo reforçada pelas canhonheiras *Magé, Ivaí* e *Itajaí*. Contra ela, Resquin fez fortificar e artilhar por Bruguez as barrancas de Cuevas. Outra tentativa de engarrafamento. A constante baixa das aguas obrigou o chefe Barroso a descer até o Rincão de Soto, forçando galhardamente o passo dificil, sob uma chuva de fogo de quasi meia hora.

* * *

A coluna destinada a ocupar a fronteira do Uruguai e invadir o Rio Grande do Sul foi organizada pelo major Pedro Duarte na vila da Encarnação. Centurión dá-lhe o efetivo de 10 mil homens.

A 16 de janeiro de 1865, transpôs o rio Paraná e acampou á margem esquerda do arroio Pindapoi. Em abril do mêsmo ano, o tenente-coronel Estigarribia assumiu seu comando em chefe, passando Duarte a sub-comandante.

No dia 5 de maio, iniciou seu movimento, lançando para a frente um destacamento de descoberta, comandado pelo major Duarte. A 9, êste tiroteava nas cercanias de S. Tomé com patrulhas argentinas e a 10 ocupava a povoação abandonada.

A 13, com o binoculo de campanha, o major paraguaio avistava o territorio brasileiro duma coxilha á beira do Quaí-Grande, afluente do Uruguai. Perto do passo de S. Borja, esperavam-no dois regimentos de cavalaria e uma força de infantaria, os correntinos e brasileiros do coronel Assunção. Recolheu-se a S. Tomé e ficou de observação.

Tendo comunicado a Estigarribia varios movimentos dos inimigos na sua direção, recebeu reforços a 19 de maio.

A 31 de maio, o grosso paraguaio moveu-se. A 7 de junho, reunia-se a Duarte em S. Tomé. Então, Estigarribia transpôs o Uruguai sobre S. Borja, e Duarte, como uma guarda de flanco, seguiu sua marcha pela margem direita. Essa divisão de forças que se afastavam de sua base de operações e que poderiam ter as suas linhas de comunicação com a mêsma base e entre si facilmente cortadas, foi a sua perda.

A fronteira brasileira das Missões e do Quaraí estava vigiada pela divisão do general David Canabarro, veterano da guerra farroupilha e da campanha contra Rosas. Constituiam-na as brigadas dos coroneis Antonio Fernandes Lima e João Antonio da Silveira. A de Bagé ficava sob a guarda da divisão do velho guerrilheiro dos pampas cognominado o Moringue, Francisco Pedro de Abreu, barão de Jacuí, composta pelas brigadas dos coroneis Inacio Ouriques, Lucas de Lima e Tristão Pinto. O exame minucioso dos documentos relativos a essa partilha da fronteira em dois setores e á atuação dos encarregados dêles demonstra que era deficiente e de emergencia a força militar com falta de chefe habilitado para

uma ação eficaz. O tenente-general João Frederico Caldwell, ajudante general do Exercito, achava-se, então, no Rio Grande do Sul e pretendia inspecionar as fronteiras ameaçadas.

Foi nomeado Comandante das Armas.

Reinava na provincia grande incerteza quanto aos efetivos e objetivos paraguaios. Os nossos corpos, em grande maioria, estavam sendo organizados e armados ás pressas. As forças de que se dispunha em primeira mão para proteger as fronteiras eram as seguintes:

No Passo das Pedras, entre S. Borja e Itaqui, o grosso da brigada do coronel Fernandes Lima, a qual tinha 3.023 praças de infantaria e cavalaria, todos guardas nacionais e voluntarios da Pátria. As outras brigadas estacionavam no Ibirocaí e em Uruguaiana, numerando uns 4.600 homens com 8 bôcas de fogo. Todas elas constituiam a 1.ª Divisão.

A 2.ª permanencia na fronteira sul.

Canabarro escrevia que as duas divisões de seu comando tinham cerca de 12 mil homens. Essa força poderia opôr uma barreira respeitavel ao invasor, se tivesse a comandá-la um general capaz de resolver o problema militar que os fátos punham deante de si, Mas Canabarro não estava á altura de sua missão. Inerte, conservou-se em defensiva passiva, com as duas divisões desarticuladas, com os batalhões e regimentos da 1.ª esparsos e mal colocados. Era como se a fronteira por onde se devia dar a invasão estivesse descoberta.

O inimigo avançou em massa e, naturalmente, só encontrou deante de si reduzidissimos elementos de defesa. Ameaçou passar por S. Borja e

Itaqui ao mêsmo tempo. O coronel Fernandes Lima julgou que o perigo do avanço pelo último ponto era maior e dirigiu-se para lá. Não encontrando os paraguaios, concentrou-se no Passo das Pedras. Melhor do que o nosso, o serviço de informações de Estigarribia trazia-o ao corrente dos nossos movimentos, enquanto ignoravamos quasi os dêle.

A 10 de junho de 1865, move-se, certo do que vai fazer. Encontra em S. Borja, depois de atravessar o rio, 370 homens de infantaria e cavalaria da Guarda Nacional. A duas leguas e meia, acampava o 1.º batalhão de voluntarios da Pátria comandado pelo tenente-coronel João Manuel Mena Barreto. Estigarribia traz 5.445 homens das tres armas e 5 peças. O primitivo destacamento de descoberta de Duarte, elevado a 3.200 homens, transformara-se em guarda de flanco e marcharia pela outra margem do Uruguai em direção ao territorio do Estado Oriental.

Avançando sobre S. Borja dêsde o rio, os paraguaios fôram hostilizados pelas nossas guerrilhas, sem que se detivessem. Nas cercanias da povoação, lançaram uma coluna em ataque frontal e outra em ataque envolvente. O seu número recalcou as poucas centenas de guardas nacionais da defesa. A chegada do 1.º batalhão de voluntarios animou-os e a luta desigual se prolongou por algum tempo, retrogradando as colunas paraguaias com o receio de estarem deante de forças superiores.

Êsse retraimento do inimigo, que se prolongou pela tarde e pela noite, permitiu que a população civil abandonasse a vila. Conhecedor da superioridade numerica do invasor, Mena Barreto retirou.

A 11 de junho, quando se feria a batalha naval do Riachuelo, acampou numa estancia, além do capão de Santa Maria.

Entretanto, somente no dia 12, Estigarribia recomeçou sua marcha interrompida e ocupou S. Borja evacuada, lançando á frente o destacamento de descoberta do capitão Lopez. Segundo referia o comandante dos invasores ao ditador, por escrito, S. Borja foi entregue ao *livre saque* dos soldados. Remeteram-se as melhores fazendas para Encarnação e arrebanharam-se gados e cavalhadas.

A 19 de junho, o grosso de Estigarribia pôs-se em marcha para Itaqui. Duarte acompanhava-o pela outra margem. A 24, a coluna que operava no nosso territorio transpôs o rio Botuí. A 26, o coronel Fernandes Lima avançou contra ela, com a sua brigada. Á margem dum banhado, topou a cobertura do capitão Lopez. Atacou-a pelo centro e pelas alas, rompendo-a á direita e procurando envolvê-la. Os paraguaios recúam e se postam em melhor posição. E' quando chéga o tenente-coronel Sezefredo de Mesquita com a 4.ª brigada. Opera-se um ataque envolvente dentro do proprio banhado. Num efetivo de 400 homens que se batiam contra mais de 2 mil, o inimigo teve 236 fóra de combate. Caiu a noite e êle fugiu, aproveitando a escuridão. Só se reuniu ao grosso no dia 28.

O coronel Fernandes Lima acercou-se de Estigarribia, observando-lhe os movimentos. O chefe paraguaio ocupou e saqueou Itaqui, de onde abalou a 14 de julho.

De Saican, onde se encontrava, o general Caldwell ordenou ao barão de Jacuí que marchasse com a 2.ª divisão para reunir-se a 1.ª brigada da

1.ª divisão e mandava ocupar Alegrete, no pressuposto de meter os invasores entre dois fogos, acometendo-os de frente, enquanto Fernandes Lima o atacava pela retaguarda. O lugar indicado para essa manobra seria certamente o Ibicuí. Se o plano falhasse, restaria a possibilidade de sitiar ali ou mais adeante o imprudente inimigo que violara as nossas fronteiras.

Estigarribia atravessou o Ibicuí no passo de Santa Maria sem ser incomodado, senão por algumas guerrilhas brasileiras que hostilizaram a sua retaguarda, quando já mais de metade de suas forças se achavam do outro lado do rio. Mas a morosidade de Canabarro e a fraqueza de Caldwell, submetendo-se ao parecer daquêle, que não confiava na vitória e preferia ir batendo o inimigo em marcha, á espera das brigadas ainda ausentes, salvaram os paraguaios.

Êstes avançaram até o arroio Toropasso, onde se demoraram cinco dias. Foi quando nas aguas do Uruguai surgiram duas pequenas embarcações armadas e comandadas pelo tenente Floriano Peixoto, que começaram a obstar suas comunicações por meio de canôas com as tropas de Duarte.

Caldwell pretendeu opôr-se á passagem dêsse arroio, mas de novo recuou deante da opinião contraria de seus oficiais e foi acampar no Imbaá. Uma comissão de oficiais mandada a Uruguaiana achou que a cidade estava mal defendida e com reduzida guarnição (200 homens). Devendo os paraguaios atravessar o Imbaá, oferecia-se nova oportunidade de atacá-los. Caldwell manifestou essa intenção, mas não a realizou.

De braços cruzados, os nossos soldados viram, graças á impericia de seus chefes, os invasores da

Pátria marcharem das pontas do Imbaá para Uruguaiana em tres colunas, penetrando na povoação pela manhã de 5 de agosto de 1865 e nela fazendo tremular as côres paraguaias. Somente para salvar a honra de nossas armas, os soldados do tenente-coronel Bento Martins, futuro barão de Ijuí, disputaram palmo a palmo o terreno até dentro do casario. Alguns dos seus bravos aprisionados fôram degolados junto aos muros do cemiterio ante os olhos de Canabarro e do seu exercito.

As divisões brasileiras acamparam no Imbaá e no Itapitocai com suas coberturas de cavalaria. Uruguaiana fôra evacuada tão ás pressas que os seus depositos cairam ás mãos do inimigo. Dêsde o dia 2 de agosto, Duarte ocupava o Paso de Los Libres, na margem fronteira.

Já em julho de 1865, o Governo Imperial se convencera da necessidade dum general competente para dirigir as operações militares no Rio Grande do Sul. No dia 20, foi nomeado o barão de Porto Alegre, vencedor de Caseros. A 21 de agosto, um mês depois, êle assumia suas funções em frente de Uruguaiana, onde se concentravam nossas forças para sitiar Estigarribia.

S. M. D. Pedro II resolvera partir para o Sul, afim de vêr de perto os preparativos militares e mesmo participar da defesa do sólo do Imperio. Chegou a 16 de julho á cidade do Rio Grande e a 19 a Porto Alegre. Depois de subir o Jacuí até Rio Pardo, percorrera a cavalo as coxilhas, demorando-se aqui e ali. Esteve em Cachoeira, Caçapava, S. Gabriel e Alegrete. Visitou o historico campo de batalha do Passo do Rosario (Ituzaingó)

e apresentou-se ao quartel-general das forças que sitiavam Uruguaiana no dia 11 de agosto.

Acompanhavam-no seus genros conde d'Eu e duque de Saxe, seus ajudantes de campo marquês de Caxias e barão de Itapagipe, o ministro da Guerra Angelo Moniz da Silva Ferraz, mais tarde barão de Uruguaiana, o almirante Delamare e o general Beaurepaire.

* * *

O destacamento de descoberta do major Duarte, transformado em guarda de flanco, caminhou paralelamente ao grosso de Estigarribia pela margem direita do Uruguai, observado e hostilizado pelas antenas de cavalaria correntina dos coroneis Paiva e Reguera.

A 2 de agosto, entrou em Paso de los Libres. Pelas imediações, forrageavam continuamente as cavalarias adversas. Dos Exercitos Aliados que se concentravam em Concordia, não queria o generalissimo Mitre retirar forças para deter a marcha das colunas paraguaias, pois continuava de pé a ameaça do avanço de Robles, estabelecido em Corrientes. Canabarro instava com Osorio para que lhe enviasse reforços, mas justamente do núcleo forte e organizado dos brasileiros é que Mitre não desejava distrair um soldado. E Osorio, apesar do seu desejo de correr em socorro de sua provincia invadida, conformava-se em sustentar, como êle proprio dizia, os "compromissos nacionais da Aliança e o centro de onde deviam partir as operações com segurança".

No momento, Urquiza se imobiliza em Basualdo com suas milicias entrerianas. Paunero, com uns tres mil homens de todas as armas, devia reunir-se-lhe. A cavalaria de exploração de Cáceres procura manter o contáto com o inimigo. Robles recúa, reconcentrando-se, e Paunero desiste da junção com Urquiza e ruma ao norte, seguindo a sua cavalaria que acompanha o recúo do invasor. No meado de julho, os oito mil cavalarianos de Urquiza rebelam-se e dispersam-se. Paunero fica isolado, cobrindo a concentração aliada.

Organizára-se um exercito de vanguarda, confiando-se seu comando ao general D. Vicente Flôres. Êste inicia a 18 de julho seu movimento para o norte, sobre a coluna de Duarte. Recebe reforços pelo caminho e Paunero se lhe reune no dia 13 de agosto, nas cercanias do arroio Sant'Ana.

Flôres acha-se á frente de uns dez mil homens com 32 bôcas de fogo, dos quais fazem parte a brigada brasileira do tenente-coronel Kelly, com tres batalhões, o 16.º batalhão de Voluntarios Brasileiros, enquadrado na infantaria oriental, os 3.200 homens de Paunero e os 2 mil cavaleiros de Madariaga, Paiva e Reguera, que haviam acompanhado Duarte como a sua sombra.

Contra êsse efetivo, o chefe paraguaio conta com 3.200 homens de infantaria e cavalaria, sem canhões. Dispondo de precarias comunicações com o grosso de Estigarribia detido em Uruguaiana, as quais somente podiam ser feitas em canôas através do rio já varrido pelos barcos artilhados de Floriano Peixoto, só lhe restava escolher uma bôa posição defensiva e vender caro a vida.

Escolheu má posição nas chácaras do Ombucito, com os arroios Iataí e Despedida pela retaguar-

da, no meio do lençol dagua deixado pelas últimas inundações. Sua ala esquerda aproximava-se das chácaras em direção ao rio Uruguai. Sua ala direita ficava no ar. Podia-se torneá-la, cortar a retirada e atirar os paraguaios no rio. A operação era fácil, sobretudo para forças superiores em efetivo.

Flôres marchava em colunas paralelas, coberto pelas cavalarias. Ao aproximar-se do inimigo, ordena um ataque frontal com a infantaria uruguaia, que o fixe, e um ataque de flanco com a brigada brasileira e o corpo de Paunero. Enquanto isso, as cavalarias de Suárez, Castro e Madariaga devem transpôr o Iataí e cortar a retirada paraguaia.

O famoso combate de Iataí trava-se a 17 de agosto. O coronel Palleja avança com a infantaria uruguaia e, depois duma luta pertinaz, desaloja o inimigo de sua linha de defesa frontal, recalcando-o sobre o seu acampamento. Eram dez e meia da manhã. Ao mesmo tempo, Paunero e os brasileiros realizam a manobra de flanco e atiram os soldados de Duarte sobre os arroios. A esquadrilha de Floriano fecha o caminho do rio. As cavalarias correntina e oriental cortam a retirada. Até duas e meia da tarde, os paraguaios batem-se dentro dos alagados, valentemente, encarniçadamente. São esmagados. Enquanto os aliados perdem 320 homens, 83 mortos e 227 feridos, Duarte cái prisioneiro com 1.200 praças e oficiais, perdendo 1.700 mortos e 300 feridos.

* * *

Estigarribia estava agora só e imobilizado dentro duma povoação brasileira, perdida sua guarda de flanco, cortada sua passagem pelo rio, interrompida sua linha de comunicações e desfeita qualquer esperança de socorro da parte do exercito invasor de Corrientes, deante do qual engrossavam diariamente as concentrações de Mitre e de Osorio.

Flôres intimou-o por meio dum oficial prisioneiro á rendição. Canabarro tambem. Estigarribia recusou e, na madrugada de 1.º de agosto, tentou romper a linha de assédio, mas nada conseguiu.

De 21 de agosto a 4 de setembro, o exercito de Flôres transpôs o rio e veio reunir-se ás forças brasileiras, cujo comando Porto Alegre assumia naquela primeira data.

A 31, o almirante Tamandaré chegava a Paso de los Libres e se punha em comunicação com o nosso quartel-general. Os chefes brasileiros esperavam a chegada do Imperador para submeter a praça investida. Paunero e Flôres opinavam pelo ataque imediato. Houve, então, um incidente desagradavel entre Flôres e Tamandaré, no qual êste aludiu ás *fanfarronadas* daquêle e, apoiado por Marques de Souza (Porto Alegre) declarou que as forças imperiais prescindiam de auxilio estranho para aniquilar os invasores. Tamandaré regressou ao acampamento de Osorio, em Gualeguai, de onde vieram dois batalhões brasileiros e um argentino para reforçar a infantaria dos sitiantes. Mitre veio com êles, deixando Osorio no comando em chefe.

Entrementes, Estigarribia repelia nova intimação para render-se e procurava comunicar a

gravidade de sua situação ao general Resquin, que substituira Robles em Corrientes. Mas seus mensageiros fôram aprisionados.

A 11 de setembro, S. M. D. Pedro II apresentava-se em Uruguaiana, deante das tropas brasileiras em parada. Em volta da povoação sitiada, reuniam-se as forças de Mitre, Flôres, Porto Alegre e Paunero: 1.038 infantes uruguaios, 3.068 argentinos e 4.150 brasileiros. 8 mil cavaleiros brasileiros escalonavam-se nas linhas de assédio, como elementos de proteção. 300 granadeiros a cavalo de San Martin acompanhavam-n'os. O resto das cavalarias argentina e oriental não entrava em linha de conta por haver ficado na margem direita do rio. Os aliados contavam com 42 bôcas de fogo.

Tamandaré tambem se achava presente e uma esquadrilha, composta pelos vapores brasileiros *Onze de Junho, Taquarí, Tramandaí, União* e *Uruguai,* cruzava no rio.

Discutiu-se o comando em chefe em frente da praça. Pretenderam-no Flôres e Mitre. Porto Alegre firmou-se no tratado da Triplice Aliança que o subordinara ao territorio e exigiu-o com inquebrantavel altivez. Com a chegada do Imperador, solucionou-se a crise, cabendo ao general brasileiro a direção do ataque.

Êste tem dois objetivos: a igreja nova e o ponto de Goyo Suárez. A esquadrilha devia bombardeá-los antes do assalto. O exercito aliado inicia sua marcha de aproximação na manhã de 18 de setembro de 1865. Ao meio dia, está defronte das trincheiras paraguaias, a trezentos passos. A artilharia toma posição em baterias. O Imperador

e seu estado maior colocam-se em frente do cemiterio. Faz-se um derradeiro apêlo á rendição, com o prazo de duas horas, assinado pelo barão de Porto Alegre. Estigarribia replica, propondo entregar-se com regalias para os prisioneiros de certa qualidade, oficiais e empregados de distinção, ficando os de nacionalidade uruguaia em poder dos brasileiros. Os chefes aliados aceitam com restrições. A famosa *Division Paraguaya en operaciones sobre el rio Uruguay* "cessa virtualmente de existir", como refere o conde d'Eu. E o seu comandante entrega a espada, hoje no Museu Historico, ao soberano do Brasil.

Encerrou-se, assim, o segundo capitulo da triplice ofensiva paraguaia contra os aliados: Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Corrientes.

O terceiro não demoraria muito a ser encerrado.

* * *

Agora, existem duas massas do Exercito Aliado, a de Uruguaiana e a de Concordia. Mitre vai reuni-las para expulsar os invasores de Corrientes. Por um terreno mal povoado, cortado de rios, alagado pelas chuvas, depois da travessia do Uruguai, argentinos, brasileiros e orientais dirigem-se a Mercedes sob o comando de Flôres, que acampa além desta vila, no dia 17 de outubro.

A 25 do mêsmo mês, a junção dos dois exercitos está praticamente realizada nas margens do arroio Cuenca. São 22 mil brasileiros, 11 mil argentinos e 4 mil uruguaios, ao todo 35 mil homens das tres armas.

O corpo argentino de Paunero rompe a marcha para Corrientes no dia 28. A 15 de novembro, todo o Exercito Aliado se encontra na margem direita do rio Corrientes. Flôres, então, desloca-se para a vanguarda em direção á capital da provincia. Mitre segue-o rumo ao arroio Batel, onde recebe a noticia da segunda rebelião e dispersão das milicias de Urquiza, repetição ingloria do triste feito de Basualdo. Osorio cruzou o Batel a 18 e 19. E a marcha prossegue dificultosamente sob os aguaceiros continuos.

A 20 de dezembro, os tres exercitos acampam perto um do outro: Flôres em S. Cosme, Osorio em Lagôa Brava e Mitre em Tala Córá.

Resquin, substituto de Robles, que ficara petrificado nas imediações do arroio Santa Luzia, sem ao menos um pequeno movimento de aproximação de Duarte, antes de Jataí, coberto com leve cortina de cavalaria, retira deante do avanço aliado e acaba retraindo-se para dentro do territorio paraguaio.

López vai esperar o inimigo prestes a invadi-lo. A 25 de novembro, assume o comando de suas tropas concentrádas no Passo da Pátria, ficando a igual distancia do Passo e de Encarnação, pontos por onde, sem dúvida, tentariam os Aliados a travessia do Paraná.

Malograra-se completamente toda a ofensiva estratégica dos paraguaios contra os territorios dos Aliados. Concluira-se com o avanço sobre Corrientes a defensiva estratégica dêstes. Iam iniciar agora a contra-ofensiva e invadir o Paraguai.

C) A CONTRA-OFENSIVA E A INVASÃO

O objetivo dos Aliados é aniquilar o poder militar do ditador paraguaio. Para isso, precisam invadir-lhe o territorio. A maior dificuldade que vão encontrar reside no desconhecimento da topografia da região onde se devem desenrolar as operações de guerra. Não existe uma carta do Paraguai. Seus tiranos jamais consentiram que se fizesse ali o menor levantamento.

Tanto em relação ás terras como em relação ás aguas do teatro principal da guerra, viam-se os Aliados deante do misterio. Embora vencedora no Riachuelo, a esquadra estava impossibilitada de agir com eficiencia além de Corrientes, pois o rio se estendia até as aguas territoriais paraguaias por mais de 60 leguas inçadas de bancos, baixios, cânais sinuosos e dificeis, que obrigavam o comando naval, na ausencia de cartas hidrograficas, a confiar o destino dos navios aos práticos de navegação. A fragata *Amazonas*, devido á baixa das aguas, não podia passar acima de Corrientes. A *Belmonte* e a *Ivaí* estavam imprestaveis. O *Igurei* só servia para transportes. Restavam ao chefe Barroso seis canhoneiras, as quais não puderam obstar a travessia do rio pelas tropas de Resquin em retirada, pelos motivos acima e pela extensão em que elas tinham meios de realizá-la á noite e mêsmo protegidas por batérias marginais e quatro vapores que ainda restavam a Lopez.

Após a rendição de Uruguaiana, os Aliados haviam concertado o seguinte plano de ofensiva estrategica, conservado nos arquivos do general

Mitre: marcha sobre Corrientes, constituição dum exercito de reserva no Rio Grande do Sul, inicio da ofensiva pelas forças de Osorio e invasão do Paraguai sem ponto ainda determinado. Consultado pelo Governo Imperial, ao rebentar a guerra, o marquês de Caxias ofereceu êste plano — uma massa de manobra de 45 mil homens, uma reserva de 5 mil no Rio Grande do Sul, divisão da massa de manobra em tres colunas para a invasão — uma pelo Passo da Pátria, apoiada na esquadra; outra por S. Cosme, Itapuá ou S. Carlos; outra por Mato Grosso. Em janeiro de 1861, o senador Pimenta Bueno, marquês de S. Vicente, conhecedor de Mato Grosso e do Paraguai, apresenta um plano, inspirado no desejo de socorrer aquela provincia. E' pela invasão do territorio inimigo pelo sul, objetivando Humaitá, mas com uma divisão pelo norte, na fronteira do Apa, e outra na linha de Iguatemi. Não fixa o ponto exáto de desembarque do Exercito Brasileiro no rio Paraná. Insiste sobre a necessidade de tomar Humaitá, para o dominio completo do rio.

Vê-se bem que ambos os planos se acordam em certos pontos. O plano de Mitre, exposto quasi um semestre depois, abebera-se nas idéas gerais dos dois anteriores, com a agravante de não possuir a sua clareza de exposição. Na verdade, a bôa logica e a experiencia mandavam que a invasão fôsse de fáto tentada pelo sul, onde tinhamos mais facilidades de comunicação do que nos longinquos sectores matogrossenses.

Retirada a ofensiva paraguaia e iniciada a contra ofensiva aliada, Lopez concentra suas forças no Passo da Pátria e Mitre as dêle em Corrientes. O ano de 1865 tocava o seu fim e reu-

niam-se os materiais de transportes necessarios a movimentar por terra e pelo rio uma massa de 40 mil homens com seu trem de guerra. Corrientes serve de base de operações.

Enquanto se adestram e reorganizam as unidades destinadas a entrar em campanha, enquadrando-se os reforços vindos da Argentina e do Brasil, Lopez não fica inativo e procura dificultar as operações aliadas, inquietando-as com guerrilhas e ataques inopinados. Suas canôas carregadas de homens escolhidos atravessam o rio, sobretudo á noite. Os soldados paraguaios atacam os postos avançados e regressam, trazendo seus mortos e feridos, depois de causarem perdas ao inimigo. A cavalaria correntina é quem mais sofre com êsses reides.

Em janeiro de 1866, essas pequenas operações se amiúdam e se tornam mais audaciosas. A cavalaria de Hornos carrega os paraguaios e repele-os. Então, os brasileiros permanecem na Lagôa-Brava, os orientais no Jaguari e os argentinos em Tala Corá. A cobertura de Hornos está no arroio São João. E' quando o generalissimo resolve dar um golpe nas arremetidas paraguaias e envia a divisão de Conesa que se reune á cavalaria da cobertura. São quatro batalhões da Guarda Nacional de Buenos Aires que nunca haviam entrado em fogo.

No dia 31, dois escalões paraguaios de 250 homens, sob o comando do tenente Prieto, desembarcam das canôas ao meio dia. Informado pelas guardas avançadas, Hornos ordena a Conesa que avance e ataque o inimigo que vem de surpresa, emboscando-se nos capões de mato ao nor-

te do arroio. Mal surgem os primeiros atiradores de Diaz, o coronel Conesa dirige uma fala aos seus comandados, lembrando-lhes que vão receber o batismo de fogo. Os guardas nacionais prorrompem em vivas, revelando a emboscada. Conesa lança-se ao ataque. Os paraguaios retrocedem e tomam posição na outra margem do arroio Pehuajó, que repassam. Os argentinos atiram-se contra o inimigo abrigado no arvoredo, que a cavalaria de Calvo ameaça de envolvimento. Chega um reforço de 200 homens do tenente paraguaio Viveros, desembarcado pouco depois de Prieto. A força do ataque argentino quebra-se deante da resistencia maior do inimigo. E' quando pelo flanco esquerdo de Conesa, surgem mais 700 infantes paraguaios trazidos pelo tenente coronel Diaz. Entardece. Esgotam-se as munições. E Conesa retira com perdas por entre as primeiras sombras da noite.

Os paraguaios só volvem á outra margem do Paraná no seguinte dia.

Durante o mês de Fevereiro repetem-se por duas vezes as infrutiferas investidas de Lopez contra os argentinos. Êle volta-se para o exrcito de Flores isolado em Iati, a nove leguas da direita argentina. Alarmado com a má posição do chefe uruguaio, a quem confiára alguns dos seus batalhões, Osorio desloca-se para Tala Corá e previne Mitre e Goyo Suárez do perigo. Segundo lhes escreve, teme vêr seus batalhões *despedaçados*. Suárez retira sobre S. Cosme e as ameaças de Lopez se desvanecem.

No dificil preparo da invasão, cabe a Osorio um papel relevante. Êle completa, organiza e

adestra a tropa, estabelece a base de operações e reune os elementos para a travessia do rio, sem descanso e sem desánimo, vencendo todas as dificuldades e imprevistos. Cria mêsmo em Corrientes estaleiros para construir barcos e oficinas de cartuchame. Contrata os fornecimentos.

Tamandaré, concluidas as providencias que tomava em Buenos Aires para a realização da campanha, dirige-se ao quartel general aliado, onde os grandes chefes militares se encontram no dia 25 de fevereiro. Resolve-se a invasão, devendo a esquadra imperial proteger a passagem e desembarque das tropas. A 17 de março, os navios suspendem ferros do porto de Corrientes. E' uma força naval digna de respeito. Além das antigas canhoneiras já cobertas de gloria, dos avisos e transportes, quatro couraçados — *Brasil, Baía, Tamandaré* e *Barroso*. Êsse elemento novo na guerra fluvial ia decidir da sorte de toda a campanha.

A 20, a esquadra tomou posição na confluencia do Paraná e do Paraguai, bloqueando a fóz dêste rio e ocupando uma linha do forte do Itapirú ás Tres Bôcas.

A 21, o capitão de mar e guerra Alvim reconhece os passos do Alto Paraná sob o fogo do forte e das terriveis chatas inimigas emboscadas nas barrancas. A 23, Mitre, com Flôres, Tamandaré, Osorio e o conselheiro Francisco Otaviano, plenipotenciario do Imperio em Buenos Aires, explora o rio no vapor *Apa*. Durante êsses dias e os subsequentes, continuam as chatas a hostilizar

os nossos navios, que tirotêam com elas, danificando uma e pondo outras a pique.

A guerra das chatas continúa dias a fio e se prolonga até o mês seguinte.

No dia 22, reunem-se os generais de terra e mar da Aliança a bordo do *Apa*. Vão discutir o ponto em que se deve efetuar a passagem do rio, operação sempre importante para um Exercito e ainda mais importante em frente dum inimigo aguerrido e unico conhecedor do teatro da guerra. Tamandaré entende que dêsse ponto se deve poder marchar "de modo a contornar o grosso das forças inimigas acampadas a duas leguas do Passo da Pátria". Para se ter o apoio efetivo da esquadra, julga necessario que o desembarque se realize no mesmo Passo. Osorio discorda, por não haver entre o ponto do desembarque e as trincheiras do inimigo espaço suficiente para dispôr e manobrar o Exercito Aliado. Prefere a região de Itati. A 27 de março, com guias escolhidos, Flôres explora a região nêsse rumo em canhoneiras argentinas e brasileiras de pequeno calado. Uma chata oculta no sopé das barrancas lança-lhes os seus projéteis. O *Baía* e o *Tamandaré* procuram afunda-la. Nêsse combate, uma bala paraguaia penetra por uma das escotilhas na grande casamata central do segundo couraçado, ferindo e matando 33 homens, oficiais e praças. Entre os mortos em consequencia dos ferimentos recebidos, encontra-se o tenente Mariz e Barros, cuja bravura em frente da morte foi tão grande quanto em frente do perigo.

Flôres mostrou-se, depois da exploração, contrario á passagem por Itati, em vista dos obstaculos materiais, preferindo o Passo da Pátria. Mitre, então, inclina-se a passar pelo Itapirú, esperando, no entanto, que se encontre ponto melhor.

Prossegue sempre a guerra das chatas, agora atacadas com vantagem por algumas baterias de terra, assentes na margem esquerda do Paraná.

Afim de passar por Itapirú, era necessario atacar e destruir êste forte. A operação devia ficar a cargo da esquadra, auxiliada pelas forças do Exercito. Êsse auxilio sómente seria eficaz com a ocupação da ilha da Redenção ou do Cabrita, fronteira á fortaleza. Um destacamento a reconhece na noite de 29 de março. Dessa data até 5 de abril, quando foi ocupada, a esquadra e a bateria de Corrales bombardêam o forte.

Na noite de 5 de abril, 900 homens com quatro peças, oito morteiros e uma estativa de foguetes, comandados pelo tenente coronel Villagran Cabrita, desembarcam na ilha ou melhor no banco de areia a que se dava êsse nome e que as cheias submergiam. A artilharia do Itapirú varria-a de ponta a ponta. Por isso, os expedicionarios, trabalhando a noite toda, ergueram uma linha de trincheiras em ángulo obtuso, com o vertice voltado para a fortaleza paraguaia.

Ao romper o dia 6, a bandeira imperial tremulava pela primeira vez no primeiro pedaço de chão do Paraguai. Viram-na os inimigos e resolveram arrancá-la daquela posição tão próxima e tão perigosa para êles.

Enquanto preparavam seu ataque, Mitre manda o general Hornos explorar os arredores de Itati em busca dum lugar favoravel ao desembarque. Hornos verifica que não ha ponto algum que se preste á melindrosa operação.

Trava-se durante dias seguidos um duelo de artilharia entre o forte, auxiliado por uma bateria marginal, e as trincheiras de Villagran Cabrita. E os brasileiros, argentinos e orientais iam-se concentrando num estreito espaço de tres quilometros deante do Passo da Pátria.

Na noite de 9 para 10 de abril, Lopez manda atacar de surpreza os imperiais estabelecidos na ilha. O famoso coronel Diaz dirige a operação. Desembarca com mais de 1.200 homens escolhidos, em tres escalões, e aproxima-se de madrugada das trincheiras. Suas canôas protegidas pela escuridão haviam abicado á praia sem serem pressentidas. As sentinelas externas da posição brasileira dão o alarma e recolhem-se ao entrincheiramento. As tres vagas de assalto do inimigo alcançam os fóssos e tentam escalar os parapeitos, mas os brasileiros as repelem a ferro e fogo. Os paraguaios retrocedem e hesitam. Os primeiros clarões da aurora iluminam o combate. E' quando a infantaria do Imperio salta das trincheiras e carrega vivamente os atacantes a baioneta. Dizimados e desmoralizados, êles correm para as suas canôas e procuram fugir. Surgem, porém, no canal navegavel do rio, douradas pelo nascer do sol, tres canhoneiras brasileiras que metralham os fugitivos. A barragem de fogo dos pequenos navios, que duelam tambem com o forte, impede qualquer socorro. Ao nascer o dia, jazem na

margem e no areal da ilha 640 cadaveres inimigos, metade dos atacantes. Muitos outros cairam prisioneiros e se afogaram. Dos 1.260 homens de Diaz mal se salvou a terça parte. Nós tinhamos 157 homens fóra de combate. Depois dêle, quando a bordo duma chata o tenente coronel Villagran Cabrita, antigo instrutor de artilharia do Exercito Paraguaio, escrevia a parte oficial da ação, foi alcançado e morto por uma bala do forte do Itapirú. Pela primeira vez, os brasileiros se batiam sozinhos no limiar do país inimigo e se cobriam com a gloria do triunfo. A flôr do Exercito lopista, como escreveu Palleja, não levou vantagem ante os recrutas brasileiros.

Concentrados estavam os Exercitos Aliados á margem do rio hostil. E Mitre pensa num desembarque nas imediações de Curupaitî. Da idéa de passar pelo rio Paraná muda-se para a idéa de passar pelo rio Paraguai. Tivéra-a o tenente Freitas, comandante da *Ipiranga*, e a expusera em carta a Tamandaré, modestamente. O almirante comunicou a Mitre, mas êste continuára a insistir no objetivo anterior. Reunido mais tarde o conselho de generais, Osorio insiste pelo desembarque nas proximidades do local apontado pelo tenente Freitas. A 15 de abril, o capitão tenente Mamede Simões da Silva explora o Paraguai até Atajo e reconhece que a barranca da margem esquerda pouco acima da foz se presta á operação. Esta é decidida e Osorio se comete o encargo de pisar primeiro o sólo inimigo á frente dos soldados imperiais. Então, todo o esforço despendido em frente do Itapirú passa a ser mera ilusão tática

contra o adversario que não póde esperar a invasão por outro ponto.

Estão prontos a atravessar o rio 37.870 brasileiros e 2.860 orientais. Quantos argentinos? Afirma o historiador Beverina que 25.000. Entretanto, em Tuiuti, no dia 24 de maio, o efetivo argentino era, oficialmente, de 11.000 homens. Como ficaram pelo caminho, num prazo de menos de tres mêses, 14.000?...

A operação da passagem e desembarque dos Aliados no Paraguai é notavel. Transportam-se de margem a margem e lançam-se num territorio ignoto, onde o inimigo conta com todos os recursos e tem tudo a seu favor, 50.000 homens e o seu imenso trem de guerra. Os meios de transporte estavam preparados e escolhidos os pontos de embarque. Osorio foi a cabeça que organizou tudo e tudo dirigiu. A esquadra de Tamandaré protegeu a expedição. Deviam ser feitos tres desembarques sucessivos, os dois primeiros de tropas imperiais, o último de imperiais, argentinos e uruguaios. Osorio iria na primeira leva; Flôres, na terceira. Treze vapores conduziram as tropas, rebocando chatas e lanchões.

O embarque começou, em Corrales, á meia noite do dia 15 de abril pela 1.ª divisão sob o comando do general Argolo. Na manhã de 16, embarcou Osorio com seu estado maior. Seguiram-se os embarques dos outros escalões. As divisões da esquadra imperial estenderam-se em linha proximo á margem paraguaia, afim de obstar qualquer movimento por parte das forças de Lopez. Rompeu-se o fogo contra o Itapirú, chamando para ali a atenção do inimigo.

Quando nasceu o dia 16, já os navios de guerra estavam em posição de combate. Ás 8 horas e meia, os transportes puseram-se em movimento, cortando as aguas do Paraná, obliquamente, em direção á embocadura do Paraguai. Enfiaram pela bôca dêste e lançaram ferros meia legua acima da confluencia dos dois rios. Eram nove horas, o bombardeio contra o Itapirú retumbava ao longe, e, rapidamente, por meio de balsas e de pontes sobre canôas, os brasileiros iniciaram o desembarque.

O general Osorio fez questão de ser o primeiro a pisar a terra do inimigo, respondendo, assim, ao ultrage da invasão de Mato Grosso e do ataque ao Rio Grande do Sul. Acompanharam-no seus ajudantes de ordens e um piquete de lanceiros, ao todo 12 homens. Vadearam um banhado com agua pelos peitos dos cavalos e avançaram pela macega afóra, em face da mataria que mascára os banhados entre a lagôa Sirena e a margem do Paraná. Um pouco mais á retaguarda vinham algumas companhias de infantaria, voluntarios do 2.° batalhão e soldados do 11.° de linha, comandados pelo major Deodoro da Fonseca. Depois, os primeiros elementos do grosso da divisão de Argolo, com artiharia.

López havia deixado quasi abandonado aquêle lugar, que ia servir de cabeça de ponte aos Aliados. Ali, como em outras ocasiões, durante a campanha, iria lançar pequenas forças contra um inimigo superior em tudo, evitando os choques decisivos. A sua tática teria de ser sempre a dos golpes mesquinhos, do entrincheiramento e da sur-

presa. Em campo raso, receava uma grande derrota que moralmente e materialmente o aniquilasse. Pendor selvagem para a guerra de recursos. O bravo Exercito Paraguaio merecia um chefe de maior envergadura.

Mais ou menos 2 mil homens, infantes, cavaleiros montados e a pé, mostraram-se deante de Osorio, logo adeante dos banhados, onde o general encontrou local apropriado para acampar. Carregam-n'os os brasileiros e atiram-n'os para longe, para dentro dos bosques. Depois, bivacam sob uma chuva torrencial, cobertos pelos seus postos avançados. Na escuridão da noite, os paraguaios tentam um ataque e são rechassados.

Durante o dia, haviam desembarcado sem grandes dificuldades 10 mil imperiais com 8 canhões. A terceira coluna (uruguaios, brasileiros e argentinos) sómente chegou á barranca do desembarcadouro ao cair da tarde, não desembarcando por causa da noite e da chuva senão alguns corpos, com os quais Flôres se pôs logo em movimento, juntando-se a Osorio.

Ao romper a manhã de 17 de abril, novo ataque dos paraguaios. Forças escolhidas ao mando do tenente coronel Benitez, mais de 3 mil homens a pé e a cavalo, lançaram-se sobre as nossas linhas. Engajou-se o combate com a 1.ª divisão e dois batalhões da 2.ª, que formavam a vanguarda. Benitez desenvolveu um ataque frontal, manobra quasi sempre perigosa. Osorio aguentou o empuxe e mandou o coronel Jacinto Machado com dois batalhões de linha cair sobre o flanco esquerdo do inimigo, que mudou de frente, apresentando ao grosso brasileiro o outro flanco. Aco-

metido por êste a baioneta, recuou, inteiramente destroçado. Nêsse combate, como escreve Palleja, o general em chefe do Imperio bateu-se *como um cadete!*

Sentindo ser impossivel conservar o forte do Itapirú, que ia ser atacado por terra, Lopez evacuou-o no dia 17. A 18, pela manhã, Osorio, Paunero e Flôres penetraram nêle e mandaram hastear sobre seus bastiões a bandeira imperial. Ás 11 horas, o generalissimo Mitre desembarcava junto ao forte e abraçava Osorio com estas palavras: "Sois um herói!"

No mêsmo dia, as vanguardas aliadas atiravam-se para a frente pelo estreito caminho do Itapirú ao acampamento do ditador no Passo da Pátria, que as canhoneiras de Tamandaré bombardeavam. A marcha era penosa, sobretudo para a artilharia, pois o terreno alagado e apaulado cobria-se de carriçais e matos impenetraveis. Os generais da Aliança iam á frente com os caçadores a pé da guarda avançada e, assim, atingiram o proprio ponto de desembarque dos inimigos.

López, coberto pela retaguarda ás ordens de Diaz, retirava pelo caminho de Humaitá, desistindo de esperar os invasores com os seus 45 mil homens alapardados nos fortes entrincheiramentos de Panambi, em excelente posição estrategica, alta, cercada de pántanos, lagôas, corregos e matagais, que a sua artilharia poderia varrer á vontade. E a extensão paludosa e quasi intransitavel do Esteiro Velhaco a separá-lo dos invasores.

A retirada paraguaia se fez no dia 19 de abril. Resquin, com o grosso das tropas, foi estacionar ao norte do Esteiro, no Passo Sidra. Enquanto

isso, a vanguarda brasileira do general Sampaio detinha-se deante dos entrincheiramentos que lhe cortavam o caminho, trocando tiros com os elementos da retaguarda lopista e preparando-se para o ataque. A 20, substituiu-o o exercito de Flôres. Pela madrugada de 23, a povoação e o acampamento inimigo no Passo da Pátria eram incendiados por ordem de Lopez. A 25, o resto das tropas e do material dos Aliados fôram desembarcados á marge direita do Paraná, e a 27 todo o Exercito da Triplice Aliança ali se reunia. Acumulavam-se todos os elementos de guerra naquela pequena peninsula, que ia servir de base de operações á invasão. Estabelecem-se hospitais. Mas a falta de forrageamento e de pastagens ia enfraquecendo e diminuindo sensivelmente a cavalhada. Do inimigo sómente uma ou outra patrulha surgia na orla das matas, desaparecendo logo, como por encanto.

A cobertura do acampamento foi entregue ás forças orientais e brasileiras comandadas por Flôres. O chefe uruguaio fez varios reconhecimentos e descobertas pelos arredores. A posição da vanguarda, porém, não agradava a Osorio, por causa da proximidade da materia e do Esteiro Velhaco, que poderiam permitir um ataque imprevisto e mortifero, mormente devido ao fato de estarem isolados e mal dispersos os escalões orientais e brasileiros.

Querendo aproveitar aquelas disposições erradas dos invasores, Lopez preparou um golpe de surpresa, ação tão de seu agrado sempre. Organizou uma forte coluna de infantaria ladeada por dois regimentos de cavalaria, entregou o comando

a Diaz e mandou que se aproximasse silenciosamente ao abrigo da mataria, caindo inopinadamente pelos tres passos — Pires, Silva e Carreta, de modo a envolver os corpos de Flôres. A artilharia de Bruguez apoiaria o ataque. Os atacantes deviam numerar uns 6 mil homens.

A 2 de maio, depois de pequeno reconhecimento do Esteiro pela manhã, a vanguarda cuidou que poderia ficar tranquila. Contudo, ao meio dia em ponto, a cavalaria e a infantaria paraguaia sáem dos matos e a carregam, recalcando os primeiros elementos de defesa e conquistando alguns canhões. Os primeiros batalhões são envolvidos. A brigada Pessegueiro, que os quer socorrer, envolve-se num corpo a corpo, desorganizada pelos que retiram da primeira linha. Os soldados orientais do "Florida" e do "24 de abril" recúam quasi em desordem.

O alarma generalizava-se ao Exercito todo. Osorio acorre com a 6.ª divisão brasileira do general Vitorino Monteiro e inicia o contra-ataque, detendo a retirada. A' esquerda, o general Paunero com unidades argentinas repele a cavalaria paraguaia. Então, os escalões paraguaios varridos pela artilharia, sabreados pela cavalaria e assaltados a baioneta abandonam apressadamente o campo de batalha, perseguidos vivamente pelo 1.º e pelo 26.º de voluntarios que se embrenham no Esteiro Velhaco são cercados pelo inimigo e resistem até que o 13.º de linha e outras unidades os desengajaram.

Nêsse combate do Esteiro Velhaco, a luta foi encarniçada. A nossa vitória custou-nos cerca de 250 mortos e de 850 feridos. As perdas dos orien-

tais foram de 400 homens fóra de combate; as dos argentinos, de 49. Flôres teve dois cavalos mortos. Osorio foi ferido ligeiramente. Lopez perdeu metade do efetivo da força que dispôs para o ataque.

Durante mais de uma quinzena, os Aliados montaram sua base de operações e ocuparam-se em reconhecimentos e descobertas do terreno inteiramente desconhecido. As canhoneiras imperiais batiam o rio.

A 19 de maio, preparou-se novo avanço. A cavalhada ia mingúando. Forças de cavalaria eram desmontadas e preparadas para o combate a pé. Essa falta de cavalaria iria nos ser prejudicial mais adeante.

Depois do toque de alvorada, no dia 20, o exercito invasor pôs-se em movimento. A vanguarda marchou pela estrada real que vai do Passo da Pátria a Humaitá. O grosso seguiu na mêsma direção. As cavalarias argentinas e a 4.ª divisão brasileira flanquearam o grosso pelo passo Carreta, as primeiras, pelo passo Sidra, a segunda.

As guardas avançadas de Flôres fôram topando, ao vadear o esteiro, elementos da retaguarda paraguaia, que se entocavam em trincheiras, oferecendo, porém, pouca resistencia á ação da artilharia e da cavalaria.

Ao norte do Esteiro Velhaco, havia um pedaço de terreno entre a lagôa Pires, a oeste, e o Esteiro Rojas, a leste, elevado e sêco, mas isolado no meio dos pántanos e da mataria, cujos caminhos eram desconhecidos, onde todo o Exercito Aliado acampou. A coberto do arvoredo, invisiveis, os entrincheiramentos de López cortavam

todas as passagens apoiados na lagôa e no esteiro invadeaveis. Um unico boqueirão poderia permitir a travessia, se dêle fôsse possivel apoderar-se: a famosa Bocaina. Por trás das trincheiras, adensados nas matas, conhecendo todas as veredas e passos, os paraguaios estavam no seu elemento verdadeiro de luta, a tocaia.

Os Aliados estavam dentro de verdadeiro saco e López vai aproveitar o desfavor de sua posição para lançar contra êles o seu exercito em massa, afim de aniquilá-los. Flôres acampa com a vanguarda deante da mata misteriosa. Apoia-o o glorioso 1.º regimento de artilharia a cavalo, o celebre *Boi de Botas*, comandado pelo tenente coronel Emilio Mallet, de prontidão permanente, com as baterias em posição por trás dum fôsso largo e profundo, cavado no silencio noturno e sem respaldo ou parapeito, de modo que não podia ser suspeitado pelo inimigo. Mais atrás, as divisões brasileiras de Vitorino e Sampaio. Depois as de Argolo e Guilherme Xavier de Souza. Emfim, a cavalaria, quasi toda a pé, dois batalhões de voluntarios e a brigada de Gòmes de Freitas. Na retaguarda, sobre o Velhaco, a brigada do general Neto. Eram 21 mil homens prontos para a luta.

Na frente, os orientais numeravam pouco mais de mil homens. A' direita, os argentinos mal passavam de 10 mil. São, ao todo, uns 32 mil homens. Contra êles, López vai atirar 24 mil soldados escolhidos, num ataque frontal secundado por dois ataques de flanco. O coronel Diaz deve comandar o ataque pela frente, trazendo Marcó as suas ordens: Resquin lançar-se-á sobre a direita

dos Aliados; Barros assaltará a esquerda. O primeiro conduz aproximadamente 9 mil homens com 4 obuses; o segundo, mais de 6 mil; e o terceiro, 8.700.

Na tarde de 23 de maio, quando reina a tranquilidade nos arraiaes dos invasores, êle prepara tudo e arenga ás tropas concentradas nas matas. O sinal do ataque seria dado ás nove horas da manhã seguinte com um foguete de guerra. A demora, porém, das forças na dificil travessia dos passos, só permitiu que êsse anuncio fôsse feito quasi ao meio dia.

Então, as cornetas e tambores dos Aliados deram o alarma, e, saindo da mataria e dos pajonais, as testas das colunas paraguaias precipitaram-se contra as linhas brasileiras, argentinas e orientais. Travou-se a batalha furiosamente. Os elementos da extrema vanguarda refluem, recalcados pela cavalaria de Diaz, e vão abrigar-se por trás da artilharia de Mallet. Os cavaleiros paraguaios galopam pela borda dos banhados e carregam as baterias, precipitando-se no fôsso, em confusão. E os canhões os metralham á queima roupa.

A vanguarda de Diaz, comandada por Marcó, dissolve-se sob o fogo das peças raiadas, mas o grosso, vomitado pela mataria, avança como uma onda, afim de romper o nosso centro. A divisão de Sampaio contra ataca e bate-se com furor. Depois de violento fogo de fusilaria, cruzam-se as baionetas e, depois do choque das duas linhas, os paraguaios começam a recuar. Durava o combate havia cinco horas e novas ondas adversarias eram despejadas pelas bocainas do arvoredo,

quando Osorio leva uma brigada da divisão de Argolo seguida por outra da de Xavier de Souza, em socorro do centro. Ao mêsmo tempo, Vitorino avança, levando tudo de vencida, pela direita do centro.

Barrios penetrara em massa no potreiro Pires e recalcára a brigada do general Neto. Ia cair sobre a nossa retaguarda. Osorio lança para ali, em contra ataque vigoroso, oito batalhões de voluntarios e a cavalaria a pé de Mena Barreto. A artilharia a pé abre o fogo naquela direção. Barrios recúa e retira com as suas forças dizimadas.

A luta estava tambem engajada com os argentinos. As divisões de Rivas e Arredondo carregam em linha os soldados de Resquin, que se põem em fuga pelo esteiro.

A alma da batalha de 24 de maio, chamada de Tuiuti, foi, sem dúvida, o general Osorio. Êle vê tudo, corre a todos os pontos da pugna, entusiasma os soldados, bate-se como um simples lanceiro, toma as medidas, movimenta as tropas e ganha a vitória, como o reconhece o proprio generalissimo Bartolomeu Mitre.

Ao entardecer, a derrota dos paraguaios era completa. "Seu exercito escreve Thompson — estava inteiramente destruido". 6 mil cadaveres de farda vermelha juncavam o campo da peleja. Os Aliados conquistaram bandeiras, estandartes, os quatro obuses e muitos outros troféus.

Os brasileiros tiveram 3 mil homens fora de combate, dos quais sómente uns setecentos mortos; os argentinos, 606; os orientais 296.

Por não terem mais cavalaria e por causa da noite proxima, não puderam os brasileiros perseguir os destroços do Exercito Paraguaio.

López mandou anunciar que ganhára a batalha e tocar as musicas militares festivamente, enganando seu exercito e seu povo, recolhido no acampamento do Passo Pocú...

Estava destruida de vez a superstição do desmesurado valor das armas paraguaias. O Exercito Aliado achava-se agora solidamente aferrado ao sólo inimigo, com sua base de operações no Passo da Pátria. A esquadra de Tamandaré dominava os rios. A falta de elementos de mobilidade, o desconhecimento do territorio inimigo e os formidaveis entrincheiramentos de López iam, no entanto, deter a marcha invasora. A campanha entraria em novo periodo — o da guerra de posição, demorado, cruel, exigindo dos beligerantes a maior soma de sacrificios possivel. Mas o triunfo definitivo seria sómente questão de tempo.

D) A GUERRA DE POSIÇÃO

Vai processar-se na ponta meridional do territorio inimigo a longa e sangrenta guerra de posição até que novos meios permitam conhecer melhor a topografia do invio teatro das operações e que a ação dum grande cabo militar possa lançar o exercito na guerra de movimento, que trará aos Aliados a vitória definitiva.

Enquanto os Aliados se preparam para a nova fase da luta, López de seu lado reorganiza suas tropas, arrebanha recursos e melhora suas posi-

ções, estabelecendo ligações telegraficas e postos de observação (*mangrulhos*). Durante o mês de junho de 1866, Aliados e paraguaios limitaram-se a tiroteios de infantaria e bombardeios de artilharia, de posição a posição. Nos primeiros dias de julho, o ditador tentou um golpe sem consequencias contra os invasores, na região do esteiro Rojas em que havia diversas ilhotas e um palmeiral, conhecida pelo nome de Iataiti-Corá.

Na tarde de 10, os paraguaios avançaram por ali, desembocando dos bosques e rompendo o alagadiço, contra a vanguarda argentina. Eram dois batalhões da infantaria lopista contra duas companhias da de Mitre, um pela frente, outro tentando o envolvimento pela direita. A infantaria correntina acudiu á guarda avançada e ajudou a repelir os atacantes.

No dia seguinte, novo ataque, tambem á tarde, com um bombardeio sobre o flanco esquerdo aliado, para distrair a atenção. Os argentinos da vanguarda recúam destroçados; mas, socorridos pela brigada Rosetti e a reserva de Paunero, sustentam o fogo e rechassam o inimigo ao cair da noite.

Dêsde maio, Osorio dera parte de doente. Em julho, enfermou de tal sorte que não montava mais a cavalo. A 15 de julho, o general Polidoro, visconde de Santa Tereza, substituiu-o. E o herói de Tuiuti recolheu-se á pátria pelo transporte *Jaguaribe*.

Infeliz no seus ataques parciais, López não se atrevia a nova ofensiva e ia fortificando-se nas linhas de Rojas, em frente do açampamento dos invasores. As matas permitiam que seus solda-

dos vigiassem todos os movimentos dos adversarios, bem acobertados. Conhecedores de seus meandros, varavam-nas facilmente pelos passos entre carriçais e pantanais sombrios. E, tendo verificado que adeante do lugar denominado Sauce, onde havia um boqueirão, a Bocaina, poderia enfiar o flanco dos Aliados, hostilizando-os com vantagem, entrincheirou-o e artilhou-o.

Silenciosamente, trabalhando á noite, seus soldados construiram ali dois sectores entrincheirados, um maior e outro menor guarnecidos de artilharia que, em caso de perigo, poderia ser retirada ao abrigo dos bosques. Essas trincheiras punham em perigo as posições aliadas. Era necessario atacá-las e delas desalojar o inimigo.

A 16 de julho, levou-se o ataque ao sector menor, conquistando-o. Para isso, o general Polidoro fez proceder a dois ataques ao mêsmo tempo, um frontal e outro de envolvimento pela esquerda. O general Guilherme Xavier de Souza comandou o primeiro á frente de 3 mil homens, ao romper do dia. A linha entrincheirada foi tomada a arma branca, rapidamente, mas o inimigo correu a acoutar-se numa segunda linha, dentro do mato, de onde sómente foi desalojado após um dia de combate, a 16 de julho, com o auxilio de importantes reforços brasileiros e argentinos, tendo a força de Guilherme Xavier de Souza perdido tanta gente que foi necessario substitui-la pela divisão do general Argolo. Mais tarde, a de Vitorino Monteiro rendeu a dêste. E a luta prolongou-se noite adentro com alternativas de recúos e avanços.

O ataque pela esquerda, conduzido por José Luiz Mena Barreto, topou com um lançe de trin-

cheira bem artilhada e guarnecida dentro da mataria, e teve de retirar para o potreiro Pires, depois de vivissimo combate, sem alcançar seu objetivo.

Chamava-se áquêle sector Naró e custou grandes sacrificios a sua tomada. Além dela, foi impossivel progredir.

No dia 18, travou-se um combate ainda mais cruel e mortifero, no qual se empenharam as forças de Vitorino, tropas argentinas e uruguaias, um total de 11 batalhões, para a conquista dos pontos avançados do Boqueirão, fazendo com que os paraguaios desistissem de permanecer no sector maior, o de Carapá, recolhendo-se ás linhas do Sauce, onde ficaram os seus elementos de vigilancia, cobrindo novas posições que se denominariam as Linhas Negras.

* * *

Por decreto de 20 de julho de 1865, o Governo Imperial constituira com as tropas que haviam operado contra Estigarribia um 2.º Corpo do Exercito Brasileiro, entregando seu comando ao tenente general conde de Porto Alegre. Destinou-se-lhe a missão de servir de reserva ao 1.º Corpo, então em campanha contra os paraguaios de Corrientes. Das instruções dadas a Porto Alegre constava que êle deveria cobrir as fronteiras do Imperio de qualquer invasão pelo lado de Corrientes, socorrer, quando preciso, o Exercito Aliado em operações no Paraguai e atrair a atenção do inimigo pelo lado de Itapuá, inquietando-o e mêsmo invadindo-lhe o territorio.

Porto Alegre estabeleceu seu quartel general em Bagé e aparelhou-se para entrar em campanha, incorporando ao seu grosso os reforços que o Imperio lhe enviava. Em janeiro de 1866, tinha sob suas ordens 4 mil infantes, 8 mil cavaleiros, mil homens de corpos especiais e 20 canhões. Providenciou para atravessar o Uruguai, lutando com múltiplas dificuldades, até 11 de março, quando iniciou essa operação. No dia 20, acampou em Itapuá, no territorio de Corrientes. A 12 de abril, estava em S. Tomás, defronte de Itapuá, pronto para a ação.

Da sua correspondencia com o generalissimo Mitre resulta claramente que êste entendia que êle devia invadir o Paraguai, depois de atravessar o Paraná, e que o general brasileiro, sem se recusar á operação, assinalava as dificuldades de realizá-la e pedia os meios necessarios para isso.

Emfim, a junta de guerra dos chefes aliados decidiu chamá-lo para a Confluencia, onde se tornava imprescindivel o concurso do 2.º Corpo, bastando deixar 4 corpos de cavalaria com o general Portinho, afim de cobrir a fronteira do Rio Grande.

Afim de reunir-se ao grosso Aliado, Porto Alegre marchou de S. Tomás até abaixo da Tranqueira de Loreto. Daí por via fluvial, transportado pelos navios da esquadra, foi desembarcar no Itapirú, onde chegou com o efetivo de dez mil homens.

Dêsde maio, Mitre tinha a idéa de operar sôbre o flanco esquerdo da posição fortificada do inimigo, reconhecendo, porém, que só oportunamente isso poderia ser levado a efeito. Por en-

quanto, como era impossivel romper as posições paraguaias pela frente, a esquadra teria de agir no rio Paraguai, no sentido de conseguir nova base de operações que pudesse facilitar os movimentos futuros dos Aliados.

Disso veiu ao almirante Tamandaré a idéa de fazer atuar o corpo de exercito de Porto Alegre, de acordo com a força naval ás suas ordens. O Governo Imperial determinára que aquêle corpo podia ficar subordinado ao comando em chefe da Aliança, agir de concerto com a esquadra ou mêsmo separadamente.

Em meado de agosto de 1866, o 2.° Corpo do Exercito Imperial estava concentrado no Itapirú. A 18, reuniu-se uma junta de guerra, com a presença de Mitre, Flôres, Polidoro, Porto Alegre e Tamandaré. Depois de se trocarem idéas sobre as operações militares, resolveu-se que o corpo de Porto Alegre subisse o rio Paraguai na esquadra e procurasse apoderar-se das fortificações inimigas de Curuzú e Curupaiti, de maneira a ameaçar "pela retaguarda o flanco direito das principais e extensas linhas" dos paraguaios.

Após o reconhecimento armado, seguido de bombardeio, pela esquadra, o 2.° Corpo desembarcaria e iniciaria o ataque. Ao mêsmo tempo, Flôres á frente duma massa de cavalaria ameaçaria desbordar o flanco esquerdo, e se atacaria a frente dos entrincheiramentos do Sauce e de Rojas. Era uma operação de conjunto, de grande vulto, na qual se empenhariam 42 mil homens, efetivo dos Aliados no momento.

Mitre oficiou a Porto Alegre para que embarcasse com 5 ou 6 mil homens, pondo-se sob as

ordens de Tamandaré. O general brasileiro retrucou que achava o efetivo diminuto e em desacordo com o que se estabelecera na junta de guerra, sobretudo deante da possibilidade de ser atacado por forças superiores reunidas nas florestas e lançadas de surpresa sobre o desembarque. Por isso, levaria 8.311 homens, sem impedimento. Quanto a ser comandado pelo almirante, que admirava e estimava, não podia, pois a antiguidade de sua patente, igual á de Tamandaré, não permitia isso do ponto de vista hierarquico. E mais: "Operado o desembarque, só eu tenho a competencia e a responsabilidade para conhecer da vantagem ou desvantagem de um movimento a ordenar-se".

Como em Uruguaiana, o grande general do Imperio, com o seu magnifico espirito de brasilidade, punha em cheque o comando supremo do chefe argentino.

Alarmado, Mitre convocou nova junta para o dia 28 de agosto. Nela declarou precisar 28 dias para preparar o exercito argentino a iniciar qualquer movimento; que os Aliados não estavam em condições de atacar as posições fortificadas do inimigo; contudo, não se podia demorar a operação. Referiu-se tambem ao comando em chefe, dizendo estar disposto a abandoná-lo, se fôsse preciso, embora continuando a combater com suas tropas ao lado dos brasileiros e orientais. Tamandaré respondeu que o exercito de Porto Alegre devia ser equiparado ao de Polidoro, quando em campo com o Exercito Aliado; mas só obrigado a executar, quando ligado á esquadra, o resolvido nas juntas a que tivesse comparecido seu general.

Ladeava-se mais uma vez, sem liquidá-la, a delicada questão da chefia dos exercitos dos tres beligerantes.

A esquadra encontrava-se á jusante do Curuzú, na volta do Palmar. Os paraguaios hostilizavam-na com torpedos, brulotes e barcos carregados de pedra, largados á noite ao sabor da forte correnteza. Das matarias das barrancas atiravam-lhe foguetes. Nenhum dêsses meios de ataque logrou seu objetivo. Os escaleres de ronda afastavam os engenhos inimigos e a metralha das peças varria as margens. O numero dos encouraçados aumentára com a chegada do *Rio de Janeiro* e do *Lima Barros.*

Ao sul e a uma legua de Humaitá, ficava a posição fortificada de Curupaiti, apoiada no rio pela direita, cobrindo o caminho do Sauce para aquela fortaleza. A sua posse daria aos Aliados meios de cortar a retaguarda das posições frontais paraguaias, obrigando-as a um recúo em toda a linha. Para melhor resguardá-la, Lopez estabelecera uma posição avançada a cerca de dois quilometros, o Curuzú, guardada por mais de 2 mil homens com 13 bôcas de fogo. O terreno em volta do entrincheiramento era intransitavel: lameiros, espinheiros, lagunas e carriçais.

As tropas de Porto Alegre embarcaram a 31 de agosto, levando tres dias de municiamento. De bordo, o general escreveu a Polidoro, insistindo pela ação conjunta nos outros pontos da linha, afim de garantir o exito de sua arriscada operação. No dia 1.º de setembro, pela manhã, os transportes puseram-se em marcha. Dêsde a madrugada, os navios de guerra reconheciam e sondavam

o rio em frente ás posições inimigas. Ás 11 horas, os encouraçados começaram a batê-las com a sua artilharia. O inimigo respondeu com violencia. Até o pôr do sol durou o bombardeio. Nêsse reconhecimento, perdemos o encouraçado *Rio de Janeiro*, que foi a pique, alcançado por dois torpedos.

A 1 hora e meia da tarde de 2 de setembro, o corpo de exercito de Porto Alegre desembarcou na Guarda do Palmar, abaixo do Curuzú. A 2.ª brigada de infantaria lançou-se logo para a frente, cobrindo a operação. Depois, o grosso a seguiu por uma picada, entre taquarais, e a vanguarda avistou, perto das tres horas, a bandeira tricolor esvoaçando acima das trincheiras perdidas no pántano. Nossas guardas avançadas entrincheiraram-se na orla da mata, dispuseram-se os elementos de vigilancia e passou-se a noite em socego, ao clarão do incendio que os paraguaios atearam em alguns pontos do mato.

Ao amanhecer de 3 de setembro, a artilharia imperial, abrigada em espaldões, rompeu o fogo. O Curuzú respondeu com energia. Depois da preparação de artilharia, Porto Alegre determinou o ataque: uma divisão de infantaria pela esquerda, outra pela direita e a 3.ª (cavalaria a pé) de reserva. Alguns elementos de cavalaria guardavam os flancos das duas colunas em marcha.

Ao toque de avançar, os infantes imperiais precipitaram-se a passo de carga sobre as trincheiras que lhes cuspiam balas de mosquetaria e metralha. Transpuseram os fóssos, galgaram os parapeitos e apoderaram-se a arma branca da posição, conquistando tres bandeiras e as 13 bôcas de fogo. O inimigo fugiu destroçado e foi

perseguido corpo a corpo até perto das linhas de Curupaiti.

Desconhecendo o terreno e os recursos do inimigo ali, Porto Alegre deteve a sua marcha vitóriosa e acampou no Curuzú.

Em Tuiuti, quando se deu o ataque, o Exercito Aliado limitou-se a movimentos sem importancia militar. Só no dia 4 Flôres tentou o seu reconhecimento de cavalaria sobre flanco esquerdo paraguaio, afastando-se muito pouco, porém, do campo aliado. A operação do Curuzú foi, portanto, executada pelo barão de Porto Alegre isoladamente.

No dia 4, Mitre, Flores e Polidoro conferenciaram em Tuiuti. O comandante do 1.º Corpo Imperial estava inquieto pela sorte do 2.º Corpo. Polidoro foi ao Curuzú, no dia 5, e conversou com Porto Alegre e Tamandaré. A 6 de setembro, o general brasileiro pediu reforços para atacar Curupaiti, insistindo pelo ataque simultáneo em toda a linha, de modo a flanquear o inimigo, reunindo-se os atacantes á sua retaguarda, depois dêle ser recalcado sobre Humaitá. Mas as dificuldades do terreno e a ignorancia dos Aliados quanto ao mêsmo e quanto ás posições de Lopez a coberto dos paúes e das matas, fez com que se fôsse adiando a solução do caso e se pensasse noutro plano de manobra talvez mais viavel.

Concertou-se o novo plano entre Mitre, Polidoro e Flôres: reforçar o 2.º Corpo, entregar o ataque de Curupaiti á direção de Mitre, organizar tres colunas de manobra com forças do Exercito Aliado e realizar um ataque convergente sobre a linha adversa. Polidoro, de reserva em Tuiuti, entraria em ação no momento oportuno. A 8,

Polidoro foi ao Curuzú comunicar essas resoluções a Porto Alegre.

Houve aí uma serie de divergencias sobre a nacionalidade dos reforços, sobre o comando do ataque, etc. nas quais tanto Porto Alegre como Tamandaré sempre se mostraram em excesso ciosos da predominancia das armas do Imperio. O comando de Mitre em Curupaiti desagradava aos dois grandes brasileiros. Ambos protestaram contra êle. Mitre firmou-se, porém, na resolução de levar os argentinos ao ataque do bastião paraguaio, de assumir a direção da operação e de confiar o comando em chefe de Tuiuti ao general Flôres. Chocaram-se as susceptibilidades. Houve desgostos de todos os lados.

Entrementes, na tarde de 10 de setembro, apareceu uma bandeira branca nas linhas centrais do inimigo. Alguns homens sairam das trincheiras. As sentinelas, não tendo visto a bandeira, fizeram fogo e êles recolheram-se ás suas linhas. No dia 11, pela manhã, nova bandeira e um parlamentario entregou uma nota de López, convidando Mitre para uma entrevista.

O generalissimo comunicou-a a Flôres e Polidoro, respondendo que a aceitava no Passo de Iataiti-Corá, ás 9 horas da manhã de 2 de setembro.

A' hora marcada, fardado de general e envolto no seu poncho bordado, lá estava o ditador do Paraguai, com uma escolta de 24 dragões e um estado-maior de 30 oficiais. Nas matas, em derredor estava emboscado, no receio de qualquer surpresa, um batalhão de fusileiros. Mitre compareceu com seus ajudantes de campo e um piquete de cavalaria. Os dois chefes de Estado

conversaram longamente, ora de pé, ora sentados á sombra do palmeiral, fumando charutos. Ignoraram-se os assuntos que debateram durante *cinco horas seguidas.*

Lopez manifestou desejos de conversar com Flôres e Polidoro. Mitre convidou-os. O general brasileiro recusou o convite com altivez e desassombro. Flôres foi de má vontade, pronunciou poucas palavras e retirou-se com arrebatamento. Parece que o ditador procurou induzir o presidente argentino a deixar a Aliança e tratar com êle. Mitre recusou-se. Antes de se despedirem, os dois trocaram cordialmente os rebenques, como lembrança do encontro. No dia seguinte, o generalissimo escreveu a López, comunicando que os chefes aliados haviam decidido nada resolver e sim comunicar as aberturas de paz aos respectivos governos. Os governos acabaram resolvendo não dar nenhuma resposta.

O fim de López, provocando aquela entrevista, não era ditado por um desejo de paz, mas sim pelo de ganhar tempo, o que lhe permitiu, com o auxilio de Thompson e o trabalho noturno de seus soldados, reforçar os entrincheiramentos de Curupaiti, e artilhá-los e guarnecê-los, de modo a torná-los inexpugnaveis. Era essa demora que Porto Alegre temia, insistindo pelo ataque imediato. Além disso, em conversa com os oficiais argentinos, os oficiais paraguaios conseguiram os informes de que careciam sobre o projetado ataque de Curupaiti, no qual colaborariam as tropas de Mitre.

No dia 11, com efeito, a infantaria do 2.° Corpo argentino já havia embarcado para o Curuzú com a brigada brasileira do Coronel Paranhos.

No dia 13, após a conferencia, Mitre seguiu para ali, nos navios brasileiros, com o 2.º Corpo.

O avanço brasileiro contra Curupaiti, já coroado de exito no Curuzú, ameaçava o caminho do quartel general de López no Passo Pocú. Se os imperiais se interpusessem entre as linhas de Rojas e Humaitá, o recalque do Exercito Paraguaio era inevitavel e estavam perdidas suas melhores posições de defesa. Era, pois, urgente impedi-lo. Para isso, com o precioso tempo obtido com a subita parada de Porto Alegre e as conversas com Mitre, se reforçaram os defensores da posição, pondo-se nela 5 mil homens escolhidos, sob as ordens de Diaz, montando-se oito canhões de oito polegadas, quatro para terra e quatro para o rio, estabelecendo-se varias baterias de peças de 32 e de 12, algumas raiadas. Eram ao todo 45 bôcas de fogo. Cavaram-se duas linhas de trincheiras paralelas, uma de vigilancia e a outra de resistencia, que podiam flanquear com seus fogos as massas dos atacantes. Na tarde de 21 de setembro, estava tudo pronto e os Aliados ainda se não haviam mexido.

Nêsses 19 dias, contados dêsde a tomada do Curuzú, argentinos e brasileiros discutiram planos e moveram tropas. De 16 para 17, as chuvas torrenciais interromperam os seus preparos. As balas da esquadra pouca móssa fizeram nas obras defensivas de terra do inimigo.

Na manhã de 22, Tamandaré iniciou a ação. O fogo da esquadra durou quatro horas e meia. Seus resultados fôram quasi nulos. Dezenove mil homens, argentinos e brasileiros em partes iguais, sob o comando de Mitre ouviram ao meio dia o

toque de avançar e em quatro colunas lançaram-se ao assalto, apoiados pela artilharia. A infantaria desenvolveu-se a marche-marche, os brasileiros contra o flanco direito paraguaio, os argentinos contra o esquerdo, serpenteando pelo plaino lamacento. Transpôs as bôcas de lobo, os abatizes, atulhou de faxinas os fóssos e penetrou a baioneta no primeiro entrincheiramento. As duas colunas interiores deveriam submergir o centro da resistencia paraguaia. As duas exteriores tinham de desbordar as alas. Mas López defendera-as bem e o ataque, falindo nas extremas, tornou-se mero ataque frontal sob a mosquetaria e a metralha do inimigo bem fortificado. Mortandade espantosa!

Os brasileiros seguiram pela margem do rio, meio protegidos pelo mato, estenderam seus escalões fóra das picadas, apoiaram-n'os com as reservas e conseguiram lançar alguns elementos dentro da segunda trincheira.

Ante as dificuldades insuperaveis do ataque e as perdas terriveis das forças em ação, o generalissimo mandou tocar a retirada. Então, os Aliados retrairam-se sob o violento fogo do inimigo, depois de 2 horas da tarde, com as suas bandeiras desfraldadas, deixando a zona de combate juncada de mortos.

Os brasileiros perderam 360 homens e tiveram 1.390 feridos. Os argentinos contaram 2.082 homens fóra de combate. Os cadaveres nús fôram atirados ao rio pelos paraguaios, amarrados dois a dois. A lenta procissão derivou pela correnteza e veiu boiar em torno da esquadra que pescou os corpos e lhes deu sepultura cristã.

E os ataques simultáneos nos outros pontos da linha? Flôres avançou com as cavalarias, mas retraiu-se, tendo noticia do malogro do ataque de Curupaiti. Polidoro não foi prevenido oportunamente, como estava previsto, e conservou-se no seu acampamento.

O revez inesperado dos Aliados deante daquelas trincheiras formidaveis encheu de alegria os paraguaios e abalou o moral dos invasores. Era a primeira vitória do inimigo dentro do seu territorio. Os generais brasileiros atribuiram a maior culpa do desastre e, com certa razão, á ação do general Mitre. Tinha o Exercito da Triplice Aliança agora de volver ao seu primitivo ponto de partida e de encontrar outro plano, outro caminho que o arrancassse daquela demorada, penosa e dura guerra de posição, aferrado á ponta meridional do invio territorio do Paraguai.

A guerra vai estabilizar-se até meados de 1867. Hostilizar-se-ão dia e noite as posições adversas fronteiras, mas não haverá uma unica ação de monta. Os canhoneios da esquadra continuarão sem resultado prático. Lavrará certo desanimo nos arraiais aliados. A politica argentina chamará Mitre a Buenos Aires; a politica uruguaia, Flôres a Montevidéu, onde será assassinado.

E' necessario um homem novo. São precisos elementos novos para que se não eternize a campanha e para que os exercitos se movam e vençam sob as ordens dum cabo experiente e sábio. E' o sol de Caxias que se levanta nos horizontes do Prata. Com êle estará finda a inação e começará a guerra de movimento, a Grande Guerra.

E) A GUERRA DE MOVIMENTO

A guerra de posição detivera os invasores na ponta meridional do territorio paraguaio, especie de peninsula fluvial que as trincheiras insuperaveis do inimigo cortavam até a barranca do rio Paraguai, entremeadas de lagôas, pántanos e bosques. O revés de Curupaiti tornára impossivel o flanqueamento dessas posições pela direita das forças de Lopez. Restava o caminho da esquerda, mas desconhecia-se completamente o terreno.

A fortaleza de Humaitá, numa volta do Paraguai, fechava o seu curso e a esquadra não poderia forçar a passagem sem material apropriado para a operação e sem que o exercito conquistasse uma base de aprovisionamento para ela acima da fortificação, sob pena de ficar isolada e de ser obrigada a voltar sob o fogo de Humaitá para se abastecer.

Os navios de madeira que haviam vencido no Riachuelo e arrostado as baterias de Bruguez, em Cuevas e Mercedes, estavam reduzidos ao papel de meros auxiliares e os nossos encouraçados ofereciam grande alvo ás balas inimigas para o forçamento daquela travessia.

O prosseguimento da guerra, com a sua natural transformação em nova fase, dependia dum chefe de prestigio e valor, bem como de elementos que permitissem afrontar os canhões de Humaitá e reconhecer os terrenos do flanco esquerdo paraguaio.

A esquadra foi dotada de monitores, que a experiencia da guerra da Secessão demonstrara co-

mo unicos engenhos capazes de operações arriscadas em rios artilhados. Ao exercito se deram balões, cujos operadores puderam verificar a possibilidade de uma marcha de flanco. E o homem escolhido para dirigir a guerra foi o então marquês de Caxias, a maior espada do Brasil Imperial.

Depois de Curupaiti, Porto Alegre ficou acampado em Curuzú. Mitre regressou com seus argentinos para Tuiuti. Henrique Castro assumiu o comando dos orientais na ausencia de Flores. Até outubro, a situação continuou inalterada. No dia 1.º dêsse mês, Polidoro pediu licença para retirar-se, alegando sua avançada idade, 64 anos. A 10, o Governo Imperial nomeou Caxias comandante em chefe das forças brasileiras em operações contra o Paraguai, terrestres e navais. Era o comando unico do Exercito Imperial, primeiro passo para o comando unico dos Aliados, meio feliz de acabar com todas as rivalidades e conflictos de jurisdição. . A politica o afastara do comando com suas manobras de bastidores, em 1865; agora, porem, o perigo em que se achavam os invasores obrigava-a a ceder deante do prestigio militar do grande cabo de guerra.

Caxias chegou a Corrientes no dia 14 de novembro e conferenciou longamente com o almirante Tamandaré. Desembarcou a 18 no Itapirú, pela manhã. A' tarde, estava em Tuiuti. A 19, comunicava em ordem do dia ter assumido o comando em chefe. Conversou com Mitre, e visitou Porto Alegre e a esquadra. Trazia como instruções, que provocara, as seguintes: voto independente nas deliberações, embora o comando supremo estivesse nas mãos de Mitre; direito de não

destacar forças brasileiras para ficarem sob a chefia imediata do generalissimo, que somente poderia determinar a execução geral das operações resolvidas em conselho de generais; prosseguir a guerra sozinho no caso de aceitação de propostas de paz pelos outros aliados; proibição de tratar com Lopez ou com gente de sua familia; não reconhecer nenhum outro general em chefe, no caso de ausencia do presidente da Argentina; poder tomar as medidas extraordinarias que julgasse preciso.

Esboça-se desta sorte a concentração do comando supremo com a concentração do comando das forças imperiais.

Tamandaré, velho e fatigado, é substituido a 3 de dezembro pelo almirante Joaquim José Inacio, depois visconde de Inhaúma. Com Porto Alegre, êle dera provas de alta brasilidade e sempre se batera contra todas as manobras tendentes a demorar a guerra, galinha dos ovos de ouro dos fornecedores do Prata, cornucópia que enriqueceu formidavelmente a Republica Argentina e foi a base de sua riqueza atual. Um rio de dinheiro era canalizado do Imperio para Buenos Aires. E, todas as vezes que podia, se manifestava contra os retardamentos favoraveis aos interesses particulares dos argentinos. Essa parte oculta da campanha merecia dum historiador arguto um estudo especializado.

A unificação do comando foi seguida da mobilização dum 3.º Corpo de Exercito no Rio Grande do Sul. Osorio, ainda doente, foi encarregado dessa tarefa, em que deu as mêsmas provas de pertinácia, valor e senso de organização que já

dera em Dayman e Concordia. Impunha-se tambem sua volta ao teatro das operações. Seu nome era a bandeira que acendia a coragem dos nossos soldados.

Assumindo o comando, Caxias tratou de reorganizar o Exercito Brasileiro e pôs nêsse empenho todas as suas grandes qualidades de Chefe. Em fevereiro de 1867, Mitre retirou-se e passou-lhe o comando supremo dos Aliados. A agitação politica na Argentina obrigava-o a regressar a Buenos Aires. Aliás, deante da estrela de Caxias, a luz da sua empalidera para sempre. O general imperial vai ser dêsse momento em deante a figura central da campanha.

A nova preparação do exercito sofre rude golpe com a epidemia de colera que se espalha entre as tropas, invadindo hospitais, depositos e acampamentos. Dura até a primeira quinzena de maio e dizima sobretudo o corpo de Porto Alegre, isolado nos paúes do Curuzú. Os paraguaios tambem fôram atingidos pelo flagelo e com êle sofreram horrivelmente.

Em maio, Polidoro retirou-se e entregou o comando do 1.º Corpo a Argolo. O 2.º Corpo transladou-se para Tuiuti. As operações vão recomeçar pelo flanco esquerdo das posições de Lopez.

A 24 de junho, faz-se a primeira ascensão em balão cativo. O aerostato sobe a 330 metros. Um guia paraguaio e um engenheiro polonio a serviço dos argentinos serviam como observadores. O nevoeiro prejudicou a visão. A 12 de julho, outras ascensões, uma das quais a 100 pés de altura, sob o fogo do inimigo. Os observadores, especialmente um capitão do estado-maior, retificam varias

posições, verificando que o terreno do lado do rio Paraná se prestava ás operações de guerra por ser menos cortado de banhados e de bosques. No dia 13, efetua-se nova ascensão. A 20, outra, atingindo 450 pés de altura. A 21, ainda outra. Os paraguaios disfarçavam já suas posições com a fumaceira das fogueiras de lenha verde. A 22, a última.

Durante êsse periodo todo, os paraguaios reforçaram suas fortificações, sobretudo do lado de Curupaiti e do Sauce, reunindo reservas, fundindo canhões e abrindo estradas. O flanco esquerdo, porem, continuava aberto. E' por êle que Caxias vai manobrar.

Osorio organizara no Rio Grande seu corpo de exercito com 5.400 homens e pusera-se em marcha, estacionando a 12 de maio em S. Carlos, a 40 quilometros de Candelaria. A 18, conferenciava com Caxias em Itati. Dois mêses depois, dia por dia, reunia-se ao Exercito Aliado em Tuiuti. Até aquela data, Caxias recebera 20 mil homens de reforço e podia iniciar seu movimento para contornar o famoso quadrilatero dos entrincheiramentos paraguaios.

O general em chefe tinha em mira o seguinte plano: deixar um dos corpos de exercito, reforçado por unidades argentinas, guarnecendo Tuiuti e o Passo da Pátria, de modo a garantir a base de operações e a linha de comunicações, e de aferrar o inimigo ás suas posições centrais; marchar na direção de nordeste com os outros dois corpos, os argentinos e uruguaios, contornando o Esteiro Velhaco; passado êste, infletia para oeste sobre Tuiú Cuê. Posteriormente, ocupar sobre o Para-

guai, alem de Humaitá, então desbordada pela retaguarda, um ponto que servisse para comunicar com a esquadra, que deveria forçar a passagem.

O 2.º Corpo sob o comando de Porto Alegre foi o escolhido para ficar nas linhas avançadas de Tuiuti. A massa de manobra a ser deslocada constituir-se-ia com o 1.º Corpo de Argolo, o 3.º de Osorio e os Aliados. O grosso moveu-se a 22 de julho. Osorio fazia a vanguarda.

Êsse plano fôra exposto pelo marquês de Caxias a Mitre, como o general brasileiro narra, "logo depois da minha chegada ao Campo de Tuiuti". Mitre atribue-se a prioridade do plano. Mas os brasileiros sabem que o grande cabo do Imperio nunca mentira nem se enfeitou com glorias alheias. Dêsde dezembro de 1866, aliás, que Caxias escrevia a Osorio, manifestando a idéa, já exposta em 1865, do ataque pelo lado de Itapuá. Ao visconde do Rio Branco, em carta, a 6 de abril de 1867, reconhece a loucura de qualquer ataque frontal e a necessidade de manobrar pelo flanco esquerdo. A 10 de abril, escreve ao ministro da guerra, mostrando que, se surtir efeito a sua operação e a esquadra transpuser o passo de Humaitá, Lopez será obrigado a evacuar êsse ponto e a estabelecer segunda linha de defesa no Tebicuari ou no Nhambucú. E acrescenta que os generais aliados aplaudiram suas idéas.

Em carta de Buenos Aires, prolixa, a Caxias, Mitre fala do plano combinado e que êle expôs; mas êsse não tem a amplitude e largueza do que o general brasileiro executou triunfalmente, pois não ha contorno das posições pelo flanco, mas

ataque pelo flanco, com um golpe sobre Humaitá pela retaguarda.

Com Porto Alegre, ficaram em Tuiuti uns onze mil homens, sendo 700 argentinos. Caxias conduziu para a marcha de flanco 21.500 brasileiros, 6 mil argentinos e pouco mais de mil uruguaios. Rompeu-se a marcha pelas margens sul e norte do Esteiro Velhaco, em duas colunas, com a cavalaria de Mena Barreto em exploração. No dia 24, a vanguarda estava no Passo Tio Domingo e o grosso acampava em Alejo Osuna. A 25, o 1.º Corpo aproximou-se da vanguarda. A 26 e 27, o exercito descansou. A 28, prosseguia o seu movimento e as guardas avançadas atingiram as imediações de Tuiú-Cué. Os campos estavam enxutos e o inimigo não se mostrava. Só no dia 30 alguns elementos hostilizaram do mato a vanguarda de Osorio. A 31, Caxias estabelecia em Tuiú-Cué o seu quartel general, enquanto o 3.º Corpo e os argentinos, apoiados no Esteiro Rojas, se estendiam em frente da linha da retaguarda paraguaia.

Mitre regressava de Buenos Aires e se encontrava a 28 em Tuiuti. O marquês escreveu-lhe, congratulando-se pela sua volta e pedindo-lhe ordens como general em chefe. A marcha de flanco realizára-se com maior exito, porem os Aliados encontravam por toda a extensa retaguarda o inimigo entrincheirado a coberto dos banhados e matarias, fechando o acesso para o rio.

O generalissimo argentino vem a Tuiú-Cué e assume o comando supremo. Vai haver novo periodo de inação, cortado por ações parciais e reides de cavalaria contra S. Solano, etc. Examinando a nova situação, Mitre é de parecer que a es-

quadra force a passagem de Humaitá e Caxias dá essa ordem a Joaquim José Ignacio. O almirante pondera que a esquadra irá alem da fortaleza, mas ficará no ar, sem ligação com o exercito, isolada no rio, pois não é possivel arrazar as baterias nem ocupá-las, tornando-se de bloqueadora em bloqueada. Caxias acha judiciosas as ponderações e leva-as ao conhecimento do generalissimo, que insiste na necessidade da passagem. O general brasileiro cede e ordena o forçamento das baterias de Curupaiti, o qual é realizado a 5 de agosto. Os encouraçados, crivados de balas, fundêam á vista da ponta de Humaitá.

Cauteloso e sóbrio, o almirante difere a passagem desta última barreira. Êle teme sacrificar a esquadra, grande elemento de mobilidade das forças brasileiras. Êle não tem interesse em perdê-la para que a guerra se prolongue e continúe a enriquecer um país estrangeiro. Mitre continúa a insistir e a querer arrogar-se o mando da esquadra, contrariamente ao estipulado no tratado da Triplice Aliança. Caxias age com a maior prudencia e tácto, porem sempre apoiando os receios fundados do chefe naval.

Até dezembro de 1867, a situação continúa inalterada. A presença de Mitre tinha o dom de estabelecer a inação. Realizam-se somente pequenas operações em torno de Humaitá, que resultam em verdadeiro sitio da grande fortificação paraguaia. As cavalarias exploram grande tractos de terreno. Fazem-se novas observações em aérostatos cativos. Combate-se muitas vezes nas linhas avançadas. Manteem-se as linhas de comunicação e penetra-se através do territorio, ao norte de Hu-

maitá, transpondo o potreiro Ovelha e ocupando a posição do Taii sobre o rio Paraguai.

Varias vezes, os paraguaios tentaram atacar os nossos comboios na extensa linha de Tuiú-Cué a Tuiuti, sempre repelidos. A 3 de novembro, o inimigo ataca de surpresa as posições de Porto Alegre, vasto entrincheiramento com alguns redutos defendidos por forças reduzidas. Contra elas, Lopez atira uma massa de ataque de 9 mil cavaleiros e infantes sob o comando de Barrios. Ás 4 horas da madrugada, mal acabava de soar o toque de alvorada, os paraguaios assaltaram o 41.º de voluntarios, que estava na linha de vanguarda e que recuou, batendo-se contra uma coluna de 3 mil infantes. Outra coluna tomou aos argentinos o reduto San Martin. Terceira coluna apoderou-se de outro reduto, aprisionando o 4.º batalhão de artilharia a pé. Inesperado e de longa envergadura, o ataque surte seus efeitos em primeira mão.

Mas Porto Alegre está a cavalo, reune alguns batalhões e contrataca, eletrizando os soldados com sua presença, a longa barba branca varrendo os bordados do seu grande uniforme, a espada núa a relampear sobre a cabeça. Era o herói de Caseros que ressurgia á frente da infantaria imperial. Ao clarear o dia, a luta se alastra por toda a linha a tiro de fusil e arma branca. O inimigo começa a ceder. E' tempo em que, atraída pelo tiroteio, a força, que deixara o acampamento para proteger o comboio das comunicações, retrocede e abre fogo pela retaguarda das colunas atacantes.

Estas reunem-se e avançam contra o reduto central. Tomado êste, tudo estaria perdido e Caxias ficaria isolado em Tuiú-Cué. Porto Alegre manda apontar-lhes a artilharia carregada de lanternetas e dizima-as no respaldo das trincheiras. Os paraguaios desanimados recúam e se lançam ao saque do abarracamento dos viveres e do comercio. O vencedor de Caseros, então, cái sobre êles e varre-os a baioneta. Foi um desastre. Barrios, á frente das reservas, no palmeiral de Iataiti Corá, assistiu-o sem coragem de intervir. O reduto central e a bravura de Porto Alegre salvaram o Exercito Aliado.

Malogrado o ataque a Tuiuti e tomado o Taii pelas tropas de Mena Barreto, Lopez teve de abrir uma via de comunicações pelo Chaco, em frente a Humaitá, na margem direita do rio Paraguai. Restringia-se o perimetro de suas posições. Recalcados estavam seus elementos avançados. Só lhe restava o caminho fluvial e o tremedal chaquenho para se ligar ao resto do país. Retraiu mais as suas linhas de defesa e começou a retirar da fortaleza parte das forças que a defendiam, levando-as para o outro lado das aguas.

Em dezembro de 1867, era esta a situação.

Em janeiro de 1868, tendo falecido o vice-presidente da Argentina, Marcos Paz, o general Mitre passou o comando supremo ao marquês de Caxias, no dia 3, e retirou-se para Buenos Aires.

Os Aliados, senhores do rio até perto das baterias de Humaitá, ocupavam tambem parte do Chaco e nêle haviam construido uma pequena estrada de ferro, que aprovisionava as nossas tropas. De dezembro de 1867 para janeiro de 1868,

chegaram os monitores que iam permitir o forçamento da passagem de Humaitá. Caxias inspecionou pessoalmente todos os sectores aliados e a esquadra, assentando com Inhaúma a realização dessa operação, com o apoio das forças de terra. Lopez artilhára a margem do Chaco fronteira a Humaitá, na volta do Timbó, e construira um forte, o reduto Cierva ou do Estabelecimento, a nordeste das suas posições, do lado de cá, elemento de resistencia avançado sobre as linhas do exercito sitiante.

Julgando-o, pela ignorancia daquela região desconhecida e sem mapas, situado sobre a barranca do rio, depois que os monitores forçaram definitivamente o passo de Curupaití, a 13 de fevereiro, reunindo-se á divisão de encouraçados que já o transpusera, Caxias resolveu apoderar-se do Estabelecimento, ao mêsmo tempo em que a esquadra passasse Humaitá.

Fez-se uma demonstração na direção do Passo Pocú, afim de iludir o inimigo, e, ao raiar do dia 18 de fevereiro, um destacamento composto de tres brigadas de cavalaria sob o comando do general Andrade Neves, barão do Triunfo, de 4 brigadas de infantaria sob o comando do general Auto Guimarães e do 1.° regimento de artilharia a cavalo do coronel Mallet, com quatro estativas de foguetes, atacou o reduto pela direita e pela esquerda, em duas colunas.

Dêsde as duas horas da manhã, a tropa estava sob as armas. A's tres, começou a ouvir o canhoneio da esquadra em Humaitá. Todo o céu se incendiava de relampagos. Emfim, sobem no espaço os foguetes anunciadores de que havia sido

transposto o dificil passo. O ataque é desencadeado com o jubilo da grande vitória naval. Sem material para entupir devidamente os fóssos, a infantaria brasileira expõe-se a grandes perdas no respaldo dos taludes do entrincheiramento que porfia em conquistar. Caxias avança em pessôa e nada resiste á investida das reservas que êle atira na refrega. A artilharia de Mallet abre fogo contra dois navios paraguaios que da margem proxima auxiliavam a defesa. Ambos fogem avariados. A cavalaria de Andrade Neves, com os caçadores a cavalo em linha de atiradores, penetra pelo flanco esquerdo. E, ao clangor das cornetas tocando a carga, numa "confusão épica", como escreve o general Dionisio Cerqueira, os brasileiros se apoderam da posição inimiga.

O forçamento da passagem de Humaitá fôra realizado pela 3.ª divisão da esquadra sob o comando do chefe Delfim Carlos de Carvalho. Eram seis navios, atracados por meio de correntes, dois a dois: o encouraçado *Barroso* levando o monitor *Rio Grande;* o encouraçado *Baía,* capitánea, levando o monitor *Alagôas;* e o encouraçado *Tamandaré* levando o monitor *Pará.* Os dois primeiros formaram a testa da coluna. O resto da esquadra apoiaria com seus canhões a passagem.

A faina da atracação dos navios foi executada na noite de 28 de fevereiro. A' meia noite, os navios da testa põem-se em marcha. Os outros seguem-n'os. Vão todos a meia força. Pouco depois de 2 ½ da madrugada, a lua nasce por trás da densa mataria do Chaco. O rio estava de enchente, o que permitiria aos navios passar por cima das grossas cadeias de ferro estendidas da bate-

ria Londres até a outra margem.. Eram tres horas, quando a artilharia de ambos os lados começou a troar. Mais de trezentos canhões! As balas cortam as correntes que ligam o *Alagôas* ao *Baía*. O pequeno monitor desgarra sob o fogo violento, mas luta contra a correnteza e avança destemeroso. A's 3 ½, a divisão está alem de Humaitá. E' quando os canhões da volta do Timbó se desmascaram e começam a causar-lhes danos. Encouraçados e monitores respondem, montando a ponta de terra onde grulham as aguas do rio. Já o sol está alto. Vence-se a bateria de Laureles. Ao meio dia, embora crivada de projeteis, a divisão vitoriosa ancora defronte do Taií.

O sitio de Humaitá agora estava quasi completo. Restava a parte do Chaco guarnecida pelas tropas paraguaias, por onde o resto do exercito de Lopez poderia retirar-se. E os navios de guerra exploram, depois, o grande rio, destruindo barcos carregados de munições, incendiando depósitos, arrebanhando gados e canôas, cortando linhas telegraficas e bombardeando a bateria isolada de Tacumbú, de Calera ou de Itapita-Punta.

Ás nove horas da manhã de 24 de fevereiro de 1867, parte da divisão de Delfim Carlos de Carvalho chegou deante de Assunção, em cujo porto estavam postos a pique os vapores *Paraguai* e *Rio Branco*. A bandeira brasileira tremulava vitoriosa no mêsmo lugar em que Lopez a havia insultado, arriando-a do mastro do *Marquês de Olinda,* traiçoeiramente aprisionado. Não tendo forças de desembarque para ocupar a capital inimiga, nem convindo deixar ali um destacamento isolado, os navios despejaram algumas bombas

sobre a bateria de S. Jeronimo, o arsenal e o palacio de Lopez, cujo incendio encheu o céu de nuvens de fumo. Depois, voltaram ao Taii.

No dia 27, um destacamento comandado pelo tenente coronel Antonio Tiburcio transpôs o arroio Caimbocá e apoderou-se da posição de Laureles, cujas trincheiras fôram arrazadas. Então, Lopez resolve retirar o grosso da guarnição de Humaitá e ocupar a linha de defesa de Tebicuari. O lobo era forçado a deixar o seu covil. Ali ficou somente uma força relativamente pequena, encarregada da segurança de sua retirada. Evacuou o material e os homens pelo Chaco, durante a noite, sob a proteção das baterias da grande fortaleza. Na noite de 1.° para 2 de março, tentou apoderar-se por uma abordagem de surpresa de alguns dos encouraçados fundeados entre Humaitá e Curupaiti. Os astuciosos inimigos, vindo em canôas cobertas de ramadas, lançaram-se aos convéses dos navios, mas fôram metralhados e repelidos com graves perdas.

Na noite de 2 para 3, Lopez saiu de Humaitá em uma canôa e desembarcou no Timbó, de onde foi a cavalo acampar com suas tropas num capão do Seibo. Daí se passou para S. Fernando.

A 21 de março, Argolo atacou e ocupou a linha do Sauce, ao mêsmo tempo que Osorio fazia um reconhecimento á trincheira do Espinillo. A 22, a força de desembarque da *Beberibe* fazia tremular o pavilhão imperial sobre as baterias desmanteladas de Curupaiti. Os paraguaios evacuaram todas as suas antigas linhas de defesa e retraíram-se para o recinto de Humaitá, levando a artilharia e incendiando os acampamentos.

Na madrugada de 23, perto do Timbó, o chefe de divisão Alvim avistou os vapores paraguaios *Igureí* e *Tacuarí*, reliquias da esquadra do ditador. Atacou-os, meteu-os no fundo e foi bombardear Humaitá.

Cada vez mais se apertava o sitio dos Aliados em torno do recinto de Humaitá, de onde Barrios levou em meados de março o grosso da guarnição de segurança que restava. Ficavam ali somente uns 4 mil homens. O investimento da posição era completo pela margem direita do rio Paraguai. Os bombardeios sucediam-se dia a dia. Caxias mandou ocupar o Potreiro Ovelha, procurando o contáto com a esquadra a partir do reduto Cierva. Depois, fez passar para a margem esquerda um destacamento de tropas argentinas e brasileiras, respectivamente sob o comando do general Rivas e do coronel Barros Falcão. O inimigo foi recalcado para a mataria e as suas linhas telegraficas cortadas. Os Paraguaios atacaram-nos em Andaí mas foram repelidos. Em maio, expelidos de Iuasií, permitiram a ocupação da Lagôa Verá, por onde o destacamento aliado passou a ser abastecido.

Após ter reconhecido com a cavalaria e a esquadra a nova linha do inimigo no Tebicuari, o marquês de Caxias ordenou a Osorio um reconhecimento a viva força sobre as posições trazeiras de Humaitá. A artilharia bombardeou o recinto durante duas horas. E Osorio iniciou o seu movimento ao alvorecer do dia 16 de julho. Conquistou o primeiro fôsso sob a metralha do inimigo e tentou o assalto das trincheiras com um denôdo sem par. Estava perdendo muita gente, quando um

ajudante de Caxias lhe transmitiu a ordem de retirar. A ordem de Caxias era de que ficava ao seu arbitrio avançar ou retirar, não devendo esquecer-se que, "retirando, perderia mais gente do que avançando". A ordem fôra mal transmitida. Depois da retirada de Osorio, Argolo e Gelly y Obes, que deviam executar reconhecimentos simultáneos, receberam ordens para retirar.

Entrementes, novo ataque de Lopez por meio de abordagem aos navios surtos no Taií, a 9 de julho, pela madrugada, repelido com maiores perdas do que o anterior.

A 25 de julho de 1868, os Aliados verificaram que os paraguaios haviam abandonado completamente Humaitá. Caxias observou com Osorio as trincheiras avançadas e avisou os argentinos. Depois, ordenou á esquadra que se aproximasse das baterias do rio e ao general Camara que avançasse sobre a praça. A cavalaria e a infantaria galgaram os entrincheiramentos e acharam tudo deserto. Somente se encontraram no hospital alguns feridos brasileiros. Havia cerca de 200 canhões. Arriaram-se as bandeiras tricolores e içaram-se as do Imperio.

Os restos da guarnição, cumprindo ordens de Lopez, haviam fugido pelo Chaco, levando as mulheres e as crianças. Perseguidos no dia 26 pelo destacamento do coronel Pedra, refugiaram-se em Isla Poi, na lagôa Verá, onde fôram sitiados e se entregaram, depois de homerica resistencia. Eram pouco mais de mil homens comandados pelo bravo major Martinez. Furioso com a rendição, Lopez mandou supliciar sua joven esposa em São Fernando. Por vingança, Martinez passou a ser

um dos melhores guias dos Aliados nos últimos periodos da longa e mortifera campanha.

Caxias agora tinha as mãos livres para destruir o resto do exercito regular do inimigo.

* * *

Enquanto, durante o ano de 1867, transcorriam êsses sucessos no teatro principal da guerra, no teatro secundario de Mato Grosso os nossos soldados escreviam o maior poema épico do continente: a Retirada da Laguna.

Projetára-se a expulsão dos paraguaios daquelas paragens com um corpo de exercito de 12 mil homens. Todavia, dois anos após a invasão, em janeiro de 1867, reunia-se em Nioac uma coluna expedicionaria de 1.300 soldados das tres armas. O coronel Carlos de Morais Camisão, nomeado seu comandante, tirou-a do insalubre acampamento de Nioac, onde apodrecia dêsde que se constituira com os corpos de caçadores a pé e a cavalo, de infantaria e de voluntários, vindos de Goiás, Minas e S. Paulo.

O inimigo abandonara Nioac em agosto de 1866, incendiando-a. Restavam de pé umas duas casas e a igreja. Melhorada a situação sanitaria da tropa, o coronel Camisão, dominado pela idéa de reabilitar-se na estima publica por causa de certos rumores de covardia que sobre êle corriam, aproveitou o fáto de existir no arquivo da coluna uma ordem do ministro da Guerra para marchar sobre a fronteira do Apa, em caso de ser isso possivel, e entendeu de realizar uma contra ofensiva, custasse o que custasse. Conversou longamente

com um velho e fiel vaqueano da região, o guia Francisco Lopez, que odiava os paraguaios, resolvendo lançar-se á temeraria aventura.

A 25 de fevereiro de 1867, deu a ordem de marcha. A 27, chegava ao Desbarrancado, onde em 1865 os invasores tinham pelejado com os cavaleiros de Antonio Dias. De 28 a 1.º de março, bivacou em Dourados, celebre pela resistencia heroica de Antonio João. A 2, estava no rio Feio. A 4, ocupava as ruinas da colonia de Miranda e lançava seus postos avançados pelos caminhos que levam ao Apa. Pela primeira vez, as patrulhas brasileiras se chocaram com elementos de vigilancia das posições paraguaias da fronteira. Sem serviços assegurados e sem linha de comunicações estabelecidas com a parte habitada da provincia, os expedicionarios sentiram as primeiras ameaças da fome. Até então, o guia Lopez conseguira trazer gado de sua fazenda do Jardim; mas não lhe seria possivel continuar a fazê-lo. O coronel Camisão começou a hesitar.

Março findou nessa situação aflitiva. Em abril, vieram muitos negociantes com carretas de mercadorias ao campo e apresentaram-se tribus de indios Terenas e Guaicurús para servirem de auxiliares; mas soube-se tambem que, na retaguarda, na direção de Nioac, andavam cavaleiros falando espanhol. Um destacamento de descoberta apanhou-os e trouxe-os. Eram brasileiros que haviam conseguido fugir do Paraguai, para onde haviam sido levados pelos invasores. Segundo seus informes, a linha do Apa estava pessimamente defendida por simples palissadas, tendo seu

comandante, o major Urbieta, pouca gente sob suas ordens.

Acendeu-se o entuziasmo dos soldados para marcharem sobre o Apa. A tropa moveu-se nessa direção, lentamente, a 14 de abril. Uma epizootia devorou quasi todos os cavalos da coluna, de maneira que a vanguarda era feita pelos caçadores desmontados. Depois vinha o grosso: o 20.º e o 21.º de linha, com uma bateria de duas peças. Na retaguarda, o trem e o 17.º de voluntarios mineiros. Transpôs-se o rio Miranda e prosseguiu-se o avanço, sem se ter a menor comunicação com o Governo Imperial e na ignorancia completa do que se passava no teatro principal da campanha, sentindo-se, porem, que aquela contra ofensiva devia servir de "diversão util ao exito de nossas armas no Baixo Paraguai".

A 18 de Abril, no acampamento do Retiro, a cavalaria paraguaia surgiu do mato defronte dos postos avançados e desenvolveu uma linha de atiradores. Um tiro de peça dispersou-os. A 19, a vanguarda passou o rio Taquarassú sob o fogo de algumas tocaias inimigas. Depois, novos elementos de cavalaria se apresentaram. O coronel Camisão não quis atacá-los por ser sexta-feira da Paixão. A 20, a expedição atingiu a margem direita do Apa. Uma força paraguaia que tiroteou com as avançadas foi posta em fuga. E os brasileiros ocuparam uma linha de entrincheiramentos abandonados, bem como a fazenda da Machorra.

A's oito horas da manhã de 21 de abril, a contra ofensiva brasileira atravessava a fronteira e pisava o territorio da Republica do Paraguai, rompendo a macéga dura e cortante na direção do

fortim de Bela Vista, cujas casas incendiadas pelo inimigo lançavam para o céu rólos de fumaceira negra. Avistaram-se algumas patrulhas lopistas, retirando em ordem.

Elas nunca desapareceram de todo. De longe, espionavam os movimentos da coluna. Dia e noite, cercavam seu acampamento, paradas á distancia, á sombra dos buritis gigantes. O coronel Camisão mandou-lhes um parlamentario, propondo tratar com elas. Os paraguaios responderam com um cartaz insultuoso e provocante, pregado num tronco.

Não havendo meios de abastecimento em Bela Vista, o coronel decidiu avançar sobre Laguna. Encontrou, na noite de 1.° de maio, a povoação inteiramente queimada. Era o deserto que se fazia em volta da temeraria coluna. Não se encontrava uma cabeça de gado para carnear. Atrás dos soldados, para retirar, havia mais de trinta leguas núas e hostís. A retirada, porem, se impunha. Não era possivel permanecer no isolamento, sem recursos e sem apoio, no territorio inimigo. Antes, porem, de abandoná-lo, para ter a ilusão dum feito de armas, Camisão fez atacar, no dia 7 de maio, apesar das chuvas torrenciais, o entrincheiramento do inimigo, alem de Laguna. A infantaria brasileira trepou impetuosamente pelos taludes e matou a baioneta os paraguaios que não puderam fugir.

No dia seguinte, começou a marcha de retorno á fronteira, prelúdio duma epopéa de coragem silenciosa e de sacrificio. A cavalaria inimiga acompanhou passo a passo a retirada, caindo de improviso sobre os elementos isolados. A artilha-

CAMPANHA DO APA

Esbôço nº2

Escala: 1:10.000.000

ria, de vez em quando, parava e punha-a em fuga. A' noite, ela renovava seus ataques de surpresa contra os bivaques e era sempre repelida.

Os brasileiros tornaram a passar pelas ruinas de Bela Vista e da Machorra. Em territorio de Mato Grosso, ainda elementos de infantaria paraguaia vieram atacá-los sem resultado, apoiados pela cavalaria, deixando o campo coberto de cadaveres ceifados pela fusilaria, pela metralha e pela baioneta. Duas dessas ações, a 6 e a 11 de maio, a segunda mais importante, ensinaram aos paraguaios que os soldados do Imperio recuavam deante da falta de viveres, mas não deante de suas armas.

A coluna rumou para leste através dos sertões matogrossenses, guiada pela experiencia do incansavel guia Lopes, que a queria levar á fazenda do Jardim, onde contava com recursos, sobretudo em gado. A cavalaria inimiga continuava a acompanhá-la de longe, precedendo-a ás vezes nas etapas. A falta absoluta de meios de mobilidade impedia os brasileiros de persegui-la com vantagem.

Os soldados caminhavam silenciosos sob a soalheira causticante, extenuados de cansaço, de fome e de sêde, repelindo a cada passo as emboscadas das patrulhas adversas. De outras vezes, as chuvas torrenciais molhavam-n'os até os ossos ou a fumaceira da macega incendiada os queimava. E iam arrastando os seus canhões, carregando ás costas as bagagens, levando os feridos em andas rústicas.

Somente a 25 entraram em Nioac. Depois, o colera apareceu entre os soldados, dizimando-os

e aos indios auxiliares, de maneira horrorosa. Mal se podiam fazer por dia tres quartos de legua com os mais atrozes sofrimentos. O coronel Camisão e o tenente-coronel Juvencio, atingidos pela epidemia, morreram resignadamente, dando as ultimas ordens. Pelo caminho, abandonaram-se bandos de colericos á lança cruel dos batedores paraguaios. O proprio guia Lopez pereceu antes de chegar ás terras de sua propriedade. Assumiu o comando o major Tomás Gonçalves, que conseguiu atingir com as reliquias da expedição, no dia 11 de junho, o porto de Canuto, á margem esquerda do Aquidauana. No dia 12, resumindo aquela epopéa, êle dizia em ordem do dia aos seus bravos comandados: "Soldados, honra á vossa constancia que conservou ao Imperio os nossos canhões e as nossas bandeiras!"

* * *

A tomada de Humaitá permitira ao marquês de Caxias deslocar para ali a base de operações de seus exercitos, estabelecida no Passo da Pátria, o que facilitaria seu movimento para o norte, no encalço de Lopez.

Em agosto, tendo reagrupado a maior parte de suas forças dispersas para o investimento das posições paraguaias, o generalissimo reuniu os generais em chefe na sua barraca e expôs-lhes seu plano de operações sobre a nova linha inimiga do Tebicuari. O 2.º Corpo, comandado por Argolo, ficaria guardando Humaitá. O 1.º e o 3.º marchariam para o norte, com os orientais. A esquadra, agora reunida toda no Taií apoiaria a ação das tropas de terra.

No dia 17, iniciou-se a manobra, parcialmente, por causa do máu tempo. A 19, o grosso moveu-se de Parí-Cué. A 20, Mena Barreto, com a vanguarda, transpôs o Nhembucú. A 22, o grosso lançava suas pontes sobre êsse rio e sabia-se que os paraguaios haviam abandonado o Timbó. A 24, a cavalaria do barão do Triunfo recalcava as avançadas inimigas em Salinas. A 26, a vanguarda atingia Mburicararé, e vadeava o Passo Portillo, e os atiradores tiroteavam com elementos de infantaria paraguaia perto da margem esquerda do Tebicuari. A 28, o exercito atravessou o Jacarè e atacou os entrincheiramentos do Tebicuari, conquistando-os.

Sentindo que a linha dêsse rio não o cobriria com segurança, Lopez reuniu suas tropas em S. Fernando e recuou para a linha fortificada do Piquisiri. Caxias atravessou o Tebicuari na manhã de 1.º de setembro e ocupou o antigo acampamento do ditador em S. Fernando, encontrando ainda vestigios das atrocidades que ali cometera: valas cheias de cadaveres, grandes manchas de sangue na macéga e os restos das vitimas arrastadas pelo sólo.

Nos primeiros dias de setembro, as guardas avançadas faziam reconhecimentos alem de S. Fernando, arrebanhando gados. A 6, o Exercito Argentino recebia ordem de junção aos brasileiros. A 7, a esquadra atacou as baterias colocadas em Angostura. No dia 10, a vanguarda se achava em Vila Franca. Os Corpos do Exercito seguiam-na a curta distancia.

Caxias acelerava a marcha na direção de Villeta, modificando as operações projetadas ante-

riormente contra a linha do Tebicuari, em vista da retirada de Lopez. Seu objetivo era a ocupação da capital paraguaia, de onde poderia fazer irradiar operações em varios sentidos. A esquadra acompanhava pelo rio os movimentos do exercito, hostilizando o inimigo sempre que podia.

Em Pai-Triai, a 13 de setembro, o general argentino Gelly y Obes apresentou-se a Caxias. Chegaram noticias de que Lopez, se fôsse batido em Villeta, retiraria para as Cordilheiras, onde faria a guerra de recursos. A 14, prosseguiu-se a marcha, que nem os aguaceiros detinham. A 18, a cavalaria entrava a galope em Vila Oliva, abandonada. Na manhã de 23, a vanguarda passava o Surubii, conquistando a ponte a elementos de cavalaria e infantaria paraguaios, que perderam muita gente e retiraram desbaratadas. Eram dos melhores soldados de Lopez: rifleiros e acaverás da sua guarda.

A 25, o grosso do Exercito acampou em Palmas. A 27, começaram a chegar os argentinos de Rivas. A 29, vieram os de Gelly y Obes. Durante cinco semanas, as tropas tinham vencido todos os obstaculos: rios, pántanos, péssimas estradas, atoleiros, emboscadas. O terreno mal permitia as manobras de exploração da cavalaria. A vagarosidade da marcha deu a Caxias a idéa de aproveitar o rio como meio de transporte mais rapido ou de procurar caminho mais favoravel. O receio, porem, de deixar o inimigo sem estar fixo em um ponto e fracionar o seu exercito deante dêle fazia com que adiasse a execução de movimentos mais ousados.

No fim de setembro, começaram os reconhecimentos de Angostura pela esquadra e da linha do Piquisiri pelas forças de Osorio. A esquadra forçou o passo das baterias de Angostura e a cavalaria chegou até a proximidade das trincheiras paraguaias. Travaram-se tiroteios fortes.

Aferrado o inimigo á linha do Piquisiri, Caxias ia desenvolver uma manobra audaciosa para vencê-lo: a segunda marcha de flanco da guerra de movimento. A posição de López era fortissima e tinha de ser contornada. Não se podendo fazer isso pelo lado de terra, devido á extensão da linha, apoiada no rio de seu nome em todo o percurso, e na lagôa Ipoá, devia-se efetuar a operação pelo Chaco, atravessando o rio Paraguai em Las Palmas e tornando-o a atravessar acima de Angostura. Então, era só cair sobre a retaguarda dos paraguaios e batê-los.

Procederam-se a reconhecimentos minuciosos na região do Chaco e o generalissimo decidiu construir ali uma estrada, para por ela meter o seu exercito. O escolhido para a silenciosa, árdua e gloriosa tarefa foi o general Argolo, que veiu com o 2.º Corpo do Exercito, de Humaitá. Os navios trouxeram os seus 3.544 homens das tres armas e os desembarcaram na margem do Chaco, na barranca que tomou o nome de Porto de Santa Teresa. E os trabalhos da estrada começaram sob a direção do tenente-coronel de engenheiros Rufino Galvão.

Abriram-se picadas de exploração na brenha paludosa, fizeram-se pontes sobre os arroios e lagunas, levantaram-se mangrulhos de observação e lançou-se a estrada por dentro da espessu-

ra da mata, de maneira a não ser bombardeada pela artilharia de Angostura ou de outras posições na margem fronteira. Todo o leito da via foi estivado com troncos de carandá, palmeira abundantissima na região. A infantaria e a cavalaria escalonadas em postos iam defendendo a obra á proporção que avançavam pelo desconhecido e apaúlado terreno.

Pronta a estrada, depois de dificil trabalho cortado de pequenos combates com forças paraguaias, a 27 de outubro, iniciaram-se as obras de consolidação e aperfeiçoamento. Eram quasi onze quilometros de Santa Teresa ao arroio Villeta, onde terminava. Os bravos pontoneiros da engenharia trabalharam dia e noite. Caxias visitou a obra colossal, satisfeito.

Durante os trabalhos, não haviam sido interrompidos os reconhecimentos á linha do Piquisiri, que traziam López, sempre alerta, bem como os bombardeios dos navios de guerra ás baterias de Angostura.

Faltava escolher o ponto de desembarque á margem esquerda do Paraguai, para se executar a nova marcha de flanco. O generalissimo reconheceu em pessôa o rio, a bordo do monitor *Rio Grande* ou indo por terra até Villeta, resolvendo se efetuaria o desembarque em Santo Antonio. Depois, transferiu seu quartel general para o Chaco. Raiava o mês de dezembro de 1868 e êle, emfim, ia poder realizar a dificil manobra de levar 19 mil homens por aquela estrada, atirando-os á retaguarda do inimigo.

Êste tinha seu quartel general em Ita-Ivaté, numa meseta elevada de onde se descortinava a

planicie central do Paraguai por muitas leguas. A trincheira do Piquisiri, cavada em terra dura, fôra artilhada com umas cem peças de varios calibres. Informado do que faziam os brasileiros no Chaco, limitou-se a organizar uma coluna volante para observá-los.

Caxias, tendo convidado os argentinos para acompanhá-lo no movimento pelo Chaco, recebeu do seu general em oficio explicações dos motivos por que não podiam fazer aquela manobra. Seus efetivos estavam desfalcados, faltavam-lhes meios de mobilidade. Então, determinou que ficassem guardando a linha do Piquisiri e auxiliando os corpos brasileiros encarregados de aferrar López ás suas posições.

Concentrado o Exercito Imperial no arroio Villeta, a 5 de dezembro, a esquadra o transportou para Santo Antonio. López esperava-o em Villeta e foi surpreendido com êle. Sentiu que o ataque seria desencadeado pela sua retaguarda e mandou, ás pressas, Caballero vigiar com 5 mil homens a ponte de Itororó e a estrada que levava de Villeta a Ita-Ivaté.

O Exercito Imperial, depois de desembarcado, rumou para o sul no dia 6, com o 2.º Corpo vanguardeando. A cavalaria atirara ao amanhecer as suas antenas pelo caminho afóra.

Na ponte de Itororó, perdida no fundo duma ravina, onde grulhava o arroio daquêle nome, rodeado de mato espêsso, dois batalhões inimigos alapardados no arvoredo varriam a passagem com seus fogos de flanco. Oito peças em duas baterias batiam a ponte, obliquamente. A brigada de Fernando Machado repele os elementos avan-

çados paraguaios e lança a baioneta sobre a ponte o 1.º batalhão de infantaria. Os inimigos carregam-no e o recalcam. Argolo, então, manda contrabater a artilharia adversa pelo 2.º regimento dessa arma, do alto do cómoro. Abrem-se picadas pela direita e pela esquerda, na mataria densa. Os soldados de Fernando Machado efetuam um contrataque, passam a ponte, mas são rechassados. Voltam á carga, apoiados pela cavalaria, tornam a passar o estrado sob o fogo mortifero, ganham terreno, chegam ás proximidades das peças paraguaias. Fernando Machado cái morto, enquanto a artilharia imperial troveja pelas duas picadas abertas.

Aí, o vaqueano Céspedes informa ao generalissimo que existe um atalho á esquerda, pelo qual se póde contornar a posição. Caxias ordena a Osorio que siga por êle com o 3.º Corpo e realize o ataque de flanco. Enquanto Osorio se põe em marcha, continúa a terrivel disputa da ponte. Novo contrataque, conduzido pelo general Gurjão com a infantaria, vem em auxilio do de Fernando Machado, que se malograva sob a fusilaria e a metralha. Ferido gravemente, Gurjão retira-se para morrer. Então, o bravo Argolo se atira contra a ponte varrida de balas e cái ferido tambem. Todo o 2.º Corpo se esfacelava de encontro á resistencia paraguaia e o movimento de Osorio demorava. Situação critica! Caxias não hesita e manda avançar o 1.º Corpo sob o comando de Jacinto Machado. A ponte é novamente transposta, mas os paraguaios se lançam em furioso contrataque sobre o flanco da infantaria imperial. Aí Caxias desembainha a espada invicta, esporêa o

cavalo e conduz á luta a brigada de infantaria que tem de reserva, gritando com voz estentórea: *Sigam-me os que fôrem brasileiros!*

Um delirio toma os soldados ante aquêle ancião épico que nunca fôra vencido. A carga leva de roldão infantes e cavaleiros adversos, que fogem debandados pela estrada de Villeta, abandonando seis canhões. A cavalaria de Niederauer sabrêa os fugitivos. E' uma hora da tarde. A vitória està ganha. O arroio corre vermelho de sangue. E os clarins da vanguarda de Osorio, que se demorára, máu grado sua vontade, por varios imprevistos, sôam ao longe, na retaguarda de Caballero em derrota.

No dia 7 de dezembro, o 3.º Corpo passou a fazer a vanguarda e a marcha do Exercito Imperial se fez rumo á capela de Ipané. No dia 8, Caxias concentrou suas tropas á margem do potreiro Valdovino, sob um chuveiro atroz. No dia 9, transpôs-se o potreiro, ao mêsmo tempo que o encouraçado *Mariz e Barros* forçava denodadamente a passagem de Angostura, tocado por 23 balas paraguaias.

Ao alvorecer de 11, o Exercito marchou sobre o arroio Avaí, em cuja margem esquerda o esperava, entre pequenas colinas, o exercito paraguaio de Caballero. Para atacá-lo, era mistér descer ao arroio e atravessá-lo sob o fogo da infantaria e da artilharia. Osorio iniciou o ataque com o 3.º Corpo, comunicando ao generalissimo que tinha pela frente cinco ou seis mil homens das tres armas. Caxias fez logo avançar pela esquerda as cavalarias do barão do Triunfo e pela direita a divisão

de João Manuel Mena Barreto, afim de envolver o adversario.

A artilharia brasileira tomou posição e protegeu o avanço das forças de Osorio, que passou o arroio e subiu audaciosamente o recosto da colina, onde se estendera o exercito de Caballero. O dia era quente e nublado. Formidavel aguaceiro despejou-se do céu, alagando o terreno e fazendo transbordar o arroio.

O ataque brasileiro pronunciou-se pela es querda do centro, apesar daquêle contratempo da borrasca. A cavalaria de López carregou os imperiais sob o temporal violento. Houve certa confusão nas nossas linhas e Osorio entrou na batalha, aliviando a infantaria engajada na luta com as brigadas de reforço. Caxias, do alto dum cómoro, apreciava o desenvolver da batalha. Contratacada violentamente pelos paraguaios, a nossa infantaria retrograda pelo declive da colina e Osorio é ferido no rosto, sendo obrigado a retirar-se da ação. O generalissimo lança as infantarias do 2.º Corpo em apoio das do 3.º e elas carregam loucamente o inimigo, tomando-lhe bandeiras e canhões, ocupando o topo do morro. Os paraguaios iniciam, então, a sua retirada. Nêsse momento, os ataques envolventes de Mena Barreto e Andrade Neves se pronunciam nos dois flancos. A cavalaria de Camara dá a última carga sobre o centro. Então, a linha paraguaia fragmenta-se. Soldados e oficiais correm em todas as direções ou vendem caro a vida, com o heroismo do desespero. Constringe as reliquias do exercito de Caballero um circulo de fogo e ferro. O general paraguaio

escapa a casco de cavalo, ferido no braço. A batalha durára cinco horas, de 8 da manhã a 1 da tarde. 3 mil cadaveres paraguaios juncavam o campo. 600 feridos fôram recolhidos aos hospitais. 800 homens caíram prisioneiros. Pouco mais de 200 puderam fugir.

O Exercito Imperial, vitorioso em Avaí, acampou em Villeta. Reorganizaram-se os quadros das tropas em vista das perdas nas batalhas anteriores. Lançaram-se antenas de cavalaria em todos os sentidos, para conhecer da situação do inimigo no Piquisiri.

Lopez esperava a sorte da guerra nas mesetas, extensas e cobertas de capões de mato de Ita-Ivaté. Não tinha mais forças para se bater em campo raso, mas possuía elementos para resistir nos entrincheiramentos daquelas alturas. Era necessario desalojá-lo dali. Se todas as posições de Angostura e de Piquisiri estavam anuladas pela manobra de Caxias, restava-lhe ainda a esperança de uma defesa prolongada. Não renunciava a ela.

Para vencer o inimigo, Caxias tem de resolver dois problemas: tomar a linha do Piquisiri e apoderar-se das alturas de Ita-Ivaté, isolando Angostura e rompendo a passagem para Palmas, onde estavam os argentinos. Êle em pessôa atacará as mesetas, João Manuel Mena Barreto assaltará ás trincheiras do Piquisiri e Camara fará uma demonstração do lado de Angostura.

O Exercito Imperial deslocou-se contra Lomas Valentinas, na madrugada de 21 de dezembro, sem bagagens, com os melhores uniformes. Eram perto de 20 mil homens em duas colunas

comandadas por José Luiz Mena Barreto e Jacinto Machado Bittencourt, convergindo da margem do Paraguai para as posições do ditador. A cavalaria do barão do Triunfo rompeu a marcha em direção ao potreiro Mármol, onde penetrou logo a brigada de Vasco Alves.

Ao meio dia, o Exercito detinha-se na coxilha de Cumbariti. O tempo estava carregado. A' distancia, viam-se as posições do adversario, com os canhões assestados nas barbetas e as baionetas luzindo atrás dos parapeitos. O generalissimo aproximou-se da esquerda das trincheiras paraguaias e examinou-as com o binóculo. Mandou as infantarias e cavalarias descançarem, enquanto a artilharia preparava o ataque. Rompeu-se o fogo. O general João Manuel Mena Barreto iniciou, então, a sua marcha sobre a retaguarda da linha do Piquisiri.

A's tres da tarde, as cornetas ordenaram o ataque e as colunas imperiais se arremessaram sobre a parte noroeste do entrincheiramento. A infantaria seguiu a marche-marche, de baioneta calada, até a contra-escarpa dos fóssos, de onde seus atiradores alvejaram os artilheiros lopistas. Transpostos os abatizes e os fóssos entulhados pelos pontoneiros, penetrou no recinto da posição, galgando os taludes, e travou a luta corpo a corpo. Uma após outra, as brigadas de Jacinto Machado se engajam no combate. Por uma brecha aberta nas trincheiras pela engenharia, a cavalaria de Andrade Neves, que viera do potreiro Mármol, onde só ficara Vasco Alves, carrega os paraguaios, que se defendem ou contratacam obstina-

damente. O barão do Triunfo é ferido no calcanhar por uma bala de ferro e retirado do campo da peleja para morrer mais tarde.

A coluna de José Luiz Mena Barreto forçára as trincheiras do setor que lhe fôra indicado e encravára a artilharia. Acometida pelos paraguaios de todos os lados, combatia bravamente.

A luta prolongou-se até o anoitecer, sem que o inimigo lograsse repelir os brasileiros e sem que êstes conseguissem avançar mais, devido ao fogo violento da segunda meseta de Ita-Ivaté, a cavaleiro daquela que ocupavam.

Caxias aferrou-se ao terreno conquistado e passou a noite em alerta.

João Manuel Mena Barreto rompeu o assalto contra Piquisiri ás duas e meia da tarde daquêle dia, tomando as bôcas de fogo e aprisionando seus defensores, até que as primeiras sombras da noite o forçaram a terminar a operação. Angostura estava isolada agora de Ita-Ivaté e o caminho para Palmas desobstruido. As forças argentinas, orientais e brasileiras que ali se achavam avançaram tambem contra a linha do Piquisiri, na tarde de 2 de dezembro, cooperando no ataque de João Manuel. E as cavalarias de Camara cortaram as comunicações com Angostura.

As baixas de ambos os lados no combate de 21 fôram terriveis. Segundo Resquin, López perdeu oito mil homens entre mortos, feridos e prisioneiros; os imperiais perderam 1.227.

No dia 22, aferrado ao recinto das primeiras trincheiras, Caxias prepara o ataque de conjunto á segunda linha, reunindo elementos e mandando

damente. O barão do Triunfo é ferido no calcanhar por uma bala de ferro e retirado do campo da peleja para morrer mais tarde.

A coluna de José Luiz Mena Barreto forçára as trincheiras do setor que lhe fôra indicado e encravára a artilharia. Acometida pelos paraguaios de todos os lados, combatia bravamente.

A luta prolongou-se até o anoitecer, sem que o inimigo lograsse repelir os brasileiros e sem que êstes conseguissem avançar mais, devido ao fogo violento da segunda meseta de Ita-Ivaté, a cavaleiro daquela que ocupavam.

Caxias aferrou-se ao terreno conquistado e passou a noite em alerta.

João Manuel Mena Barreto rompeu o assalto contra Piquisiri ás duas e meia da tarde daquêle dia, tomando as bôcas de fogo e aprisionando seus defensores, até que as primeiras sombras da noite o forçaram a terminar a operação. Angostura estava isolada agora de Ita-Ivaté e o caminho para Palmas desobstruido. As forças argentinas, orientais e brasileiras que ali se achavam avançaram tambem contra a linha do Piquisiri, na tarde de 2 de dezembro, cooperando no ataque de João Manuel. E as cavalarias de Camara cortaram as comunicações com Angostura.

As baixas de ambos os lados no combate de 21 fôram terriveis. Segundo Resquin, López perdeu oito mil homens entre mortos, feridos e prisioneiros; os imperiais perderam 1.227.

No dia 22, aferrado ao recinto das primeiras trincheiras, Caxias prepara o ataque de conjunto á segunda linha, reunindo elementos e mandando

pedir aos argentinos a valorosa brigada brasileira do coronel Paranhos, bem como convidar os generais Gelly y Obes, argentino, e Castro, uruguaio, para, "se quisessem", tomar parte na ação decisiva. De Humaitá, onde ficavam os depósitos, deviam vir mais dois mil soldados nossos. Dissolveram-se os corpos de voluntarios dizimados e reorganizaram-se as divisões de infantaria.

A 23, reconheceu-se a direita do inimigo e verificou-se, como diz o "Diario do Exercito", que era possivel "fazer entrar por êsse lado força de cavalaria que lhe cortasse a retaguarda".

A 24, os generais da Aliança intimaram López á rendição. O ditador repeliu a intimação.

Ao romper a manhã de 25, quarenta e seis canhões bombardearam a meseta, onde se entrincheiravam os últimos defensores do Supremo. As bombas incendiaram o matagal e os acampamentos, matando muita gente e obrigando o quartel-general paraguaio a buscar refugio na retaguarda. López reunia as forças que podia, para resistir, trazendo-as de Caacupé, Ipoá e Cerro-Leon. Vieram tambem os marinheiros desembarcados dos últimos navios e a guarnição da capital.

A 27, tudo estava pronto do lado dos Aliados para o ataque, que seria efetuado por 16 mil brasileiros, mais de 6 mil argentinos e 800 orientais, em tres colunas: "a da direita comandada por Gelly y Obes, a do centro pelo proprio generalissimo e a da esquerda por Vasco Alves". Depois do bombardeio matinal, as vanguardas desenvolveram-se em atiradores contra as trincheiras, transpuseram-nas e recalcaram o inimigo sobre a ma-

taria. Seus contrataques fôram repelidos. As ondas do grosso dos Aliados seguem-nas e vão varrendo o terreno, apoiadas pela artilharia. O fogo é intenso. A luta é cruel. Os paraguaios defendem-se com heroismo, mas a marcha convergente dos assaltantes, superiores em numero, faz com que recúem em desordem, retirem e fujam, sabreados pela cavalaria brasileira.

Os Aliados apoderam-se de sua artilharia, de seus depósitos e armazens, libertam os prisioneiros brasileiros, e capturam oficiais e personalidades de importancia. López foge, com uns sessenta homens e alguns chefes, pelos matos que davam saída para o arroio Ituquiri. Aí, os clavineiros das avançadas de Vasco Alves, ignorando que o ditador fugia, tirotearam com a sua retaguarda. Arrebanhando algumas forças que vinham pelo caminho, extraviados e dispersos, o Supremo dirigiu-se a Cerro Leon. Seu exercito regular estava acabado. Restava-lhe a guerra de recursos nas Cordilheiras.

Angostura, isolada e cercada, rendeu-se, sem dar um tiro, no dia 30 de dezembro.

No dia 31, o Exercito Aliado retrogradou para Villeta, onde tinham ficado seu trem e suas bagagens. Na tarde de 1.° de janeiro de 1869, a esquadra subiu o Paraguai, levando a bordo um destacamento sob as ordens do coronel Hermes da Fonseca, composto de 1.700 homens, que á noite desembarcava em Assunção e a ocupava. Ao alvorecer do dia 2, a bandeira imperial tremulava sobre os edificios da capital do inimigo.

O Exercito marchou de Villeta no dia 3 de janeiro. A 5, entrava triunfalmente em Assunção,

enquanto a vanguarda de Vasco Alves ocupava Luque e cobria o grosso nessa direção. Uma expedição da esquadra explorou o rio Manduvirá e perseguiu os derradeiros navios adversos que ali se refugiavam e que nunca mais sairíam.

O velho generalissimo, honra e gloria das armas brasileiras, esgotado por dois longos anos de campanha, estava enfermo. No Te-Deum celebrado em Assunção, teve um desmaio. A 12 de janeiro, pediu substituto. Entrementes, as nossas canhoneiras subiam até Mato Grosso e punham em fuga os últimos invasores das nossas fronteiras. A guerra chegára ao seu termo — declarava Caxias na celebre ordem do dia 14 de janeiro — "o exercito e a esquadra podiam ufanar-se de haver combatido pela mais justa e santa de todas as causas". Terminára, com efeito, a "grande guerra", a guerra dos grandes movimentos, das manobras, das batalhas campais. Ia começar a guerra de recursos com que o inimigo teimoso resistiria á perseguição dos Aliados.

A 18 de janeiro, o generalissimo passou o comando em chefe ao marechal Guilherme Xavier de Souza e retirou-se para Montevidéu, de onde veiu para o Rio de Janeiro. O Governo Imperial concedia-lhe a medalha do Merito Militar, a grãcruz da Ordem de Pedro, que nunca se deu a ninguem fóra dos principes de sangue, e o titulo de duque, unico duque do Imperio!

Doente tambem, o almirante Joaquim José Inácio, visconde de Inhaúma, comandante da esquadra e seu magnifico colaborador, retirou-se e entregou a chefia das forças navais ao chefe Elisiario Antonio dos Santos, barão de Angra.

F) A PERSEGUIÇÃO

De Cerro-Leon, López ganhara Ascurra, onde reunia novo exercito para enfrentar os Aliados. Embora estivesse perdido, queria adiar o mais possivel o fim, mêsmo sacrificando o nobre povo paraguaio.

Os vencedores deram inicio á reorganização de suas tropas e aos reides de cavalaria e da esquadra, no sentido de ir obstando o aprovisionamento do ditador. Varios destacamentos reconheceram os contornos da cordilheira de Ibitirapé, destruiram a fundição de Ibicuí e entraram em Vila Rica e S. Pedro.

Nomeado pelo Governo Imperial, o Conde d'Eu assume o comando em chefe do Exercito a 16 de abril de 1869. O grosso das forças dividia-se por Assunção e Campo Grande, com a vanguarda em Luque. Restabeleceu-se o trafego da linha férrea até Pirajú. A vanguarda avançou para Iuquiri e o 1.º Corpo para Luque. Os caçadores a cavalo de Vasco Alves haviam trocado os primeiros tiros com elementos avançados paraguaios, além de Areguá, a 14 de março.

Os hospitais fôram transferidos de Humaitá para Assunção. O general Portinho atravessou o Paraná com sua divisão de observação e se dirigiu a Vila Rica. Começou, assim, a convergencia de colunas sobre López.

Estabelecendo seu quartel-general em Luque, o Conde d'Eu nomeou o general Osorio, que voltára abnegadamente á campanha ainda mal restabelecido do seu grave ferimento de Avaí, comandante do 1.º Corpo e o general Polidoro, do

2.º. Depois começou a ativar a preparação das forças para a nova fáse da guerra.

Após novos reconhecimentos da esquadra no rio Manduvirá, onde se ocultavam os derradeiros barcos inimigos, e de varias descobertas das cavalarias em múltiplas direções, o Exercito Imperial se deslocou da linha Luque-Juquiri para a linha Pirajú-Tacuaral. López achava-se em Ascurra com 13 mil homens e 18 bôcas de fogo. Sua nova capital era a vila de Peribebuí.

A ação do Conde d'Eu agora é restringir-lhe o campo de operações. Para tanto, Portinho marcha para Vila Rica, Camara é levado pela esquadra para S. Pedro e João Manuel Mena Barreto coloca-se entre Tebicuari e Ibicuí. Todos êsses destacamentos recalcam os elementos avançados ou de vigilancia do inimigo. Em junho, já o novo general em chefe está na subida dos Pedrosos. O comandante em chefe dos argentinos, Emilio Mitre, oferece-lhe a 26 dêsse mês um plano de operações, preceituando um ataque frontal pelas ladeiras de acesso ás Cordilheiras, todas fortificadas, um pelo flanco direito, por Caacupé e proximidades, e outro, emfim, por Bocaiati. Consultado a respeito, Osorio manifestou-se contrário. Em junta de generais, o Conde tambem divergiu da proposta, preferindo um movimento envolvente por Valenzuela, de acordo com o parecer de Osorio, mas com uma cooperação de forças pelo flanco norte do ditador.

O pensamento estrategico do general em chefe está magnificamente sintetizado nesta singela e clara página do livro de Luiz da Camara Cascudo "O Conde d'Eu": "Estabelecido em Pirajú, o Conde d'Eu deixou um corpo de exercito em

Tacuaral. Estas duas posições ficavam exatamente em frente da Cordilheira, deante das fortificações paraguaias, orgulho derradeiro de Lopez. Ali, olhando para os brasileiros, estavam as trincheiras emboscadas. Nas subidas, Cabanas, Pedrosos, Cerro-Leon, espreitavam canhões. Ascurra, acampamento onde o ditador colocara sua esperança de vindicta, ficava no meio. A linha brasileira era paralela a estas fortificações trepadas no alto da cordilheira de Ibitirapé. O plano consistia simplesmente em fazer crêr aos paraguaios que a marcha do Exercito visaria as fortificações da Cordilheira, atacando-as pela frente. Toda a atenção dos generais de López ficou desviada para o desfiladeiro de Ascurra e para os pontos fortes de Cerro-Leon, Cabanas, Pedrosos, etc. Quasi diariamente, o Exercito fazia reconhecimentos. Duelos de artilharia troavam, horas. Ás vezes, corpos inteiros do Exercito locomoviamse em frente ás posições escolhidas.

Por sua vez, os argentinos, que estavam em Cerro-Leon, simulavam a mêsma tenção. López, avisado e crente das disposições do Conde d'Eu, mandou tropas, munições e armas melhores. E Ascurra, atacada quasi sempre, ficou lendaria como inexpugnavel.

De súbito deixando José Auto da Silva Guimarães em Pirajú, o Conde d'Eu levou o Exercito para Paraguari. Daí em deante, é a estrada que contorna a Cordilheira. Deu-se, então, o episodio da trincheira de Sapucaia (ou Sapucaí) e, atingindo Pipucú, todo o Exercito subiu a Cordilheira pela estrada de Valenzuela, que López deixára livre á retaguarda das fortificações da montanha. Ficaram inúteis Ascurra, Cabanas, Cerro-Leon e

Pedrosos, porque o Exercito caminhava agora no cimo da Cordilheira e em reta paralela ao movimento descrito em baixo, de Pirajú para Paraguari".

Foi uma terceira marcha de flanco, que, como as outras, conduziu á vitória.

A 11 de julho, o Conde passou em revista o 1.º Corpo em Pirajú e a 13, o 2.º em Tacuaral. A 1.º de agosto, o Exercito pôs-se em movimento, iniciando o envolvimento de larga envergadura de Peribebuí. O 1.º Corpo recalcou os defensores do desfiladeiro de Sapucaí. O 2.º avançou por Valenzuela e Itacurubí. A cavalaria lançou-se em descoberta até Barreiro Grande. E fôram todos se acercando da nova capital paraguaia.

López cercara-a com uma linha de trincheiras, artilhada com 18 peças de todos os calibres. Sobre ela, os Aliados desembocam por tres caminhos: de Barreiro Grande, de Caacupé e de Valenzuela, no dia 12 de agosto. O Conde ordena o ataque, depois de rápida preparação de artilharia. Ao toque de avançar, desenvolvem-se as linhas de atiradores, seguidas pela engenharia com faxinas e pranchas. Os soldados do Imperio galgam as trincheiras e penetram no recinto. Os paraguaios resistem com um denodo nunca visto áquêle alude de sólida e veterana infantaria. Os argentinos carregam valentemente. Toda a artilharia cai ás mãos dos assaltantes. Doze bandeiras atestam sua vitória. Mas o fidalgo general João Manuel Mena Barreto paga com a vida o triunfo de nossas armas.

O grosso do Exercito Paraguaio não fôra, porém, envolvido em Peribebuí. López continuava com êle em Ascurra. Era preciso avançar contra

o ditador na direção de Caacupé. A meia distancia dêsse lugar, informado por um prisioneiro de que López seguia para o norte, o general em chefe resolveu marchar com o 1.º Corpo, enquanto o 2.º se move por Barreiro Grande, para novo envolvimento.

Ás sete horas da manhã de 16 de agosto, a artilharia do 2.º Corpo trôa contra a retaguarda de López em retirada, em Nhú Guassú ou Campo Grande. O Conde apressa a marcha do 1.º Corpo e o desdobra em duas colunas sobre o cordão de atiradores que cobre os movimentos do inimigo, aferrado pela vanguarda de Vasco Alves. A luta estende-se a toda a linha. E o inimigo recúa, batendo-se em ordem, na direção de Caraguatá, tentando uma conversão á direita.

O general em chefe percebe a manobra e lança, então, as cavalarias pelos flancos paraguaios. Êstes apoiam-se nas barrancas do arroio Iuquirí, que seus comboios vão transpondo, e resistem com a maior coragem. A nossa artilharia bate a passagem do córrego. As cavalarias desbordam quasi o flanco esquerdo. Então, o general Caballero, que comanda os lopistas, procura escapar rumo de Peribebuí. Mas o 2.º Corpo barra-lhe o transito. E todo o Exercito Paraguaio sossobra num circulo de ferro e fogo, sómente conseguindo fugir, como em Avaí, seu general com alguns cavaleiros.

Tivemos 323 homens fóra de combate.

López continuava em Ascurra. Seu 1.º Corpo de Exercito, numerando 6 mil homens, sob o comando de Resquin, acompanhava-o dêsde que deixara Peribebuí com receio dos movimentos do

Conde. O 2.º Corpo, com outros 6 mil, comandado por Caballero, vinha depois, conduzindo a impedimenta. Foi êste que surpreendemos, envolvemos e desbaratamos em Campo Grande.

Os Aliados seguem o rasto do ditador fugitivo em tres colunas, rumo de Caraguataí. O 2.º Corpo, que, dêsde o inicio das operações nas Cordilheiras, passara do comando de Polidoro para o de Vitorino Monteiro, barão de S. Borja, rompe a picada fortificada de Caguijurú e, depois, a de Caraguataí, além da qual se lhe reune o destacamento argentino-brasileiro de Emilio Mitre, que vinha pelo caminho de Tacuari. Êsse destacamento prossegue no encalço da retaguarda de López até o arroio Hondo, de onde volta a incorporar-se ao grosso do 2.º Corpo.

As antenas de tropas brasileiras que iam ser lançadas em perseguição do ditador derrotado e em fuga impediriam que pudesse realizar seu intento e poriam ponto final na longa e sangrenta campanha.

Terminada a campanha das Cordilheiras, o Conde d'Eu escrevia: "E' geral entre os paraguaios a persuasão de que desapareceu para sempre o poder de López, e que não lhe resta outro recurso mais do que fugir até alcançar o territorio boliviano".

Tinha-se agora de lançar contra êle varias colunas que lhe batessem os flancos e, num momento dado, convergissem sobre a região onde fôsse localizado, acuando-o e aprisionando-o. O rio Paraguai ia servir para o rápido transporte duma dessas colunas até Conceição. O 2.º Corpo ficou encarregado de vigiar a zona meridional, im-

pedindo a passagem do ditador. O 1.º avançou para o norte, em direção a Rosario e Santo Estanislau. Um destacamento comandado pelo general Camara, depois visconde de Pelotas, foi lançado na região de Conceição, marginando o Jejuí.

López compreendeu o perigo de ser imprensado entre o 1.º e o 2.º Corpo. Rumou celeremente para o norte, na direção de Iguatemi. Antes de deixar Santo Estanislau, mandou fusilar os oficiais e praças de sua escolha, acusando-os de traição. A 31 de agosto, declarou Curuguati capital provisória da República, a derradeira. Em principio de setembro, acampou no Capivari. A 10, estava no Tandeií. Nova conspiração se fórma, segundo relata Centurion, para envenená-lo, na qual estão implicados seu irmão Venancio, sua mãe, suas irmãs, o medico Castillo e o comandante Marcó. Fazem-se prisões e execuções.

A manobra do Conde d'Eu falhara com a fuga do ditador. As dificuldades de comunicações fazem com que os Aliados lutem com a falta de abastecimento. Em outubro, o Corpo de Vitorino desloca-se para Rosario e o Conde chega ao potreiro Capivari. Sua vanguarda atinge o Jejuí e o destacamento do coronel Fidelis entra em Curuguati, tomando bandeiras, tambores, armas, carretas, e libertando 520 familias que eram levadas pelos soldados do ditador, na mais profunda miseria. López, então, avança mais para o norte e vai estabelecer-se á margem do Itanarami.

O general Camara chegou nos transportes da esquadra a Conceição, no dia 16 de outubro. Levava uma brigada de infantaria, duas de cavalaria e 12 bôcas de fogo. Os efetivos reduzidos nume-

ravam 2.600 homens. Suas descobertas bateram os arredores e êle adeantou-se até Belen-Cué, no dia seguinte, desbaratando na madrugada de 18 uma força paraguaia mandada pelo tenente-coronel Cañete, que o esperava na barranca do arroio Naranjaí. Fez trezentos prisioneiros.

Dos últimos dias de outubro em deante, lançou suas antenas em todas as direções: o tenente-coronel Guerreiro para Bela Vista, o major Martins para Tacuati, o major Goulart para S. Salvador, o tenente-coronel Teixeira de Melo contra os restos de Cañete derrotado e êle proprio marchou contra as forças de Romero. Todas essas expedições recalcaram elementos inimigos, fizeram prisioneiros, reconheceram o terreno e arrebanharam gado.

O Conde d'Eu, por sua vez, não fica inativo. Depois de reduzir o efetivo do 2.° Corpo, fazendo retrogradar os batalhões e regimentos de que não precisava mais, transferiu seu quartel-general para Rosario e mandou varias partidas de cavalaria em reconhecimentos. Uma delas, a do major Moura, penetrou na serra do Maracajú e libertou grande número de mulheres e crianças paraguaias que o Supremo relegara naquêle ermo e se achavam reduzidas á mais horrenda miseria. O grosso do 1.° Corpo seguiu para Curuguatí. Em dezembro, o generalissimo reorganizava suas forças ao norte do Manduvirá.

Ao findar o ano, Camara ataca os paraguaios no rio Verde e recalca-os dali. Em janeiro, o major Floriano vai com o 9.° batalhão até Tupiú e liberta 446 pessôas concentradas por ordem de López e que morriam de fome. Incessantemente,

as patrulhas brasileiras irradiam por toda aquela zona.

López põe-se de novo em marcha a 28 de dezembro e galga a serra do Maracajú. Depois de fortificar a picada do Chiriguelo, estabelece-se em Cerro-Corá. Sua retaguarda fica no Panadero. Para atingir aquêle ponto, o ditador passa pelo nosso territorio. Vai deixando pelo caminho os enfermos, as mulheres e as crianças.

Camara prepara contra êle uma ofensiva direta, contornando a posição que êle ocupava e da qual tinha informações pelos prisioneiros, com uma força comandada pelo coronel Paranhos, atacando-a de frente com o grosso e metendo-o entre dois fogos. Assim, o impediria de marchar para Dourados, como presumia. Informes que recebeu em marcha no dia 18 de fevereiro fazem com que mude de opinião. Contramarchou e juntou-se a Paranhos, enviando Bento Martins com um destacamento sobre a picada do Chiriguelo. Tem que atuar em segredo e rapidamente, para apanhar de surpresa o ditador imobilizado no alto da serra do Maracajú, tendo o arroio Aquidaban pela retaguarda.

Entrega o comando da vanguarda a Silva Tavares, que ocupa a picada do Jatebó, enquanto Francisco Martins ataca os defensores do passo Taquara. Os brasileiros surpreendem os paraguaios e tomam-lhes a artilharia. As cavalarias rompem violentamente pelo Chiriguelo. O derradeiro acampamento do Supremo é atacado de todos os lados. Seus poucos defensores dispersam-se. E López, a cavalo, seguido de poucos fieis, foge, já lanceado, na direção do Aquidaban.

Mais adeante, apêa-se e procura transpôr o arroio a pé. Os soldados imperiais cercam-no. Camara, pessoalmente, o intima á rendição. Êle repele a intimação e desfere um golpe com a espada contra o general brasileiro. E', então, morto pelos infantes do Imperio.

Toda a sua familia e seus derradeiros chefes militares cáem prisioneiros. O general Roa, o ministro Caminos, o vice-presidente Sanchez e outros são mortos na refrega.

Estava finda a guerra. O Brasil Imperial varrera do Prata seu derradeiro caudilho de grande vulto. Essa obra demandara grandes sacrificios, mas plasmara numa só alma os brasileiros de todas as Provincias. Foi preciso que a República as transformasse em Estados para desuni-las pela politicagem das hegemonias regionais. A força, porém, dessa coesão dum grande povo continúa latente. E' necessario despertá-la para novos prodigios!